



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Luana de Araujo Huff

Entre o sujeito e o/seu discurso: um estudo dialógico

Florianópolis

2021

Luana de Araujo Huff

Entre o sujeito e o/seu discurso: um estudo dialógico

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira

Florianópolis
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Huff, Luana de Araujo

Entre o sujeito e o/seu discurso : um estudo dialógico /
Luana de Araujo Huff ; orientador, Rodrigo Acosta Pereira,
2021.

202 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Sujeito dialógico. 3. Análise Dialógica
do Discurso. 4. Círculo de Bakhtin. I. Acosta Pereira,
Rodrigo. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Luana de Araujo Huff

Entre o sujeito e o/seu discurso: um estudo dialógico

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.a Rosângela Hammes Rodrigues, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.a Ana Paula Kuczmynda da Silveira, Dra.
Instituto Federal Catarinense

Prof.a Carmen Teresinha Baumgartner, Dra.
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof.a Adriana Delmira Mendes Polato, Dra.
Universidade Estadual do Paraná

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Rodrigo Acosta Pereira, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2021

Dedico este trabalho ao meu esposo Reinaldo e ao nosso filho Heitor que foi gestado juntamente a esta tese.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal Catarinense pelo apoio financeiro e pelo afastamento parcial das atividades laborais para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira, pela disponibilidade, generosidade e confiança no meu trabalho desde os tempos do mestrado. Esse trabalho não seria possível sem a sua dedicada orientação!

À Banca do Exame de Qualificação, Prof. Dr. Adail Sobral, Prof. Dra. Luciane De Paula e Prof. Dra. Cristine Gorski, pela leitura atenciosa do projeto e pelos caminhos apontados para o trabalho final.

Ao Reinaldo, companheiro de todas as horas, que com seu vasto conhecimento filosófico e literário contribuiu com o alargamento e aprofundamento das discussões presentes na tese. Foram muitas noites de vinho e discussões sobre sujeito e consciência!

Ao meu filho Heitor, que ainda nem nasceu, mas já me ensinou tanto e me deu ainda mais força para concluir este trabalho.

À minha mãe e irmã pelo apoio incondicional e o suporte emocional que sempre me dedicaram.

À Josi, por ter se tornado uma amiga tão querida com quem eu pude contar nos momentos de alegria e de desespero durante todo o período de desenvolvimento da tese.

À amiga Amanda, que desde o mestrado tem percorrido ao meu lado os desafios da academia, tornando a jornada menos solitária. Obrigada pela hospitalidade com que sempre me recebeste na tua casa!

A todos que possam ter contribuído direta ou indiretamente para este trabalho.

RESUMO

A teoria dialógica de Bakhtin e do Círculo, ao propor que os estudos em Ciências Humanas tenham como objeto os enunciados concretos como manifestação dos sujeitos sócio-historicamente constituídos, nos remete a um pensamento que, mesmo construído nas singularidades dos atos responsáveis, é produtivo cientificamente. Nesse contexto, o sujeito se torna o centro da concepção de linguagem, materializando em seus enunciados reverberações das interações sociais e suas avaliações, dos seus cronotopos, das suas relações dialógicas. Sujeito e discurso constituem-se um ao outro a partir das interações sociais que cercam o sujeito desde o seu nascimento. Desse modo, analisar dialogicamente um discurso é uma forma de analisar também os sujeitos desse discurso e neles toda a sociedade refratada nas posições ideológico-valorativas, o que nos remeteu à questão: como a mútua constituição do discurso e do sujeito, teorizada nos escritos do Círculo, pode ser percebida e analisada dialogicamente? Frente a ela, nossa tese é de que a constituição dialógica dos sujeitos imbricada em/por discursos, refletida e refratada cronotópica e ideológico-valorativamente na abertura para a sua singularidade e não-finalizabilidade na enunciação, des(re)vela uma imagem discursivizada de sujeito. Para defendê-la, nos propusemos, como objetivo geral, apresentar um aparato teórico-metodológico, de base linguístico-filosófica, que evidencie o sujeito dialógico refratado e refletido nos enunciados para análises de discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem. Para essa finalidade, os objetivos específicos traçados foram os de a) percorrer as discussões sobre sujeito e discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem; b) propor princípios orientadores de cunho teórico-metodológicos para a análise da imagem discursivizada de sujeito à luz do projeto linguístico-filosófico dos estudos dialógicos da linguagem. Desenvolvemos o trabalho teórico-metodologicamente ancorado nos escritos de Bakhtin e do Círculo, de seus comentadores contemporâneos para a discussão das noções de linguagem, interação social, discurso, enunciado e sujeito. Para a construção do aparato teórico-metodológico de base linguístico-filosófica, optamos metodologicamente pela pesquisa bibliográfica para a geração de dados que nos permitissem recuperar nos escritos do Círculo os endereçamentos para a análise do sujeito refrato do discurso. Como resultado, propusemos que a análise do sujeito pelo discurso se dá como construção de uma *imagem discursivizada de sujeito*, ou seja, a análise do sujeito no discurso é uma compreensão ativamente responsiva do analista às marcas cronotópicas, exotópicas, dialógicas e ideológico-valorativas do sujeito presentes no conteúdo, no material e na forma dos enunciados concretos. Essas marcas apontam não para o sujeito concreto que, como tal, é inacabado; mas para as refrações das concepções de mundo desse sujeito em interação com outros sujeitos que se constrói na arquitetônica do ato responsável em relações de alteridade e autoconsciência das instâncias do eu-para-mim, eu-para-o-outro e o-outro-para-mim revelando a imagem discursiva do sujeito enunciativo e a imagem discursiva do sujeito outro para quem o enunciativo se volta e de quem aguarda uma resposta. Nessa relação, o analista deve compreender que sua posição é sempre exterior ao evento em que a enunciação acontece porque a sua interação com o sujeito e com o enunciado se dá em uma outra situação, em uma outra esfera. Portanto, sua construção das imagens discursivizadas de sujeito será uma refração da refração. Essa construção será um aprofundamento do primeiro contato do pesquisador com o discurso e poderá guiar-se em quatro conceitos-chave: imagem discursivizada de sujeito cronotópica; imagem discursivizada de sujeito exotópica; imagem discursivizada de sujeito constituída nas/às relações dialógicas; e imagem discursivizada de sujeito axiologicamente matizada. Para cada um desses conceitos, propusemos princípios orientadores da análise: 1) para a imagem cronotópica, destacamos temporalidades, grande e pequeno cronotopo; imagem de homem; pequeno e grande tempo; 2) para a imagem exotópica, destacamos excedente de visão, personalização do objeto de estudo e apreensão do sentido; 3) para a imagem constituída a/nas relações dialógicas, destacamos

imagem discursivizada de sujeito; imagem discursivizada do sujeito enunciador e imagem discursivizada do sujeito outro; 4) para a imagem axiologicamente matizada, destacamos ideologia, ideologia do cotidiano, a ideologia oficial, forças centrípetas, forças centrífugas, avaliação social, tom emotivo-volitivo / posição valorativa, entonação e subentendidos. Como conclusão, defendemos que é possível por meio da imagem discursivizada de sujeito dar um relativo acabamento ao sujeito refratado no discurso, considerando as finalidades do conhecimento científico, e ainda assim respeitar a não-finalizabilidade do sujeito concreto quando o pesquisador se compromete em analisar o enunciado como a materialização das relações intersubjetivas que refletem e refratam o tempo-espço imbricados por posições ideológico-valorativa, e, ainda, quando ele reconhece a provisoriedade das suas análises como qualquer produção de sentido.

Palavras-chave: Sujeito dialógico. Análise Dialógica do Discurso. Círculo de Bakhtin.

ABSTRACT

Bakhtin Circle's dialogic theory, by proposing that researches in Human Sciences take, as an object, concrete utterances as the expression of socio-historically constituted subjects, brings us a thought that, although constructed into the singularities of responsible acts, such object is scientifically productive. In such context, the subject becomes the center of the conception of language, who materializes, in the utterances, reverberations of social interactions and evaluations, reverberations of the chronotopes and of dialogic relations. Subject and discourse constitute themselves from social interactions that surround the subject since birth. Thus, a dialogic analysis of a discourse is a way for also analyzing the subjects of such discourse and, therefore, the society refracted in the ideological-evaluative positions. Which brings us the following question: how does the mutual constitution of discourse and the subject, theorized in Bakhtin Circle's writings, can be perceived, and dialogically analyzed? Considering this question, our thesis is that the dialogic constitution of subjects imbricated in/by discourses, reflected and refracted chronotopically and ideological-evaluatively in the opening for their singularity and unfinalizability in the utterance, un(re)veals a discursivized image of a subject. To reinforce it, we aim, as a general objective, to present a theoretical-methodological apparatus, in a linguistic-philosophical basis, that evidences the dialogic subject refracted and reflected in the utterances to discourse analysis under dialogic studies of language. For this purpose, the specific objectives are a) to go through discussions about subject and discourse under dialogic studies of language; b) to propose theoretical-methodological guiding principles to the analysis of the image discursivized of the subject in light of the linguistic-philosophical project of the dialogic studies of language. We developed the research theoretical-methodologically anchored on Bakhtin Circle's writings, on the contemporary discussions of such writings, considering the notions of language, social interaction, discourse, utterance, and subject. For the construction of the theoretical-methodological apparatus of a linguistic-philosophical basis, in methodological terms, we chose the bibliographic research for data generation which would allow us to recall, in Bakhtin Circle's writings, the addresses for the analysis of the subject refracted in the discourse. As a result, we propose that the analysis of the subject through the discourse occurs as the construction of a *discursivized image of the subject*, that is, the analysis of the subject in the discourse is an active and comprehensive response of the analyst to the chronotopic, exotopic, dialogic and ideological-evaluative marks of the subject into the content, the material, and the form of the concrete utterances. Such marks do not point to the concrete subject that, as such, is unfinalized; but to the refractions of this subject's conceptions of world in the interaction with other subjects who is constructed in the architectonics of the responsible act, in otherness relations and self-conscience of the instances of I-for-myself, I-for-the-other and the-other-for-me, revealing the discursive image of the speaker and the discursive image of the other subject for whom the enunciating subject refers to and from who expects an answer. In such relation, the analyst must understand that his/her position is always on the outside of the event in which the enunciation happens because his/her interaction with the subject and the utterance occurs in another situation, in another sphere. Therefore, his/her construction of discursivized images of the subject will be a refraction of a refraction. Such construction will deepen the first contact of the researcher with the discourse and will be guided through four key-concepts: chronotopic discursivized image of the subject; exotopic discursivized image of the subject; discursivized image of the subject constituted in/by dialogic relations/ and discursivized image of an axiologically nuanced subject. For each one of those concepts, we propose guiding principles for the analysis: 1) for the chronotopic image, we highlight the temporalities, minor and major chronotope; the image of man; great and small time; 2) for the exotopic image, we highlight the surplus of seeing, personalization of the object of study and the understanding of meaning; 3) for the image constructed in dialogic relations, we highlight

the discursivized image of the subject; discursivized image of the speaker and the discursivized image of the other subject; 4) for the axiologically nuanced image, we highlight the ideology, the life ideology, the official ideology, centripetal forces, centrifugal forces, social evaluation, emotional-volitional tone, / valuative position, intonation and implicit information. As a conclusion, we defend that it is possible, though the discursivized image of the subject, to give a relative finalizing to the subject refracted in the discourse, considering the purposes of scientific knowledge, and yet respecting the unfinalizability of the concrete subject when the researcher is compromised in analyzing the utterance as a materialization of intersubjective relations that reflect and refract time-space imbricated by ideological-valuative positions, and, therefore, when the researcher realizes the provisionality of his/her analysis as any production of meaning.

Keywords: Dialogic subject. Dialogical Discourse Analysis. Bakhtin Circle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação da atuação da avaliação social.....	94
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cronologia das traduções das obras do Círculo no Brasil.....	28
Quadro 2 - As especificidades das Ciências Humanas e suas implicações para a tese	60
Quadro 3 - A concretização das orientações metodológicas no escopo da tese	69
Quadro 4 - Relação de obras do Círculo utilizadas na tese	74
Quadro 5 - Etapas da pesquisa bibliográfica	75
Quadro 6 - Resumo dos princípios orientadores para a análise da imagem discursivizada do sujeito cronotópica.....	148
Quadro 7 - Resumo dos princípios orientadores para a análise da imagem discursivizada de sujeito exotópica.....	157
Quadro 8 - Resumo dos princípios orientadores para a análise da imagem discursivizada do sujeito constituída nas/às relações dialógicas.....	165
Quadro 9 - Resumo dos princípios orientadores para a análise da imagem discursivizada do sujeito axiologicamente matizada.....	185

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

ADD - Análise Dialógica de/do(s) Discursos

LA - Linguística Aplicada

PFA – Para uma filosofia do ato responsável

MFL – Marxismo e Filosofia da Linguagem

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	23
2.1 NOSSAS INQUIETAÇÕES INICIAIS E JUSTIFICATIVA.....	24
2.2 DO CÍRCULO DE BAKHTIN AOS ESTUDOS DIALÓGICOS CONTEMPORÂNEOS	32
3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	42
3.1 O CÍRCULO DE BAKHTIN E A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS	50
3.2 LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DIALÓGICOS DA LINGUAGEM: IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS	62
3.3 A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E A GERAÇÃO DE DADOS	70
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	78
4.1 A LINGUAGEM VERBAL E A INTERAÇÃO SOCIAL	79
4.2 DISCURSO E ENUNCIADO	90
4.3 SUJEITO	117
5 POR UMA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE IMAGEM DISCURSIVIZADA DE SUJEITO	136
5.1 POR UMA IMAGEM DISCURSIVIZADA DE SUJEITO CRONOTÓPICA.....	139
5.2 POR UMA IMAGEM DISCURSIVIZADA DE SUJEITO EXOTÓPICA	149
5.3 POR UMA IMAGEM DISCURSIVIZADA DE SUJEITO CONSTITUÍDA NAS/ÀS RELAÇÕES DIALÓGICAS	157
5.4 POR UMA IMAGEM DISCURSIVIZADA DE SUJEITO AXIOLOGICAMENTE MATIZADA.....	166
6 CONCLUSÃO.....	189
REFERÊNCIAS	193

1 INTRODUÇÃO

O elemento de violência no conhecimento objetivo. [...] O objeto foi privado de liberdade, o ato de conhecimento quer circundá-lo de todas as partes, quer isolá-lo de sua incompletude, portanto de *liberdade*, do futuro provisório e semântico, de sua irresolução e da verdade interior.

(BAKHTIN, 2019 [1940/1945], grifos do autor).

A centralidade do sujeito na teoria bakhtiniana¹ é evidente para muitos daqueles que estudam as obras do Círculo. Aos mais desavisados, entretanto, ela pode parecer estranha a uma abordagem sócio-histórica da linguagem, pelo que se assumiria que o foco deva estar no social, em lugar do individual. Tal estranhamento está ligado a uma noção do social como contraposta ao individual. O social seria, nesse caso, sinônimo de coletivo, de conjunto de indivíduos. Contudo, para o Círculo, esse conceito é contraposto ao de natural/biológico, compreendendo todo e qualquer processo de interação humana como social e que se estabelece em contextos de enunciação. O sujeito é, portanto, elemento constituído e constituinte da sociedade por meio dos discursos que assimila e dos discursos que enuncia.

[...] social e pessoal são para o Círculo elementos imbricados nos próprios discursos, na própria linguagem, nos próprios atos; não se trata de uma proposta de análise de sujeitos biológicos, mas da proposição de que sujeitos biológicos só se tornam sujeitos humanos na interação com outros sujeitos em situações sociais e históricas concretas, situações de enunciação. (SOBRAL, 2009, p. 53).

Desse modo, o individual e o social estão intimamente relacionados numa interação constitutiva, não podendo ser opostos ou excludentes. Essa vertente se afasta de concepções de sujeito solitário, independente, autossuficiente, baseadas na independência do ser em relação à sociedade ou de sujeito assujeitado e passivo, baseadas na completa submissão do indivíduo à sociedade (SEVERO, 2007). Dadas essas questões, nos resta retomar, ainda que em linhas gerais, como o sujeito se caracteriza no âmbito desta pesquisa: um indivíduo único, singular, insubstituível e não-finalizável, mas que só pode constituir-se nas suas relações com os outros sujeitos (também únicos, singulares, insubstituíveis e não-finalizáveis). Por sua constituição intersubjetiva e relacional é que nos referiremos a ele como sujeito dialógico.

¹ Utilizaremos os termos *teoria bakhtiniana* e *teoria do Círculo de Bakhtin* para nos referirmos ao conjunto epistemológico das obras escritas pelos autores Mikhail Bakhtin, Pavel Medviédév e Valentin Volóchinov. Quanto ao termo *Círculo de Bakhtin*, em suas origens, ele abarca outros pensadores conforme exposto no capítulo 02 desta tese.

Em consequência do exposto, a centralidade do sujeito dialógico na teoria bakhtiniana não se refere a uma relação de superioridade do indivíduo sobre a sociedade, em que o indivíduo psicológico e seus desejos determinam a linguagem. Também não se refere à uma necessidade teórica que considera o sujeito como mais adequado às suas finalidades e métodos do que a sociedade como um todo. A centralidade se estabelece pelo reconhecimento de que os construtos sociais (linguagem, arte, ciência, política, etc.) só podem ser acessados por meio dos atos² concretos de cada sujeito singular, contrariando a concepção científica moderna de que o sujeito e suas singularidades não servem a teorias por sua imprevisibilidade e instabilidade, carecendo de regularidade e objetividade.

A ciência moderna, para estudar a sociedade, precisou elidir dela os sujeitos, concentrando-se nos aspectos reiteráveis e constantes daquela. Aí, impera uma visão homogeneizada dos indivíduos, compreendidos sempre na sua inserção em grupos caracterizados por aquilo que os iguala, que os torna indistintos. Em razão disso, os homens nas ciências humanas não correspondem a um sujeito em particular, mas a uma construção teórica que pasteuriza as diferenças. Já para Bakhtin (2017 [1920/1924³], p. 106), uma sociedade abstraída de seus sujeitos, considerada enquanto “humanidade histórica” não é nada além de “possibilidade vazia de sentido”, porque o sentido não pode ser dado pelo “homem em geral”; ele se constrói na interação entre sujeitos concretos espaço-temporalmente situados em um contexto extraverbal atravessado pelas práticas ideológicas.

É sobre essa relação intrínseca entre sujeito e sociedade que Sobral (2009, p. 47) defende que “[...] o Círculo de Bakhtin teoriza precisamente sobre a individualidade, o sujeito, mas, realisticamente, em suas relações com outros sujeitos que o constituem e são constituídos por ele” e que na concretude dessas relações é possível vislumbrar a sociedade. Nas palavras do autor,

[...] a relação entre duas pessoas traz à cena a soma total das relações sociais dessas pessoas, envolvendo no mínimo um espectro que vai da família ao Estado – e como estes só existem numa dada sociedade e num dado momento

² A concepção bakhtiniana de ato, traduzida do termo russo *postupok*, é construída a partir de uma série de proposições filosóficas desde Aristóteles, Platão até Kant e os neokantianos e Marx (SOBRAL, 2014) e, como boa parte dos conceitos filosóficos, qualquer tentativa de síntese acaba por reduzir os sentidos que engendra. Mas, para esclarecer aquilo que compreendemos por ato, tal síntese se faz necessária. Assim, ato é “um gesto ético” (AMORIM, 2013, p. 23) realizado por um sujeito concreto, de forma consciente e deliberada pelo qual ele responde e se responsabiliza integralmente. “*Postupok* é um ato de pensamento, de sentimento, de desejo, de fala, de ação, que é intencional, e que caracteriza a singularidade, a peculiaridade, o monograma de cada um, em sua unicidade, em sua impossibilidade de ser substituído, em seu dever responder, responsabilmente, a partir do lugar que ocupa, sem álibi e sem exceção” (PONZIO, 2017, p.10). Aprofundamos essa discussão no cap. 04.

³ As obras do Círculo serão marcadas, além da data da edição utilizada, pela data de sua escrita entre colchetes para inscrever historicamente a produção desses textos-enunciados.

histórico, quando dois interagem, é de alguma forma o mundo que interage. (SOBRAL, 2009, p. 48).

Em outros termos, a sociedade e os fenômenos ideológicos que refletem e refratam o mundo não são entidades gerais ou imateriais, elas são o conjunto dos sujeitos concretos e de seus atos concretos que produzem uma imagem de uma dada comunidade, em um determinado tempo-espaço.

Dos construtos sociais que emergem dessas relações, a nós, linguistas, interessa a linguagem. Mais especificamente, no que se refere ao **tema** deste trabalho, a linguagem que se institui na **compreensão da inter-constituição entre discurso e sujeito**. Porém, como adverte Amorim (2004, p. 21), “[...] no interior de uma reflexão só se pode definir um termo pela sua inscrição em um sistema teórico”. E a linguística é uma área muito ampla, na qual a linguagem é abordada por perspectivas muito distintas. Por esse motivo, é preciso esclarecer de antemão que nossos **pressupostos teórico-metodológicos** são àqueles da análise dialógica de/do(s) discurso(s)⁴, disciplina que vem se consolidando no Brasil a partir das interlocuções contemporâneas com os textos-enunciados⁵ de Bakhtin e do Círculo, vinculado à linguística aplicada (LA), filiações essas que implicam o tratamento da linguagem como prática social e cuja arquitetônica compreende tanto relações lógicas – elementos internos, sistemáticos e repetíveis –, quanto relações dialógicas – elementos extraverbais singulares relacionados ao contexto de interação (próximo e amplo). Do que decorre que, nesse quadro, o estudo da linguagem é feito por meio dos discursos materializados em enunciados ditos/escritos por sujeitos concretos e historicamente situados. O pesquisador entra numa relação ativo-responsiva com esses enunciados, o que lhe exige uma postura não só teórica, mas também ética. Não se trata, porém, de uma ética teórica, “do bom samaritanismo acadêmico” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 45) que nos obriga a não mascarar a verdade de nossas pesquisas e a não plagiar (embora esses princípios também estejam presentes, naturalmente), que escamoteia nossa presença, que a neutraliza por trás de um instrumento teórico-metodológico de autoridade inquestionável, que no máximo, nos assume como um mal necessário e sobre o qual nos interroga Bakhtin (2017 [1920/1924], p. 69-70):

⁴ Optamos por esta transcrição pois, de acordo com consulta no banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o termo aparece tanto com a preposição ‘de’ sozinha, quanto acrescida do artigo definido ‘o’; bem como, com a palavra discurso ora no singular, ora no plural. Também utilizaremos a sigla ADD para nos referirmos a esta corrente teórica.

⁵ Ao longo de todo esse trabalho utilizaremos o termo “texto-enunciado” para marcar nossa compreensão de que qualquer texto compartilha das mesmas feições constitutivo-funcionais do enunciado, portanto todo texto é enunciado. Nos casos em que a concepção de texto esteja ligada a perspectivas teóricas distintas da nossa, que compreende texto apenas como uma relação interna de elementos da língua enquanto sistema, utilizaremos apenas “texto”.

O ser humano contemporâneo se sente seguro, com inteira liberdade e conhecedor de si, precisamente lá onde ele, por princípio, não está, isto é, no mundo autônomo de um domínio cultural e da sua lei imanente de criação; mas se sente inseguro, privado de recursos e desanimado quando se trata dele mesmo, quando ele é o centro da origem do ato, na vida real e única.

Ou seja, agimos com segurança quando o fazemos não partindo de nós mesmos, mas como alguém possuído de necessidade imanente do sentido deste ou de outro domínio da cultura. O percurso da premissa à conclusão se cumpre de maneira impecável e inatacável, mesmo porque nele eu mesmo não estou; mas como e onde se pode inserir este processo do meu pensamento que se apresenta assim intrinsecamente irrepreensível e puro, plenamente justificado em sua totalidade? Na psicologia da consciência? Ou talvez na história de alguma ciência apropriada? Talvez no meu relatório material, remunerado com base na exata quantidade de linhas com que é formado? Ou na ordem cronológica do meu dia, como ocupação das cinco às seis? Mas todas estas possibilidades e contextos empregados para encontrar sentido flutuam neles mesmos, em uma espécie de espaço sem ar, e não estão enraizados em nada unitário e singular.

Assim, o posicionamento ético que se impõe ao pesquisador provém da responsabilidade⁶ que nos obriga o próprio “mundo da vida” (BAKHTIN, 2017 [1920/1924]) e o lugar único e insubstituível que ocupamos nela: a necessidade de assumir nosso ato e nos tornarmos participantes de nossas pesquisas, não como uma entidade justificada pelas teorias que nos representam e falam por nós, mas como sujeitos concretos que, ao entrar em relação com um objeto de pesquisa, o valora a partir de nossa posição única. Nesse sentido, os espaços nos quais teorizamos e realizamos nossas pesquisas deixam de nos ser indiferentes e ganham sentido desde o nosso ponto de vista. Responsabilidade que rompe com a ideia de neutralidade científica, mas que não desobriga a pesquisa de um embasamento teórico-metodológico para realizá-la.

Esse é justamente um ponto delicado e fundamental para a ADD, pois temos sempre que nos manter na teoria sem recair em teoreticismos que acabem por apagar as singularidades – sejam as dos sujeitos de pesquisa, sejam as nossas próprias. Afinal de contas, como afirma Brait (2015, p. 85), a ADD tem “no sujeito histórico, social, múltiplo, o centro de suas preocupações, entendendo a linguagem como constitutiva desse sujeito”. Apesar disso, mesmo uma ciência do particular se propõe, naturalmente, a generalizações, a compreensões da

⁶ A responsabilidade é uma categoria que aparece em um dos primeiros trabalhos de Bakhtin, *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (2017 [1920/1924]), e que está relacionada a uma proposta de filosofia da vida. Trataremos desse conceito com mais profundidade no capítulo dedicado aos pressupostos teóricos revisitados para esta pesquisa. Por hora, cabe dizer que Bakhtin (2017 [1920/1924], p. 66) explica que “compreender um objeto significa compreender meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir-evento: o que pressupõe a minha participação responsável, e não a minha abstração”.

humanidade para além do particular. Contudo, não são as interpretações que se generalizam, cada análise dialógica de um discurso permanece sendo única e singular; para essa abordagem, não existem métodos como margens de erro, testes de verificação, grupo de controle, há apenas os sentidos produzidos na relação singular do pesquisador com seu objeto, uma interação discursiva real. Mas, ao contrário de outras interações discursivas no campo da vida, essa interação na esfera científica é marcada pelos pressupostos teórico-metodológicos que balizam o ato do pesquisador. São esses pressupostos os mais propensos às generalizações científicas, pois, nas palavras de Geraldini (2012, p. 34),

O conhecimento que se obtém não se esgota no próprio objeto tomado para análise. A interpretação construída não se generaliza: permanece particular. Mas os conceitos elaborados na caminhada é que se tornam cognitivamente produtivos e podem ser reaplicados na construção de interpretações de outros discursos/textos.

Na busca desse equilíbrio tênue entre o singular e o generalizável no conhecimento do sujeito dialógico estudado no âmbito do seu discurso, é que assumimos como **tese desta pesquisa a constituição dialógica dos sujeitos imbricada em/por discursos, refletida e refratada cronotópica e ideológico-valorativamente na abertura para a sua singularidade e não-finalizabilidade na enunciação, des(re)vela uma imagem discursivizada de sujeito.**

Nosso **objetivo geral é apresentar um aparato teórico-metodológico, de base linguístico-filosófico, que evidencie o sujeito dialógico refratado e refletido nos enunciados para análises de discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem.** Nesse contexto, um aparato teórico-metodológico caracteriza-se por princípios capazes de endereçar a análise. Não se trata de um manual de regras e métodos fixos, mas de *um conjunto conceitual necessário para o embasamento teórico e metodológico das análises* com vistas a aproximar a visão do analista “às reais peculiaridades específicas do objeto de estudo” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 133). Nesse sentido, este trabalho propõe um aparato capaz de entrever o dinamismo do sujeito que age nos limites do ato realizado.

Para essa finalidade, os **objetivos específicos** são a) percorrer as discussões sobre linguagem, interação social, sujeito e discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem; b) propor princípios orientadores de cunho teórico-metodológicos para a análise da imagem discursivizada de sujeito à luz do projeto linguístico-filosófico dos estudos dialógicos da linguagem.

Após o centenário da primeira obra publicada de Bakhtin (*Arte e responsabilidade* foi publicado pela primeira vez em 13 de setembro de 1919, no almanaque diário *O dia da arte*,

em Nevel) e do quadragésimo aniversário de publicação do primeiro livro do Círculo publicado no Brasil (*Marxismo e Filosofia da linguagem* foi publicado no Brasil em 1979), nos parece relevante empreender tal trabalho que revisita as principais obras do Círculo de Bakhtin na busca de compreender seus principais conceitos e buscar respostas à **questão: como a mútua constituição do discurso e do sujeito, teorizada nos escritos do Círculo, pode ser percebida e analisada dialogicamente?**

Além disso, traduções recentemente publicadas no país, sejam de obras que já haviam sido traduzidas e que agora foram refeitas por tradutores do Russo e estudiosos da teoria bakhtiniana e da história dos membros do Círculo, como é o caso de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]), cuja nova tradução foi realizada por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo e publicada em 2017; e a coletânea de ensaios que configuram a Teoria do Romance bakhtiniana, traduzidos por Paulo Bezerra e publicados em três volumes: *Teoria do romance I: a estilística* (BAKHTIN, 2015 [1934/1935]), *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo* (BAKHTIN, 2018 [1973]) e *Teoria do romance III: o romance como gênero literário* (BAKHTIN, 2019 [1940/1941]); sejam de traduções inéditas no país como *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2017 [1920/1924]), traduzido por Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco da edição italiana, e os apontamentos dos anos 1940, que compreendem três textos-enunciados inacabados e sem título escritos por Bakhtin: *A violência da palavra e da imagem em ausência*, *O homem ao espelho* e *Sobre as questões de autoconsciência e autoavaliação...*, traduzidos do italiano por Marisol Barenco de Mello e Maria Leticia Miranda e publicados em 2019 sob o título *O homem ao espelho. Apontamentos dos anos 1940*.

Essas novas traduções e os inéditos nos dão a possibilidade de vislumbrar a epistemologia do Círculo de Bakhtin de forma mais ampla, nas relações dialógicas entre seu próprio pensamento, diferentemente da visão fragmentada a que tiveram acesso seus leitores do final do século XX. De forma alguma estamos querendo dizer que isso nos propicia uma leitura mais acertada, tampouco mais verdadeira e próxima daquilo que os autores quiseram dizer! Mesmo porque tal afirmação contraria o próprio pensamento bakhtiniano do que seja interpretar um enunciado – quem interpreta compreende ativamente, isto é, produz sentido. Sentido que não estava desde sempre nas intenções do seu autor, mas que é possível a partir das relações dialógicas que o interlocutor instaura na sua relação com o texto-enunciado e com os contextos, motivo pelo qual reenunciamos as palavras de Amorim (2004, p. 108):

A apresentação que se segue não pretende uma pretensa verdade das ideias bakhtinianas, pois nada seria mais contrário ao seu pensamento. Ao contrário, o que pretendemos é expor a parcialidade de nossa interpretação. Trata-se de uma construção, uma leitura interessada que procura na obra de [do Círculo de] Bakhtin respostas que ele não deu, posto que suas questões não eram as nossas. Assim procuramos construir sistema ali onde só havia indicações fragmentárias. Ligamos trechos que foram escritos em obras diferentes, em momentos diferentes de seu pensamento [e em autores diferentes]; colocamos nossa ênfase naquilo que não passava de um comentário.

Portanto, a possibilidade de acessar um maior número de obras simultaneamente nos permite perceber novos sentidos, aprofundar e reelaborar outros; mas é justamente esses que vieram antes de nós, e com quem também estaremos em diálogo nesta tese, que nos permitiram tal possibilidade, visto que suas inquietações produziram reverberações que levaram à continuidade das pesquisas, das traduções e, portanto, das produções de sentidos com os quais contatamos.

O sentido é potencialmente infinito, mas só pode atualizar-se em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. Ele sempre deve contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no contexto). (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 41).

No intuito de contextualizar nosso trabalho entre essas leituras anteriores e responder a algumas polêmicas que delas surgiram é que apresentamos na primeira seção do **capítulo 2** um breve panorama histórico da recepção e circulação das obras no Brasil e como ele influenciou nossas escolhas para esta tese. Na segunda seção, revisitamos a história de Bakhtin e do Círculo para nos posicionarmos axiologicamente frente às polêmicas em torno da “verdadeira” natureza desse círculo, da autoria das obras e da figura de Bakhtin nesse contexto. A partir desse posicionamento, reconhecemos que a obra do Círculo não se apresenta como panaceia para todos os problemas linguísticos da sociedade, mas que nos oferece uma base teórica, metodológica e filosófica para o desenvolvimento de uma teoria de análise de discurso dialógica, a ADD, que nos permita criar “inteligibilidades” (MOITA LOPES, 2006) desses problemas. As duas seções, portanto, têm o intuito de contextualizar a pesquisa, recuperando o panorama histórico de uma teoria que remonta à Rússia do início do Século XX e chega ao ano de 2021 muito viva e atual, que constitui as bases teórico-metodológicas deste trabalho e às quais ele também pretende contribuir com proposições que ampliam seu arcabouço.

O **capítulo 3** se apresenta com dupla finalidade: indica os caminhos metodológicos que utilizamos para o desenvolvimento deste trabalho; mas também serve de revisão teórica desses pressupostos aos quais pretendemos somar ao final da jornada. Por esse motivo, é um capítulo

metodológico bastante teórico, principalmente as suas duas primeiras seções. Isto não se constitui, ao nosso ver, em nenhum demérito, principalmente, pelo que ficará claro no transcorrer do capítulo, por coadunar com as orientações tanto do Círculo quanto da Linguística Aplicada para uma ciência que supere a separação entre teoria e aplicação, pensamento e ato, pesquisa e pedagogia, para um fazer científico relevante ao mundo da vida, no mínimo, em igual medida que para o mundo acadêmico.

Para tanto, a primeira seção se ocupa dos encaminhamentos teórico-metodológicos pensados pelo Círculo, e ressignificados pelos estudos dialógicos contemporâneos, para as pesquisas em Ciências Humanas. Entre os assuntos abordados, apontamos aqui para a definição do seu objeto como sendo o sujeito “expressivo e falante”; a importância do enunciado como material e meio de pesquisa; a postura do pesquisador na sua relação com os sujeitos pesquisados; a interpretação, entendida como compreensão ativo-responsiva, como metodologia de análise. Na segunda seção, buscamos as orientações metodológicas da Linguística Aplicada para as pesquisas neste campo. O que fica evidente a partir dessas duas seções é que a metodologia das ciências humanas para essas perspectivas não se refere a um compêndio de métodos, com passos que, se seguidos rigorosamente, chegarão a uma resposta definitiva. São, antes, indicações metodológicas que guiarão o caminho de pesquisa, construído na medida em que é trilhado. E com base nessas indicações, chegamos à seção 3.3, de caráter mais prático, direcionada às especificidades da pesquisa a que esta tese se propõe, seu objeto, seu percurso, suas opções metodológicas.

O **capítulo 4** apresenta a revisão teórica dos conceitos de Bakhtin e do Círculo a partir das nossas necessidades de pesquisa. Por esse motivo, ele se divide em três seções abordadas a partir do que consideramos os conceitos-chave para esta tese: a) linguagem verbal e comunicação social; b) discurso e enunciado; c) sujeito. A seção 4.1 parte dos conceitos de linguagem e interação social para evidenciar a relação interconstitutiva do homem, da sociedade e da linguagem verbal. A seção 4.2, sobre o discurso e enunciado, se desenvolve perpassando por temas como signo, ideologia, cronotopo, valoração, materialidade sógnica, peculiaridades constitutivas do enunciado e sentidos, marcando o enunciado como a concretização do discurso. Por fim, a seção 4.3 se concentra no conceito de sujeito e em sua constituição ao mesmo tempo social e individual, abarcando discussões sobre subjetividade, psique, consciência, discurso interior, não-finalizabilidade do sujeito concreto e finalizabilidade da imagem.

As discussões apresentadas nos capítulos 3 e 4 foram retomadas e ampliadas no **capítulo 5** para construção do aparato teórico metodológico proposto como objetivo desta tese. Neste capítulo, desenvolvido em quatro seções, procuramos apresentar uma relação intrínseca entre

sujeito, discurso e pesquisa apontando princípios orientadores para a análise dialógica do sujeito refletido e refratado no discurso. Cada seção foi norteadada por um conceito que se aplica tanto ao sujeito quanto ao discurso e à pesquisa. O conceito de cronotopo foi o mote da seção 5.1; exotopia na seção 5.2; relações dialógicas na seção 5.3; e ideologia e valoração na seção 5.4.

Por fim, apresentamos as considerações finais que, como todo trabalho no âmbito dos estudos dialógicos, apresenta o caráter provisório e aberto desta tese que pretende somar aos estudos contemporâneos de linguagem e ganhar o grande tempo dos sentidos infinitos.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A verdade em si deve tornar-se verdade para mim.
(BAKHTIN, 2017 [1920/1924]).

São diversas as abordagens teórico-metodológicas que estudam a linguagem pelo seu viés enunciativo/discursivo no campo da linguística. Como exemplo, podemos citar: os estudos enunciativos baseados em E. Benveniste⁷ e os baseados em O. Ducrot⁸; a análise dialógica de/do(s) discurso(s), a partir dos escritos de Bakhtin e do Círculo; a análise de discurso de vertente francesa; a arqueogenealogia de Michel Foucault⁹; e ainda algumas vertentes que buscam as aproximações desses teóricos e de seus conceitos. Isso implica em diferentes pressupostos teórico-metodológicos, que possuem aproximações e distanciamentos, na busca por compreender as lógicas de funcionamento e implicações sociais e individuais da linguagem (CITELLI, 2015), abarcando conceitos complexos e transdisciplinares como sujeito, discurso, contexto, relações de força/poder, questões de tempo e espaço, memória, entre outros (FIGARO, 2015).

Dentre essas diferentes abordagens, nosso estudo está inserido no contexto da análise dialógica de/do(s) discurso(s) enquanto resposta ativa e axiológica aos escritos de Bakhtin e do Círculo. Essa perspectiva linguístico-filosófica, compreende a linguagem como um construto vivo que só produz sentido quando engendrada em situações de interação por sujeitos sociais, históricos e culturalmente situados. Nesse contexto, Brait (2014) explica que estudar a linguagem a partir das proposições do Círculo é mais que a aplicação de um arcabouço teórico-metodológico para a compreensão de um texto-enunciado, é antes uma “postura dialógica” que o pesquisador assume frente ao material de análise, responsabilizando-se e comprometendo-se com ela, construindo sentidos em interação com o enunciado e não significados sobre o texto. Assim, é imperativo compreender os

[...] *estudos da linguagem* como formulações em que o conhecimento é concebido, produzido, e recebido em contextos históricos e culturais específicos e, ao mesmo tempo, reconhecer que essas atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias institucionais e, necessariamente, por uma ética que tem na linguagem, e em suas implicações nas atividades humanas, seu objetivo primeiro. (BRAIT, 2014, p. 10, grifos da autora).

⁷ Émile Benveniste (1902-1976) nasceu na Síria e foi naturalizado francês em 1924.

⁸ Oswald Ducrot (1930), francês, atualmente é professor na Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, em Paris.

⁹ Michel Foucault (1926-1984), francês.

É por compreendermos a produção de conhecimento como uma prática situada e marcada pelas relações do pesquisador com os discursos e, dessa forma, com os sujeitos que produzem os discursos, que, neste capítulo, expomos as motivações que nos levaram a propor esta pesquisa e quais as justificativas para fazê-lo. Aproveitamos ainda para delinear um panorama geral do que compreendemos como Círculo de Bakhtin – quem são seus membros, qual era o contexto de produção e de recepção das obras, as polêmicas em torno do grupo – e, também, quais os aspectos que constituem a ADD como um campo legítimo de investigação da linguagem.

2.1 NOSSAS INQUIETAÇÕES INICIAIS E JUSTIFICATIVA

O pensamento humano nunca reflete apenas o ser de um objeto que procura conhecer; com este, ele reflete também o ser do sujeito cognoscente, o seu ser social concreto. O pensamento é um espelho duplo, e ambas as faces podem e devem ser nítidas e desempanadas.

(VOLÓCHINOV¹⁰, 2014 [1927]).

Como nos diz a própria teoria bakhtiniana, todo enunciado reflete e refrata as condições sócio-históricas e culturais de seu tempo e espaço, e não é diferente na obra do Círculo, cuja produção foi profundamente afetada pelo cenário social e político russo do final do século XIX e início do século XX. Sobre esse cenário, Brait e Campos (2016, p. 18) afirmam:

Recuperar Bakhtin e o Círculo implica uma longa viagem. Começa na Rússia czarista do final do século XIX e começo do XX. Em seguida, adentra a Rússia Soviética (URSS) visualizada em três períodos. O primeiro, de 1917 a 1953, demarcado entre a Revolução Russa e a morte de Joseph Stalin. O segundo, de 1953 a 1991, é uma ampla paisagem da URSS governada por Nikita Khrushchev (1953-1964), Leonid Brejnev (1964-1982), Iuri Andropov (1983-1984), Konstantin Chernenko (1984-1985), Mikhail Gorbachev (1985-1991). O terceiro, a partir da eleição de Boris Eltsine, presidente da República da Rússia.

Nesse contexto, o exílio de alguns membros (e a execução de outros), a proibição de determinadas correntes teóricas e de certos autores, a escassez de recursos legaram à obra do

¹⁰ Embora a tradução brasileira indique Bakhtin como autor de *O freudismo: um esboço crítico*, optamos por indicar a autoria de Volóchinov conforme consta na primeira publicação da obra na Rússia, em 1927. Esta opção é feita pela impossibilidade de determinar com certeza a quem pertencem as obras de autoria contestada (cf. 2.2). Tal decisão, contudo, não apaga o nosso reconhecimento de que Bakhtin, Volóchinov e Medviédev estiveram muito próximos entre os anos 1920 e 1930 e que desenvolviam conjuntamente as ideias que compõem o que conhecemos por teoria bakhtiniana.

Círculo uma certa inconclusão. Não aquela de que eles próprios nos falam e que tem relação com a inesgotabilidade dos sentidos, mas pelo fato de que nem sempre foi possível assegurar os elementos que determinam a “[...] plenitude acabada do enunciado, que assegura a possibilidade de resposta (ou de compreensão responsiva) [...]”¹¹ (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 36), visto que muitos textos-enunciados foram publicados apenas após a morte de Bakhtin, de forma inacabada ou em formato de notas para trabalhos futuros. Concordamos com Bubnova (2010, p. 22) que “Bakhtin nunca foi um criador intencionado de fragmentos como gênero à parte, mas uma parte importante de seu legado aparece fragmentada devido às condições de sua produção”.

Como consequência desse contexto, embora o período mais profundo de convivência dos integrantes do Círculo de Bakhtin tenha acontecido no início do Século XX, as circunstâncias históricas, não só da Rússia (Revolução de 1917, Stalinismo), mas de todo o Mundo (Primeira e Segunda Guerras Mundiais, governos ditatoriais), retardaram muitas das suas publicações e, por consequência, a possibilidade de seu conhecimento de forma global, vindo a acontecer, na Rússia e em alguns países do Ocidente, apenas a partir dos anos 1960, de forma fragmentada e não cronológica. Dessa forma, os contextos de recepção/circulação das obras completas ou dos fragmentos produziram (e continuam a produzir) novos sentidos, nem sempre relacionando o enunciado com o seu contexto de produção:

Bakhtin foi objeto de um culto intelectual desmedido durante mais de quarenta anos, enquanto o contexto intelectual e histórico no qual sua obra fora gerada continuava insuficientemente conhecido. As circunstâncias de recepção de suas ideias, tanto em seu país de origem quanto fora dele, contribuíram bastante para que faltasse uma interpretação mais ou menos estável – deixemos de lado o adjetivo ‘correto’ – das ideias associadas ao seu nome, e ‘os estilhaços de seu pensamento foram disparados para todas as direções (WALL, 1998, p. 669)’. (BUBNOVA, 2010, p. 19-20).

No Brasil, conforme relata Schnaiderman¹² (2005), a ditadura instaurada em 1964 (cujo subterfúgio foi o combate ao comunismo) retarda ainda mais a recepção e disseminação dessas obras, devido a perseguição às publicações soviéticas como representantes do “mal comunista”.

Já sua grande voga nos países ocidentais, a partir de meados dos anos 1960, repercutiu praticamente em todo o mundo da cultura. Em nosso meio, porém,

¹¹ Voltaremos a este tema no cap. 4 desta tese. Por ora, cabe citar os três elementos: – “1) exauribilidade do objeto e do sentido; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas composicionais e de gênero do acabamento”. (BAKHTIN, 2003 [1951/1953], p. 280-281).

¹² Sipriano e Gonçalves (2018) nos lembram que foi a partir de Boris Schnaiderman e Guilherme Merquior, no campo da Literatura, que o pensamento bakhtiniano foi difundido no Brasil já no final dos anos 1960 e início dos anos 1970.

era quase impossível conseguir seus textos no original. Em 1964, as livrarias russas em nosso país tiveram todos os seus livros retirados para “exame”, numa verdadeira operação militar que acabaria em incineração pura e simples. Os que assistiram a isso lembram-se de volumes aos milhares espalhados pelo chão, na Rua Direita e na 24 de Maio, e pisados pelas botas dos militares encarregados de recolhê-los. (SCHNAIDERMAN, 2005, p. 14).

Além das questões sociais e políticas, a ciência também apresentava suas querelas. Sobre a linguística dos anos 1970, nos relata Brait (2014, p. 16): “eram tempos de transição e afirmação, especialmente em relação a novos caminhos teóricos, considerando-se as construções, as polêmicas e as heranças positivas e negativas produzidas pelo Estruturalismo¹³ e pelo Formalismo¹⁴”. Entre as principais críticas estavam o abandono do sujeito e da história; a neutralização do papel do pesquisador; as (in)consequências das pesquisas linguísticas tanto no campo etnográfico, quanto no campo da educação. É nesse cenário que o pensamento bakhtiniano vai adentrando a linguística brasileira, principalmente a partir de uma interpretação francófona refratada na tradução da obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (MFL), da qual procedeu a versão publicada em 1979. Foi essa a primeira obra do Círculo traduzida para o português brasileiro e nos chega já com a indicação de dupla autoria na capa – Bakhtin [Volóchinov], tema que abordaremos mais à frente. Naquele momento histórico, o livro chamou a atenção porque oferecia uma perspectiva para além das proposições saussurianas da imanência da língua ou das proposições psicológico-subjetivas da estilística. Nos termos de Brait (2014, p. 22-23):

Partindo da tradição dos estudos da linguagem, sem apagar os ganhos trazidos pelos estudos saussureanos e pelos estudos estilísticos, o pensamento bakhtiniano presente nessa obra ofereceu a ocasião de um salto qualitativo no sentido de observar a linguagem não apenas no que ela tem de sistemático, abstrato, invariável, ou, por outro lado, no que de fato tem de individual e absolutamente variável e criativo, mas de observá-la em uso, na combinatória

¹³ Corrente de pensamento científico com reflexos na psicologia, na sociologia, na antropologia, na filosofia, na psicanálise, na linguística e na literatura. Embora em cada área haja particularidades, de forma geral, como o nome indica, para o Estruturalismo é fundamental a ideia de estrutura. Dessa forma, o texto, seja ele literário ou não, encerra certas possibilidades de significados dentro do todo do sistema autônomo da língua, na qual interessam não só os significados das palavras, mas também aspectos da gramaticalidade do texto, suas combinações e modelos, desconsiderando aspectos extrínsecos ao texto (VALENCY, 1997; MOISÉS, 1997; COSTA, 2015).

¹⁴ Método de análise literária desenvolvido pelo Círculo Linguístico de Moscou, que se ocupa tão-somente das leis internas da arte poética, sem abordar aspectos considerados utilitaristas. Dessa forma, o Formalismo busca a chamada literariedade do texto como valor em si mesmo, que prescinde de quaisquer outras justificativas de valor, como significado histórico ou social. A literariedade se define, primeiramente, em oposição ao caráter de textos não-literários, ou seja, ela é definida, fundamentalmente, por aquilo que ela não é, por aspectos existentes exclusivamente nela e não em outros tipos de texto. Como método de instigação literária, o Formalismo, busca compreender o processo de construção e significação do texto em sua pluralidade (VALENCY, 1997; MOISÉS, 1997; SAMUEL, 2002).

dessas duas dimensões, como uma forma de conhecer o ser humano, suas atividades, sua condição de sujeito múltiplo, sua inserção na história, no social, no cultural pela linguagem, pelas linguagens.

O interesse dos linguistas pela obra foi despertado, então, porque além de conter de forma mais explícita formulações relativas ao campo da linguagem em geral, apresentou-se como uma possibilidade de enfrentamento da linguagem na sua relação histórica e social com os sujeitos adequada às preocupações da época. Inclusive, durante muito tempo, a obra MFL foi considerada a representante exclusiva do pensamento bakhtiniano para a área (FARACO, 2009). Obras como *Problemas da poética de Dostoiévski* e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* só despertariam interesse dos linguistas mais tardiamente, já que sua temática geral parecia estar voltada exclusivamente aos estudos literários. Com o avanço das pesquisas, percebeu-se que o conceito de discurso para o Círculo envolvia também o discurso literário, encontrando assim nas obras voltadas a esfera artística muitos encaminhamentos para o estudo da linguagem em geral.

Desde a primeira obra traduzida, a recepção do pensamento bakhtiniano no Brasil e em boa parte do Ocidente, despertou, pela novidade de suas proposições, um prestígio quase que inquestionável à figura de Bakhtin durante as décadas de 1980 e 1990 (BUBNOVA, 2010; BRAIT; CAMPOS, 2016). Nesse período, foram traduzidas as obras *Problemas da poética de Dostoiévski*, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, *Questões de literatura e estética: a teoria do romance* e *Estética da criação verbal*. Tal prestígio refletiu-se até mesmo nos Parâmetros Curriculares Nacionais publicados em 1998 e 2000. Mas, como tudo aquilo que escapa a um filtro crítico e a um embasamento teórico aprofundado, muitas distorções e simplificações exageradas foram feitas dos conceitos e noções presentes nas obras até então traduzidas. Faraco (2009) nos lembra das banalizações do conceito de dialogia, interação e gêneros do discurso com viés pedagógico e da confusão em torno do termo polifonia. No entanto, o passar dos anos, o aprofundamento das leituras e a ampliação das pesquisas, a especialização do campo, a abertura dos arquivos russos a partir de 1985 para o público e para a pesquisa, propiciaram um conhecimento mais amplo e menos mistificado da obra, da vida e do contexto histórico desses autores que compunham o convencionalmente denominado Círculo de Bakhtin.

Na primeira década do século XXI, no Brasil, muitos pesquisadores se empenharam em realizar não só uma revisão conceitual para proporcionar aos leitores do Círculo rotas interpretativas dos complexos conceitos, mas, também, em traduzir mais obras diretamente do russo e em explorar as bases teórico-filosóficas do grupo. É nesse período que Paulo Bezerra

traduz *Freudismo: um esboço crítico* e apresenta uma nova versão de *Estética da criação verbal*, ambos vertidos diretamente do russo. Bezerra iniciou um processo de especialização das traduções do Círculo, apresentando pontos esclarecedores nos prefácios às obras traduzidas. Já na década de 2010, somam-se a ele as pesquisadoras Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, que traduzem *O método formal nos estudos literários: introdução crítica de uma poética sociológica*, de Medviédev, *Questões de estilística no ensino da língua*, de Bakhtin, e apresentam nova tradução para *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, desta vez indicando apenas a autoria de Volóchinov.

Apresentamos no Quadro 1 a cronologia das publicações das obras e coletâneas de ensaios de Bakhtin e do Círculo no Brasil para dar uma visão geral do panorama dos últimos 40 anos:

Quadro 1 - Cronologia das traduções das obras do Círculo no Brasil

Ano de tradução	Título e autoria ¹⁵	Idioma de origem da tradução	Tradutor(es)
1979	<i>Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem</i> (BAKHTIN [VOLÓCHINOV]) ¹⁶	Francês (a partir da edição de 1977) e Inglês (a partir da edição norte americana de 1973)	Michel Lahub e Yara Frateschi
1981	<i>Problemas da poética de Dostoiévski</i> (BAKHTIN)	Russo (a partir da versão revista e publicada na Rússia em 1963)	Paulo Bezerra
1987	<i>A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais</i> (BAKHTIN)	Francês (a partir da edição de 1970)	Yara Frateschi
1988	<i>Questões de literatura e estética: a teoria do romance</i> (BAKHTIN)	Russo (a partir da edição de 1975)	Aurora Fornoni Bernadini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade
1992	<i>Estética da criação verbal</i> (BAKHTIN)	Francês (a partir da edição de 1980)	Maria Ermantina Galvão Pereira

¹⁵ O título e a autoria constam no quadro conforme indicado pela editora da obra.

¹⁶ Embora a editora indique Bakhtin como o autor, a obra original foi publicada em nome de Volóchinov. Sobre as autorias contestadas, ver seção 2.2 desta tese.

2001	<i>Freudismo: um esboço crítico</i> (BAKHTIN) ¹⁷	Russo (a partir do original de 1927)	Paulo Bezerra
2003	<i>Estética da criação verbal</i> (BAKHTIN)	Russo (a partir da edição de 1979)	Paulo Bezerra
2008	<i>Mikhail Bakhtin em Diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin</i> ¹⁸	Italino (a partir edição de 2007)	Daniela Miotello Mondardo
2010	<i>Para uma filosofia do Ato Responsável</i> (BAKHTIN)	Italiano (a partir da edição de 2003)	Valdemir Miotello; Carlos Alberto Faraco
2011	<i>A palavra própria e palavra outra: na sintaxe da enunciação</i> (BAKHTIN; VOLÓCHINOV) ¹⁹	Italiano (a partir da edição de 2010)	Allan Tadeu Pugliese Camila Caracelli Scherma Carlos Alberto Turati Fabrício César de Oliveira Marina Haber de Figueiredo Regina Silva Valdemir Miotello
2012	<i>O método formal nos estudos literários: introdução crítica de uma poética sociológica</i> (MEDVIÉDEV)	Russo (a partir do original russo de 1928)	Sheila Camargo Grillo; Ekaterina Vólkova Américo
2013	<i>A construção da enunciação e outros ensaios</i> (VOLÓCHINOV)	Diversas obras em italiano, inglês e espanhol.	João Wanderley Geraldi
2013	<i>Questões de estilística no ensino da língua</i> (BAKHTIN)	Russo	Sheila Camargo Grillo; Ekaterina Vólkova Américo
2015	<i>Teoria do Romance I: a estilística</i> (BAKHTIN) ²⁰	Russo (a partir do tomo 3 das <i>Obras reunidas</i> de 2012)	Paulo Bezerra
2016	<i>Os gêneros do discurso</i> (BAKHTIN) ²¹	Russo (a partir da edição de <i>Estética da criação verbal</i> de 1979 e do tomo 5 das <i>Obras reunidas</i> de 1997)	Paulo Bezerra

¹⁷ Embora a editora indique Bakhtin como o autor, a obra original foi publicada em nome de Volóchinov.

¹⁸ Publicado pela editora Pedro & João, reúne uma série de entrevistas que Bakhtin concedeu a Viktor Duvakin em 1973.

¹⁹ Embora a editora indique Bakhtin como o autor, os ensaios originais foram publicados em nome de Volóchinov.

²⁰ Publicado pela editora 34, faz parte de um projeto de três volumes, de tradução direta do russo, de alguns dos artigos reunidos em *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. O segundo volume foi publicado em 2018 e o terceiro em 2019, conforme consta na tabela.

²¹ Publicado pela Editora 34, reúne uma tradução revista dos ensaios *Os gêneros do discurso* e *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* que integram a coletânea de 2003 do *Estética da criação verbal*, e a tradução inédita de anotações dos anos 1950 intituladas *Diálogo I. A questão do discurso dialógico e Diálogo II*.

2017	<i>Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas</i> (BAKHTIN) ²²	Russo (a partir da edição de <i>Estética da criação verbal</i> de 1979 e dos tomos 6 e 7 das <i>Obras reunidas</i> de 2002)	Paulo Bezerra
2017	<i>Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem</i> (VOLÓCHINOV)	Russo (a partir do original russo de 1929)	Sheila Camargo Grillo; Ekaterina Vólkova Américo
2018	<i>Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo</i> (BAKHTIN)	Russo (a partir do tomo 3 das <i>Obras reunidas</i> de 2012)	Paulo Bezerra
2019	<i>Teoria do Romance III: o romance como gênero literário</i> (BAKHTIN)	Russo (a partir do tomo 3 das <i>Obras reunidas</i> de 2012)	Paulo Bezerra
2019	<i>A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas</i> (VOLÓCHINOV)	Russo (a partir dos originais coletados na Biblioteca da Academia de Ciências de São Petersburgo)	Sheila Camargo Grillo; Ekaterina Vólkova Américo
2019	<i>O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940</i> (BAKHTIN) ²³	Italiano (Edição de 2004)	Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao mesmo tempo que o quadro acima oferece uma visão panorâmica das traduções das obras do Círculo no Brasil, também evidencia a preocupação dos pesquisadores do início do Século XXI com a ampliação do acervo em língua portuguesa e, principalmente, do reconhecimento da importância da tradução feita diretamente do russo. É preciso salientar, contudo, que embora muitas das obras não estivessem disponíveis em português, aqueles que se ocupam do estudo do Círculo sempre puderam recorrer às traduções em outras línguas e, ainda, de traduções feitas para fins acadêmicos que circularam amplamente em nossas universidades.

Assim, se o contexto de produção das obras do Círculo determinou o inacabamento formal das obras do Círculo, os contextos de sua recepção/circulação, como acontece com todas

²² Publicado pela Editora 34, reúne uma tradução revista dos ensaios *A ciência da literatura hoje; Fragmentos dos anos 1970-1971; Por uma metodologia das ciências humanas* que integram a coletânea de 2003 do *Estética da criação verbal*.

²³ Publicado pela editora Pedro & João, reúne a tradução inédita de anotações realizadas na primeira metade da década de 1940: *A violência da palavra e da imagem; “O homem ao espelho”*; *Sobre as questões de autoconsciência e de autoavaliação*.

as obras que ganham o grande tempo, colaboraram com a produção de sentidos diversos, cercados de muito entusiasmo e de muitas polêmicas²⁴.

É inegável que a recepção desse pensamento, ou a *transmissão* como denominam de forma pertinente alguns estudiosos, passou e continua passando por vicissitudes que implicam cuidados, reflexões gerais e pontuais, ausência de ingenuidade e/ou excesso de pragmatismo. A circulação dos trabalhos de Mikhail Bakhtin e o Círculo, como num jogo de espelhos, aumenta, diminui, distorce aspectos essenciais à sua compreensão, muitas vezes refratando mais do que refletindo. (BRAIT; CAMPOS, 2016, p. 17, grifo das autoras).

São esses aspectos essenciais da compreensão da teoria bakhtiniana que nos inquietam e nos direcionam a um mergulho nas obras do Círculo, em um momento em que novas traduções, diretamente do russo, foram publicadas; que boa parte das obras do Círculo já estão disponíveis; que alguns estudos já se debruçaram sobre os arquivos russos que contêm as pistas para o aprofundamento da compreensão do contexto histórico do Círculo, bem como de suas bases teórico-filosóficas; que a euforia e o encantamento inicial se deparou com o seu extremo oposto de renegação e depreciação. Desse mergulho, pretendemos fazer emergir as concepções de sujeito e de discurso, justamente porque, como já expusemos, a relação da linguagem com o sujeito foi o ponto crucial para disseminação do pensamento do Círculo na linguística contemporânea, o que, curiosamente, atende a algumas das proposições de Sériot (um dos críticos da posição central de Bakhtin):

Um pouco de rigor filológico (ler os textos no original russo, em seu contexto estrito) permitiria, contudo, evitar o anacronismo e sair da ignorância própria a nosso pensamento provinciano francófono. Se se deixasse de ler os textos de Bakhtin de maneira “monológica”, como o Livro da Revelação, seria possível utilizar a enorme documentação sobre Bakhtin de modo a esquecer tudo de Ducrot, Benveniste ou Kristeva. Bakhtin pertence a um contexto soviético específico, no qual tem de ser ressitado. (SÉRIOT, 2015, p. 13).

Contudo, fazemos isso com algumas reservas. A primeira é de que, frente ao nosso desconhecimento da língua (nesse caso, enquanto sistema), não nos é possível ler diretamente do russo. Contudo, sempre que disponível, optamos pelas traduções feitas diretamente dessa língua. A segunda, diz respeito à leitura no contexto estrito. Embora não apresentemos aqui uma biografia completa dos membros do Círculo, nem uma revisão detalhada das bases científicas e filosóficas sobre as quais se erguem esses pensamentos (vistos os objetivos e

²⁴ Não é o objetivo deste trabalho um aprofundamento dessas polêmicas, sejam elas da autoria das obras, das referências utilizadas pelo Círculo, das suas filiações filosóficas, qual o grau de inovação das proposições. Para o aprofundamento, sugerimos Sobral (2009); Bubnova (2010); Brandist (2012), Grillo (2012) e Ponzio (2018). Na seção que segue, no entanto, apresentamos nosso posicionamento em relação a algumas delas.

limites deste trabalho), nos utilizamos de pesquisas que realizaram profundas análises nesse sentido (entre os quais podemos citar: Morson e Emerson (2008); Sobral (2009); Brandist (2012); Sériot (2015) e Ponzio (2018)) e, portanto, estamos cientes do contexto ao qual pertencem essas obras. Sem embargo, nos lançamos a elas para ressignificá-las em nosso contexto, isto é, buscando nelas o que há de teórico-metodologicamente produtivo para os estudos contemporâneos da linguagem. De outro modo, ficaríamos presos no passado, esquecidos das questões que assolam o nosso tempo e perdidos em fazer algo que, na prática, é absolutamente impossível – compreender um texto-enunciado exclusivamente no seu cronotopo de produção, sem considerar nosso cronotopo real – porque podemos ter empatia pelo outro, colocarmo-nos no lugar do outro, mas não podemos ser o outro. Estamos a todo tempo olhando o outro da nossa posição única e singular no mundo, permeados pelas valorações ideológico-axiológicas de nosso espaço-tempo.

Em virtude do exposto, ao elegermos para este trabalho a teoria bakhtiniana, estamos conscientes das dificuldades que tal empreitada demanda. Contudo, consideramos, com base nos tantos estudos que o demonstram, que a teoria do Círculo, contida nas suas mais diversas obras e autores, nos oferece caminhos teóricos e metodológicos para estudar a linguagem por uma perspectiva histórico-social-cultural (BRAIT, 2014; 2015) e organicamente dialógica: eis nosso horizonte aperceptivo, nossa inquietação e nosso ponto de partida.

2.2 DO CÍRCULO DE BAKHTIN AOS ESTUDOS DIALÓGICOS CONTEMPORÂNEOS

Ninguém, em sã consciência, poderia dizer que Bakhtin tenha proposto formalmente uma teoria e/ou análise do discurso, no sentido em que usamos a expressão para fazer referência, por exemplo, à *Análise do Discurso Francesa*. Entretanto, também não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem.

(BRAIT, 2014).

A expressão Círculo de Bakhtin designa, desde 1967 (SÉRIOT, 2015, p. 29), um grupo de intelectuais, de diferentes áreas, que, principalmente nas décadas de 1920 e 1930, esteve reunido na Rússia para discutir as problemáticas e as tendências das ciências, da filosofia e da teologia de sua época. Das muitas polêmicas que pairam sobre a herança das obras e das ideias desse grupo, uma delas se trata da própria nomenclatura – seja pela centralidade no nome de

Bakhtin, seja pela ideia mesma de um círculo²⁵. Para esclarecer o nosso posicionamento em manter o uso da expressão (para além da mera conveniência ou “da ausência de expressão melhor” (BRANDIST, 2012, p. 8)), nos propomos a apresentar uma breve cronologia do grupo e do envolvimento de seus membros. Não se trata de fazer aqui uma biografia extensiva dos membros do Círculo, tampouco de nos aprofundarmos nos argumentos de defesa de um ou outro lado para uma conclusão definitiva – visto entendermos que esta seja uma impossibilidade, não só pela fragilidade dos relatos e documentos, mas, principalmente, porque “não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação”. (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 79). O que pretendemos é, antes, marcar que nossas escolhas teórico-metodológicas não se lançam ao pensamento bakhtiniano de forma ingênua ou indiferente às discussões que suscita, mas, conscientes delas e considerando que não afetam a relevância da obra desses autores, acreditamos que esse pensamento representa em nosso contexto uma forma legítima e produtiva de estudar a linguagem.

A constituição do grupo se inicia em Nevil, cidade que serviu de refúgio para muitos intelectuais e artistas em razão da guerra civil iniciada em 1917, encontravam-se reunidos em 1919, Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), os filósofos Matvei Isaevich Kagan (1889-1937) e Lev Vasilievich Pumpianski (1891-1940,) o poeta e crítico musical Valentin Nikolaevich Volóchinov (1895-1936), a pianista Maria Veniaminovna Iundina (1899-1970), Bóris Zubakin (1894-1938), o químico e biólogo G. A. Koliubakin, e, esporadicamente, Pavel Nikolaevich Medviédev (1891-1938), estudioso da literatura que residia em Vitbski, cidade para a qual algumas dessas figuras migraria a partir de 1920.

Já em Vitbsk, no ano de 1920, Volóchinov e Bakhtin dividem um apartamento. Por essa época, Medviédev junta-se de vez ao grupo, mas Pumpianski e Iundina vão para Petrogrado²⁶ – o primeiro para trabalhar no serviço secreto militar e a segunda para estudar no conservatório de música. Em 1924, todo o grupo estava reunido já em Leningrado, e a ele se juntaram ainda o biólogo e historiador das ciências Ivan Ivánovich Kanaev (1893-1984), o escritor Konstantin Vaginov (1899-1934) e o orientalista Mixail Tubianski (1893-1943).

Após 1930, porém, com o agravamento das perseguições políticas na Rússia, o grupo acaba por separar-se. Bakhtin é preso (1928 e 1929) e depois exilado (1930-1934), assim como Zubakin; morrem de tuberculose, Vaginov em 1934 e Volóchinov em 1936. Dois anos após o fim do período de exílio, em 1936, Bakhtin visita os amigos que ainda estavam vivos –

²⁵ Sobre os posicionamentos contrários a essa nomenclatura, ver Sériot (2015) e Brandist (2012).

²⁶ São Petersburgo é rebatizada em 1914 de Petrogrado e, em 1924, de Leningrado. Somente em 1991 voltou a ser chamada São Petersburgo.

Medviédev, Iudina e Kagan – em Moscou. Medviédev consegue um emprego para Bakhtin em Saranski, que dura apenas o ano de 1937, quando Bakhtin é forçado pelas circunstâncias políticas a demitir-se e mudar-se para Savelovo. A partir deste momento, as ideias deste grupo passam a ter em Bakhtin seu único continuador pois Kagan morre em 1937, de angina; Medviédev é fuzilado em 1938; Pumpianski morre de câncer em 1940; e Tubianski morre nos campos de concentração em 1943.

Esse grupo de amigos/colegas/estudiosos estava envolvido em diversas associações e círculos de atividades intelectuais, artísticas, filosóficas e/ou religiosas, que aconteciam tanto em locais específicos para esta finalidade, quanto na casa dos seus participantes. Tais círculos eram muito comuns na Rússia, mas funcionavam antes da revolução como associações institucionalizadas – ligadas a sindicatos, universidades, grupos religiosos, movimentos filosóficos. Contudo, após a revolução de fevereiro e, principalmente, de outubro de 1917, esses círculos se tornaram cada vez mais informais/extraoficiais, já que as associações eram alvo de grande repressão, sendo constantemente acusadas de conspiração contra o regime comunista. Sobre esse contexto, relata Bakhtin a Duvakin (BAKHTIN; DUVAKIN, 2012 [1973], p. 73): “Não participava de nenhuma outra associação²⁷, porque logo todas as associações, de todo gênero, não puderam mais existir. Mas eu participava de alguns círculos. De círculos pós-revolucionários”.

Sobre a natureza desses círculos, em outra entrevista com Duvakin (BAKHTIN; DUVAKIN, 2012 [1973], p. 154, grifos nossos) na qual conversam sobre os fatos de sua prisão em 1928, relata Bakhtin:

D: Em geral, quem estava lá? Faça um elenco, digamos, dessa companhia, dessas “cinzas”. Quem fazia parte? E esse era efetivamente um círculo?

B: Não, não se tratava de um círculo. Havia alguns círculos, mas eram simplesmente assim... Em poucas palavras, não tinha nenhuma organização, e... o GPU não demonstrou a existência de uma organização, caso contrário também as condenações teriam sido de outro tipo. Então era dada muitíssima importância ao fato de que existisse ou não uma organização. Não encontraram nenhuma organização. Mas **havia alguns círculos, eram simplesmente relações, relações amigáveis**. Depois faziam conferências em casa; no meu caso, por exemplo, **eu fazia muitas explicações na minha casa**.

²⁷ Aqui Bakhtin refere-se a sua participação, entre os anos de 1914 e 1917, em São Petersburgo, na associação Omphalos, para a qual entrou a convite de seu irmão Nikolai Mikhailovich Bakhtin (1894-1950), então líder do grupo. Pumpianski também era parte deste grupo. Sobre a associação, relata Bakhtin (BAKHTIN; DUVAKIN, 2012 [1973]) que se tratava de “um círculo de estudantes puchkinianos” (p. 56) que “escreviam paródias de diferentes gêneros, em diversos estilos”, “uma paródia do estilo de vida muito obscura e séria” (p. 59), “eram estudiosos gozadores, gozadores da ciência” (p. 57).

Compreende-se, assim, que existiam diversos círculos não oficiais, com diferentes interesses e orientações, às vezes com algum coordenador/presidente e uma programação definida, outras apenas reuniões para recitação e concertos, dos quais nem todos aqueles amigos participavam ao mesmo tempo. Sobre alguns desses círculos, depôs Bakhtin durante seu interrogatório:

[...] **No apartamento de M. Judina** se desenvolveu um ciclo de conferências sobre poesia contemporânea. Os conferencistas eram Pumpijanskij, Medvedev e eu. [...] **No apartamento de Šcepkina-Kupernik** houve um serão dedicado a Iessiénin, com uma palestra de Medvedev e uma de Pumpijanskij. Kljuev e Roždestvenskij leram seus poemas. **[No apartamento de Bakhtin] fizemos resenha** das obras mais importantes de Freud e de seus continuadores, fazíamos resenhas dos trabalhos de história da arte. [...] A assistência era composta de amigos próximos (Tubjanskij, Medvedev, Vološinov, Rugevic) e de um ou dois conhecidos de passagem. [...] **Essa atividade, a minha e a de meus amigos, era a expressão de uma pesquisa intelectual e de uma inquietação intelectual suscitadas pela necessidade de elaborar uma visão do mundo nova para nós, que fosse adequada à realidade social.** Essa elaboração, para nós, que éramos pessoas já intelectualmente maduras e possuidoras de amplos conhecimentos teóricos nos domínios mais variados, **não podia ser uma assimilação passiva e superficial** de elementos de uma visão de mundo já pronta, só podia tomar a forma de um trabalho difícil e penoso, **consistindo em reavaliar e verificar todos os nossos conhecimentos e nossas convicções.** (Depoimento de Bakhtin durante sua prisão de 24 de dezembro de 1928, Arquivos da KGB da região de Leningrado, d. 14284, t. 3,1.7, *apud* SÉRIOT, 2015, p. 42-43, grifos nossos).

Vemos que Bakhtin confirma a existência desses círculos de intelectuais, mesmo para seus inquisidores. Desses círculos, Bakhtin reconhece como “Círculo de Bakhtin”, um grupo íntimo, apenas dos amigos mais próximos, que se reuniu, principalmente, na sua casa em Leningrado, entre os anos 1924 e 1928:

D: Sim. Entendi. Moscou era somente um lugar ao qual o senhor ia de vez em quando... Mas depois, a um certo ponto, em 1923, o senhor se transferiu para Petrogrado? E viveu ali até 1929?

B: Sim, até 1929.

D: O senhor... Eu lembro do seu livro, mas... O senhor não teve uma estrepitosa notoriedade...

B: Não, tive notoriedade somente nos círculos mais restritos. **Ao meu redor tinha um Círculo que era chamado de “o círculo de Bakhtin”...** Isso, ultimamente escrevem muito isso. **Incluo nele antes de mais nada Pumpianski, Medvedev Pavel Nikolaevich, Volochinov.** A propósito, todos esses **estavam em Nevel**, com exceção de Medvedev, na verdade.

D: Medvedev – que depois escreveu também sobre Blok, não é?

B: Escreveu sobre Blok, sim. O seu primeiro livro foi *O percurso criativo de Blok*. E todos os três **estavam em Vitebsk**, e ali, em essência, foram colocadas as bases, digamos, daquele círculo que depois se estabeleceu em Leningrado. Ali lia algumas resenhas, dava, totalmente em particular, na minha casa... um

curso filosófico, no início sobre Kant (era um incansável kantiano), mas depois geralmente me ocupava de temas mais amplos. (BAKHTIN; DUVAKIN, 2012 [1973], p. 144, grifos nossos).

Com base nesses relatos é que compreendemos que as relações em Nevel e Vitebsk, os passeios ao redor do “Lago da Realidade Moral”²⁸; as palestras na Associação Científica de Nevel; os encontros na casa de Maria Iundina, nos quais Bakhtin conheceu os amigos que citamos mais acima, não podem ser separadamente compreendidos como Círculo de Bakhtin. Mas os frutos desses encontros, as reflexões que neles eram gestadas e que tiveram seu ápice nas reuniões na casa de Bakhtin, já em Leningrado, configuram o Círculo de Bakhtin, não como uma associação institucionalizada sob a liderança de Bakhtin, mas como um grupo informal de amigos que dialogicamente refletia ativamente sobre o mundo em que viviam e construíam novos conhecimentos.

Esse ápice é confirmado pela publicação de quatro das obras fundamentais do Círculo: *O freudismo: um esboço crítico* (VOLÓCHINOV, 2014 [1927]); *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]); *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico* (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]); *Problemas da obra de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2013 [1929], reformulado em 1963). Além dos artigos: *O método formal ou o salierismo erudito* – 1924, e *Sociologismo sem sociologia* – 1926, de Medviédev; *Hereditariedade: uma introdução para não especialistas* – 1925 e *O vitalismo contemporâneo* – (2016 [1926]) de Kanaev; *Do outro lado do social: sobre o freudismo* – (2019 [1925]), *A palavra na vida e a palavra na poesia* (2019 [1926]) e *As mais novas correntes do pensamento linguístico no Ocidente* – (2019 [1928]) de Volóchinov; *O drama e poemas narrativos: Aleksandr Blok* – 1928 e *Pushkin: um ensaio histórico literário* – 1928 de Pumpianski (BRAIT; CAMPOS, 2016).

Sob essas circunstâncias, “de Bakhtin” não deve ser compreendido como uma expressão de posse, mas como a adjetivação de um grupo que por não poder ser caracterizado por um estudo, tema ou espaço específicos, tem na presença de Bakhtin seu ponto de confluência.

Por essa razão, se, no momento de recepção das obras do Círculo no Ocidente, nos anos 1960 e 1970, a expressão foi utilizada em relação à centralidade da figura de Bakhtin naquele contexto, conforme denunciam Seriót (2015) e Brandist (2012), a sua manutenção ainda hoje,

²⁸ Em entrevista concedida a Duvakin (BAKHTIN; DUVAKIN, 2012 [1973]), Bakhtin relata que em Nevel estava sempre em companhia de Pumpianski e Iundina, faziam muitos passeios ao ar livre, em especial nas margens de um lago que apelidaram de “Lago da Realidade Moral”. Em suas palavras, “Fazíamos longos passeios, em geral, Maria Veniaminovna, Lev Vasilevich e eu, às vezes com alguém mais ainda, e durante esses passeios tínhamos conversas. Lembro até mesmo que expus para eles, bem, os elementos da minha... filosofia ética, sentado às margens do lago [...]”.

frente a tantas evidências e esclarecimentos do que foram os círculos intelectuais da Rússia de 1920 e 1930, já não podemos concordar com a crítica de Sériot (2015, p. 28) de que:

A expressão “Círculo de Bakhtin” é uma invenção tardia e apócrifa. Jamais foi empregada por quem quer que seja na época do tal Círculo”. Pelo simples fato de ser proferida como uma evidência, ela gera a ilusão retrospectiva de que Bakhtin teria sido uma espécie de líder, chefe carismático de um grupo de estabilidade institucional reconhecida.

Se considerada uma expressão tardia (coisa que não somos capazes de negar ou afirmar, uma vez que Bakhtin tenha reconhecido que o grupo era chamado desse modo, mas não existirem outras provas do uso desse termo), não pode ser considerada apócrifa, visto ter havido sim um círculo, que não se tratou de uma associação oficial, mas de um grupo de amigos que buscou novas formas de pensar o mundo a partir das diversas áreas de conhecimento as quais pertenciam, mesmo sob as condições precárias que impunha seu contexto histórico.

A produtividade compreendida entre 1924 e 1929, independentemente das assinaturas, aponta para discussões e concepções do Círculo que dialogam com formalistas, marxistas ortodoxos, ideólogos, psicólogos e psicanalistas, a partir de um lugar em que a polêmica, sem ser destrutiva, constrói novos lugares epistemológicos. A poética sociológica, a resposta a teorias freudianas e o enfrentamento dos formalistas constituem formas de construção de uma filosofia da linguagem e da cultura, inaugurando uma concepção nova ao confrontar os estudos da linguagem, quer literária, cotidiana, visual, musical, corporal, científica. (BRAIT; CAMPOS, 2016, p. 22).

Outro ponto que merece nosso posicionamento é a tentativa recente de, a partir das obras de autoria contestada, das referências nem sempre indicadas em seus textos-enunciados e de dados divergentes da biografia de Bakhtin, desacreditá-lo como pensador. É como se vivêssemos o processo inverso daquele que aconteceu entre os anos 1970 e 1990:

[...] o paulatino conhecimento das ‘fontes’ e das relações históricas entre conceitos e escolas de pensamento acabou parcialmente com a auréola de sabedoria santa imposta à imagem de Bakhtin, ao ponto de atrair qualificativos às vezes equivocados e atitudes superficialmente ‘conclusivas’ para expressá-lo com uma palavra proveniente do vocabulário bakhtiniano. O prestígio antes inquestionável daquele que foi o dono dos pensamentos dos teóricos de literatura institucionalizados por todo o mundo (acadêmico) dos anos 70-90 do século passado está sendo destruído de uma maneira explícita. (BUBNOVA, 2010, p. 20).

Se concordamos com Brandist (2012, p. 9) que “desmistificar não é o mesmo que desmascarar”, concordamos também com Bubnova (2010, p. 21) que, embora certas obras contemporâneas anunciem-se como elucidativas das bases do pensamento bakhtiniano e de seu contexto histórico, não deixam de ser juízos de valor e, portanto, vão “[...] além de um simples

esclarecimento dos fatos”. Esse é o caso quando se determina categoricamente que *O Freudismo: um esboço crítico* e *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* são exclusivamente de autoria de Volóchinov e que *O método formal nos estudos literários* é exclusivamente de autoria de Medviédev ou, de outro lado, se aceita definitiva e incontestavelmente que sejam exclusivamente de Bakhtin.

Disso decorre que, reconhecendo a fragilidade dos fatos, nosso posicionamento é também um juízo de valor sobre a carreira de Bakhtin e sobre as obras de autoria contestada no seu contato com aquelas que não estão sob dúvida, embora que de maneira muito menos conclusiva. Iniciemos sobre a questão da autoria que, ao nosso ver, não há possibilidade de solução definitiva. As posições sobre a autoria variam em: aqueles que defendem que Bakhtin foi o autor das três obras e que Medviédev e Volóchinov apenas emprestaram seus nomes; aqueles que acreditam na autoria de Bakhtin com a inserção por Volóchinov e Medviédev dos trechos marxistas; outros que acreditam que foram escritas pelos autores que lhes assinaram originalmente, mas que o fizeram com base nas discussões travadas nos encontros com Bakhtin; e, por fim, aqueles que rejeitam qualquer influência de Bakhtin sobre essas obras e que indicam a autoria exclusiva dos autores que as assinaram na primeira publicação. Dado o contexto que enunciamos no início desta seção, nos parece impossível aceitar os argumentos de autoria isolada (seja apenas de Bakhtin, seja apenas de Volóchinov e Medviédev). Além disso, ao percorrer os argumentos de dupla autoria também é difícil concluir se os textos-enunciados foram escritos por Bakhtin e completados por aqueles que lhes deram nome ou o contrário, visto que há uma série de depoimentos contraditórios (da esposa de Volóchinov, do filho de Medviédev, do próprio Bakhtin e de sua esposa) e nenhuma prova definitiva.

Nesse ponto, concordamos com Sobral (2009, p. 10) em que “[...] não temos no discurso um autor-pessoa, mas um autor-criador, e sua criação, um autor de linguagem, de discurso – mas nem por isso menos concreto – um autor que não se identifica por um nome, mas por um fazer tematicamente identificável”. Em consequência disso, neste trabalho, mantivemos a autoria indicada na primeira edição russa de cada obra, pois, dada a impossibilidade de comprovar definitivamente as autorias, não há por que discordar da escolha que fizeram naquele momento. Compreendemos, desta forma, que suas escolhas e suas obras são fruto das discussões desses autores, de um projeto conjunto em que repensavam os conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos de seu tempo.

Sobre a qualidade e a produtividade do pensamento de Bakhtin, considerado um dos principais intelectuais do século XX, é inegável que os conceitos de dialogia e polifonia, caros às pesquisas contemporâneas, foram desenvolvidos a partir dos seus escritos, assim como é

evidente que os conceitos foram construídos na troca, no contato, no diálogo com os demais membros do Círculo.

[...] [Bakhtin] um homem que ao longo dos seus 80 anos participou, juntamente com vários companheiros, de diferentes círculos cuja influência nos estudos da linguagem pode ser sentida até hoje. Às agruras da época juntam-se a intensa vida cultural, as sistemáticas discussões filosóficas, literárias, artísticas, as instituições que delimitam o contexto em que esse importante pensamento foi produzido, recebido, rejeitado, redescoberto. (BRAIT; CAMPOS, 2016, p. 27).

Além disso, a despeito das obras de autoria disputada, Bakhtin produziu muito ao longo de todo o século XX, o que se comprova a partir da lista de traduções exposta no Quadro 1 deste trabalho e que torna inegável a sua contribuição enquanto pensador. Morson e Emerson (2008) entendem que Bakhtin, no que diz respeito a sua vida e obra,

[...] foi genuinamente dialógico e não-finalizado – ou seja, ele teve feixes de ideias, algumas muito produtivas e outras menos; teve encontros inesperados, divisores de águas, períodos criativos, períodos estéreis e alguns impasses contraditórios. Existem também vários pontos em que as ideias gerais de Bakhtin, desenvolvidas em diferentes direções por seus colaboradores, poderiam por sua vez tê-lo impelido a novas formulações. Essa premissa, de que Bakhtin às vezes surpreendia a si mesmo, implica que as ideias *creciam* genuinamente e que nem todas era igualmente frutuosas. (MORSON; EMERSON, 2008, p. 81, grifo do autor).

É, portanto, conscientes das polêmicas que pairam sobre Bakhtin e o Círculo que respondemos ativa e axiologicamente aos seus escritos. De acordo com Brait e Campos (2016, p. 15, grifos das autoras),

Compreender o que se denomina *pensamento bakhtiniano* significa percorrer um caminho que envolve não apenas o indivíduo Bakhtin, mas um conjunto de intelectuais, cientistas e artistas que, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, dialogaram em diferentes espaços políticos, sociais e culturais. Sendo um homem de seu tempo, não produziu sozinho nem esteve excluído das circunstâncias benéficas e malélicas de um longo período compreendido entre as décadas de 1920 e 1970.

Longe de tomá-los como mitos e suas proposições como dogmas, submergimos no conjunto da obra do Círculo com a finalidade de construir sentidos a partir das suas concepções de discurso e de sujeito para traçarmos caminhos produtivos para as análises dialógicas do discurso empreendidas contemporaneamente. Para o aprofundamento desses sentidos, além das obras do Círculo, também retomaremos as discussões contemporâneas sobre a teoria bakhtiniana, principalmente no campo que tem se fortalecido no Brasil como análise dialógica de/do(s) discurso(s).

Beth Brait (BRAIT; ACOSTA-PEREIRA, 2013), em entrevista com Rodrigo Acosta Pereira, nos lembra que a proposição de uma teoria de análise dialógica de discurso não está nos escritos do Círculo (muito embora haja a proposição de uma metalinguística, disciplina que estudaria a linguagem no discurso dialógico²⁹), mas nasce como uma reação-resposta de estudiosos brasileiros aos escritos daqueles autores enquanto conjunto que postula uma postura diante da linguagem e proporciona elementos teóricos e analíticos para enfrentá-la. Na mesma entrevista, Brait (BRAIT; ACOSTA-PEREIRA, 2013, n.p.) define a ADD como “a indissolúvel relação entre língua, linguagens, história e sujeitos” e destaca os aspectos que a singularizam em relação a outras possibilidades de análise de discurso:

a) o reconhecimento da multiplicidade de discursos que constituem um texto ou um conjunto de textos e que modificam, alteram ou subvertem suas relações, por força da mudança de esfera de circulação e recepção; b) o discurso, definido como relações dialógicas, tomado como objeto de uma disciplina interdisciplinar, denominada por Bakhtin metalinguística ou translíngua, e que hoje pode ser tomada como embrião da análise/teoria dialógica do discurso; c) o pressuposto teórico-metodológico de que as relações dialógicas se estabelecem a partir de ponto de vista assumido por um sujeito histórico, social, cultural; d) as consequências teórico-metodológicas de que as relações dialógicas não são dadas, não estando, portanto, jamais prontas e acabadas num determinado objeto de pesquisa, mas sempre estabelecidas a partir de um ponto de vista moldado por valores, tensões, fronteiras; e) o papel das linguagens e dos sujeitos na construção dos sentidos; e) a concepção de texto como assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, que mobiliza discursos históricos, sociais e culturais para constituir-lo e constituir-se. (BRAIT; ACOSTA-PEREIRA, 2013, n.p.).

Dos aspectos apontados, depreende-se que a ADD tem como objeto o discurso, concebido como relações dialógicas, materializado em um enunciado produzido por um sujeito situado sócio, histórico e culturalmente, e que seu estudo compreende a análise tanto dos aspectos linguísticos (lógicos e semânticos) quanto dos extralinguísticos (situação de interação e contexto). Além disso, os sentidos de um texto-enunciado são reflexos e refrações das relações dialógicas que constituíram o enunciado no momento primeiro da interação e, ainda, da ampliação propiciada pelas diferentes esferas em que circulam e os diferentes sujeitos (também sócio, histórico e culturalmente situados) que a ele respondem, não podendo nunca ser esgotado/finalizado.

²⁹ “A linguística conhece, evidentemente, a forma composicional do ‘discurso dialógico’ e estuda as suas particularidades sintáticas léxico-semânticas. Mas ela estuda como fenômenos puramente linguísticos, ou seja, no plano da língua, e não pode abordar, em hipótese alguma, a especificidade das relações dialógicas entre as réplicas. Por isso, ao estudar o ‘discurso dialógico’, a linguística deve aproveitar os resultados da metalinguística”. (BAKHTIN, 2013 [1963], p 209).

Desse modo, ao responder ativa e axiologicamente aos escritos do Círculo, os interlocutores contemporâneos lançam nova luz aos seus conceitos e caminhos metodológicos, seja pela ampliação (de sentidos e de campos de aplicação) dos conceitos cunhados pelo Círculo; ou pela cunhagem de conceitos novos à luz das necessidades sentidas nas análises dialógicas empreendidas na contemporaneidade – como é o caso dos conceitos de verbo-visualidade (BRAIT, 2015; 2013a), de visadas dialógico-valorativas (ACOSTA-PEREIRA, 2008), de relações semântico-ideológico-axiológicas (ACOSTA-PEREIRA, 2012), de dimensão social e dimensão verbal (RODRIGUES, 2001).

Esta tese pretende, portanto, somar-se aos estudos contemporâneos do Círculo de Bakhtin, na perspectiva da ADD, apresentando um aparato teórico-metodológico, de base linguístico-filosófico, que evidencia o sujeito dialógico refratado e refletido nos enunciados para análises de discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem. Em termos gerais, nos propomos a retomar as obras do Círculo, interpretando os sentidos de sujeito e de discurso nelas enunciados: eis nossa ancoragem epistemológica e teórico-metodológica.

Para essa empreitada, o capítulo que ora se encerra pretendeu contribuir com uma contextualização histórica e, principalmente, com nossa percepção valorativa das correntes que constituem os pressupostos teórico-metodológicos que escolhemos para embasamento do trabalho, pois, seguindo a proposta de Bakhtin que está expressa na epígrafe deste capítulo, é preciso que reconheçamos as verdades teóricas no âmbito dos atos da nossa vida no mundo para que elas possam produzir sentidos reais, para além da mera possibilidade. Nesse processo, reconhecemos a contingência da verdade teórica, sua opacidade e não neutralidade, sua provisoriedade. Nada disso impede, contudo, a construção de saberes, mas o faz de modo sócio-historicamente situado. Feita esta contextualização, apresentamos no capítulo que segue os pressupostos metodológicos que guiarão a revisão teórica e que servirão de referência para a consecução de nosso objetivo geral.

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Do conteúdo separado do ato cognitivo apropriam-se suas próprias leis imanentes, com base nas quais ele se desenvolve sozinho, autonomamente. Inseridos neste conteúdo, consumado um ato de abstração, estaremos à mercê de suas leis autônomas; mais exatamente, cada um de nós não está mais presente nele como ativo no sentido individual e responsável. Dá-se, então, o que ocorre no mundo da tecnologia, que conhece sua própria lei imanente a que se submete em seu impetuoso e irrestrito desenvolvimento, não obstante já há tempo tenha se furtado à tarefa de compreender a finalidade cultural desse desenvolvimento, e acabe contribuindo para piorar notavelmente as coisas em vez de melhorá-las; assim, com base nas suas leis internas, aperfeiçoam-se instrumentos que, como resultado, se transformam de meio de defesa racional em uma força terrificante, letal e destrutiva. É aterrorizante tudo o que é tecnológico, quando abstraído da unidade singular do existir de cada um e deixado entregue à vontade da lei imanente de seu desenvolvimento; ele pode repentinamente irromper nesta unidade singular da vida de cada um como força irresponsável, deletéria e devastante.

(BAKHTIN, 2017 [1920/1924]).

O excerto em epígrafe foi escrito por Bakhtin no início dos anos 1920 e é um exemplo da reflexão científica, que se ampliaria a partir da década de 1950, a respeito do legado e dos métodos da ciência moderna³⁰. Porque, se grandes foram os avanços científicos e tecnológicos realizados sob o prisma do paradigma da ciência moderna, igualmente grandes foram as consequências de um fazer científico objetivista, desobrigado dos problemas da vida, absorto em seu mundo abstrato e justificado pela própria ciência e seus métodos. Os horrores da Primeira e Segunda Guerras Mundiais – amplificados pela tecnologia bélica –, as políticas de

³⁰ Utilizaremos *ciência moderna e positivismo* de forma generalista; contudo, reconhecemos que ambos possuem suas especificidades e que não são os únicos modelos de ciência que se desenvolveram nesse período (no entanto, foram os mais marcantes e decisivos). A ciência moderna compreende um período histórico, que tem suas bases no renascimento e seu ápice no século XIX. Já o positivismo é uma corrente filosófica que se desenvolveu no século XIX, por Augusto Comte. A relação entre as duas é profunda porque a noção de método do positivismo consagrou a profissionalização da ciência moderna no século XIX. Embora alguns autores utilizem o termo modernista para caracterizar tal ciência, não o faremos para evitar relações inadequadas com o movimento artístico e cultural do final do século XIX e início do século XX – Modernismo.

segregação racial e de gênero justificadas pelo Determinismo³¹, o crescimento dos problemas ambientais legados pela Revolução Verde³², entre outros, despertaram a necessidade de repensar o fazer científico e filosófico e a sua relação com a vida cotidiana.

Não se trata, porém, de negar a importância desse paradigma que emergiu em resposta ao paradigma da Idade Média, cujo conhecimento era centrado no senso comum e, principalmente, religioso e aos quais a ciência moderna se contrapôs negando “o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas” (SANTOS, 2018, p. 20). Esses princípios epistemológicos levam em conta as descobertas feitas por Galileu Galilei, Newton, Descartes, entre outros, e consideram o fazer científico uma prática baseada na rigidez dos métodos, na separação entre natureza e ser humano, na matemática, nas leis físicas e no conceito de verdade universal. Como uma de suas consequências, ficou estabelecido que só poderia ser científico aquilo que fosse quantificável e verificável (SANTOS, 2018). Nesse paradigma, o homem, enquanto sujeito social, não pode ser objeto da ciência; “a ciência moderna consagrou o homem enquanto sujeito epistêmico, mas expulsou-o, tal como Deus, enquanto sujeito empírico” (SANTOS, 2018, p. 86).

O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVIII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes. A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna, mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos). (SANTOS, 2018, p. 19-20).

Muitas áreas, mesmo as mais sociais e humanas, buscaram adequar-se às regras desse paradigma. Na linguística, por exemplo, o estruturalismo foi seu grande representante. Nessa

³¹ O determinismo é uma teoria filosófica segundo a qual todos os eventos e seres são e existem numa relação de causalidade, na qual nada é contingente, mas necessário. Muitos estudos, principalmente no século XIX, vulgarizaram o conceito de determinismo e reduziram essa complexa teoria a relações mecânicas de causa e efeito, como foi o caso do determinismo biológico, segundo o qual o hemisfério norte seria mais desenvolvido por seu povo ser constituído por uma raça pura, não miscigenada. Essa vulgarização deu espaço para a criação de zoológicos humanos e para as atrocidades cometidas na Segunda Guerra Mundial sob o pretexto da ascensão da raça ariana. Sobre o determinismo biológico e o preconceito racial no Brasil, ver Schwarzc (1997).

³² Iniciada nos anos 1950, a Revolução Verde foi um processo massivo de tecnologia da agricultura, uso indiscriminado de agrotóxicos, desmatamento de grandes áreas para a produção agrícola, que teve drásticos impactos ambientais, econômicos e sociais em todo o mundo, inclusive no Brasil (ANDRADES; GANIMI, 2007).

teoria, a língua é estudada nos seus aspectos repetíveis e generalizáveis (que podem ser medidos e quantificados), deixando de lado tudo o que é idiossincrático. O que é social é contraposto ao que é individual, sendo o primeiro da ordem do repetível, imutável – um produto que compete à ciência conhecer suas regras. Já o individual é não sistematizável, regido apenas por suas estruturas psicológicas, seus desejos subjetivos, devendo ser estudado apenas pelo ramo da psicologia.

Assim, a sociedade real é, como sabemos, mutável, e estudá-la, compreendê-la na sua completude, ultrapassa os limites do repetível, exige uma ciência que se adapte a essa realidade, visto que a sociedade, enquanto entidade concreta e viva, não pode se render aos limites da ciência. Isto posto, fica evidente que para novos tempos são necessárias novas perguntas, às quais a ciência moderna e seus métodos rígidos e desconectados do humano não são capazes de responder e, às vezes, sequer de “escutar” (uma vez que essas perguntas surgem naquele contexto que ela exclui, do singular e do irrepetível, no mundo da vida e não da teoria). Situações que levaram/levam à busca por um novo paradigma científico, que não desconsidere o anterior, mas procure preencher suas lacunas, aprender com seus erros e, a partir desse processo, construir-se, considerando as características da sociedade pós-moderna ou da modernidade recente,

na qual há uma série de mudanças avassaladoras de natureza econômica, política, tecnológica, cultural e social, em um mundo de complexidade, inseguranças, ambiguidades, instabilidades e, em última análise, de vertigens contínuas sobre crenças, modos de vida legítimos, conhecimentos válidos etc. (MOITA LOPES, 2013, p. 18).

Vivemos, pois, esse momento de transição, no qual o paradigma dominante da ciência moderna abre espaço ao paradigma emergente, que ainda está se construindo e pisando em pedras instáveis de um novo fazer científico mais humano.

Vários sociólogos anunciam a emergência de um novo paradigma e especulam sobre suas possibilidades futuras (a título de exemplo, temos Z. Bauman e a Modernidade Líquida; J-F. Lyotard e a Pós-Modernidade; G. Lipovetsky e a Hipermodernidade; A. Giddens e a Modernidade Tardia). Embora não tenhamos nos filiado a nenhuma dessas correntes em específico, devido às finalidades deste trabalho, nos posicionamos favoravelmente à construção do novo paradigma que seja capaz de participar do mundo humano, de um fazer científico que se justifica por sua relevância no mundo da vida, na mesma medida que por sua validade teórica e metodológica.

Interessa-nos, então, uma perspectiva para o estudo da linguagem que seja capaz de coadunar-se com esse novo paradigma, que seja capaz de superar a imanência da língua, de penetrar nas relações intersubjetivas e vislumbrar nelas as relações sociais, as possibilidades de sentidos, os discursos que se tocam para além das relações semânticas e lógicas mais óbvias. Uma ciência linguística que não se oponha ao individual e, tampouco, descuide do social; que seja capaz de compreender que a linguagem não pode ser fruto de um ser humano exclusivamente natural, isto é, puramente orgânico; nem mesmo de um sujeito assujeitado às imposições de uma sociedade que tolhe sua liberdade, uma vez que a linguagem é um fenômeno sócio e ideológico vivo e criativo. Defendemos, por esses motivos, uma ciência do particular, do fenômeno concreto. Nas palavras de Geraldi (2012, p. 27-28):

A defesa de uma ciência do particular contradiz os modos modernos de fazer ciência. [...] uma ciência do particular preferirá dizer coisas significativas e substanciais com prejuízo da cientificidade (no sentido moderno da ciência) a dizer trivialidades garantidas pelo método preconizado dos processos científicos (da indução ou da dedução). [...] Quem estuda a linguagem não está interessado nos ‘recortes’ dos discursos, mas no enunciado completo, total, para cotejá-lo com outros enunciados fazendo emergirem mais vozes para uma penetração mais profunda no discurso, sem silenciar a voz que fala em benefício de um já dito que se repete constantemente.

Contudo, mesmo uma ciência do particular, da qual nos fala Geraldi (2012), do interesse pelo humano na sua integralidade e especificidade, demanda pressupostos epistemológicos claramente definidos; porque, ainda que seja uma pesquisa que não se caracteriza por métodos rígidos definidos *a priori*, replicáveis e de resultados matematicamente mensuráveis e verificáveis, tampouco pode ser um processo aleatório e subjetivo de enfrentamento da linguagem, do qual poderia resultar “uma oposição gratuita e infundada à mensuração e levar a uma rejeição elementar dos fundamentos e métodos de validação dos conhecimentos.” (CHIZZOTTI, 2017, p. 13). Acreditamos que é também no Círculo de Bakhtin (visto que nos apoiaremos ainda na ADD e na LA) que encontraremos os caminhos para satisfação dessa ciência do particular teórica e metodologicamente embasada, principalmente se recordarmos que Bakhtin se opôs ainda na primeira metade do século XX a essa cientificidade moderna e seu pensamento lógico-abstrato, e fez questão de diferenciar o fazer científico dialógico, relativo às ciências humanas e o fazer científico monológico, relativo às ciências naturais e exatas:

As ciências exatas são uma forma monológica de saber: o intelecto contempla uma *coisa* e emite enunciado sobre ela. [...] A ele só se contrapõe a *coisa muda*. [...] Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como

coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo [...]. (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 66, grifos do autor).

Desde a “redescoberta” de Bakhtin e do Círculo nos anos 1950, essa contraposição era entendida por duas perspectivas, ironicamente, antagônicas. Em uma delas, considerava-se que a oposição entre uma pesquisa monológica e dialógica se apresentava como uma contrapalavra ao estruturalismo e ao formalismo russo, que baseavam seus estudos linguísticos/literários exclusivamente nos aspectos formais da língua e da estrutura textual, deixando de lado seus aspectos sócio-histórico-culturais e humanos; na outra, era compreendida como uma continuação aprimorada do estruturalismo e do formalismo russo (essa compreensão parte principalmente dos estudos franceses e foi fortemente influenciada pelos estudos de Julia Kristeva, mas já não encontra suporte nos estudos contemporâneos) (SÉRIOT, 2015).

Com a publicação póstuma do livro *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2017 [1920/1924]), e principalmente após passada a perplexidade inicial que a obra causou por sua aparente desconexão com as demais obras do autor (FARACO, 2017), foi possível perceber que essa contraposição era também consequência de um projeto maior, de uma proposta primeira, de ordem filosófica, de construção de uma filosofia moral: filosofia do ato responsável (AMORIM, 2004; 2013; SOBRAL, 2014; FARACO, 2017). Nessa filosofia estariam contidos, como momentos especiais, todas as demais filosofias da cultura, inclusive a da linguagem.

A filosofia da literatura e a filosofia da linguagem são inseparáveis. Além de serem ligadas entre elas, a filosofia da linguagem e a filosofia da literatura de Bakhtin se apoiam sobre o terreno comum da filosofia moral. Os interesses originários de Bakhtin são pela filosofia moral, acima de tudo pelo problema da responsabilidade. (PONZIO, 2016, p. 233).

Embora essa proposição de uma filosofia moral escape aos nossos propósitos, e possa parecer um projeto estranho ao pensamento pós-moderno Ocidental (mas que é característico da tradição filosófica russa) (AMORIM, 2013), *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2017 [1920/1924]) é indispensável para compreendermos o pensamento bakhtiniano e traz implicações profundas para a postura do pesquisador em relação ao seu fazer científico (como também ao filósofo e ao autor literário), posto que, como assinala Amorim (2013), a questão principal da obra é a dimensão ética do pensamento teórico e criativo enquanto ato. Sobre a importância da obra, afirma Faraco (2017, p. 148) no posfácio incluído na tradução brasileira de PFA (realizada por ele em conjunto com Miotello):

PFA contém (em germen, é verdade, considerando seu caráter de rascunho fragmentário) as coordenadas que sustentarão boa parte do edifício posterior: a eventicidade (o irrepetível), o sempre inconcluso (o que está por ser

alcançado), o antirracionalismo (o antissistêmico), o agir (interagir) e, acima de tudo (segundo meu ponto de vista), o axiológico (o vínculo valorativo), que, em PFA, é designado principalmente pela expressão ‘tom emotivo-volitivo’.

Essas “coordenadas” que sustentam a teoria dialógica do Círculo estão esmiuçadas no capítulo 4 desta tese; para este capítulo, propomo-nos perseguir os pressupostos teóricos que implicam metodologicamente a pesquisa. Para essa finalidade, outros três textos-enunciados são fundamentais, pois reúnem vários dos conceitos desenvolvidos nas obras de Bakhtin relacionando-os “[...] não em termos de técnicas de estudo, mas de fundamentos filosóficos” “[...] da tarefa das Ciências Humanas [...]” (SOBRAL, 2013, p. 181). São eles: *Por uma metodologia das ciências humanas* (BAKHTIN, 2017 [1930/1940]); *Fragmentos dos anos 1970-1971* (BAKHTIN, 2003 [1970/1971]); *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* (BAKHTIN, 2016 [1959/1961]). Esses textos-enunciados constituirão neste capítulo as principais referências do Círculo, contudo, como que duas extremidades de um caminho – seu ponto de partida e seu ponto final (não pelo fim do caminho, mas pelo fim da caminhada) – composto, ainda, pelos demais escritos do autor e dos outros membros do Círculo que ajudam a compreender essas proposições metodológicas, bem como a compreensão ativamente responsiva dos pesquisadores contemporâneos que neles se apoiam.

É esse imbricamento das diferentes obras de Bakhtin e do Círculo, das diferentes épocas de sua produção e compreensão e das distintas áreas de estudo que compõem a teoria dialógica da linguagem que nos permite ampliar as reflexões por eles desenvolvidas. Retomando a analogia feita acima, é como se continuássemos o caminho trilhado por Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, caminho que se constrói enquanto avançamos, posto que não há um destino final a ser alcançado que possa dar por finda a empreitada. Para o Círculo, não há, nem pode haver, o sentido derradeiro que unificará todas as teorias como uma episteme verdadeira/única/definitiva. “[...] a *fusão* de todas as correntes em uma única seria mortal para a ciência (se a ciência fosse mortal)” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 28, grifos do autor) pois são os diferentes interesses, os diferentes olhares, os diferentes sujeitos que fazem a ciência mudar, adaptar-se e, por vezes, progredir.

Nessa perspectiva, não pode haver uma verdade absoluta e necessária, a verdade-*istina*, que decorre dos atos de abstração teórica e que se baseia na constância e repetibilidade do conteúdo. Na teoria bakhtiniana, a verdade deve ser entendida como singular e contingente, a verdade-*pravda*, pois é produzida discursivamente por um sujeito singular numa relação que é desde seu princípio valorada, portanto, não neutra. Não se trata, contudo, de inscrever Bakhtin nas teorias pós-modernas que se caracterizam pela negação de qualquer verdade em nome de

uma discursividade que tudo produz. Bakhtin não nega que haja verdades naturais e incontestáveis ou que se deva abandonar a reflexão sobre o mundo concreto; ao contrário, ele assume que o que o discurso modifica não é a realidade concreta das coisas, mas o seu sentido, sua compreensão. Nos termos do autor, “cumpre salientar que não se trata de uma redução pura e direta de tudo a um denominador comum: a coisa continua coisa, a palavra, palavra, elas preservam sua essência e apenas se completam com o sentido” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 71).

Desse modo, a crítica que tece à verdade-*istina* não está relacionada ao fato de produzir generalidades, mas ao seu modo de produção científica que no processo de generalização apaga as singularidades, se distancia do mundo da vida, do acontecimento concreto que estuda e do sujeito que produz conhecimento como se estes não fossem uma realidade a ser considerada.

Em resumo, isso significa dizer que, na perspectiva bakhtiniana, a verdade não é uma categoria universal, ou seja, ela emerge em um processo de produção do conhecimento no qual o ato de conhecer encontra seu objeto de estudo já atravessado por valores, ou seja, aquilo que se apresenta para ser conhecido não é uma coisa vazia, mas algo inscrito em uma realidade complexa, diferencialmente valorada. (OLIVEIRA, 2013, p. 208).

Uma verdade dessa natureza, uma verdade-*pravda*, implica que existam tantas verdades quanto sejam os atos que procuram conhecer, “[...] há tantos mundos diferentes do evento quantos são os centros individuais de responsabilidade, os sujeitos participantes singulares – uma infinita multidão [...]” (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 103), o que não torna o fazer científico menos importante ou mais impotente, embora o torne mais humano. Ou seja, a ciência deixa de estar revestida pela sua aura de verdade exterior às relações humanas e passa a estar situada junto aos produtos ideológicos produzidos pelo ser humano, de tal forma que a ciência não é mais uma revelação da realidade, mas um olhar humano sobre a realidade e, como tal, é avaliativo e contingente.

As generalizações, as abstrações, os ideais teóricos do fazer científico não se tornam obsoletos, ao contrário, a verdade-*istina* continua exercendo seu papel dentro do campo, no entanto, ela deixa de responder a si mesma, de ser um fim em si e passa a integrar a verdade-*pravda*, passa a pertencer e a significar no mundo da vida a partir do reconhecimento do sujeito cognoscente que contempla o objeto cognoscível (seja ele objeto, sujeito ou situação) do seu próprio ponto de vista, com as suas intenções, “a presença dessa posição ativa muda a sua situação e, por conseguinte, os resultados do experimento” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 27). Por esse motivo, alargar os caminhos, continuá-los, não significa continuar a caminhada de Bakhtin ou do Círculo. Enquanto ato responsável, a jornada só pode ser feita pelo sujeito

singular e insubstituível. Assim, é da nossa posição única e singular no mundo que percorremos esse caminho e assumimos nossa responsabilidade, “assinamos nosso ato”, reconhecemos nosso “não-álibi no existir”.

Tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. A singularidade do existir presente é irrevogavelmente obrigatória [*nuditel'no obiazatel'na*]. Este fato do *meu não-álibi* no existir [*moë ne-alibi v bytii*], que está na base do dever concreto e singular do ato, não é algo que eu aprendo e do qual tenho conhecimento, mas algo que eu *reconheço e afirmo de um mundo singular e único*. (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 96, grifos do autor).

Disso decorre que, se percorremos esses caminhos na companhia de outros aos quais respondo ativamente (Bakhtin, Medviédev, Volóchinov, os autores contemporâneos que também estudam Bakhtin...), e se esse conjunto amplia os sentidos possíveis do pensamento bakhtiniano, nada disso serve de álibi aos sentidos por nós produzidos.

Todo o contexto infinito do conhecimento humano teórico possível – o da ciência – deve, para minha unicidade participante, tornar-se algo de responsabilmente *reconhecido*, o que não diminui nem deforma o que é verdade [*istina*] autônoma desse conhecimento, mas o completa até que se torne verdade [*pravda*] em sua validade compulsória. (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 108, grifo do autor).

Nesse ponto, reconheço que é preciso adentrar nas especificidades dos conceitos e nas suas implicações para as ciências humanas, visto que já acionamos muitas concepções profundas que merecem maior atenção para a produção de sentido. Mas, nesse caso, como diria Clarice, “perder-se também é caminho” (LISPECTOR, 1998, p. 182). Um último alerta, contudo, se faz necessário e, de certa forma, coaduna com o que expusemos até aqui: os pensamentos que serão reacentuados neste trabalho são uma leitura possível, feita, como já dito, do nosso lugar único e singular, e, por este motivo, o próprio termo “conceito” não deve ser interpretado na sua acepção moderna, como categoria lógica abstrata que contém em si uma única possibilidade de significação ou de sentido puro. Entendemos conceito como palavra, e, como tal, só pode ganhar vida na sua relação com o contexto de enunciação.

Nas seções que seguem, apresentaremos os pressupostos teórico-metodológicos que nos servirão tanto de embasamento teórico para apresentar um aparato teórico-metodológico, de base linguístico-filosófico, que evidencia o sujeito dialógico refratado e refletido nos enunciados para análises de discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem; quanto de “rotas interpretativas preliminares, sugestivas e provisórias” (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 66) para a pesquisa bibliográfica a ser empreendida.

Na seção 3.1, nos endereçamos às obras do Círculo de Bakhtin, e na leitura de seus interlocutores contemporâneos, para retomar as considerações sobre o fazer científico enquanto ato responsável e sobre o campo das ciências humanas, a definição do seu objeto e suas implicações na postura do pesquisador. Na seção 3.2, procuramos caracterizar a LA como um campo de pesquisa transdisciplinar, cujo objeto de pesquisa e objetivo de investigação nos permitem aproximar teórica e metodologicamente das proposições do Círculo. Na seção 3.3, evidenciamos como as orientações metodológicas resultantes da aproximação da teoria do Círculo, da ADD e da LA influenciam o percurso de análise bibliográfica a que este trabalho se propõe.

3.1 O CÍRCULO DE BAKHTIN E A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS

É um triste equívoco, herança do racionalismo, imaginar que a verdade [*pravda*] só pode ser a verdade universal [*istina*] feita de momentos gerais, e que, por consequência, a verdade [*pravda*] de uma situação consiste exatamente no que esta tem de reprodutível e constante, acreditando, além disso, que o que é universal e idêntico (logicamente idêntico) é verdadeiro por princípio, enquanto a verdade individual é artística e irresponsável, isto é, isola uma dada individualidade.

(BAKHTIN, 2017 [1920/1924]).

O que aproxima as diferentes áreas das Ciências Humanas é o seu objeto conforme o define Bakhtin (2017 [1930/1940], p. 59, grifos do autor): “o objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*”. Isso implica que toda a pesquisa em Ciências Humanas, independentemente da sua área e dos seus objetivos específicos, tem como finalidade a compreensão do ser humano enquanto sujeito social e não o ser humano biológico e natural. Mas não um sujeito social inserido em uma massa amorfa entre todos os outros sujeitos sociais que se relacionam pela sua identidade e, portanto, perdem seu valor unitário, e sim de sujeitos singulares que são socialmente organizados e constituídos pela interação social realizada nos discursos, inseridos em um determinado tempo-espço concreto, atravessados por projeções ideológico-valorativas da posição que ocupam. Como afirma Ponzio (2016, p. 257, grifos do autor),

[...] é o ser humano individual na sua unicidade, insubstituíbilidade, precariedade, mortalidade, em relação ao qual concretamente existem o “real peso do tempo” (ib., p. 66), o valor do espaço, as fronteiras, as possibilidades

e os limites insuperáveis, enquanto tudo que é tomado independente dele se “desconcretiza e desrealiza.” (ib., p. 68).

A pesquisa em Ciências Humanas é, portanto, uma relação entre sujeitos e não entre um sujeito e um objeto mudo; em termos bakhtinianos, é dialógica pois se instaura como relação discursiva exigindo de seus participantes mais que a presença objetiva, mas uma compreensão ativamente responsiva. “Aqui o cognoscente não faz a pergunta a si mesmo nem a um terceiro em presença da coisa morta, mas ao próprio cognoscível” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 58). Nessa perspectiva, as concepções do sujeito a respeito de si e dos outros são essenciais para a construção do conhecimento que se torna, portanto, co-construção, “[...] ato bilateral de conhecer a penetração” (p. 58). Não significa, porém, que um assuma a posição do outro, que se fundam até o completo apagamento do outro. Ao contrário, a “[...] manutenção da distância (do meu lugar) [...]” (p. 59) é essencial para a construção do conhecimento, pois “[...] assegura o excedente de conhecimento” (p. 59), permite ao pesquisador um conhecimento do outro – do sujeito cognoscível – não só daquilo que esse outro conhece/percebe sobre si e sobre os outros, mas também, daquilo que sobre si o sujeito cognoscível não pode saber do seu próprio lugar. E cada sujeito conhecido se torna uma parte conhecida da sociedade, pois são interconstituídos. A pesquisa em Ciências Humanas, nesse sentido, é “a expressão do indivíduo e a expressão dos grupos, dos povos, das épocas, da própria história, com seus horizontes e ambientes” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 59).

Outra característica da qual nos fala Bakhtin (2017 [1930/1940], p. 59) sobre o sujeito cognoscível é que “esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”. Porque o sujeito, se for considerado como tal, será sempre devir, sempre incompleto, bem como cada ato seu é singular e irrepetível (cf. seção 4.2). São essas características que escapam à ciência positivista, uma vez que esta se ocupa daquilo que é da ordem do repetível, do determinado, do finito numa visão metodológica de sistematização e revelação da verdade das coisas. No entanto, mesmo submetido à vontade do pesquisador e às suas escolhas temáticas e composicionais que podem ser percebidas tanto na metodologia da pesquisa – “as perguntas (enquetes) que mudam a consciência do interrogado” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 27) – quanto na escrita de seus resultados – “a metalinguagem não é apenas um código, sempre se refere dialogicamente à linguagem que descreve e analisa” (p. 27) – o sujeito cognoscível impõe sempre a sua posição, impede que se determine um resultado definitivo, a última palavra. Isso porque o sujeito continua a produzir sentidos, a instaurar relações para além do restrito espaço-tempo da pesquisa, e mesmo no âmbito desta, ao contatar com outros discursos, o discurso sobre o sujeito cognoscível continuará a reverberar.

O ser que se autorrevela não pode ser forçado nem tolhido. Ele é livre e por essa razão não oferece nenhuma garantia. Por isso o conhecimento aqui não nos pode dar nada nem garantir, por exemplo, a imortalidade como fato estabelecido com precisão e dotado de importância prática para a nossa vida. (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 59).

Essa relação dialógica entre sujeito cognoscente e sujeito cognoscível é possível apenas por meio dos discursos concretamente realizados nos enunciados, pois “o texto é a *realidade imediata* (realidade do pensamento e das vivências), a única fonte de onde podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento.” (BAKHTIN, 2016 [1959/1961], p. 71). Apenas o texto-enunciado, enquanto ato singular produzido por um “[...] sujeito (pessoa) nas relações entre sujeitos [...]” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 31) é capaz de apreender a “concretude (nome), integridade, responsividade, etc., inesgotabilidade, inconclusibilidade, abertura” (p. 31) dos sujeitos, mas também de apreender os reflexos da sociedade, da cultura, do povo. Está na integridade do texto-enunciado aqueles elementos repetíveis e universais da cultura, entre eles a língua enquanto sistema, como também os elementos únicos, criativos, novos:

Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema correspondem no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (a sua intenção em prol da qual ele foi criado. (BAKHTIN, 2016 [1959/1961], p. 74).

Embora os dois polos sejam essenciais para o enunciado, pois um discurso somente de elemento inéditos seria incompreensível, é no segundo polo que as Ciências Humanas devem concentrar seus esforços de interpretação, porque mesmo os elementos repetíveis da cultura só podem ser descobertos quando nos dedicamos a compreender os sentidos. Dizendo de outro modo, mesmo quem procura por elementos repetíveis, se procura por novos elementos e não aqueles já descobertos, terá que investigar os enunciados concretos e seus contextos de produção; porque os elementos repetíveis já conhecidos não podem revelar novos sentidos por si só, como estruturas independentes da situação de interação. “*A diretriz exclusiva na inteiração, na busca apenas do conhecido (do que já existiu) não permite descobrir o novo (isto é, o principal, a totalidade não repetível)*” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 37, grifos do autor).

Pelo exposto, o texto-enunciado deve ser sempre tomado para estudo na sua totalidade, que compreende não só o texto em si, mas o texto e suas relações dialógicas, o verbal e o

extraverbal, pois só como texto-enunciado é que o texto pode ser compreendido como ato humano que apresenta refrações ideológico-valorativas do próprio sujeito e da sociedade. Conforme afirma Amorim (2004, p. 188),

O ato humano enquanto texto não pode ser compreendido fora do seu contexto dialógico, do contexto em que figura a título de réplica e de posição de sentido. O objeto de estudo torna-se então sujeito, sujeito falante, autor, do mesmo modo que aquele que o estuda.

Em verdade, se melhor pudéssemos dizer, não é o caso de o objeto tornar-se sujeito, mas permanecer sujeito, “[...] e permanecendo sujeito, não pode se tornar mudo [...]” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 66), pois “as ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial)” (BAKHTIN, 2016 [1959/1961], p. 77, grifos do autor). Por essa razão, estudar o sujeito dialógico é ato que se realiza, como já afirmamos, apenas por meio de seus enunciados concretos, uma vez que “onde o homem é estudado fora do texto e independentemente deste já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia e fisiologia do homem, etc.)” (BAKHTIN, 2016 [1959/1961], p. 77, grifos do autor).

Poder-se-ia argumentar, no entanto, que o trabalho com textos-enunciados não é uma especificidade das Ciências Humanas, porquanto também as ciências exatas e da natureza trabalham com textos-enunciados, afinal o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2016 [1951/1953]) e não pode haver esfera da interação social que se realize sem eles. Nas palavras de Amorim (2004, p. 187), “não há objeto científico que não seja discursivo, isto é, mediatizado pelo texto”. Assim, em todas as áreas da esfera científica os pesquisadores se baseiam em textos-enunciados de autoridades da área, refutam outros, escrevem suas descobertas, deparam-se com já-ditos sobre seu objeto etc. O objeto é, portanto, “objeto já falado” e “objeto a ser falado” (AMORIM, 2004, p. 187). Contudo, nas Ciências Humanas o texto-enunciado não é só meio de pesquisa, é o próprio material, é a expressão materializada do seu objeto; “nas ciências humanas, o objeto é não somente falado e atravessado pelo texto, mas ele é *texto*. Texto a explicar e a interpretar, ele é *objeto falante*” (AMORIM, 2004, p. 187, grifos da autora). E aí está sua especificidade: “a investigação se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo” (BAKHTIN, 2016 [1959/1961], p. 87); não diálogo com os pares, mas, como já apontamos anteriormente, diálogo com o objeto, com o sujeito cognoscível.

Pelas razões acima apontadas é que, no campo das Ciências Humanas, o texto-enunciado deve ser compreendido “[...] no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte)” (BAKHTIN, 2017 [1959/1961], p. 71), pois o discurso do homem está materializado nos mais diversos signos que refletem e refratam a realidade de maneiras específicas e não intercambiáveis, embora traduzíveis de um signo a outro dentro dos limites da compreensão ativamente responsiva. Ainda, como estudar o homem é encontrar signos em toda parte, mesmo o corpo humano e sua ação física podem ser interpretados como textos-enunciados. No limite, como postula Marília Amorim (2004, p. 187-188, grifo da autora),

Tudo que significa é objeto das ciências humanas; mesmo as coisas e os objetos podem vir a sê-lo. [...] Para isso, basta revelar seu potencial de sentido, é preciso que se torne palavra, isto é, participe de um contexto virtual de sentido verbal. Em contrapartida, o fato de ter *o homem* como objeto não define as ciências humanas.

Como conclusão, a tarefa das Ciências Humanas é interpretar os sentidos de um texto-enunciado colocando-o em contato com outros textos-enunciados, outras esferas, outras épocas e espaços, com a finalidade de compreender o ser humano social, isto é, o sujeito em relação dialógica com outros sujeitos singulares.

Contudo, propor uma pesquisa dialógica, conforme nos alerta Amorim (2004, p. 189), não é renunciar à teoria e à conceptualização inerentes ao fazer científico, “tomar os textos somente naquilo que têm de específico e único reduziria as ciências humanas ao domínio da história. É preciso buscar leis gerais para sua constituição e seus aspectos gerais – suas formas e funções”. Significa unir aquilo que é da ordem do humano em geral àquilo que é da ordem do sujeito singular: o homem e seu enunciado, onde o que é possibilidade torna-se real. “Na tensão dos polos singularizante e universalizante está, segundo Bakhtin, o desafio e a riqueza das Ciências Humanas e somente uma postura relativista pode querer fugir a essa tensão” (AMORIM, 2003, p. 12). Nesse processo, a postura do pesquisador é essencial para a manutenção do equilíbrio entre esses polos, pois se o texto-enunciado enquanto discurso materializado do sujeito cognoscível é o dado primário que reúne esses dois polos, é, porém, no discurso do pesquisador que eles ganham sentido na esfera cognitiva. Ou seja, é no processo de compreensão do texto, daquilo que está dado, que o pesquisador percebe o novo, aquilo que está sendo criado da sua posição única de observador que altera/amplia os sentidos que estavam no objeto de estudo criando uma interpretação completamente única e irrepetível.

Esse processo de compreensão criativa pode ser encontrado em Bakhtin sob diversas nomenclaturas como, por exemplo, compreensão ativo-responsiva (BAKHTIN, 2017 [1930/1940]), compreensão responsiva (BAKHTIN, 2016 [1959/1961]; 2016 [1951/1953]), atitude avaliativa (BAKHTIN, 2017 [1920/1924]), e abarca diferentes atos com autonomia semântica, mas que só se efetivam no conjunto:

- 1) A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial).
- 2) Sua *inteiração* (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu *significado* reprodutível (geral) na língua.
- 3) A compreensão de seu *significado* em dado *contexto* (mais próximo e mais-distante).
- 4) A compreensão ativo-dialógica (discussão concordância). A inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e universalidade. (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 63).

Enquanto ato concreto, esses momentos da compreensão são indissolúveis e estão presentes em toda interação discursiva, da mais cotidiana conversa entre vizinhos até a leitura de um tratado científico ou de um romance. Contudo, para o pesquisador, esses atos servem de subsídio, de caminho metodológico, conforme propõe Geraldi (2012). Por esse motivo, passamos a detalhar cada momento de compreensão proposto por Bakhtin (2017 [1930/1940]) sob a perspectiva dos momentos da atividade de pesquisa.

O ato de número 1 – a percepção psicofisiológica do signo físico – corresponde à constatação de que um determinado material é realmente um signo, isto é, de que se está frente a um produto da atividade humana ideologicamente valorado. É o momento em que, ao nos depararmos com uma pedra, por exemplo, diferenciamos nela, por seu aspecto físico, pelas marcas de intencionalidade, pelas regularidades e simetrias, hieróglifos de ranhuras naturais.

O ato de número 2 – sua *inteiração* (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu *significado* reprodutível (geral) na língua – é aquele em que se determina a capacidade ou não do pesquisador em decodificar esse signo, se ele compreende seu significado imanente. No exemplo dos hieróglifos, as primeiras pesquisas tiveram que se dedicar a esse momento da compreensão, visto que o significado imanente era desconhecido. Mas, se tomarmos como exemplo um texto-enunciado escrito³³ em uma língua de domínio do pesquisador, esse momento só será necessário para algumas palavras ou expressões desconhecidas, ou, como

³³ Utilizamos aqui o texto-enunciado escrito por conta dos propósitos gerais deste estudo, mas poderíamos tomar de exemplo outros objetos da cultura que funcionam como enunciado. Por exemplo, um estudo que tratasse da simbologia do cálice na história. O primeiro momento seria reconhecer o cálice como um signo; o segundo seria seu significado imanente na atualidade: objeto que se utiliza para beber líquidos; o terceiro seria buscar suas significações em outras épocas e em outras esferas; e o quarto seria a valoração do pesquisador em relação aos significados encontrados, seria então a proposição de sentidos mais gerais e abrangentes do cálice na sua relação com o humano.

momento em que o pesquisador se endereça à sistematização da língua para aprofundar sua análise discursiva, compreendendo as escolhas linguísticas como resultado do todo arquitetônico do enunciado e das suas relações extraverbais.

O ato de número 3 – A compreensão de seu *significado* em dado *contexto* (mais próximo e mais-distante) – é aquele em que se procura compreender a significação do enunciado no seu contexto de interação (verbal e extraverbal) e sua relação com outros contextos e textos-enunciados. Aqui é o momento em que se considera aquilo que o sujeito tem a dizer de si e dos outros, bem como que relações seus enunciados têm com outros enunciados, ditos antes ou depois dele.

Por fim, o ato de número 4 – A compreensão ativo-dialógica (discussão concordância). A inserção no contexto dialógico – é aquele no qual o pesquisador responde ativa e criativamente aos enunciados e suas relações, elaborando seu próprio discurso a partir da compreensão do discurso alheio. De acordo com Geraldi (2012, p. 33), é a “[...] não submissão à palavra do outro, de que se toma distância para dar espaço às contrapalavras necessárias à compreensão e à análise”. A interpretação ou compreensão ativo-responsiva é, portanto, esse movimento de colocar o texto-enunciado em contato com outros textos-enunciados e com outros contextos e avaliá-lo segundo o ponto de vista do pesquisador, considerando para esse processo os elementos materiais da forma composicional, da estrutura sígnica e, para além delas, das relações ideológico-valorativas com o objeto, com os interlocutores e com todo o contexto:

A interpretação como correlacionamento com outros textos e reapreciação em um novo contexto (no meu, no atual, no futuro). [...]

Etapas do movimento dialógico da *interpretação*: o ponto de partida – um dado texto, o movimento retrospectivo – contextos do passado, movimento prospectivo – antecipação (e início) do futuro contexto. (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 67, grifo do autor).

Não se trata, portanto, de uma comparação superficial entre textos, não é mera oposição de discursos para uma tomada de posição. É uma interpretação responsiva, que colocando o texto-enunciado em diálogo com outros textos-enunciados e contextos, percebendo suas tensões, trabalhando a sua opacidade, leva o pesquisador a respondê-lo valorativamente. Segundo Geraldi (2012, p. 33), “interpretar é construir um sentido para um discurso, para um texto, e a validade desta interpretação se mede por sua profundidade e pela consistência e coerência de seus argumentos”. Desse modo, as conclusões a que chegam os estudos em Ciências Humanas são “a complexa inter-relação do *texto* (objeto de estudo e reflexão) e do

contexto emoldurador a ser criado (que interroga, faz objeções, etc.), no qual se realiza o pensamento cognoscente e valorativo do cientista” (BAKHTIN, 2016 [1959/1961], p. 76, grifos do autor).

Esse “contexto emoldurador” é formado pela posição singular do pesquisador que cria um contexto de interação discursiva a partir de suas escolhas teórico-metodológicas de abordagem do objeto, são as delimitações necessárias que ele traça para inscrever seu estudo em determinado campo de produção de conhecimento. Como nos lembra Bakhtin (2017 [1930/1940], p. 79, grifo do autor),

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos *do passado*, isto é, nascido no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo.

Assim, os limites das correlações a serem agenciadas dependerão dos propósitos e dos limites de tempo e amplitude de cada estudo. De acordo com Amorim (2004, p. 19), “é portanto a espessura discursiva que se coloca aqui como horizonte e como limite da análise do texto da pesquisa, pois a construção de sentido de todo discurso é, por definição, inacabável”. Mas esses limites são já as posições valorativas do pesquisador atravessadas pela avaliação social da sua esfera em determinado tempo-espaco, o que reforça a ideia de que o conhecimento científico não é neutro e de que os discursos que ele produz não são transparentes. Todo ato humano exige uma postura avaliativa em relação ao mundo, independentemente da esfera ideológica na qual o sujeito age.

Podemos concluir, então, que os estudos em Ciências Humanas, entendidos como interação dialógica entre sujeito cognoscente e sujeito cognoscível por meio de enunciados concretos, é uma relação que semiotiza o ato (OLIVEIRA, 2013), ou seja, é por meio dos discursos (que estuda e que produz) que as Ciências Humanas refletem e refratam sobre o mundo da vida e sobre os atos concretos dos sujeitos, reconhecendo que o discurso científico não é transparente, livre de conflitos, neutro e, tão pouco, única possibilidade de verdade. Seus estudos são refrações das refrações, pois se debruçam em produzir sentido a respeito dos sentidos já produzidos.

[...] pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos. Nisto reside a diferença essencial entre as nossas disciplinas (humanas) e naturais (sobre a natureza), embora aqui não haja

fronteiras absolutas, impenetráveis³⁴. (BAKHTIN, 2016 [1959/1961], p. 71-72).

Essa relação entre os sujeitos da pesquisa materializa-se em um novo texto-enunciado, ou seja, a análise de um discurso é sempre a produção de um novo discurso em relação dialógica com os discursos e contextos acionados no processo de compreensão. Contudo, esse novo texto-enunciado deve ser coerente com o percurso de compreensão, isto é, deve saber refletir e refratar não só as universalidades com as quais se deparou, mas, também, as singularidades do ato que as possibilitaram. As singularidades de cada ato não podem ser enquadradas em conceitos fixos e determinísticos, aplicáveis a qualquer objeto; mas podem ser descritas pelo discurso verbal do pesquisador. A singularidade do ato só pode ser apreendida por um discurso, mais especificamente, pela palavra-discurso:

Tenho para mim que a linguagem seja muito mais adaptada para exprimir exatamente esta verdade do que para revelar o aspecto lógico abstrato na sua pureza. [...]

A expressão do ato a partir do interior e a expressão do existir-evento único no qual se dá o ato exigem a inteira plenitude da palavra: isto é, tanto seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra-conceito), quanto o emotivo-volitivo (a entonação da palavra), na sua unidade (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 83-84).

Desse modo, o resultado da pesquisa será sempre um sentido provisório de uma interpretação irrepitível (visto que é ato responsável), o que não impede, porém, que o conhecimento construído exceda a análise. “A interpretação construída não se generaliza: permanece particular. Mas os conceitos elaborados na caminhada é que se tornam cognitivamente produtivos e podem ser replicados na construção de interpretações de outros discursos/textos” (GERALDI, 2012, p. 34). Replicar esses conceitos, porém, é atividade que deve ser feita com atenção, porque sua relação com o discurso concreto que o cunhou deve sempre estar presente, do contrário se torna categoria abstrata e perde a sua complexidade. É justamente a complexidade dos conceitos cunhados a partir da análise de enunciados reais que permitem ao pesquisador aprofundar-se na complexidade do humano. Ao tornar-se conceito abstrato, aplicado como categoria *a priori* de análise, o outro deixa de ser singular e passa a ser

³⁴ Essas fronteiras têm se mostrado cada vez mais fluídas, como já anunciava Bakhtin nas décadas de 1930 e 1940. A pós-modernidade revelou que mesmo as ciências exatas e naturais são suscetíveis de interpretações. Veja, por exemplo, a Teoria da Relatividade de Einstein e seu impacto em todas as “verdades incontestáveis” da realidade física. Conforme Santos (2018, p. 65), “os avanços recentes da física e da biologia põem em causa a distinção entre o orgânico e o inorgânico, entre seres vivos e matéria inerte e mesmo entre o humano e o não humano”. Assim, não há dúvidas de que, cada vez mais, os campos científicos apresentarão características e práticas comuns.

outro como todos os outros. De tal modo que toda a metodologia na área de Ciências Humanas deve ser adaptável à realidade do objeto de estudo e não o contrário. Do que conclui Brait (2014, p. 14), “não há categorias *a priori*, aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto”.

Por todo o exposto, e segundo nossa compreensão de Bakhtin (2017 [1920/1924]), concluímos que a pesquisa em Ciências Humanas deve ser encarada pelo pesquisador como um ato responsável que realiza a ligação entre o campo da cultura e o campo da vida; é por meio do discurso do pesquisador que o mundo da vida, irrepetível e singular ganha o grande tempo e participa da história da humanidade.

A teoria e a estética só se tornam éticas quando viram ato: quando alguém singular, numa posição singular e concreta, assume a obra ou o pensamento em questão. Assumir um pensamento, assiná-lo, ser responsável por ele em face dos outros num contexto real e concreto, tornar um pensamento um ato, eis o que torna possível um pensamento ético ou, como diz Bakhtin, um pensamento não-indiferente. (AMORIM, 2003, p. 16).

Esse ato deve considerar que seu objeto é um sujeito e manter as características deste que é um outro, mas não é outro de mim. A este outro singular não posso ser indiferente, ele me interessa para além de sua função técnica-utilitarista, o que exige de mim compenetração, simpatia e, ao mesmo tempo, manutenção da distância que me permite vê-lo. Minha relação com ele deve estabelecer esse distanciamento exotópico, mas também os textos-enunciados que resultarem dessa relação devem transparecer essas posições distintas que ocupamos. É da manutenção dessas duas vozes no discurso do pesquisador que Bakhtin (2017 [1970/1971], p. 35) argumenta que “não se pode entender a interpretação como empatia e colocação de si mesmo no lugar do outro (a perda do próprio lugar)”, ou seja, o apagamento da voz do pesquisador; e, tampouco, “[...] se pode entender a interpretação como passagem da linguagem do outro para a minha linguagem” (p. 35), isto é, apagamento da voz do pesquisado.

O desafio do pesquisador é, portanto, na interação dialógica com o sujeito cognoscível, por meio dos discursos, interpretar a partir de “[...] um ponto de vista exterior, e ao mesmo tempo participante, que seja, porém, livre de inclinações teoreticistas [...]” (PONZIO, 2016, p. 252), o que implica renunciar toda forma de fusão com o sujeito cognoscível, mas ainda assim buscar compreender seu ponto de vista e contextualizá-lo. As interpretações produzidas pelo sujeito cognoscente não podem fazer calar a voz do sujeito cognoscível, impondo seu ponto de vista. Igualmente, não pode ser apenas a dublagem da palavra alheia, precisa ser uma compreensão criativa, renovadora dos sentidos. Essa tarefa deve ser entendida como uma nova

tarefa a cada ato de pesquisa, é sempre um novo ato responsável, em um novo contexto com o qual se confronta. Nesse sentido, a pesquisa está contida no âmbito da vida, pois quando ela permanece no âmbito científico, ela corre o risco de não se atualizar, mantendo os mesmos pressupostos e métodos indiscriminadamente para todas as situações. “Quando o contexto muda, os termos em que formulamos nosso pensamento mudam de sentido. Seus valores e suas implicações éticas mudam” (AMORIM, 2003, p. 23).

Considerando as peculiaridades do objeto e das relações de pesquisa que expusemos, os caminhos metodológicos propostos por Bakhtin, e ressignificados por seus contemporâneos, são vias de acesso e de aprofundamento dos sentidos; não são métodos a serem seguidos para encontrar a exatidão, o sentido final e definitivo. Como o próprio autor propõe, “aqui [nas Ciências Humanas] o critério não é a exatidão do conhecimento, mas a profundidade da penetração. Neste caso, o conhecimento está voltado para o individual. É o campo das descobertas, das revelações, das inteirações, das comunicações” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 58).

Até este ponto, expusemos teoricamente os pressupostos relevantes às pesquisas em Ciências Humanas e, mais especificamente, àquelas inseridas na ADD. Para evidenciar de que forma esta pesquisa se ancora nesses pressupostos, apresentamos o quadro abaixo que, não só resume as especificidades que apontamos acima, como também esclarece as orientações metodológicas seguidas por esta tese:

Quadro 2 - As especificidades das Ciências Humanas e suas implicações para a tese

ANCORAGENS	ESPECIFICIDADES DAS CIÊNCIAS HUMANAS	IMPLICAÇÕES PARA A TESE
Objeto	- “Ser <i>expressivo e falante</i> ”; - “Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 59).	Vozes dos representantes do Círculo em seus escritos.
Material de pesquisa	“O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única da qual podem provir essas disciplinas e esse pensamento” (BAKHTIN, 2016 [1959/1961], p. 71).	As obras do Círculo de Bakhtin compreendidas enquanto textos-enunciados.
Relação entre pesquisador e objeto	Relação dialógica, interessada, exotópica e sem pretensão de neutralidade.	O mergulho axiológico nos discursos dos autores do Círculo se faz na pretensão de compreender suas proposições sobre a relação inter-constitutiva entre discurso e sujeito;

		mas tal mergulho é sucedido por um retorno à superfície para a nossa proposição de um aparato teórico-metodológico, de base linguístico-filosófico, que evidencie o sujeito dialógico refratado e refletido nos enunciados para análises de discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem.
Critério de análise	<p>- “O critério não é a exatidão do conhecimento, mas a profundidade da penetração” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 58).</p> <p>- Os limites dos textos e contextos a serem correlacionados irá depender dos propósitos e dos limites de tempo e amplitude de cada estudo</p>	O aprofundamento se dará por meio da leitura e interpretação de vários discursos desses autores, em diferentes espaços tempos e a ampliação contextual considerará, principalmente, a reverberação de sentidos que seus escritos têm provocado nos últimos 20 anos nos estudos da ADD.
Metodologia	A compreensão ativa e seus momentos: “1) A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial). 2) Seu reconhecimento (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu significado reproduzível (geral) na língua. 3) A compreensão de seu significado em dado contexto (mais próximo e mais-distante). 4) A compreensão ativo-dialógica (discussão concordância). A inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e universalidade” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 63).	Este trabalho é balizado pela confluência dos quatro momentos em 4 etapas: a) Entender as especificidades das pesquisas em Ciências Humanas, sob o olhar do Círculo de Bakhtin e da Análise Dialógica de/do(s) Discurso(s), no que tange seus objetos e objetivos de estudo e suas fronteiras; b) analisar as relações entre as orientações teórico-metodológicas da Linguística Aplicada e as proposições do Círculo e da ADD; c) traçar um percurso de análise bibliográfica nas referências dos escritos do Círculo para compreender os conceitos que colaboram para/constituem o conceito de sujeito; d) analisar como as questões supracitadas se correlacionam para constituir uma cunhagem conceitual que se engendre na inter-relação sujeito-discurso no escopo da teoria e ao objetivo geral.
Resultados da pesquisa	“A interpretação construída não se generaliza: permanece particular. Mas os conceitos elaborados na caminhada é que se tornam cognitivamente produtivos e	A interpretação das obras se constituíra em ato singular e irrepetível em diálogo com outros tantos atos da mesma natureza. Mas seu objetivo geral servirá para a

	<p>podem ser replicados na construção de interpretações de outros discursos/textos” (GERALDI, 2012, p. 34).</p> <p>- “Na tensão dos polos singularizante e universalizante está, segundo Bakhtin, o desafio e a riqueza das Ciências Humanas e somente uma postura relativista pode querer fugir a essa tensão” (AMORIM, 2003, p. 12).</p>	<p>construção de novas interpretações, visto que proporemos aparato teórico-metodológico, de base linguístico-filosófico, que evidencie o sujeito dialógico refratado e refletido nos enunciados para análises de discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem.</p>
--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Em conclusão, nos parece importante ressaltar que para desenvolver uma pesquisa em Ciências Humanas balizada nos aspectos que destacamos nesta seção, não é necessário que o pesquisador possua habilidades místicas que lhe permitam a revelação de sentidos ocultos. O que se impõem, no entanto, é que ele, reconhecendo as limitações do fazer científico em relação às possibilidades de sentido da vida, assine seu ato e se permita dialogar com os sujeitos por meio dos discursos e, nesse processo, contribua para a compreensão e a transformação do mundo da vida.

Na seção que segue, apresentamos como esses aspectos do macro-campo das Ciências Humanas, do modo como proposto pelo Círculo e por seus interlocutores contemporâneos, se relacionam com as características específicas da área de Linguística Aplicada e, mais especificamente, à perspectiva dos estudos dialógicos a qual este trabalho se filia. E, ainda, como essas orientações teórico-metodológicas vinculam nossa tese

3.2 LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DIALÓGICOS DA LINGUAGEM: IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS

A ciência pensa a vida e, como tal, pensar sobre a vida não elimina pensar em vida. É um engodo criar um espaço estratosférico para a vida da ciência, pois sem o oxigênio vital que nos cerca podemos parar de respirar e de nos alimentar da vida (aliás, não é este o objeto maior da ciência?). Pensar sobre indica distanciamento; pensar em indica o mergulho. No entanto, ambas as posições comungam no pensar: não há como excluir ramos de uma mesma teia.

(RAJAGOPALAN, 2003).

Pensamento sobre o mundo e pensamento no mundo. O pensamento que procura abarcar o

mundo, e o pensamento que sente a si mesmo no mundo (como parte deste).

(BAKHTIN, 2017 [1930/1940])

Conforme evidenciamos na introdução deste capítulo, no final do Século XIX e início do Século XX, muitas disciplinas humanísticas buscaram seu espaço entre as “verdadeiras” ciências. Também a Linguística buscou seu “lugar ao sol” e conquistou seu reconhecimento enquanto modelo de Ciência Humana por meio dos postulados dicotômicos propostos por Saussure, ou, conforme ressalva Geraldi (2015, p. 52), “numa leitura de Saussure”³⁵. As dicotomias propostas pelo linguista foram: língua x fala, sintagma x paradigma, sincronia x diacronia e significante x significado. Embora todas elas tenham contribuído para a caracterização da Linguística enquanto ciência, foi a divisão da linguagem entre língua e fala e os estudos entre sincrônicos e diacrônicos que mais influenciaram nesse processo. Ao estabelecer uma compreensão de que língua e fala são opostas posto que a fala é histórica, mutável, idiossincrática, criativa, heterogênea e assistemática a língua é imanente, permanente, social, arbitrária, homogênea e sistemática, ele concluiu que a fala não poderia ser estudada como um objeto científico, assumindo como objeto da Linguística a língua. Além disso, separou o estudo da linguagem em dois eixos temporais: o sincrônico, que estuda as relações do sistema da língua num determinado corte temporal, ou seja, seu estado; e o diacrônico que investiga as mudanças do sistema da língua num movimento de mudança, ou seja, sua história. Considerando que história e ciência são ramos distintos, Saussure elege o eixo sincrônico como a base dos estudos linguísticos (SAUSSURE, 2000 [1916]). Com essas definições, ele delimita objetivamente seu objeto de estudo, permitindo a proposição de métodos replicáveis de investigação que se coadunavam com a ideia de fazer científico de seu tempo.

No entanto, como aconteceu com outras ciências, com a crise vivenciada pelo paradigma moderno de ciência, muitos questionamentos abalaram os axiomas da Linguística. Questões como aos interesses de quem uma visão homogeneizada de língua atende, quais as causas das dificuldades em lidar com os enunciados concretos dentro das teorias formais de língua, acarretaram o surgimento de ramos da Linguística que ampliaram tanto os horizontes do objeto de estudo e dos métodos desta ciência, quanto as fronteiras de seu domínio. Do

³⁵ Essa ressalva se refere ao fato de que o famoso trabalho de Saussure (considerado fundador da Linguística como ciência moderna), *Curso Geral de Linguística* (1916) é fruto dos apontamentos feitos por seus alunos durante as aulas e, portanto, configuram-se como uma interpretação das ideias do professor Saussure e não uma proposta teórica efetivamente escrita por ele. Seus arquivos recentemente descobertos indicam, inclusive, divergências com alguns dos postulados da obra.

diálogo com a psicologia, a sociologia, a filosofia, a antropologia construíram-se campos como a Análise do Discurso; a Sociolinguística; a Psicolinguística; a Linguística Aplicada etc.

A disciplina de Linguística Aplicada é um ramo da Linguística que tem se empenhado em realizar as mudanças necessárias para “[...] *criar inteligibilidades sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central* [...]” (MOITA LOPES, 2006, p. 14, grifos do autor) respondendo ativamente às mudanças do paradigma científico moderno e contribuindo com a emergência de um novo paradigma preocupado em ampliar o escopo da Linguística que abarque o sujeito e suas singularidades, a sociedade e seus modos de funcionamento, tornando o campo mais afeito aos problemas da vida em sociedade, das questões educacionais, das políticas de poder que têm na linguagem um instrumento de coerção e/ou convencimento etc. Nas palavras de Moita Lopes (2013, p. 16-17):

Se tradicionalmente a pesquisa modernista apagou o sujeito social na produção de um conhecimento positivista, quantificável, experimental, generalizável e objetivista (ou seja, modernista), o qual somente com tal apagamento se tornava possível, a pesquisa em LA em seu desenvolvimento no Brasil o coloca como crucial em sua subjetividade ou intersubjetividade, tornando-o inseparável do conhecimento produzido sobre ele mesmo assim como das visões, valores e ideologias do próprio pesquisador. Em decorrência, questões de ética, poder e política se tornam inerentes à produção do conhecimento.

Esse posicionamento configurou a Linguística Aplicada como uma disciplina que não se abala em redefinir-se constantemente. Presenciamos, desde seu surgimento nos anos 1960/1970, um importante crescimento das pesquisas nessa área e de sua influência nas esferas acadêmicas, escolares e políticas, bem como, a ampliação do seu objeto de estudo de forma a abarcar todas as práticas de linguagem nas mais diversas situações de produção. A LA estabelece relações entre a linguagem e as discussões contemporâneas sobre neutralidade (linguística, científica, política) e ética, reflexões que envolvem os estudos culturais, *queer*, pós-modernos, pós-coloniais, pós-estruturalistas, antirracistas, feministas etc. caracterizando-se como um campo contra-hegemônico, seja em relação às línguas, às culturas, às epistemes, aos grupos sociais, aos modos de vida.

Não queremos (tampouco a LA se propõe a sê-lo), porém, caracterizar a LA como uma ciência messiânica destinada a salvar os excluídos e encontrar a palavra definitiva para todos os problemas do mundo. Sua proposta é encontrar uma forma de, “[...] movimentando o ângulo de observação do centro (i.e., dos países desenvolvidos e dos discursos e epistemes ocidentalistas neles produzidos) para as franjas do sistema globalizado [...]” (FABRÍCIO, 2006, p. 51), fazer emergir “[...] novas formas de percepção e de organização da experiência não

comprometidas com lógicas e sentidos históricos viciados” (p. 52). Com esse propósito, a pesquisa brasileira em LA caracteriza-se por (mas não exclusivamente): 1) uma perspectiva autorreflexiva; 2) uma compreensão de linguagem enquanto prática social situada; 3) negar a existência uma verdade científica única, definitiva e neutra; 4) uma perspectiva transdisciplinar; 5) imbricar teoria e prática 6) desenvolver-se em contextos marginais de pesquisa; 7) uma postura ética do pesquisador.

A perspectiva autorreflexiva é a característica que, a nosso ver, conecta todas as demais (e causa maior perplexidade aos cientistas modernos³⁶) pois ela implica um campo que está constantemente pondo em xeque todas as certezas, as verdades universais e incontestáveis, inclusive as suas próprias. É um campo, portanto, movediço, que “tem metas, mas tem, ao mesmo tempo, a clareza de que não pode predeterminar ou prescrever o próprio destino” (FABRÍCIO, 2006, p. 59), a não ser este de constante indagação de suas práticas.

É em decorrência dessa característica que ocorre a ampliação dos contextos de investigação para além do contexto estritamente linguístico-sistêmico, abarcando as mais diversas práticas de linguagem sempre consideradas na sua relação com os contextos de produção. Para a LA não pode haver separação entre língua e fala, entre estado imanente e história, entre individual e social, somente na relação entre a linguagem e a sua efetivação é que ela pode ser estudada. Fora dela, a língua se torna abstração e já não é objeto da LA.

Outrossim, por ser um campo movediço, não há como defender uma verdade incontestável. De tal modo que, para a LA, a verdade, ou melhor dizendo, as verdades são sentidos produzidos e validados em determinadas circunstâncias a partir de posicionamentos ideológicos e políticos. Nesse sentido, propor inteligibilidades para as práticas de linguagem situadas, reconhecendo a impossibilidade de soluções definitivas e a insuficiência das teorias linguísticas para abordá-las, só pode ser pensado em um campo transdisciplinar, ou seja, num campo em que a centralidade na compreensão do objeto de estudo desconheça os limites impostos pela ciência moderna, seja aqueles entre as disciplinas, seja aqueles que separam teoria e prática. Produzir conhecimento comprometido com o mundo da vida é, necessariamente, reunir a teoria à prática.

³⁶ De acordo com Moita Lopes (2006, p. 17): “Sou da opinião de que vamos continuar a ser vistos “o outro” no vasto campo dos estudos linguísticos, e, na verdade, cada vez mais assim, devido à natureza do que fazemos e de como fazemos, uma vez uma das características da LA contemporânea é o envolvimento em uma reflexão contínua sobre si mesma: um campo que se repensa insistentemente (cf. Pennycook, 2001, p. 171). Tal característica pode ser bastante problemática para campos cristalizados, seguidores de visões de conhecimento como construção de verdade”.

Outra característica importante dos estudos da LA é a compreensão das práticas de linguagem como fruto de seus contextos de produção para além do que envolve o objeto de estudo. Isto é, o contexto de produção passa a ter uma implicação ampla para a pesquisa, incluindo, além do contexto em que as práticas sob análise ocorrem, o contexto em que são elaboradas as teorias e metodologias para compreender tais práticas. Isso porque se nossas identidades e relações são marcadas pela história que nos constitui, de um hemisfério Sul colonizado e subjugado, também a nossa compreensão dessas identidades e relações deveriam se dar a partir de teorias construídas nesta visão. Mas, ao contrário, e talvez como consequência dessa marca histórica, costumamos nos utilizar de teorias construídas na Europa e na América do Norte, conferindo às nossas pesquisas um olhar hegemônico. Na análise de Kleiman (2013, p. 43):

[...] um espaço-tempo que sofreu séculos de colonização, um lócus que marca os nossos corpos, as nossas palavras e, parece-me, deveria também marcar nossas epistemes. Esse lócus, porém, é também lócus de periferia cultural, econômica, epistemológica. E a periferia se define, muitas vezes, em relação a um centro de produção de conhecimentos, neste caso, os conhecimentos euro-eua-cêntricos.

Assim, a LA se constitui como uma ciência marginal, no sentido de que produz seu conhecimento fora dos centros hegemônicos do conhecimento deixando de considerar como válidos apenas os estudos realizados nas universidades consagradas, por áreas consideradas científicas e sobre temas e métodos por elas autorizados.

Por fim, a postura ética do pesquisador que, inserido na LA e consciente das características do campo, deve perguntar-se quais as implicações do seu fazer no mundo real, questão que contém outras questões: como meu fazer considera o outro na relação instaurada pela pesquisa? Quais as contribuições da pesquisa para esse outro e para a sociedade? Quais intensões políticas e ideológicas subjazem minhas escolhas teóricas e metodológicas? Como assevera Rajagopalan (2003, p. 45), “trata-se da responsabilidade do pesquisador para com a sociedade que lhe proporciona as condições necessárias de levar adiante suas pesquisas. [...] num sentido muito mais amplo do que uma questão de “dívida moral” em relação aos informantes [...]”.

É na consideração de todos esses aspectos que Kleiman (2013) propõe uma LA cujo processo investigativo esteja inserido no movimento político da sociedade. Segundo a autora, essa inserção pode se dar de três formas: a) pela produção e disseminação de conhecimento na relação com os grupos sociais, e suas agendas políticas, que participam da pesquisa; b) pela produção e disseminação de conhecimento entre pesquisadores das periferias econômicas e

epistêmicas, dando visibilidade para as teorias desenvolvidas na América Latina, África e países orientais, c) pelo movimento de fortalecimento da LA dentro das universidades como enfrentamento das barreiras erguidas pela ciência moderna, proposição de novos paradigmas e práticas de pesquisa. Esses movimentos de inserção aspiram a “uma construção social e epistêmica que incorpora os saberes, os modos de ser, os valores de nossos povos e que se posiciona criticamente em relação ao poder hegemônico, seja ele baseado em aspectos culturais, epistêmicos, econômicos, raciais, de gênero” (KLEIMAN, 2013, p. 45).

É imperativo ressaltar que nos inserimos na LA por compreender que as características que elencamos anteriormente a convocam “[...] a partilhar de uma determinada visão de Ciências Humanas que entende a produção de conhecimento como uma prática social, defendendo um conhecimento interessado, optando por um modo de fazer pesquisa questionador do papel da linguagem na vida social” (OLIVEIRA, 2016, p. 51). Ao nosso ver, essa perspectiva de pesquisa em Ciências Humanas é a mesma defendida pelo Círculo de Bakhtin e na qual comungam os estudos dialógicos de linguagem:

E uma semelhante transformação do conhecimento em reconhecimento não é, de modo algum, uma questão de sua utilização imediata como meio técnico para a satisfação de alguma necessidade prática da vida; reafirmamos que viver a partir de si não significa viver para si, mas significa ser, a partir de si, responsabilmente participante, afirmar o seu não-álibi real e compulsório no existir. (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 108).

Muitos são os pontos de convergência entre o que apontamos sobre a perspectiva teórico-metodológica de Bakhtin e do Círculo com o que acabamos de apresentar dos estudos contemporâneos em LA. É dessas afinidades entre o “ato de conhecer” pensado pelo Círculo e das proposições da LA para o estudo da linguagem, que Oliveira (2016) orienta para uma série de implicações metodológicas para as pesquisas em Ciências Humanas que permitirão aos estudos encarar as singularidades dos seus sujeitos de pesquisa, sem descuidar da universalidade inerente ao fazer científico. A seguir, fazemos um breve resumo das orientações propostas pela autora.

A primeira orientação diz respeito à escolha de um referencial teórico-metodológico adequado à análise das singularidades presentes no objeto de pesquisa. A adequação, por óbvio, não diz respeito às melhores técnicas ou às proposições mais verdadeiras; mas às convicções do pesquisador que, reconhecendo não haver neutralidade no processo de pesquisa, assume os pressupostos por meio dos quais aborda objeto de pesquisa nos limites de suas questões e objetivos de pesquisa.

A segunda trata sobre os dados que serão utilizados para análise. Esses dados não estão prontos, não são óbvios e não podem ser “coletados” no sentido que costuma ser atribuído ao termo nas pesquisas quantitativas. Esses dados são gerados a partir do processo de interação do pesquisador com os discursos dos sujeitos, isto é, os dados são construídos a partir dos enunciados enquanto atos concretos sócio-historicamente situados e inseridos no processo de interação verbal.

A terceira orientação refere-se à dimensão ética que o pesquisador deve assumir frente ao estudo pretendido. Essa dimensão tem implicações tanto no processo de interação entre o pesquisador e os sujeitos de sua pesquisa, preocupando-se em não emudecer ou tolher os sujeitos; quanto na escrita que interpreta esse processo de interação, que deve, ao mesmo tempo, manter viva a voz do sujeito de pesquisa e refletir a avaliação, a posição exotópica do pesquisador.

Definidos o objeto de estudo, a teoria de embasamento, a forma de geração de dados e a postura do pesquisador frente aos sujeitos de pesquisa, as últimas quatro orientações dizem respeito ao processo de análise em si, às características discursivas que nos permitem compreender ativamente os sentidos. A linguagem, como atividade humana constitutiva e constituinte da realidade social, reflete e refrata valores sociais e relações dialógicas, as quais o pesquisador deve procurar recuperar. Então, aí está a quarta orientação, a análise não deve apenas considerar aquilo que o sujeito disse explicitamente, mas também, e principalmente, aquilo que não tendo sido dito é possível perceber pelas relações dialógicas com os discursos já-ditos e pré-figurados.

A quinta concerne à complexidade espaço-temporal do objeto de estudo que nos impede de buscar seus sentidos apenas no tempo-espaço do aqui e agora, ou do contexto imediato do enunciado. É preciso buscar os ecos e ressonâncias que constituem os discursos e alteram/ampliam seus sentidos. Os procedimentos de análise do enunciado não podem querer apenas reproduzir o que foi dito na relação com seu próprio cronotopo, eles devem ampliar esses sentidos contatando novos discursos e novos cronotopos.

A sexta orientação tem relação direta com aquela da geração dos dados a partir de enunciados concretos. Ela recomenda que a análise dos dados não descuide do fato de que eles não são isolados, mas pertencem a uma unidade maior (o enunciado) e que sua compreensão é dependente da relação com o contexto de interação em que foi gerado. Propor uma independência dos dados em relação ao contexto é uma abstração e foge dos propósitos da LA e dos estudos dialógicos da linguagem. Por consequência, o trabalho de análise compreende as

relações dialógicas com outros discursos e com outros tempos e espaços, mas sem descuidar do seu contexto próprio de interação.

A última orientação nos acautela que empreender uma análise dessa espessura, que abarca não só as categorias lógico-semânticas internas que constituem a materialidade do enunciado, mas também as relações extratextuais humanas, sociais, históricas e culturais, exige do pesquisador uma abordagem dos seus problemas de pesquisa menos disciplinar e mais transdisciplinar³⁷, capaz de fornecer subsídios para a compreensão das práticas discursivas na sua integralidade. E como as práticas discursiva não estão restritas ao campo da Linguística, é preciso “beber de outras fontes”, como a literatura, a antropologia, a psicologia, a filosofia ou qualquer outra disciplina que seja capaz de proporcionar o aprofundamento no objeto.

Esse conjunto de orientações reforçam o que apontamos no início deste capítulo de que uma pesquisa qualitativa não é uma pesquisa sem rumo ou sem apoio metodológico, baseada apenas na subjetividade do pesquisador. Sua base teórico-metodológica deve estar muito bem definida para o alcance de seus objetivos. Nesse sentido, essas orientações apoiaram a definição do percurso teórico-metodológico desta tese. Para ilustrar melhor a relação entre essa seção e as pretensões deste trabalho, elaboramos uma síntese apresentada no quadro abaixo:

Quadro 3 - A concretização das orientações metodológicas no escopo da tese

ORIENTAÇÃO	APLICAÇÃO NESTA TESE
Adoção de referencial teórico-metodológico que possibilite as singularidades do ato de conhecer	Referencial teórico-metodológico do Círculo de Bakhtin para compreensão da interconstituição entre discurso e sujeito e inscrição desta teoria nas discussões contemporâneas da ADD, campo de pesquisa em linguagem inserido na área de LA
Geração de dados a partir do ato concretamente realizado na interação verbal histórica e socialmente situado	Os dados serão gerados a partir do conjunto de obras do Círculo, entendidas cada uma como um enunciado concreto aos quais respondemos ativa e axiologicamente.
Manutenção das vozes tanto do sujeito pesquisado, quanto do sujeito pesquisador	Capítulo de revisão conceitual: busca, principalmente, apontar para as proposições dos autores. Capítulo de proposição de aparato teórico-metodológico: evidencia nosso posicionamento na apreensão da inter-relação entre sujeito e discurso a partir da teoria do Círculo.

³⁷ A autora utiliza o termo *interdisciplinarmente*, mas considerando as discussões em Signorini e Cavalcanti (1998), concluímos ser mais pertinente às práticas desenvolvidas no campo o termo *transdisciplinar*.

As relações dialógicas no contexto imediato: já-ditos e pré-figurados que podem ser vislumbrados nos discursos	Contextualização histórica do Círculo; reações-resposta ao estruturalismo, formalismo russo, racionalismo, freudismo, Kant e os neokantianos. Embora tais relações não constituam o foco deste trabalho, elas serão evidenciadas sempre que necessário.
As relações dialógicas no contexto amplo: os discursos que antecederam e sucederam àqueles analisados e que de alguma forma com ele estabelecem relações, mesmo não intencionais	Buscaremos as respostas que estes autores suscitaram desde os anos 1970, principalmente às mais contemporâneas que constituem o campo da ADD.
Compreensão do texto analisado enquanto enunciado	As obras tomadas para análise serão consideradas nas suas especificidades e enquanto enunciado concreto.
Abordagem transdisciplinar	Esta pesquisa, pelo próprio referencial teórico a que se vincula, excede os limites da Linguística, relacionando-se com conhecimentos sociológicos, filosóficos e históricos.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas orientações metodológicas de Oliveira (2016).

Como resultado do exposto, esta tese, ao vincular-se teórica e metodologicamente aos pressupostos da ADD, uma abordagem genuinamente brasileira dos escritos do Círculo, insere-se no movimento de produção de conhecimento entre pesquisadores da periferia do conhecimento. Além disso, ao assumir a integralidade e a heterogeneidade do sujeito, a complexidade da linguagem, a relação constitutiva entre sujeito e discurso, insere-se no movimento de renovação epistemológica da Linguística e de fortalecimento teórico-metodológico da LA, pois extrapola os limites da língua enquanto sistema, nega a divisão entre língua e fala, entre história e estado, entre teoria e método.

Dos pressupostos teórico-metodológicos que expusemos até aqui, construíram-se os caminhos deste trabalho, suas etapas de revisão bibliográfica e de proposição epistêmica. E é sobre esse percurso que nos debruçamos na seção que segue.

3.3 A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E A GERAÇÃO DE DADOS

No interior do sistema, cada componente desta unidade é logicamente necessário, mas o sistema em si, no seu todo, é apenas algo relativamente possível; é somente em correlação comigo, comigo enquanto penso ativamente, somente em correlação com o ato do meu pensamento responsável, que tal sistema se incorpora na real arquitetônica do mundo

vivido, como seu momento, se enraíza na sua real singularidade, significativa como valor.

(BAKHTIN, 2017 [1920/1924]).

Como vimos na seção anterior, a pesquisa em LA não se faz com um abandonar-se por entre os discursos como quem se lança em uma mata fechada, sem trilhas, em meio a qual procura aleatoriamente por saídas. Embora não haja categorias de análise *a priori*, conceitos encerrados em si, métodos prontos de aplicação; as rotas interpretativas que serão assumidas devem ser claras, ainda que não sejam fixas, para que não corramos o risco de, ao buscar uma opção ao conhecimento teórico objetivista, descambemos em uma interpretação subjetivista. Para evitar qualquer dos caminhos, que reduziriam os discursos concretos à abstrações teóricas vazias ou à opiniões puramente subjetivas, foi que embasamos nossas rotas interpretativas nos pressupostos apresentados até aqui e, a partir deles, fomos construindo nosso percurso metodológico na sua relação intrínseca com nossa tese – a constituição dialógica dos sujeitos imbricada em/por discursos, refletida e refratada cronotópica e ideológico-valorativamente na abertura para a sua singularidade e não-finalizabilidade na enunciação, des(re)vela uma imagem discursivizada de sujeito – e com o objetivo geral que dela se originou – apresentar um aparato teórico-metodológico, de base linguístico-filosófico, que evidencie o sujeito dialógico refratado e refletido nos enunciados para análises de discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem.

Uma vez que assumimos os pressupostos teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin, da LA e da ADD, era necessário, então, definir qual seria a metodologia utilizada para a geração de dados, que nos pareceu clara desde muito cedo, tendo em vista o objetivo geral. A pesquisa seria de análise bibliográfica das obras do Círculo, portanto, os dados, ou seja, os pressupostos linguísticos filosóficos que comporiam o nosso aparato teórico-metodológico seriam gerados a partir da leitura e interpretação das obras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev com suporte dos textos-enunciados dos comentadores contemporâneos dessas obras. Nem tão óbvio, porém, nos pareceu o percurso da leitura para empreender tal pesquisa.

A primeira questão que enfrentamos foi a de que os discursos do Círculo serviriam ao mesmo tempo como objeto de estudo e embasamento teórico-metodológico. Isso logo se resolveu, visto que teoria e prática se complementam, era preciso apenas sistematizar os momentos de prática (aquilo que se referia à nossa metodologia de pesquisa) e os momentos de revisão e elaboração teórica (a aplicação da nossa metodologia aos dados gerados). A segunda questão foi encontrar um percurso de revisão que nos permitisse vislumbrar desde o início o alcance do objetivo geral, ou seja, por onde iniciar nossas leituras e como gerar os dados. Uma

das possibilidades era, por exemplo, desenvolver um percurso de leitura cronológico das obras, fosse a partir da linha temporal de sua escrita ou da sua publicação. Contudo, nossa proposta não era de compreender a formação das concepções de discurso e de sujeito, nem como elas foram sendo amadurecidas pelo Círculo, sequer como elas foram ganhando novos sentidos na contemporaneidade à medida que novas obras eram dadas a conhecer; mas, sim, o engendramento dessas concepções e seus reflexos numa análise dialógica de discurso. A partir dessa consideração, optamos por um percurso de pesquisa bibliográfica a partir dos conceitos basilares da teoria bakhtiniana.

Elencamos então aqueles conceitos que nos pareceram mais relevantes para a compreensão da interconstituição entre sujeito e discurso e que também são fundamentais para uma análise dialógica de discurso (considerando que o aparato teórico-metodológico a ser proposto pretende alinhar-se a essa perspectiva). Os conceitos elencados foram: linguagem, interação social, discurso, enunciado, relações dialógicas, ideologia, valoração, cronotopo, exotopia, sujeito e consciência. Definidos os dados, era preciso elaborar o percurso de sua apresentação, inicialmente na revisão teórica e, posteriormente, na proposta efetiva do aparato teórico-metodológico.

No que compete à revisão teórica, a relação desses conceitos uns com os outros, sua completa interdependência no pensamento bakhtiniano, poderia nos levar a apresentá-los em um grande bloco contido sobre o título “o discurso no Círculo de Bakhtin”, uma vez que é o discurso, materializado no enunciado, o objeto concreto a ser analisado. Contudo, optamos por apresentá-los em três grandes blocos para uma sistematização mais didática dos conceitos: 1) linguagem verbal e comunicação social; 2) discurso e enunciado e 3) sujeito. Conforme defende Bakhtin, embora a interpretação seja um único ato, seus momentos de sistematização e de divisão em conceitos de “[...] autonomia semântica (de conteúdo) ideal [...]” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 63) são necessários para uma compreensão mais profunda do todo:

O conhecimento teórico de um objeto como existente por si mesmo, independentemente de sua posição real em um mundo singular, a partir do lugar singular de quem dele participa, é plenamente justificado; todavia não é o conhecimento último, mas apenas um momento técnico auxiliar dele. (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 107).

Logo, a ordem em que apresentamos a revisão desses conceitos não tem a ver com um valor de importância, mas com as relações que eles instauram com nosso objetivo geral de apresentar um aparato teórico-metodológico, de base linguístico-filosófico, que evidencie o sujeito dialógico refratado e refletido nos enunciados para análises de discurso no âmbito dos

estudos dialógicos da linguagem. Dessa forma, o primeiro bloco conceitual estabelece o conceito de linguagem verbal e sua relação intrínseca com a interação social. Destacamos nessa seção que a linguagem verbal transcende o sistema de formas idênticas e se constitui nas interações concretas dos sujeitos dialógicos que compõem o amplo espaço da comunicação social.

O segundo bloco sistematiza os conceitos diretamente relacionados ao discurso materialmente realizado em um enunciado concreto. De modo resumido, o percurso que traçamos foi o seguinte: o discurso é sempre o objeto de análise e para analisá-lo é necessário mobilizar a materialidade do discurso, ou seja, o enunciado. Este deve sempre ser considerado em suas condições sócio-históricas e espaço-temporais (cronotopo) e, ainda, nas relações que instaura com os já-ditos e pré-figurados, com aqueles a quem respondem e aqueles para quem enuncia (relações dialógicas). Todas essas relações extraverbais do enunciado estão sempre materialmente expressas em signos, ou seja, dependem de suas relações verbais constituindo-se em um todo ideologicamente valorado que vive nas tensões entre as forças centrífugas e as forças centrípetas.

No terceiro bloco, sistematizamos os conceitos relacionados à concepção de sujeito, enquanto sujeito real e dialógico que se constitui e é constituído por enunciados. Abordamos as questões relativas à consciência e à psique e ao modo como o discurso exterior se interioriza constituindo um indivíduo ao mesmo tempo singular e social. Evidenciamos também que os discursos são sempre enunciados por sujeitos dialógicos concretos em situações de interação com outros sujeitos dialógicos concretos. Todo enunciado tem, portanto, um autor. No entanto, a imagem desse sujeito no discurso (sua “presença”) não é um reflexo idêntico desse sujeito dialógico concreto, mas uma imagem refratada pelas relações cronotópicas, dialógicas e valorativas que perpassam os discursos. Nesse sentido, os discursos não apontam para um sujeito concreto, mas para uma imagem sua ao mesmo tempo refletida e refratada, parte constituinte do discurso. Os conceitos abordados procuraram evidenciar a relação interconstitutiva dos discursos, dos sujeitos e da sociedade, apontando para a possibilidade de recuperarmos os sentidos do sujeito em sua *imagem discursivizada de sujeito* que permeia os enunciados concretos.

As relações conceituais que expusemos acima são uma simplificação reducionista e incompleta do processo de enunciação e da complexidade do sujeito dialógico, apresentada aqui com o único propósito de mostrar que os conceitos acionados não são categorias abstratas distanciadas da realidade concreta (o aprofundamento dessas relações e dos conceitos está apresentada no capítulo 4). Feitas as ressalvas sobre o percurso proposto para revisão e análise

das obras e, considerando a gama de referências que constituem os escritos do Círculo de Bakhtin, apresentamos a seguir um quadro com as obras, artigos, ensaios e apontamentos que foram reenumerados nesta tese:

Quadro 4 - Relação de obras do Círculo utilizadas na tese

TÍTULO	AUTORIA	TRADUÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO ³⁸
<i>Arte e responsabilidade</i>	Bakhtin	Bezerra	2003 [1919]
<i>Para uma filosofia do ato responsável</i>	Bakhtin	Miotello e Faraco	2017 [1920/1924]
<i>O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária</i>	Bakhtin	Bernardini, et al	2002 [1923/1924]
<i>O autor e a personagem na atividade estética</i>	Bakhtin	Bezerra	2003 [1924/1927]
<i>A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica</i>	Volóchinov	Américo Grillo	2019 [1926]
<i>O freudismo: um esboço crítico</i>	Volóchinov	Bezerra	2014 [1927]
<i>O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica</i>	Medviédev	Américo Grillo	2012 [1928]
<i>As mais novas correntes do pensamento linguístico no Ocidente</i>	Volóchinov	Grillo e Américo	2019 [1928]
<i>Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência</i>	Volóchinov	Grillo e Américo	2018 [1929]
<i>O que é a linguagem/língua</i>	Volóchinov	Geraldi	2019 [1930]
<i>A construção da enunciação</i>	Volóchinov	Geraldi	2019 [1930]
<i>A palavra e sua função social</i>	Volóchinov	Geraldi	2019 [1930]
<i>Problemas da Poética de Dostoiévski</i>	Bakhtin	Bezerra	2013 [1963]
<i>O discurso no romance</i>	Bakhtin	Bezerra	2015 [1934/1935]
<i>Por uma metodologia das ciências humanas</i>	Bakhtin	Bezerra	2017 [1930/ 1940]
<i>O romance de educação e sua importância na história do realismo</i>	Bakhtin	Bezerra	2003 [1936/1938]
<i>O homem ao espelho. Apontamentos dos anos 1940</i>	Bakhtin	Adum; Mello; Miranda	2019 [1940/1945]
<i>Diálogo I. A questão do discurso dialógico</i>	Bakhtin	Bezerra	2016 [1950]

³⁸ Informamos a data da escrita das obras entre colchetes, conforme encontrado em Brait (2013b; 2016) e nas apresentações das traduções dessas obras, com a finalidade de contextualizar temporalmente cada texto-enunciado. A data de publicação da obra consultada aparece à frente.

<i>Diálogo II</i>	Bakhtin	Bezerra	2016 [1952]
<i>Os gêneros do discurso</i>	Bakhtin	Bezerra	2016 [1951/1953]
<i>O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas</i>	Bakhtin	Bezerra	2016 [1959/1961]
<i>Fragmentos dos anos 1970-1971</i>	Bakhtin	Bezerra	2017 [1970/1971]
<i>Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica</i>	Bakhtin	Bezerra	2018 [1973]

Fonte: Elaborado pela autora.

Para satisfazer o caráter prático desta seção, apresentamos abaixo um quadro que sistematiza o processo de definição que relatamos acima, seguindo as etapas de pesquisa bibliográfica indicadas por Gil (2018):

Quadro 5 - Etapas da pesquisa bibliográfica

ETAPA	RESULTADO
Escolha do tema	A interconstituição entre discurso e sujeito.
Levantamento bibliográfico preliminar: seleção de subárea de pesquisa e delimitação do tema	A interconstituição entre discurso e sujeito nos escritos do Círculo de Bakhtin e na abordagem teórico-metodológica da ADD
Formulação do problema de pesquisa e dos objetivos	<p>Problema: como a mútua constituição do discurso e do sujeito, teorizada nos escritos do Círculo, pode ser percebida e analisada dialogicamente?</p> <p>Tese: a constituição dialógica dos sujeitos imbricada em/por discursos, refletida e refratada cronotópica e ideológico-valorativamente na abertura para a sua singularidade e não-finalizabilidade na enunciação, des(re)velando uma imagem discursivizada de sujeito.</p> <p>Objetivo geral: apresentar um aparato teórico-metodológico, de base linguístico-filosófico, que evidencia o sujeito dialógico refratado e refletido nos enunciados para análises de discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem.</p> <p>Objetivos específicos: a) percorrer as discussões sobre sujeito e discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem; b) propor princípios orientadores de cunho teórico-metodológicos para a análise da imagem discursivizada de sujeito à luz do projeto linguístico-filosófico dos estudos dialógicos da linguagem.</p>
Elaboração do plano provisório da pesquisa: estruturação lógica e ordenada	Percurso de revisão conceitual considerando as relações na vida concreta dos discursos: - linguagem verbal - comunicação social

	<ul style="list-style-type: none"> - discurso - enunciado - relações dialógicas - ideologia - valoração - cronotopo - sujeito
Busca das fontes	Obras do Círculo (cf. quadro 4) e de seus interlocutores contemporâneos
Leitura do material	Revisão dos conceitos elencados e a leitura interpretativa que subsidiou a proposição de um conceito que se engendre na inter-relação sujeito-discurso no escopo da teoria
Organização lógica do assunto	<p>Revisados os conceitos de discurso, enunciado e sujeito, a proposição do aparato teórico metodológico se organizou em quatro conceitos assim considerados:</p> <p>1) <i>Imagem discursivizada de sujeito cronotópica</i>: revela uma imagem de sujeito social, espaço-temporalmente situado. A interação dos cronotopos (grande e pequeno) amplia essa imagem e se baseia na relação exotópica entre pesquisador e pesquisado.</p> <p>2) <i>Imagem discursivizada de sujeito exotópica</i>: Uma relação de empatia e distanciamento. Pressupõe a manutenção das vozes do sujeito cognoscente e do sujeito cognoscível – relação dialógica.</p> <p>3) <i>Imagem discursivizada de sujeito constituída às/nas relações dialógicas</i>: entre pesquisador e pesquisado, mas também entre o pesquisado e seu interlocutor previsto. As vozes como posição axiológica.</p> <p>4) <i>Imagem discursivizada de sujeito axiologicamente matizada</i>: imagens refletidas e refratadas, entonação, posição valorativa.</p>
Redação do texto	O texto foi escrito em dois momentos, um na fase de projeto apresentado à banca de qualificação no ano de 2019, e sua conclusão em 2021, considerando as orientações da banca e os objetivos inicialmente traçados.

Fonte: Elaborado pela autora relacionando as etapas da pesquisa bibliográfica propostas por Gil (2018) e as etapas desenvolvidas e ser desenvolvidas nesta tese.

Esse foi o percurso metodológico que empreendemos para cumprir com os objetivos desta pesquisa. Como expusemos ao longo deste capítulo, as Ciências Humanas não se propõem a exatidão do conhecimento do objeto, mas à profundidade dos sentidos que o sujeito é capaz de proporcionar. Nesse ínterim, nosso capítulo metodológico buscou apresentar as orientações teórico-metodológicas que guiam a pesquisa e que implicam na contingência de uma verdade-*pravda*, inscrevendo-a como parte das Ciências Humanas, da Linguística Aplicada e da Análise Dialógica de/do(s) Discurso(s).

No capítulo que segue, ampliamos algumas das discussões que já foram traçadas nas seções 3.1 e 3.2 sobre discurso e sujeito, procurando na revisão conceitual evidenciar as relações que implicaram na construção do aparato teórico-metodológico que objetivamos.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Quanto a mim, em tudo eu ouço *vozes* e relações dialógicas entre elas.

(BAKHTIN, 2017 [1930/1940]).

A arquitetônica do pensamento bakhtiniano não se presta a uma delimitação nítida de suas fronteiras, tampouco à conceitualização estanque de suas concepções, posto que a construção teórica do Círculo está fundada em uma base organicamente dialógica, na qual os conceitos só ganham sentido na relação com os demais. Nessa perspectiva, Brait (2012, p. 11, grifo da autora) afirma que “[...] no conjunto dos estudos do Círculo, nenhum conceito *significa* isoladamente. Todos os termos – científicos, filosóficos, linguísticos, enunciativos, discursivos – ganham corpo na articulação com os demais”. Ou seja, os conceitos estão interligados constitutivamente uns aos outros formando uma rede conceitual que não nos permite isolá-los como unidades independentes. Essa interligação natural faz com que os conceitos sejam, portanto, multiderivativos, não lineares ou sequenciais, implicando um arranjo simultâneo de conceitos que estão todos presentes no estudo da linguagem concreta.

A escrita acadêmica, no entanto, exige do seu texto uma certa linearidade e ordenação para a exposição teórica. Dada essa necessidade, a ordenação dos conceitos se realiza a partir das peculiaridades da prática teórica (científica e filosófica) e metodológica de cada ato concreto de pesquisa. De tal forma que as ideias são abordadas com maior ou menor profundidade, no início ou no final de seus textos, de acordo com o objetivo de cada estudo. Isso significa que, embora o formato desta tese possa dar a impressão de sequência ou linearidade em virtude da sua estrutura textual, não se deve compreender a revisão que apresentaremos a seguir enquanto ordem de acontecimentos ou momentos do discurso, mas como resultado das necessidades discursivas para consecução dos objetivos propostos. Mesmo porque, como nos lembra Machado (2010, p. 210),

[...] Bakhtin procurou entender as coordenadas que operam em várias direções, uma vez que no seu modo de ver, o homem em sua vivência experimenta o tempo como simultaneidades. Esse é o ponto de partida de Bakhtin e a noção que lhe serviu de apoio para questionar a ideia de que na vida real há sempre cronologia e que somente na narrativa é possível dispor os eventos numa sequência não-cronológica.

Desse modo, a relação entre os conceitos imbricados na definição de discurso não são uma sequência cronológica que está sempre se reiniciando a cada discurso/enunciado. São, em vez disso, uma confluência, uma profunda e simultânea inter-relação constitutiva que se

retroalimenta ao tempo que permanece permanentemente aberta ao exterior e ao novo. Além disso, cada novo discurso não reinicia um ciclo, mas se soma aos discursos já-ditos, relacionando-se dialogicamente com eles e, ao mesmo tempo, mantendo-se único e irrepitível. E, embora não venha a se repetir, continua reverberando, produzindo novos sentidos, pois, “não pode haver um sentido único (um só). Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode ser real em sua totalidade” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 42).

Em conclusão, cada re-enunciação de um discurso é já outro discurso, pois instaura novas relações discursivas, enunciativas, cronotópicas, ideológicas e valorativas. Da mesma forma, interpretações de um mesmo discurso sempre revelarão sentidos distintos, ainda que possam ser aproximados, porque é ato único e singular produzido por um sujeito sócio-historicamente situado, também único e singular. Para melhor compreendermos essas relações entre discursos e sujeito, neste capítulo abordaremos as concepções bakhtinianas de linguagem verbal, interação social, discurso, enunciado e sujeito – conceitos que consideramos fundamentais para os objetivos desta pesquisa – e a partir deles outros serão elucidados. Nossa ideia, portanto, não é fazer um glossário terminológico dos escritos de Bakhtin e do Círculo, mas propiciar uma visão (possível) das concepções de discurso e de sujeito para, posteriormente, propormos os caminhos de análise dialógica do sujeito no discurso.

4.1 A LINGUAGEM VERBAL E A INTERAÇÃO SOCIAL

Ela [a língua] movimenta-se ininterruptamente, seguindo em seu desenvolvimento a vida social. Esse movimento progressivo da língua realiza-se no processo de comunicação do homem com o homem, comunicação esta que não é só produtiva, mas também *discursiva*.
(VOLÓCHINOV, 2019 [1930b], grifos do autor).

Os falantes, ordinariamente, não pensam na língua (nos seus elementos, funções e organização) ainda que se utilizem dela corriqueiramente. Costumam tê-la como algo dado e inalterado desde que o tempo é tempo; mais um artefato à disposição do homem no conjunto dos bens naturais do mundo. Todavia, como se tem deixado claro neste trabalho, a relação entre os falantes e sua linguagem verbal é muito mais decisiva do que, de modo geral, se imagina. Ela estrutura, constrói e expressa nosso pensamento e já está lá quando nascemos, mas isso não quer dizer que nossa ação única com relação à linguagem seja, meramente, a de passivos falantes. Nós também a modelamos em cada fala cotidiana, nós a reestruturamos em cada ensejo

da prosa, nós a subvertemos até o limite na poesia. Assim, como a linguagem nos modela, também a modelamos, em uma relação mútua em que a linguagem só existe no momento mesmo em que a manifestamos. Essa relação intuitiva com a linguagem verbal, que figura tanto na religião (no princípio era o verbo) quanto em alguns postulados científicos, colaborou com a visão de que ela se configura como algo “dado”. Entretanto, é preciso reafirmar: a linguagem verbal não nos é dada, ela acontece, se revela única e irrepetivelmente como ato do sujeito em interação que age no *continuun* do fluxo dialógico dos enunciados, transmitindo e construindo sentidos e valores.

Logo, o falante não se apropria mecanicamente da língua enquanto sistema para transmitir suas mensagens (como propõem sistemas como o de Roman Jakobson); o sujeito é inserido no fluxo do intercâmbio social de práticas simbólicas mediadas pelos signos desde o seu nascimento – o próprio acontecimento de “vir à luz” é mediado por signos e valorado pelas práticas simbólicas nas diferentes sociedades. É nesse fluxo que as práticas e os signos são absorvidos e reelaborados pelo sujeito. Nesse contexto, a própria definição de mensagem a ser transmitida deve ser repensada, pois mesmo o conteúdo é parte das práticas simbólicas do homem, é socialmente construído e valorado, é produção de sentido social e histórico. Todo valor só é mensurável a partir da figura de um sujeito em relação dialógica com outros em um determinado espaço e tempo.

A dialogicidade da linguagem é a estrutura da teoria bakhtiniana sobre o discurso, pois são as relações dialógicas que personificam e dão voz à palavra estabelecendo as ligações axiológico-semânticas da palavra com a situação de interação. Nas palavras de Bakhtin (2013 [1963], p. 209, grifos do autor):

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas.

A linguagem está impregnada de relações dialógicas porque ela está sempre voltada para fora de si, para sua situação extraverbal e não para o interior do sistema ou para o interior da psique. Ela realiza-se como resposta aos discursos já-ditos e aguarda as respostas que a ele seguirão.

As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por *si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições

de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas.

Ou seja, o Círculo defende que a palavra sempre pertence a alguém, sempre está impregnada de valores e acentos alheios, e são essas posições que interagem e não os elementos sistêmicos da língua.

Em outras palavras, o caráter interativo do intercâmbio social está intrinsecamente integrado à própria estrutura da linguagem e é o seu elemento definidor: o sentido linguístico e a própria linguagem têm os sujeitos como condição essencial de existência e é no plano da intersubjetividade (definida em termos das relações sociais) que se define a subjetividade [...]. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 144).

Essa visão contraintuitiva de língua se baseia no pressuposto do Círculo de que a função primordial da linguagem verbal é a interação social – “a realidade do signo é inteiramente determinada por essa comunicação. Pois a existência de um signo não é nada mais que a materialização dessa comunicação” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 98). E a comunicação social não se refere a uma relação unidirecional em que um falante transmite uma mensagem a um ouvinte; ela remete à ideia de interação social, às relações que se estabelecem no convívio humano e que moldam a própria sociedade, regulam seu funcionamento, interferem na formação da consciência do sujeito. É no âmbito da interação social que os fenômenos ideológicos se formam e constroem modos de compreensão social da realidade – sentidos da realidade. O que se quer dizer com isso é que a realidade material das coisas do mundo é sempre acessada pelo sujeito como realidade refletida e refratada pelas construções ideológicas que se formam nas diferentes esferas sociais e que são sempre concretizados pelos signos. Cada uma dessas esferas desempenha uma função distinta no modo como o homem interage com o mundo, elabora a realidade e avalia os enunciados a partir dessas funções e das disputas de pontos de vista que nelas circulam (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]). Na definição de Acosta-Pereira e Brait (2020, p. 127), “[...] o signo é, por assim dizer, a forma material da realidade e é ele que possibilita a pluridiversificação dos modos de (re)conhecer essa realidade.

Nesse sentido, a noção do Círculo em de realidade e linguagem não nega que exista uma realidade concreta, tampouco insinua que essa realidade possa ser materialmente alterada pelos signos ideológicos; no entanto, as descrições, as explicações e compreensões dessa realidade são construídas socialmente. A verdade e a mentira, o bem e o mal, o certo e o errado não são valores prontos, são sentidos construídos por grupos socialmente organizados que por diferentes meios de imposição (a força, a religião, o convencimento) se estabelecem. Como adverte Bakhtin (2017 [1930/1940], p. 71):

O sentido não quer (e não pode) mudar os fenômenos físicos, materiais e outros, não pode agir como força material. Aliás, ele nem precisa disso: ele mesmo é mais forte que qualquer força, muda o sentido total do acontecimento e da realidade sem lhes mudar uma vírgula na composição real (do ser); tudo continua como antes mas adquire um sentido inteiramente distinto (a transfiguração do ser centrada no sentido). Cada palavra do texto se transfigura em um novo contexto.

A língua é, sem dúvida, um signo essencial para a construção dessas orientações sociais, posto que, dos materiais sígnicos, ela é a que mais amplia nossas possibilidades de criar sentidos, produzir interpretações. Nas palavras de Volóchinov, “*A palavra é o fenômeno ideológico par excellence.*” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 98, grifos do autor), isto é, dos materiais sígnicos que circulam em nossa sociedade (o símbolo, o desenho, o gesto), a língua é o fenômeno que melhor cumpre a função sígnica de refletir e refratar uma realidade que lhe é externa, toda a sua função e todo o seu sentido aponta para fora de si mesma. A palavra não existe como materialidade fora da interação social, como coisa que representa a si mesma, ela existe apenas como signo e realiza-se apenas como enunciado. Portanto, como propõem Acosta-Pereira e Brait (2020), as suas peculiaridades constitutivo-funcionais são as mesmas dos enunciados: a alternância dos sujeitos, a conclusibilidade e a relação emotiva-volitiva do sujeito com seu objeto e com seus interlocutores (para detalhamento, ver seção 4.1).

A palavra não existe inicialmente como um objeto da natureza ou da tecnologia para só *depois*, por meio de uma certa ‘transformação’, tornar-se um signo. Pela sua própria essência, a palavra revela-se, *desde o início*, o mais puro fenômeno ideológico. Toda a realidade da palavra dissolve-se por inteiro em sua finalidade de ser signo. Na palavra não há nada que seja indiferente a essa finalidade e que não tenha sido gerado por ela. (VOLÓCHINOV, 2019 [1930c], p. 312).

Outra particularidade da língua, é que ela circula em todas as esferas da atividade humana – “espaços sociais de gênese, regularização e legitimação das situações de interação” (ACOSTA-PEREIRA; BRAIT, 2020, p. 129) – sem remeter constitutivamente a nenhuma delas. Todos os demais signos surgem em uma determinada esfera para desempenhar as funções dentro do quadro de suas tarefas específicas e, ainda que migrem de uma esfera à outra, mantêm as marcas valorativas da sua origem. Já a língua, nesse sentido, é “um signo neutro” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 99), não se vincula à nenhuma esfera em particular, mas desempenha papel fundamental para a geração, regularização e legitimação das interações discursivas em todas elas (ACOSTA-PEREIRA; BRAIT, 2020). Como advertem Acosta-Pereira e Brait (2020), isso não significa dizer que a língua seja neutra, mas que por sua capacidade de refletir e refratar qualquer conteúdo ideológico-valorativo ela possui

neutralidade entre os campos ideológicos: não pertence a nenhum deles e pode desempenhar sua função sógnica em todos eles.

Volóchinov (2018 [1929]) também destaca que a língua nasce no território interindividual dos sujeitos socialmente organizados justamente para desempenhar seu papel de signo na interação social: sua estrutura e sua significação só existem no plano ideológico. Para além de ser um mecanismo interindividual de comunicação social, a palavra é também o elemento estruturante da consciência individual. Em razão da sua flexibilidade e da sua potencialidade de sentido, nós organizamos o discurso interior, nós (re)elaboramos internamente a realidade refratada nos signos, internalizamos aquilo que é externo e externalizamos aquilo que nos é interno. A linguagem verbal é o principal material da consciência humana que está sempre materializada em algum signo (cf. seção 4.3 desta tese). Razão pela qual Acosta-Pereira e Brait (2020, p. 132) concluem que “a lógica da consciência é a lógica da interação e, como toda consciência é semiotizada, a realidade da consciência segue a realidade do signo ideológico”.

Todas essas particularidades – a função exclusivamente sógnica, a neutralidade, a existência interindividual e a presença no discurso interior – propiciaram à língua ser o signo presente em cada ato responsável do sujeito. Toda a compreensão ativamente responsiva é elaborada em palavras, pois é necessário que o signo exterior seja traduzido para o signo interior para que o sentido seja efetivado, para gerar compreensão e resposta (VOLÓCHINOV, 2019 [1930a]). E o material semiótico do discurso interior é, como vimos, a linguagem verbal. O que não deve ser compreendido como a possibilidade de substituição dos demais signos pela língua: cada signo ideológico elabora a realidade a sua maneira e guarda certos tons avaliativos que não podem ser traduzidos (por exemplo, a música, a obra de arte, o rito religioso); mesmo a consciência é habitada por esses outros signos. No entanto, a linguagem verbal é o signo concomitante a compreensão dos demais signos, ele acompanha todos os demais produtos ideológicos:

Nenhum signo cultural permanece isolado se for compreendido e ponderado, pois ele passa a fazer parte da *unidade da consciência verbalmente formalizada*. A consciência sempre saberá encontrar alguma aproximação verbal com o signo cultural. Por isso, em torno de todo signo ideológico se formam como que círculos crescentes de respostas e ressonâncias verbais. Qualquer *refração ideológica da existência em formação*, em qualquer material significante que seja, é acompanhada pela refração ideológica na palavra: fenômeno obrigatório concomitante. A palavra está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação. (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 101, grifos do autor).

É justamente essa excelência da língua como signo ideológico, sua presença constante como elo entre os signos e as esferas ideológicas no fluxo ininterrupto da interação social, que nos impede de compreendê-la fora das relações sociais, como uma estrutura pronta e independente. Sua força reside na possibilidade infinita de sentido, e os sentidos só são possíveis no âmbito das enunciações, isto é, na língua compreendida enquanto linguagem.

A linguagem é caracterizada como um sistema semiótico em constante fluxo constituído social e historicamente; ela transcende a função referencial-informativa, servindo primordialmente à manifestação de intencionalidades, regras, convenções e outros elementos pertinentes ao caráter social e histórico do intercâmbio social. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 146).

Nesse sentido, se a língua enquanto sistema é fundamental para o estabelecimento da interação social, essa relação, no entanto, é recíproca: a interação social é fundamento para a existência da língua. Como resumo, compreendemos que a linguagem humana se constitui dos diversos materiais semióticos, sendo a língua o material que dá unidade e possibilidade de compreensão a todos os demais. Por isso, toda prática de linguagem verbal deve ser compreendida na sua relação com todas as demais práticas simbólicas, isto é, na relação com todo o contexto da sua produção – “A comunicação verbal sempre está ligada [...] às condições da vida real, às ações (atos) reais do homem: de trabalho, de culto (rituais), lúdicos e de outros tipos” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930a], p. 252). É por essa razão que o Círculo travou embates teóricos com o objetivismo abstrato e com o subjetivismo idealista, porque ambas abordavam a linguagem verbal como objeto de estudo a partir de um ponto de vista parcial e desligado da interação social. Ambas apresentam um *proton pseudos*: a primeira porque nega o enunciado, a segunda porque se refere ao enunciado como ato individual e psíquico do falante (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 200).

A partir da perspectiva subjetivista-idealista, a linguagem verbal é compreendida como um fenômeno estético criado e desenvolvido pelo gosto individual do falante. Sua realidade fundamental é “[...] o ato criativo individual discursivo [...]” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 153) que modela e modifica a língua em consequência do estilo individual e da vontade expressiva. Neste caso, a linguagem verbal é compreendida enquanto atividade e está em um fluxo ininterrupto de mudança nos atos discursivos individuais. O sistema da língua (a gramática, a fonética, a semântica e a sintaxe) é considerado uma sedimentação dos atos individuais abstratamente construídos com as finalidades práticas de estudar línguas mortas ou ensinar idiomas novos. Por conseguinte, para o subjetivismo-idealista, a lógica da linguagem

verbal é a produção do novo, seu fluxo histórico de individualização se constitui em relação aos atos criativos e individuais dos falantes.

Como seu extremo oposto, na perspectiva objetivista-abstrata, a linguagem verbal é compreendida como um fenômeno unitário e normativo pronto, que é dado aos falantes e que regula os atos individuais de fala. Considera-se como realidade fundamental da língua, portanto, o sistema, definido como “*um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrado previamente pela consciência individual e indiscutível para ela*” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 162, grifos do autor). Aqui, a língua é percebida enquanto produto autorregulado pelo sistema linguístico e independente de atos individuais, sociais ou históricos. Para o objetivismo abstrato, a lógica da linguagem verbal é a manutenção do dado, a reprodutibilidade da forma, a fixação do significado lógico-semântico e os enunciados são apenas consequências da aplicação dessas regras.

De fato, a diferença entre a primeira e a segunda tendência pode ser ilustrada muito claramente do seguinte modo: as formas idênticas a si mesmas, que constituem o sistema imóvel da língua (*érgon*), foram, para a primeira tendência, só uma sedimentação petrificada da formação linguística efetiva: a verdadeira essência da língua realiza-se por meio de um ato criativo, individual e irrepitível.

Para a segunda tendência, é justamente esse sistema de formas idênticas a si mesmas que se torna a essência da língua; já a refração e a variação individuais e criativas das formas linguísticas são, para ela, apenas restos da vida linguística ou, mais precisamente, da imobilidade monumental linguística; são sobretons imperceptíveis e desnecessários do tom principal e imutável das formas linguísticas. (VOLÓCHINOV, 2019 [1928], p.155-156).

Como é característico dos escritos do Círculo, Volóchinov não se vincula a nenhuma das duas tendências apresentadas, mas também não as descarta por completo; ele constrói uma reflexão linguístico-filosófica de cada uma das tendências, destacando suas concordâncias e discordâncias para, então, lançar sua tese: a realidade da linguagem verbal é o enunciado como produto do ato discursivo do sujeito e “*O enunciado é de natureza social*” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 200, grifos do autor). Como bem concluem Sobral e Giacomelli (2016, p. 144-145), “logo, a seu ver, ela [a linguagem] tem como espaço de configuração o intercâmbio social concreto e não a psicologia do falante (subjativismo idealista) ou a tirania das formas do código (objetivismo abstrato)”, embora a individualidade do falante e a imposição normativa da forma estejam integradas ao enunciado por não ser possível um enunciado autônomo, isto é, que não seja dito por alguém em direção a outro alguém (ainda que em potencial) sem falante/ouvinte e, além disso, que não esteja conformado nos limites de uma determinada materialidade sígnica verbal, vocal ou visual.

Não rejeitar ou validar as tendências descritas acima parece bastante apropriado, haja vista o caráter social, ou seja, compartilhado do enunciado, constantemente alimentado pela relação com o outro. Isto implica entender a linguagem verbal em constante movimento no qual os conceitos estão sempre no limite, em que ela é o que o conceito define, mas é também muito mais. Como alerta Volóchinov (2018 [1928], p. 148),

a tarefa de delimitação do objeto real da filosofia da linguagem não é nada fácil. Sempre que tentamos circunscrever o objeto da pesquisa, reduzi-lo a um conjunto objetivo-material definido, visível e compacto, perdemos a própria essência do objeto estudado, ou seja, sua natureza sígnica e ideológica.

Dessa forma, um conceito de linguagem verbal, isto é, uma definição generalista e conclusiva do que ela seja, nunca é, de fato, oferecida pelo Círculo. Tal definição contraria a ideia própria de linguagem do grupo: a linguagem como fluxo discursivo ininterrupto realizada nos enunciados individuais dos sujeitos sociais. Não se pode conceituar definitivamente uma ideia que é por natureza aberta ao devir.

O Círculo nos oferece, no entanto, uma compreensão da linguagem verbal baseada em alguns elementos essenciais para a sua constituição e funcionamento. Destacamos aqui as cinco teses de Volóchinov (2019 [1930a], p. 224) sobre a sua real natureza:

- 1) *A língua como um sistema estável de formas normativas idênticas é somente uma abstração científica*, produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada a realidade concreta da língua.
- 2) *A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes.*
- 3) *As leis de formação da língua não são de modo algum individuais ou psicológicas, tampouco podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes.* As leis de formação da língua são leis *sociológicas* em sua essência.
- 4) *A criação da língua não coincide com a criação artística ou com qualquer outra criação especificamente ideológica. No entanto, ao mesmo tempo, a criação linguística não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e os valores ideológicos que a constituem.* A formação da língua, como qualquer formação histórica, pode ser percebida como uma necessidade mecânica cega, porém, também pode ser uma ‘necessidade livre’ ao se tornar consciente e voluntária.
- 5) *A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social.* O enunciado, como tal, existe entre os falantes. O ato discursivo individual (no sentido estrito da palavra ‘individual’) é um *contradictio in adjecto* (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 224-225, grifos do autor)³⁹.

³⁹ Essas cinco teses também estão elencadas no ensaio publicado pelo autor em 1928 e que é uma espécie de resumo dos três primeiros capítulos de *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]).

A primeira tese se refere à compreensão de que, embora a linguagem verbal seja constituída por um sistema de normas linguística, este não é, de forma alguma, estável e idêntico a si mesmo. As normas linguísticas são compreendidas “na qualidade de norma social” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 173) e, como tal, estão em um processo ininterrupto de formação nos contextos de interação dos sujeitos socialmente organizados. Apenas os atos cognitivos de reflexão sobre a língua como material, dentro de suas finalidades teóricas e metodológicas específicas, é que são capazes de conferir estabilidade e imutabilidade ao sistema, ainda assim, o fazem em um recorte espaço-temporal específico desse sistema. O uso efetivo da linguagem verbal se depara com as restrições e identidades do sistema, com o momento da codificação/decodificação da comunicação, mas esse momento é secundarizado, quase que apagado no âmbito da interação (quando se trata de uma mesma comunidade linguística. No caso de uma língua estrangeira ou de grupos sociais muito distintos, a codificação pode não ser completamente superada), ou seja, os sujeitos em interação não objetivam as formas idênticas e repetíveis da língua, mas sim a flexibilidade de sentido do signo condicionada pela situação de interação. Mesmo o estudioso da língua, ao estabilizar as formas e significações do sistema no âmbito da teoria, deve ter em seus objetivos a realidade efetiva da linguagem que é seu uso. A abstração como um fim em si mesmo seria como um médico que estuda doenças em cadáveres sem nunca objetivar a saúde do corpo vivo (BAKHTIN, 2016 [1959/1961]).

A segunda tese é o complemento da primeira: visto que a linguagem verbal não é um sistema imutável de regras, o que ela é? Esta resposta tampouco pode ser entendida como uma definição estanque, visto que ao dizer que a língua é um processo ininterrupto em formação, Volóchinov não determina o que a linguagem verbal de fato é, mas como ela acontece. A linguagem verbal, mesmo seu sistema linguístico-normativo, é um constante processo de interação sociodiscursiva atualizado a cada ato enunciativo dos falantes. Em consequência, como propõe a terceira tese, as leis de formação da linguagem verbal não são elaboradas pela consciência ou pela atividade individual do sujeito, mas no âmbito da interação social. O indivíduo sozinho não cria o signo, são necessários pelo menos dois sujeitos organizados socialmente para que ele nasça. Também Medviédev (2012 [1928], p. 50) reforça essa tese: “Todos os objetos ideológicos pertencem às relações sociais e não à utilização, à contemplação, à vivência e ao deleite hedonista individual”. Ou seja, apenas o contexto social é capaz de criar e regular a linguagem verbal.

Criação e regulação que se dão, como apontado na quarta tese de Volóchinov, em virtude das necessidades livres e conscientes dos indivíduos socialmente organizados. Por esse

motivo, em cada contexto de interação os sentidos serão afetados pelos valores ideológicos das comunidades discursivas, das esferas ideológicas que utilizam a linguagem e criam relativas estabilidades em função de seus propósitos. Porque toda expressão do indivíduo se efetiva no contexto de sua posição social refratada no signo como valor socialmente construído – “*A situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado*” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 206).

E chegamos à quinta tese que, a nosso ver, esclarece a relação entre a linguagem verbal, o homem e a sociedade. O autor destaca que, embora os atos discursivos dos falantes sejam enunciações individuais, únicas e singulares, eles se concretizam como atividade interindividual, como processo dialógico de enunciação em que participam ativamente para a construção de sentidos tanto o falante quanto o interlocutor, envolvidos pelo contexto social próximo e amplo que abarca a situação de interação. Isso significa que a linguagem verbal se constrói no terreno interindividual dos homens. Mas não dos homens biologicamente compreendidos, e sim dos homens socialmente organizados – os sujeitos. Implicam aqui relações de classe, relações econômicas, relações culturais atravessadas pelo amplo contexto ideológico que elabora a realidade.

A partir disso, a enunciação pode ser caracterizada como o espaço em que as práticas linguísticas constituem seus atores, sendo os falantes *mediadores* entre as significações socialmente concretizáveis e permitidas e os discursos que produzem de fato. Ao destacar a ação linguística e os agentes linguísticos, essa abordagem remete aos próprios fundamentos da noção de *sujeito* e de *realidade*. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 146).

Além de uma compreensão da linguagem, o Círculo nos oferece orientações metodológicas para o seu estudo, como é o caso da ordem metodológica proposta por Volóchinov para uma abordagem ampla da linguagem verbal compreendida como a forma material da interação discursiva. A ordem metodológica de estudo da linguagem verbal foi primeiramente apresentada em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, conforme a citação abaixo, e também corroborada em seu ensaio de 1930, *A construção do enunciado*⁴⁰.

Disso decorre que a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na

⁴⁰ Assim está em Volóchinov (2019 [1930b], p. 268, grifos do autor): “Do que depende e qual é a ordem da transformação das formas da língua? [...] 1. A organização econômica da sociedade. 2. A comunicação social. 3. A interação discursiva. 4. Os enunciados. 5. As formas gramaticais da língua. É esse esquema que servirá para nós de princípio orientador no estudo daquela unidade real do discurso que chamamos de *enunciado*”.

vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 120).

Como se pode perceber, Volóchinov propõe um estudo da linguagem que parta do social/extraverbal para as unidades repetíveis da língua, abordando o enunciado a partir de 1) sua relação contextual ampla (questões históricas, sociais, culturais e econômicas que implicam a avaliação social) e da situação de interação próxima (os interlocutores e seus horizontes compartilhados na realização do ato interacional); 2) da sua configuração em um determinado gênero do discurso que relativamente estabiliza os enunciados e acentos valorativos em cada esfera da atividade humana; e 3) da sua materialização na língua enquanto sistema, cujos recursos lexicais, semânticos, gramaticais e estilísticos se integram ao contexto e ao gênero para projetar ideológico-valorativamente as interações sociais. Numa comparação dos dois encaminhamentos metodológicos de Volóchinov (2018 [1929]; 2019 [1930b]), Acosta-Pereira e Brait (2020, p. 137) concluem que:

Nessa perspectiva, o analista parte das questões associadas à organização social, histórica, política, econômica e cultural da sociedade, mas sem encerra-se aí [...]. O movimento teórico-metodológico aponta para os intercâmbios comunicativos, para as esferas da atividade humana, buscando entender suas particularidades axiológicas e a situação de interação que se constitui e funciona no interior desse universo discursivo. [...] Nesse percurso, o olhar recai sobre as enunciações reconhecidas como unidades da comunicação discursiva. [...] Como em *MFL*, o olhar para as formas gramaticais da língua conclui o percurso analítico.

De todo o exposto até aqui, é evidente que linguagem, homem e sociedade são elementos profundamente inter-relacionados no pensamento do Círculo, todos imbricados por projeções ideológico-valorativas advindas da interação social do homem por meio da linguagem. Cada elemento afeta diretamente a existência e a constituição do outro. Essa interconstituição torna a linguagem verbal um fenômeno ideológico altamente estratificado, movente, aberto, pois ela se funde às situações de interação e estabelece elos diversos em cada uma delas, elos que nunca são de todo recuperáveis, não porque se rompem, mas porque a cada nova enunciação formam novos elos, com novos discursos. Mesmo a compreensão ativa silenciosa desses enunciados realizará novas relações dialógicas do discurso externo com o discurso interno. Como bem resume Faraco (2009, p.136), essa proposição consegue unir sem contradição as dimensões social e individual do sujeito pela forma como entende a linguagem:

Ao assumirem a linguagem como uma realidade social infinitamente estratificada, abrem espaço para o individual [...]. A singularidade vai poder se materializar nos incontáveis e mesmo imprevisíveis contatos e intersecções

das inúmeras vozes sociais que participam da constituição contínua do psiquismo e nele ressoam e se entrecruzam numa espécie de moto perpétuo dialógico (cf. Evans).

Linguagem e sujeito, dessa maneira, são socialmente constituídos nas relações dialógicas que estabelecem. Ganham complexidade e singularidade na ação irrepetível do sujeito como ser no mundo. Isso implica que essas relações são tão particulares e únicas que tornam únicos e singulares os enunciados (concretização da linguagem) e os sujeitos (cuja consciência é permeada pelo discurso interior socialmente apreendido). É o sujeito que atualiza a linguagem, que faz a ponte entre o signo e o sentido, tornando este, além de social, histórico. E a historicidade acontece apenas na presença dos indivíduos concretos.

Nas seções que seguem, procuramos aprofundar as relações entre linguagem, sujeito e sociedade. Na seção 5.2, destacamos o fato de que linguagem, para o Círculo, é discurso e que este se realiza nos enunciados concretos envolvendo relações sógnicas, ideológicas, valorativas cronotópicas e dialógicas materializadas no enunciado singular. Na seção 5.3, nossa ênfase será no sujeito dialógico e na sua formação por meio do discurso na relação alteritária, exotópica e consciente com o outro.

4.2 DISCURSO E ENUNCIADO

O discurso é a língua in actu. É inadmissível contrapor língua e discurso em qualquer que seja sua forma. O discurso é tão social quanto a língua.
(BAKHTIN, 2016 [1950]).

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2013 [1963], p. 207) define discurso como “[...] a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística [...]”. Para compreender a importância dessa afirmação, inicialmente, é preciso apresentar três adendos: 1) Os tradutores das obras do Círculo frequentemente assinalam o fato de que língua e linguagem em russo são designadas pelo mesmo termo (*iazk*) fazendo com que a tradução para um ou outro dependa inteiramente do contexto. 2) Embora a língua seja o “[...] fenômeno ideológico *par excellence* [...]” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 98), ela não é o único. De tal modo que compreendemos a definição anterior sobre discurso como sendo possível em qualquer signo – desenho, música, gesto corporal. 3) Em seu contexto histórico, o Círculo respondia ativamente às concepções teóricas do pensamento científico e filosófico do seu tempo, não só na linguística, mas também na literatura e na psicologia: as abordagens objetivista-abstratas e as abordagens subjetivista-idealistas. Nesse contexto, como já vimos na

seção anterior, o conceito mais amplamente aceito de língua compreendia esta como um conjunto abstrato de fonemas e morfemas, e que seu uso era ou uma justaposição dessas formas obedecendo regras internas de um sistema lógico de relações sintáticas e léxico-semânticas (objetivismo-abstrato) ou uma expressão da psique e da atividade criadora do sujeito individual (subjetivismo-idealista). Em ambos os casos, a função interativa da linguagem e a sua constituição intersubjetiva (em relação a um outro necessário) era ou secundarizada ou completamente ignorada.

Nesse cenário, ao definir discurso como língua, foi necessário demonstrar seu entendimento de que a língua não é um fenômeno que se basta, que obedece exclusivamente às suas normas internas ou que esse sistema tenha sido construído e utilizado para a expressão da psique individual obedecendo às vontades subjetivas do falante. Para o Círculo, a língua é um construto social, histórico e cultural fruto da interação discursiva e figura ao lado de todos os demais materiais semióticos integrando o complexo universo ideológico. A língua é um produto ideológico e, como tal, nasce e se desenvolve da interação entre os sujeitos em sociedade, ou seja, ela é socialmente criada e apreendida (cf. seção 4.1). Nas palavras de Volóchinov (2019 [1930a], p. 248, grifos do autor), “[...] a linguagem não é uma dádiva divina ou da natureza. Ela é *produto da atividade coletiva humana, e todos os seus elementos refletem a organização tanto econômica quanto sociopolítica da sociedade que a gerou*”.

Por compreendermos que o emprego dos termos “concreta” e “viva” para adjetivar a língua marca essa posição e por possuímos na língua portuguesa dois vocabulários capazes de diferenciar essa ideia, é que optamos por utilizar o termo linguagem sempre que a língua esteja sendo considerada como **signo ideológico**⁴¹ integrante da interação discursiva; e o termo língua para designar o aparato técnico utilizado na fala ou na escrita. Enquanto o termo “signo” marca a capacidade do material de refletir uma realidade que lhe é exterior, o termo “ideológico” marca a capacidade do signo de refratar essa realidade exterior, atribuindo-lhe valor.

Nessa perspectiva, compreender o conceito de discurso perpassa por aceitar que a relação do ser humano com o mundo e com os outros seres humanos não é direta, transparente ou neutra, mas é sempre atravessada por interpretações valorativas – “A consciência humana não toca a existência diretamente, mas através do mundo ideológico que a rodeia” (MEDIVIÉDEV, 2012 [1928], p. 56). São essas interpretações valorativas que Volóchinov (2019 [1930a], p. 243) define como **ideologia**: “[...] todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro do humano da atividade social e natural, expressa fixada pelo homem na palavra, no

⁴¹ Neste capítulo, os conceitos norteadores da discussão serão marcados em negrito para destaque.

desenho artístico e técnico ou em alguma outra forma *sígnica*”. Ou seja, a relação do homem com o mundo é ideológica e semiótica, pois os signos são o material ideológico que fixam os quadros axiológicos e permitem a sua expressão. Os signos, portanto, refletem e refratam a realidade na mente humana criando interpretações avaliativas do mundo e da sociedade – seja de seus objetos, fenômenos, relações ou vivências.

Logo, o conceito de ideologia para o Círculo não é aquele de falseamento da realidade, já que a realidade pura é inacessível à consciência humana fora dos quadros avaliativos. Mesmo as necessidades fisiológicas mais básicas do ser humano sofrem a refração do contexto social em que o indivíduo está inserido (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]; 2019 [1930a]). A fome, o frio, a dor são experienciados de forma diferente a depender da classe social daquele que sente, em que espaço e qual tempo sente, na presença de quem sente. Isto é, sentir e expressar a fome, a dor e o frio produzem diferentes refrações quando se trata de um morador de rua ou de um milionário, porque não se trata apenas da necessidade biológica, mas da compreensão dessas sensações e das possibilidades de atendê-las. Portanto, cada experiência é valorada de acordo com a situação em que foi vivenciada, e diferentes valorações implicam diferentes quadros axiológicos.

No entanto, essa possibilidade da ideologia de representar determinadas avaliações em detrimento de outras (geralmente as avaliações que favorecem os grupos sociais dominantes) não está descartada. Isso porque os quadros axiológicos fixados nos signos não são frutos da avaliação individual do sujeito, isto é, o sujeito não interpreta o mundo a partir da sua subjetividade (pelo menos não no sentido de subjetividade psicologizante como uma posição unicamente individual e independente das relações sociais). Os signos são materiais ideológicos social e historicamente construídos e carregam neles quadros axiológicos igualmente sociais e históricos que nos chegam a partir dos enunciados alheios. De tal modo que, quando aprendemos os signos, já aprendemos a ideologia neles fixada, as formas de interação, os comportamentos aceitáveis, os enunciados típicos.

Em outras palavras, os signos passam a integrar a consciência humana a partir das interações do sujeito com outros sujeitos, isto é, são recebidos do exterior em contextos específicos de interação que estão intrinsecamente relacionados ao seu sentido. Em consequência disso, se a ideologia é uma construção interindividual de sujeitos em interação social inevitável à compreensão da realidade que nos cerca materializada nos materiais semióticos, por certo que muitas das percepções humanas são atravessadas pelas avaliações gerais de determinada sociedade, ou melhor, de determinados grupos da sociedade, o que acaba por gerar distorções e impor visões unificadas da realidade. A despeito disso, não podemos

compreender a ideologia simplesmente como falseamento da realidade uma vez que somos expostos a diferentes quadros axiológicos nos diferentes campos da atividade humana e organizamos essas avaliações a partir do centro singular da nossa existência. Assim, quanto mais nossa consciência se desenvolve, quanto mais participamos de situações de interação distintas, tanto mais os signos externos tornam-se internos e adquirem uma expressão intersubjetiva (compreendida como a subjetividade constituída na relação com o outro, a interioridade constituída na relação com a exterioridade, a individualidade constituída na relação com o social).

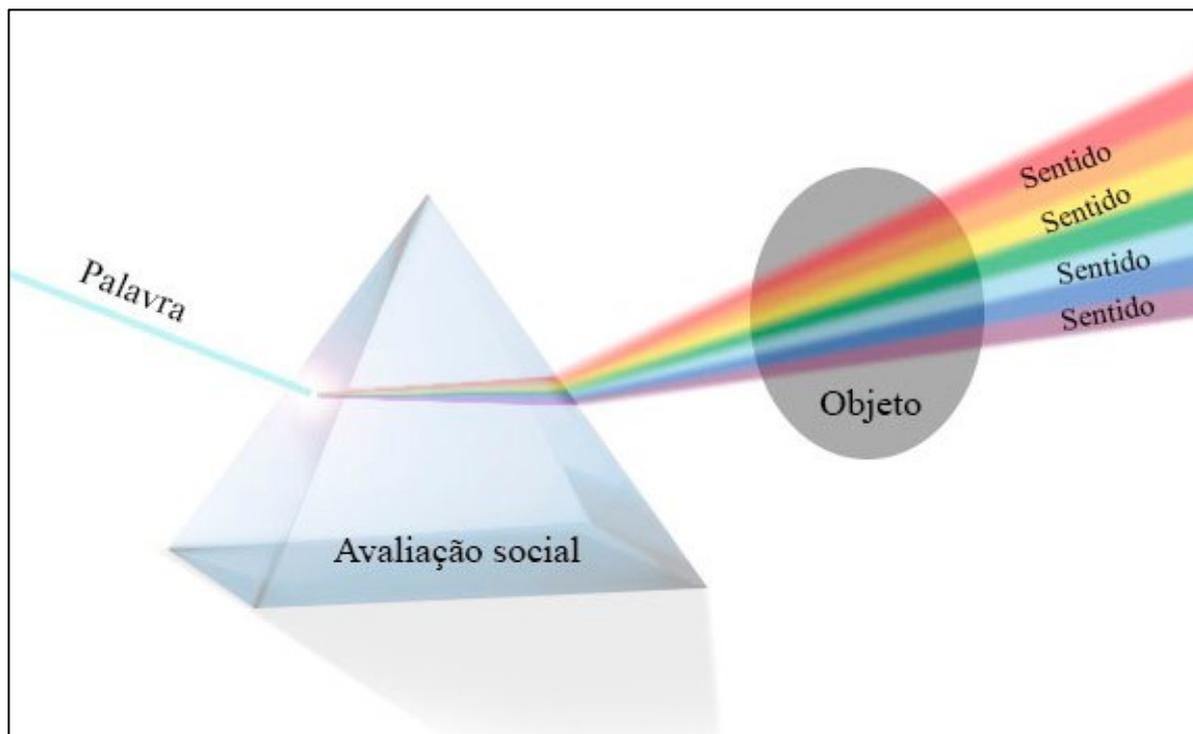
Em resumo, todo signo é ideológico e toda relação do homem com o mundo é semiotizada. Essa relação é refletida e refratada, isto é, é uma representação da realidade interpretada e construída a partir do horizonte ideológico constituído de diferentes valores de grupos sociais distintos. A esses conjuntos de valorações chamaremos, assim como propõe Medviédev (2012 [1928]), **avaliação social**⁴². E toda produção discursiva, em qualquer campo da vida social do homem, leva em consideração a avaliação social fixada no material semiótico: assim como a relação do homem com o mundo é mediada pelo signo, a relação entre a materialidade do signo e o seu conteúdo é mediada pela avaliação social; o discurso não toca o objeto, assim como o sujeito não toca a realidade, são relações semiotizadas e ideológicas. Dessa maneira, ao compreender que o signo integra a realidade que reflete e a refrata criando interpretações avaliativas dela, a teoria do Círculo transcende a ideia de signo como de pura representação de uma realidade numa relação mecânica entre significante e significado. Ao invés de duas instâncias dicotômicas, a conexão entre o sentido e o material semiótico é compreendida como uma realidade mediada pela avaliação social que determina as relações semântico-ideológicas indissolúvelmente ligadas ao contexto situacional da produção e da recepção do signo (PONZIO, 2018). Bakhtin (2015 [1934/1935], p. 49-50) explica o papel que a avaliação social, como elemento de refração da realidade, exerce na conexão entre significante e significado na passagem que segue:

Se imaginarmos a intenção, isto é, a orientação de uma palavra em forma de raio voltada para o objeto, então o jogo vivo e singular de cores e luz que tal palavra constrói nas facetas da imagem deve-se à refração raio-palavra não no próprio objeto [...], mas à sua refração no ambiente de palavras, avaliações e acentos alheios pelo qual passa o raio em direção ao objeto: o clima social da palavra que cerca o objeto obriga as facetas de sua imagem a entrarem em jogo.

⁴² Volóchinov (2018 [1929]; 2019 [1930a]; 2019 [1930b]; 2019 [1930c]) usa o termo orientação social.

Essa passagem transporta para o campo do discurso a imagem de um prisma óptico da física⁴³. Abaixo, propomos a tradução da passagem de Bakhtin para uma figura⁴⁴:

Figura 1 - Representação da atuação da avaliação social



Fonte: Elaborada pela autora com base no prisma óptico e na citação de Bakhtin (2015 [1934/1935], p. 49).

Nessa representação, fica evidente que a palavra (o signo) não tem um significado único, não designa um objeto de forma direta, posto que se assim o fosse, o raio passaria pelo prisma e sairia igualmente branco do outro lado. E, ainda, que os vários sentidos de uma palavra não são relativos ao seu objeto, mas à avaliação social em relação a este objeto. Para usarmos termos da linguística estruturalista a qual o Círculo respondia, poderíamos dizer que o signo não é uma instância dicotômica constituída por um significante e um significado como faces da mesma moeda. Assim como a luz branca, a percepção do signo como detentor de um significado que lhe é inerente é uma ilusão, pois o signo em si nada significa, nada comunica, nada valora; apenas sua inserção em determinado contexto enunciativo é capaz de produzir sentidos. Como

⁴³ A partir do prisma óptico, Isaac Newton demonstrou que, ao contrário do que se pensou por muito tempo, o branco não era uma cor pura e a luz branca não era uma unidade indecomponível, mas uma ilusão óptica resultante da junção de todas as cores. Aplicar essa imagem ao campo da linguagem comparando-a com a relação da palavra (significante) com seu objeto (significado) é, no mínimo, instigante quando pensamos em um experimento tão revolucionário no campo da física.

⁴⁴ O raio branco representado à esquerda do prisma e indicado pelo termo “palavra” foi destacado em azul claro para que fosse visível no fundo branco.

alerta Ponzio (2018, p. 186-187), “o sentido global e unitário do signo não pode se separar dos contextos comunicativos concretos, da interação social, de seu nexos com determinados valores e perspectivas ideológicas”. Ou seja, as possibilidades interpretativas de um determinado signo são fruto do meio ideológico em que circulam os discursos e no qual os objetos deste discurso são avaliados, valorados, acentuados. O sentido de um signo não é uma relação direta entre significante e significado presentificados no material semiótico, mas dependente de sua inserção contextual.

É importante destacar também que nem toda prática social entra no prisma da avaliação social, nem todos os objetos/acontecimentos/vivências recebem significação, pois se encontram fora do horizonte ideológico de determinada sociedade em determinada época. Enquanto fenômeno ideológico materializado, os signos são capazes de representar apenas uma determinada gama de objetos (sejam eles coisas ou vivências) dentro do prisma de projeções ideológico-valorativas de cada esfera da atividade humana.

Mesmo no mundo do ser humano não existem signos ideológicos para todos os fenômenos da natureza e da história. Em cada etapa do desenvolvimento da sociedade existe um conjunto específico e limitado de objetos que recebem atenção social. Só esse conjunto de objetos receberá um formato sógnico e se tornará um tema da comunicação ideológica, e portanto, sógnica (VOLÓCHINOV, 2019 [1930c], p. 314).

Por esse motivo, a realidade é diferentemente compreendida e valorada a depender de quais pontos de vista são reafirmados como socialmente aceitos. Esses pontos de vista estão em constante construção, o que acarreta uma avaliação social que é constantemente reacentuada pelas interações discursivas que se desenvolvem ininterruptamente no interior das esferas de atividade humana. Em função dessa constante reacentuação dos signos em novas realidades, podemos dizer que os signos têm uma possibilidade infinita de sentidos quando consideramos o panorama geral do ininterrupto fluxo discursivo (o discurso considerado na sua constituição histórica que se estende indefinidamente ao passado e ao futuro). Ou seja, um signo nunca terá o último sentido; conforme mudam as situações de interação, os tempos e os espaços, mudam e ampliam-se os quadros avaliativos sociais que atravessam o signo. No âmbito da realização dos sentidos, cada nova enunciação é uma intervenção humana espaço-temporalmente situada e os atualiza em uma determinada situação de interação criando para o enunciado limites espaço-temporais de compreensão. Isso porque todo signo, além de ideológico, é **cronotópico**, ou seja, em seu processo de reflexão e de refração da realidade acontece também um “[...] processo de assimilação do tempo e do espaço histórico reais, e do homem histórico e real que neles se revela” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 11).

Inicialmente aplicado ao discurso literário na primeira versão do ensaio *As formas do tempo e do cronotopo no romance*, Bakhtin (2018 [1973], p. 11, grifo do autor) chamou de “[...] *cronotopo* (que significa ‘espaço-tempo’) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura”. Posteriormente, ampliou o conceito para todo o campo da comunicação discursiva quando afirmou em suas *Observações Finais* (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 236) que “[...] qualquer entrada no campo dos sentidos só se concretiza pela porta dos cronotopos”. Além disso, o autor informa que o termo “foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). [...] quase como uma metáfora (quase, mas não inteiramente) [...]” (2018 [1973], p. 11). Explicam Morson e Emerson (2008, p. 384) que “com esse comentário críptico, Bakhtin parece querer dar a entender que a relação do ‘cronótopo’ com o ‘tempo-espaço’ einsteiniano é algo mais fraco que uma identidade, porém mais forte que uma simples metáfora ou analogia”. Em complemento, podemos dizer que o termo cronotopo não trata do tempo-espaço físico e natural, mas da assimilação humana dessas categorias (assimilação que é sempre ideológica, portanto, refletida e refratada), e, nesse aspecto, a sua transposição do campo da física para o campo das ciências humanas é metafórica e não idêntica; no entanto, uma vez que o cronotopo no campo das ciências humanas é a assimilação humana da interligação de tempo e de espaço reais, isto é, do tempo e espaço físicos, naturais e históricos, há no cronotopo discursivo uma assimilação do cronotopo físico que transcende as barreiras da mera transposição conceitual de um campo a outro. Nas palavras de Bakhtin (apud BEZERRA, 2018, p. 257-258)⁴⁵:

O cronotopo é profundamente antropocêntrico. Em seu centro estão o homem e as relações humanas, nele e através dele são assimilados e unificados o espaço e o tempo. Trata-se do espaço humano e do tempo humano medidos pelo trabalho, pelos esforços e pela vida do homem, assimilados por seu ativismo, por suas necessidades, por sua prática humana. O homem unifica um mundo integral de objetos no espaço e no tempo. A natureza é objeto de sua ação, os demais objetos são produtos de sua atividade, do seu trabalho, de seu ativismo criador.

Assim, embora tudo o que exista – cada fenômeno da natureza, cada ser biológico, cada objeto – possua uma determinada localização espacial e uma certa durabilidade temporal, nem tudo possui um “valor cronotópico” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 217) *per se*; mas, ao adentrar o

⁴⁵ Esta citação está no posfácio de Paulo Bezerra ao livro “Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo” (BAKHTIN, 2018 [1973]) traduzido por ele. Segundo o tradutor, trata-se de um texto encontrado nos cadernos de Bakhtin e que não integrou a edição russa de 1979 de “Estética da criação verbal” a partir do qual foi realizada a tradução brasileira em 2003 e que até o presente momento não foi traduzido para o português. Intitulado *Em torno do “romance de educação”*, sem data de escrita, o texto, na visão de Bezerra (2018, p. 256), empenha-se em “[...] dar ainda mais materialidade e visibilidade ao tempo em sua relação com a cultura humana e a história [...]”.

espaço-tempo do sujeito social, ao integrar a cultura e participar do horizonte ideológico de uma comunidade discursiva, passam a integrar aquele conjunto de valorações que compõem a avaliação social.

Essa capacidade do signo de fixar avaliações sociais cronotópicas é que cria a ideia de que uma palavra seja portadora de um sentido determinado independentemente da situação de interação. A palavra no dicionário nada mais é que uma relativa estabilização dos usos mais frequentes desta nas situações de interação mais comuns e/ou nas situações de maior prestígio social guardadas na memória do signo. De modo que, ao mesmo tempo em que os signos ao darem concretude ao discurso delimitam espaço-temporalmente as produções de sentido em cada situação de interação, eles também guardam uma espécie de memória cultural humana, ideia que Bakhtin esboça em uma nota de rodapé, incluída em suas *Observações Finais* ao ensaio sobre Cronotopo, para explicar como estão presentes em Rabelais (Séc. XVI) marcas cronotópicas da Antiguidade (4000 a.C. até 476 d.C.):

As tradições literárias e culturais (inclusive as mais antigas) conservam-se e vivem não na memória subjetiva individual de um homem isolado ou em alguma “psique coletiva”, mas nas formas objetivas da própria cultura (incluindo-se aí as formas linguísticas e discursivas), e nesse sentido são intersubjetivas e interindividuais (logo, também sociais); é daí que chegam às obras da literatura, às vezes evitando quase inteiramente a memória subjetiva individual dos criadores. (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 225)

Em outras palavras, quando um enunciado é produzido em uma situação de interação concreta, seu sentido ingressa na cadeia discursiva, ganha o grande tempo e se soma a sentidos outros. A cadeia discursiva, por sua vez, é parte da cultura, das práticas do ser em sociedade, do infinito conjunto de atos singulares da produção simbólica humana. Esse imenso arcabouço cultural, do qual o discurso e a linguagem são parte, formam a memória da cultura capaz de ascender sentidos que estavam submersos em espaços de séculos de distância, porque esses sentidos ficam preservados nos materiais culturais e são reavivados quando o enunciado contata outros enunciados em novos cronotopos.

Em resumo, toda produção discursiva é sempre uma avaliação do mundo, uma posição axiológica do falante em relação ao seu objeto, ao seu interlocutor e à situação de interação; e a língua é uma das semioses que nos permitem materializar não só os reflexos dos objetos do mundo, mas também as refrações, isto é, as avaliações sociais, atualizando-as espaço-temporalmente e conferindo-lhes valor cronotópico. Nas palavras de Faraco (2009, p. 50), “[...] o Círculo assume que o processo de transmutação do mundo em matéria significativa se dá sempre atravessado pela refração dos quadros axiológicos”. Ou seja, os signos não são neutros

nem imutáveis, tampouco são neutras e imutáveis as representações e refrações do mundo. Eles são sempre atravessados pelas avaliações presentes no discurso e dependentes do contexto de interação. Essas avaliações não são, no entanto, individuais. Elas são sempre reflexos e refrações cronotópicas do meio social em que o sujeito está inserido e a partir do qual ele interage. Como um processo contínuo, a ideologia produz seus materiais ideológicos que participam da realidade social dos sujeitos e estes, enquanto interagem por meio dos materiais ideológicos, produzem novos sentidos que reinseridos no material ideológico alteram a ideologia, pois, para serem compreendidos em sua integridade, os signos precisam ter não só uma significação externa, uma produção externa visível/audível, mas precisam integrar o discurso interior, ser compreendidos e provocarem uma resposta. Todo esse movimento amplia a consciência do homem e altera a vida em sociedade. “Precisamente nesse meio vive e se desenvolve a sua consciência (sobre consciência, ver seção 4.3). A consciência humana não toca a existência diretamente, mas através do mundo ideológico que a rodeia” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 56). Portanto, o discurso integra o mundo que circunda o homem e o próprio homem e sua consciência, possibilitando a compreensão e a interação do homem com o mundo, sempre concretizado em um material sócio-cultural que atravessado por projeções ideológico-valorativa e espaço-temporais. Todo discurso é, portanto, um produto/processo semiótico, ideológico e cronotópico.

Medviédev (2012 [1928]) e Volóchinov (2018 [1929]) destacam que a principal diferença dos produtos ideológicos em relação aos corpos físicos, aos instrumentos de produção e aos produtos de consumo é que, embora todos esses objetos sejam “parte da realidade social e material que circundam o homem”, apenas aqueles são capazes de refletir e refratar a realidade circundante, de representar e substituir algo de fora, de significar e de criar uma unidade social interna, uma conexão entre os indivíduos de uma determinada coletividade. No entanto, “os objetos do mundo social adquirem funções outras como resposta às diferentes situações de interação, passando a significar além de suas particularidades materiais, tornando-se signos” (ACOSTA-PEREIRA; BRAIT, 2020, p. 127), ou seja, qualquer corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo pode assumir o papel de signo e ser revestido de sentidos ideológicos. De acordo com Medviédev (2012 [1928], p. 56):

O homem social está rodeado de fenômenos ideológicos, de ‘objetos-signo’ dos mais diversos tipos e categorias: de palavras realizadas nas suas mais diversas formas, pronunciadas, escritas e outras; de afirmações científicas; de símbolos e crenças religiosas; de obras de arte, e assim por diante. Tudo isso em seu conjunto constitui o meio ideológico que envolve o homem por todos os lados em um círculo denso.

Se a concretude do discurso é possível em qualquer material semiótico – o desenho, o gesto, os objetos, por que, então, Bakhtin destaca a língua em sua definição de discurso⁴⁶? Primeiramente, porque o material em análise no livro *Problemas da poética de Dostoiévski* é, por óbvio, a língua escrita. Mas, na obra do Círculo como um todo, a língua adquire um papel central nos estudos da ideologia. Essa centralidade não é gratuita e se deve à compreensão de que a língua é o signo por excelência (cf. seção 4.1) pois não está restrita a nenhuma esfera ideológica; ao contrário, ela circula em todas elas e para além delas, na esfera do cotidiano, ou seja, ela circula nos meios mais eruditos da ciência e das artes, nas conversas cotidianas mais banais e no discurso interior.

Além disso, a língua é o principal material da consciência humana (como veremos na próxima seção) e permitiu um largo desenvolvimento dos sujeitos, das relações sociais e dos produtos culturais. E, ainda, a língua é inerentemente um signo, essa é sua única função – “toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 98). Diferentemente de um produto de consumo ou de um instrumento de produção, que como a língua também são produtos da vida do homem em sociedade, a língua não pode existir fora da interação discursiva. Ela é intrinsecamente social, pois nasce da interação entre sujeitos em sociedade e nela se desenvolve, muda, vive. “Ela é *produto da atividade coletiva humana, e todos os seus elementos refletem a organização tanto econômica quanto sociopolítica da sociedade que a gerou*” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930a], p. 248, grifos do autor). Se essa parte for apagada, não restará corpo físico; restarão apenas sons ou imagens incompreensíveis, como acontece quando ouvimos uma língua estrangeira desconhecida ou nos deparamos com hieróglifos do Antigo Egito; porque mesmo o significado dicionarizado das palavras ou as regras sintáticas de organização de uma frase resultam da interação entre sujeitos socialmente organizados. Como bem assevera Volóchinov (2018 [1929], p. 144-145, grifos do autor.),

Se isolarmos o som como um *fenômeno* puramente *acústico*, não teremos a língua como objeto específico. O som se encontra sob o domínio absoluto da física. Se acrescentarmos o *processo fisiológico de produção do som* e o processo da sua *percepção* sonora, ainda assim não nos aproximaremos do seu objeto. Se adicionarmos a *vivência* (os signos interiores) do falante e do ouvinte, teremos dois processos psicofísicos que ocorrem em dois sujeitos psicofisiológicos distintos e um conjunto físico e sonoro que se realiza na natureza, de acordo com as leis da física. A língua, como um objeto específico, ainda continuará ausente.

⁴⁶ Aqui estamos nos referindo a citação que deu início a esta seção, qual seja, “a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2013 [1963], p. 207).

Podemos dizer, então, que a materialidade da língua tem um caráter especial cuja existência depende do seu sentido social. Ou seja, a língua existe somente como materialidade do discurso, como material semiótico que possibilita a interação discursiva dos sujeitos em sociedade. Nesse sentido, “[...] *o sistema sincrônico, de um ponto de vista objetivo, não corresponde a nenhum momento real do processo de formação histórica*” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 174, grifos do autor), posto que a formação da língua é um processo ininterrupto. Assim, por exemplo, o sistema de uma língua nacional, tal qual aprendemos na escola com suas regras gramaticais, sintáticas e semânticas, é fruto de uma abstração realizada pelo homem a partir da análise da língua em uso e não a realidade da língua. Enquanto participante das relações humanas, o sistema está sempre em mutação, não há um momento de pura estabilidade. A ideia de um sistema linguístico autossuficiente, que obedece às suas próprias leis internas imutáveis de regulação e funcionamento é uma abstração que, embora necessária aos estudos da linguística, não encontra respaldo na realidade objetiva ou na consciência subjetiva dos interlocutores. De acordo com Volóchinov (2018 [1929], p. 176-177),

Esse sistema [de formas normativas idênticas] é apenas uma abstração, obtida mediante um enorme trabalho realizado com uma certa orientação cognitiva e prática. O sistema é um produto da reflexão sobre a língua, sendo que essa reflexão de modo algum é realizada pela consciência do próprio falante e está longe de visar à fala imediata.

Nada disso contraria, no entanto, a unidade de uma língua nacional, da possibilidade de mútua compreensão entre falantes de uma mesma língua. Apenas se opõe a ideia de que essa língua seja um sistema pronto e imutável que é adquirido passivamente pelos falantes, que possui uma significação estanque de representação do mundo. Tal sistema só pode ser visto nos idiomas mortos que não participam mais de interações ou como abstração convencional que determina os limites de uma língua nacional com base em um padrão observável nos enunciados de determinada parcela de uma comunidade linguística (geralmente a parcela de maior prestígio social). Ainda assim, nesses casos, o sistema se torna material morto, perde sua significação ideológica e sua expressividade, visto que essas são inteiramente dependentes das interações sociais. Os sujeitos interagem por meio da linguagem para produzir sentidos novos e não para repetir estruturas sintáticas ou significados dicionarizados, “na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana*” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 181,

grifos do autor). Ou seja, o sistema da língua isolado não tem utilidade para o falante por sua inexpressividade.

Ainda sobre a concretude especial da língua, parece-nos relevante destacar que essa caracterização revela mais um embate teórico muito específico do contexto histórico soviético⁴⁷ do início do século XX, relacionado às ideias do marxismo mecanicista e à sua compreensão de que a língua enquanto sistema e estrutura não deveria ser objeto de estudo de abordagens sociológicas, pois lhe interessava apenas o cunho social do uso da linguagem, fosse na esfera cotidiana, estatal ou artística. O que, para o Círculo, caracterizava-se como um equívoco, uma vez que, embora a língua seja um objeto material completo, apenas na sua relação com o discurso é possível conhecer “[...] a realidade fundamental da língua” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 219) que é a interação discursiva.

Para observar o fenômeno da língua, é necessário colocar os sujeitos falante e ouvinte, bem como o próprio som, no ambiente social. É preciso que tanto falante quanto ouvinte pertençam a uma mesma coletividade linguística, a uma sociedade organizada de modo específico. É fundamental ainda que os nossos dois indivíduos sejam abarcados pela unidade da situação social mais próxima, isto é, que o encontro entre essas duas pessoas ocorra em um terreno determinado. O intercâmbio verbal só é possível nesse terreno determinado, por mais geral e, por assim dizer, ocasional que ele seja. (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 145).

O discurso é social em toda a sua integridade, inclusive em seus aspectos mais formais da língua, posto que “nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 20). Por esse motivo, Bakhtin (2013 [1963], p. 207, grifos nossos) não define discurso apenas como a língua concreta e viva, mas sim como “a língua na sua **integridade** concreta e viva”; porque a integridade da língua engloba o seu aspecto material (concreto) e, nesse sentido, os fonemas, morfemas, sons e imagens são partes necessárias da língua; assim como, para utilizá-la, é necessário organizar esses sons e imagens, dar-lhes forma. Contudo, nenhuma dessas características são suficientes para defini-la, porque como qualquer signo ideológico, é intrínseco da língua representar e

⁴⁷ Na Rússia marcada pelo contexto pós-revolucionário, que buscava firmar as bases do comunismo no país, era necessário que todas as ciências fossem fundamentadas no marxismo e engajadas com/panfletárias de os motivos da revolução. Tendência que gerou compreensões mecânicas e superficiais da relação entre estrutura e superestrutura e que ficaram conhecidas, posteriormente, como marxismo mecanicista (em contraste ao marxismo dialético). Sobre essa visão, opina Volóchinov (2019 [1926], p. 109-110): “Existe uma opinião errônea, apoiada, porém, por alguns marxistas, de que o método sociológico torna-se legítimo apenas quando a forma poética artística, acrescida do aspecto ideológico – o conteúdo –, passa a desenvolver-se historicamente nas condições da realidade social exterior. Já a forma é dotada de sua própria natureza e lei artísticas específicas, que não são sociológicas”.

interpretar uma realidade que está fora de seus limites físicos, que, no entanto, são parte de sua constituição – o material precisa estar em interação para refletir e refratar a realidade. Essa definição de discurso engloba tanto a dimensão verbal (o material linguístico e sua organização) quanto a dimensão social (incluídos aqui, entre outros, a situação da interação, o contexto histórico, o autor, o interlocutor) (RODRIGUES, 2001). Não há dissolução possível entre o verbal e o extraverbal do discurso que não acarrete uma abstração desse fenômeno. Nas palavras de Bakhtin (2015 [1934/1935], p. 21), “[...] a forma e o conteúdo são indivisíveis no discurso concebido como fenômeno social – social em todos os campos de sua vida e em todos os seus elementos, da imagem sonora às camadas semânticas abstratas”. Essa indissolubilidade entre conteúdo e forma, entre social e sistêmico vale para todo o universo dos signos, vez que, embora alguns materiais ainda exerçam uma função prática quando desconectados das relações sociais, somente na relação com esse meio ele é sócio – tem sentido e valor social. Assim, podemos ampliar a definição anterior dizendo que todo discurso possui uma dimensão material e uma dimensão social. Essas duas dimensões do discurso encontram-se sempre fundidas em um **enunciado**, “porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 28).

Quando um signo (ou um conjunto de signos) é mobilizado pelo enunciado, seus sentidos são atualizados, pois eles passam a pertencer a um sujeito que está em uma situação real de interação. De forma que todo enunciado é uma “[...] intervenção discursiva histórica [...]” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 189) cuja realização engloba toda uma série de relações extraverbais que não serão necessariamente explicitadas no enunciado, mas que ficarão subentendidas, como as relações de hierarquia com o auditório, o contexto em que a interação se desenvolve, as avaliações sociais. É no enunciado, portanto, que está a integridade do signo, que o discurso está materialmente expresso e em uso, que os sentidos se atualizam na relação direta com seu autor, com a situação de interação e com o auditório. No enunciado, o discurso adquire valor cronotópico já que está espaço-temporalmente definido. Além disso, é por meio do enunciado que o discurso exterior é interiorizado e que o discurso interior se organiza para a exterioridade e se estrutura em uma relação contínua de movimento no qual o exterior é interiorizado e interior é exteriorizado. Nas palavras de Bakhtin (2016 [1951/1953], p. 16-17), “[...] a língua passa a integrar a vida através dos enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”, motivo pelo qual nos

deteremos ainda nas peculiaridades do enunciado enquanto “[...] *real unidade* da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 28, grifos do autor).

Para o Círculo, o enunciado é uma produção discursiva semiótica, ideológica, social e histórica, que aborda um determinado conteúdo/objeto/tema, realizado por um sujeito sócio-historicamente situado, endereçado a um outro sujeito (ainda que hipotético, como veremos), numa situação de interação específica, materialmente expresso em um determinado signo ou conjunto de signos organizados e selecionados de acordo com as finalidades da interação em curso e com a posição valorativa do falante em relação ao seu auditório. Independentemente das diversas funções que possa cumprir nos mais diversos campos da atividade humana e nas mais diversas situações de interação, todo enunciado possui “limites absolutamente precisos”, substanciais e de princípio (em contraposição aos limites relativos e convencionais das unidades da língua) (BAKHTIN, 2016 [1951/1953]). Esses limites que emolduram o enunciado ao mesmo tempo que restringem a produção de sentidos naquele contexto específico de interação, permitem que os sentidos se renovem a cada contato desse discurso com outros discursos na cadeia discursiva historicamente considerada. Apagar os limites do enunciado seria romper com a possibilidade de contato.

Bakhtin (2016 [1951/1953]) propõe um conjunto de três peculiaridades estruturais comuns a qualquer enunciado concreto (seja ele uma réplica monossílaba de um diálogo íntimo ou um tratado científico de vários tomos) que o diferencia das unidades convencionais da língua enquanto sistema abstrato (como a oração, frase, fluxo de fala): 1) “[...] a alternância dos sujeitos do discurso [...]” (p. 35); 2) “[...] a *conclusibilidade* específica do enunciado” (p. 35, grifos do autor); 3) “[...] a relação do enunciado com o *próprio falante* (autor do enunciado) e com outros participantes da comunicação discursiva” (p. 46, grifos do autor).

A primeira peculiaridade diz respeito aos limites do enunciado na cadeia da comunicação discursiva. Esses limites não são marcados por qualquer medida de extensão, quantidade, classe de elementos gramaticais ou ponto final convencionalmente determinado, mas pela situação concreta da interação. Como já apontamos, cada enunciado concreto é produzido em uma situação real de interação – que inserido em um determinado campo da comunicação discursiva, envolve suas condições de produção, seus interlocutores, o objeto/tema da interação –, dentro dessa situação, o enunciado está delimitado pelos enunciados que lhe antecederam (aos quais ele exerce o papel de respondente) e aqueles que lhe sucederão.

Todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão

ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão) (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 29).

Esse traço é mais evidente (exterior) nos diálogos face a face no campo da comunicação cotidiana, nos quais percebemos claramente as réplicas de cada falante. A própria constituição da interação discursiva desse tipo pede que a cada pausa do meu turno de fala suceda a réplica do outro. No diálogo cotidiano, a alternância dos sujeitos na delimitação do enunciado está configurada pela própria estrutura desse tipo de interação. No entanto, o mesmo se dá em relação a todos os enunciados independentemente do gênero e da esfera, mesmo um tratado científico ou uma obra de arte é uma resposta a enunciados que lhes antecederam e é direcionado para a resposta de um interlocutor, ainda que em potencial, que lhe sucederá, para o qual o autor “passa a palavra”.

A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; como a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras – enunciados: com aquelas às quais ela responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso. (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 34-35).

Todo enunciado está direcionado não só para a compreensão de um outro, mas para a compreensão ativamente responsiva do interlocutor e, o próprio enunciado, é uma atitude responsiva de enunciados anteriores. Essa compreensão ativo-responsiva varia de acordo com o contexto da enunciação, o auditório, a esfera e o gênero do enunciado; podendo ser um outro enunciado imediatamente subsequente (a réplica), uma ação, um aceno, uma reflexão ou um enunciado produzido em momento posterior. Se considerarmos o processo de compreensão/interpretação do discurso do outro, em concordância com Bakhtin e Volóchinov, a própria interpretação é a elaboração de uma resposta ativa e avaliativa da palavra do outro, porque a compreensão de um signo é a transformação do discurso alheio em um discurso meu, uma espécie de tradução do discurso exterior para o discurso interior – “é impossível dissolver o sentido em conceitos.” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 64) – e, desse modo, a compreensão já é ativamente responsiva por sua própria natureza.

O limite entre um enunciado e outro é, portanto, a palavra alheia que lhe serve não apenas como moldura, mas com a qual ele estabelece relações valorativas (concordância, negação, obediência etc.) que se manifestam nas demais peculiaridades constitutivas do enunciado, como veremos. Antes, cabe destacar que, além de limitar fisicamente o meu discurso, os enunciados alheios funcionam como marcação da sua individualização. Essa alternância dos sujeitos que cria um limite externo nítido para cada enunciado, também adquire

“[...] um caráter interno graças ao fato de que o sujeito do discurso [...] aí revela a sua *individualidade*, no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 34, grifo do autor), ou seja, o fato de estar delimitado pelos discursos alheios é que dá ao enunciado seu caráter de singularidade. É a individualidade que só acontece no contato com o outro, a subjetividade construída na intersubjetividade.

A segunda peculiaridade está diretamente relacionada a anterior. Para que os sujeitos se alternem, é necessário que cada enunciado receba uma finalização, um encerramento. A conclusibilidade específica dos enunciados é este acabamento do conjunto que indica o *dixi* que permite ao outro perceber que o falante concluiu seu enunciado e está abrindo espaço para a sua atitude responsiva. Essa conclusibilidade pauta-se em três critérios de responsividade que criam essa “impressão” de que o falante/autor disse tudo o que queria falar em determinada situação de interação: “1) a exauribilidade semântico-objetal; 2) o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas da composição e do acabamento do gênero” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 36).

Os dois primeiros critérios são quase que autoexplicativos e imanentemente imbricados com a conclusibilidade do enunciado: somos capazes de perceber que um enunciado está concluído quando o falante exauriu os sentidos do objeto do seu discurso dentro do seu projeto discursivo. É preciso apenas acrescentar duas ressalvas. A primeira é que a depender da esfera da atividade humana, dizer tudo sobre um objeto é apenas uma possibilidade relativa e limitada pela situação da interação, pois os objetos são inesgotáveis em seus sentidos, como no caso dos objetos da ciência e da filosofia. Nas palavras de Medviédev (2012 [1928], p. 194) sobre o acabamento do objeto nos campos ideológicos sistematizados:

É suficiente dizer que, com a exceção da arte, nenhum campo da criação ideológica conhece o acabamento no sentido próprio da palavra. Fora da arte, todo acabamento, todo final, é convencional e superficial e, antes de tudo, determinado por causas externas, e não pelo acabamento interno e exaurido do próprio objeto.

[...] em todos os campos da criação ideológica é possível somente um acabamento composicional do enunciado, porém, não um acabamento temático autêntico dele.

A segunda ressalva é de que o projeto discursivo do falante não deve ser entendido como uma vontade individual guiada por seus desejos psicológicos. Tal projeto leva em consideração toda a situação de interação, os elementos coercitivos da sociedade estão atrelados a sua produtividade discursiva criativa, de tal modo que a vontade discursiva do falante está

profundamente vinculada aos interlocutores, à avaliação social, ao tempo-espço da interação, à esfera da atividade humana em que se realiza, ao objeto de discurso etc.

Retomando os critérios de responsividade, o terceiro deles – formas típicas da composição e do acabamento do gênero – necessita de maior atenção por não ser tão óbvia sua relação com a conclusibilidade e com os dois critérios anteriores.

Os gêneros são “[...] tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 18) elaborados nas diferentes esferas da atividade humana. Eles são uma espécie de guia para a inteiração discursiva, nos fornecendo elementos de como funcionam e se constituem estilística, temática e composicionalmente determinados tipos de enunciados, em determinadas situações de interação em cada esfera da comunicação.

Esse enunciado, como unidade da comunicação discursiva e como um *todo* semântico, constitui-se e toma uma forma estável precisamente no processo de uma determinada interação discursiva gerada por um tipo de comunicação social. Cada um dos tipos dessa comunicação citados por nós organiza, constrói e finaliza, *a seu modo*, a forma gramatical e estilística do enunciado, sua *estrutura típica*, que chamaremos adiante de *gênero*. (VOLÓCHINOV, 2019 [1930b], p. 269, grifos do autor).

A interação social dispõe de uma série infinita de gêneros, pois cada forma típica de enunciado medeia a relação do homem com o mundo a depender da esfera e da situação de interação. De tal modo que os gêneros do discurso não só organizam o material linguístico no interior do enunciado, mas organizam a própria comunicação discursiva ao relativamente estabilizar modos de compreensão do mundo e formas de socialização com o outro, pois “cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 196).

É por conhecermos os gêneros do discurso que somos capazes de perceber que nosso interlocutor exauriu o seu objeto temático e que ele concluiu seu projeto discursivo. Porque, pelo gênero do seu enunciado, sabemos o que esperar daquela interação, em termos de extensão do enunciado e de profundidade do tema. Por dispormos desses tipos relativamente estáveis de enunciado é que não esperamos que em uma conversa de elevador com um vizinho pouco conhecido sejam debatidos temas como o desmatamento na Amazônia ou sejam declamados versos de amor; assim como não esperamos que em meio a uma apresentação de trabalho acadêmico o expositor comece a falar descontraidamente sobre o clima ou sobre a novela.

Também são os gêneros que permitem ao interlocutor diferenciar uma pausa estilística ou uma pausa para elaboração da continuidade do enunciado, da pausa que passa a palavra ao outro. Por isso que Bakhtin (2016 [1951/1953], p. 39) reforça que “se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente cada enunciado e pela primeira vez, a comunicação discursiva seria quase impossível”. Pois as estabilidades, os sentidos pré-fixados, são necessários para a compreensão ativa da novidade que todo enunciado produz.

No entanto, embora os gêneros do discurso exerçam função normativa para a seleção e composição dos elementos do enunciado, eles não atuam de forma restritiva tal qual as normas da língua, isto é, quando não respeitamos algumas normas gramaticais e sintáticas de uma língua, corremos o risco de não sermos entendidos no nível básico da decodificação; já quando não seguimos as linhas guias dos gêneros do discurso, a compreensão primária não fica comprometida, mas a interação soa de maneira inesperada acarretando posições valorativas do interlocutor como surpresa (positiva ou negativa), riso, dúvida, desaprovação. Em resumo, a normatividade dos gêneros do discurso é muito mais flexível, embora tão necessária quanto as normas coercitivas do sistema linguístico. É nesse sentido que Bakhtin (2016 [1951/1953], p. 42) observa que

[...] para o indivíduo falante eles [os gêneros do discurso] têm significado normativo, não são criados por ele mas dados a ele. Por isso um enunciado singular, a despeito de toda a sua individualidade e do caráter criativo, jamais pode ser considerado uma *combinação absolutamente livre* de formas da língua. [...].

No que se refere ao seu funcionamento como critério de responsividade, a escolha do gênero do discurso (escolha que não é aleatória, pois está limitada pela situação de interação e pela esfera) indica uma previsão, tanto para o locutor quanto para o seu interlocutor, da exauribilidade do objeto e do projeto discursivo do falante, ou seja, são os gêneros que nos dão a percepção da conclusibilidade do enunciado.

A terceira peculiaridade do enunciado, a qual Bakhtin (2016 [1951/1953], p. 46) denomina “[...] a relação do enunciado com o *próprio falante* (autor do enunciado) e com outros participantes da comunicação discursiva”, dá unidade as demais, vez que é na relação do autor com o interlocutor que se dá a alternância dos sujeitos e é a situação específica de interação acerca de um determinado objeto, em um determinado campo de atividade humana que permite ao autor concluir composicional, estilística e tematicamente seu enunciado em um conjunto uno e portador dos sentidos que serão ativamente compreendidos. Mas, para além disso, essa

peculiaridade aborda um dos pontos fundamentais da teoria bakhtiniana: as relações dialógicas inerentes a qualquer discurso, apontando para a intersubjetividade constitutiva dos enunciados (cf. seção 4.1). As relações dialógicas são as diferentes atitudes axiológicas dos sujeitos que interagem discursivamente, circunscritos em posições sociais e espaço-temporais únicas. É o posicionamento do sujeito autor em relação aos já-ditos e aos pré-figurados.

Com base nas características das interações verbais cotidianas, nas quais as relações de sentido se instauram necessariamente nas réplicas dos interlocutores – já que não se pode compreender um diálogo analisando apenas os enunciados de um de seus participantes – e nas condições de interação desses interlocutores – a posição e o papel social de um em relação ao outro, o contexto em que o diálogo ocorre, o objeto de sua discussão, o Círculo compreende que todo enunciado está inserido no infinito diálogo que é a cadeia discursiva historicamente concebida. E, nesse caso, “[...] diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 219). Todo o discurso é, nesse sentido, produzido por alguém e para alguém e leva em consideração seu espaço-tempo específico de produção. E, além disso, como não há a palavra primeira, não há o discurso adâmico que instaurou o sentido primeiro (BAKHTIN, 2003 [1951/1953]), todo discurso responde a outros já produzidos, vale-se deles para produzir sentidos.

Por essa razão, o dialogismo é a característica fundamental inerente a qualquer discurso (embora em forma e grau variados) de orientar-se entre os discursos alheios como participe ativo do amplo diálogo social. Essa orientação dialógica do discurso entre os discursos alheios não é apenas uma dialogicidade externa, composicional da alternância de sujeitos; mas é também, e principalmente, uma dialogicidade interna, constitutiva e tensa que penetra toda a estrutura discursiva, “[...] todas as camadas dos seus sentidos e de sua expressão” (BAKHTIN, 2015 [1934/1935], p. 52). E se o discurso só se torna possível na relação de, no mínimo, dois indivíduos, social e historicamente situados; o enunciado é a unidade concreta do discurso justamente porque nele estão presentes o sujeito autor e o seu outro envolvidos em uma situação de interação real, sobre uma temática já atravessada por vários outros enunciados que lhe antecederam.

Todo enunciado é, portanto, uma posição axiológica, uma relação valorativa do seu autor frente seu objeto e seu auditório, e, mais que isso, é uma arena de posições valorativas e avaliativas em relação aos já-ditos sobre o objeto do seu discurso e em relação às atitudes responsivas esperadas de seu interlocutor que podem estar marcadas de forma direta, quando declaradamente citamos o discurso do outro ou declaramos as possíveis respostas alheias (por

exemplo, as perguntas retóricas), mas também está profundamente relacionada às nossas escolhas semânticas, às construções gramaticais, às omissões que funcionam como elemento expressivo dessas posições valorativas: “a dialogicidade interna do discurso encontra sua expressão em várias particularidades da semântica, da sintaxe e da composição [...]” (BAKHTIN, 2015 [1934/1935], p. 52).

Do que se conclui que todo enunciado contém em sua construção um elemento expressivo, fruto das relações dialógicas instauradas no enunciado pelas posições valorativas de seu autor. Esse elemento expressivo que manifesta a concordância/discordância com enunciados anteriores, a relação entre o autor e seus interlocutores (respeito/desrespeito, hierarquia, intimidade/formalidade), a avaliação da situação e da esfera de interação, endereça as escolhas do autor desde os meios linguísticos (escolha de palavras, combinação sintática adequada), o gênero de discurso adequado, a complexidade e o aprofundamento do tema até a entonação a ser utilizada. Esta última é particularmente sensível ao elemento expressivo, representando com eficiência as posições valorativas do autor (cf. seção 5.4).

Assim, a interação com a palavra alheia não é mera relação extraverbal no campo da comunicação, mas é um elemento determinante para a produção do discurso, para realização do projeto discursivo. Nesse contexto, concordamos com Marchezan (2014, p. 123) que o discurso é dialógico pois é sempre “[...] reação do eu ao outro, como ‘reação da palavra à palavra de outrem’, como ponto de tensão entre o eu e o outro, entre círculos de valores, entre forças sociais”. Assim, se externamente o dialogismo está implicado no fato de que todo discurso é direcionado a alguém em determinada situação de interação social, esse direcionamento determina internamente as relações dialógicas no que diz respeito ao objeto do discurso, à estrutura do enunciado e às escolhas léxico-semânticos. O que implica dizer que, por mais monológico que seja um discurso, isto é, por mais que só consigamos perceber em sua composição uma única voz, uma única visão do objeto, ele sempre será dialógico por sua natureza.

No que tange as relações dialógicas presentes no objeto do discurso, o sujeito enunciativo sempre encontra o objeto de sua fala repleto de já-ditos, de avaliações, de dissonâncias e assonâncias, de pontos de vista e é em meio a essa arena discursiva que emerge e se molda seu discurso, ou seja, todo discurso é, desde o princípio, “[...] réplica viva, forma-se na interação dinâmica com o discurso do outro no objeto” (BAKHTIN, 2015 [1934/1935], p. 52). Portanto, ao elaborar nosso discurso sobre determinado tema, sempre o fazemos em relação a esses já-ditos e organizamos nossa produção discursiva para evidenciar certos pontos de vista e obscurecer outros, para contestar certas avaliações e concordar com outras. Pois, como já

vimos, o discurso nunca toca diretamente o seu “objeto puro”, mas sempre refratado em meio aos discursos já-ditos sobre aquele objeto: “a relação do nosso dizer com as coisas (em sentido amplo do termo) nunca é direta, mas se dá sempre obliquamente: nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas” (FARACO, 2009, p. 49-50).

A relação com os enunciados alheios já-ditos, além de estar no objeto (concepções de mundo), está na própria concepção de linguagem e interação que permeiam a consciência do sujeito autor, pois é na sua relação com os enunciados alheios que ele apreendeu os signos em uso, as valorações sociais, os gêneros do discurso e as possibilidades de interação, em adição às posições valorativas em relação aos objetos do seu discurso. E se os discursos (en)formam-se a partir dos já-ditos, eles também (en)formam-se a partir dos discursos alheios que serão ditos, os discursos pré-figurados das réplicas em potencial, porque o sujeito autor sempre tem em mente o seu auditório. A concepção que o sujeito autor tem sobre seu interlocutor (concreto ou potencial), sobre o horizonte apreciativo deste (suas crenças, vivências, avaliações), molda o enunciado na medida em que se endereça para a compreensão ativamente responsiva dele. Ao construir o enunciado, o sujeito autor antecipa as reações de seu interlocutor e com base nos possíveis enunciados alheios que surgirão em resposta ao seu, modula seu tom, adequa seu vocabulário, rebate as possíveis respostas, presta esclarecimentos, aprofunda ou não a temática.

Em resumo, as três peculiaridades constitutivas do enunciado e seus desdobramentos evidenciam “o papel ativo do *outro* no processo de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 27, grifo do autor). Elas funcionam conjuntamente para a configuração do todo do enunciado antes mesmo que este seja materializado, determinando desde o seu conteúdo semântico-objetual até as seleções estilístico-composicionais. A diferença entre um diálogo íntimo e uma obra literária não está, portanto, na sua constituição, vez que, enquanto enunciado, eles comungam das mesmas características, ainda que materialmente expressas de formas distintas. Ela está no fato de que pertencem a esferas distintos da atividade humana. Enquanto o diálogo íntimo integra a ampla gama de gêneros primários que se desenvolvem na esfera da comunicação cotidiana; a obra literária integra a gama de gêneros secundários desenvolvidos nas esferas ideológicas do campo da comunicação da cultura organizada (ciência, artes, filosofia) e em cada esfera as peculiaridades do enunciado serão efetivamente realizadas de formas distintas. Essas esferas são interdependentes e portadoras de limites tênues que por vezes se confundem e se sempre se alimentam. Os gêneros secundários são desdobramentos dos gêneros primários, fruto do desenvolvimento organizado da vida em sociedade.

É no âmbito das relações instauradas no/pelo discurso que Bakhtin (2013 [1963], p. 207) avança na sua definição de discurso como “[...] fenômeno concreto, muito complexo e multifacético [...]”. É notório que aqui já não se trata apenas da língua concreta, mas de um fenômeno ideológico-semântico concreto, que é complexo e multifacético. Essas características ultrapassam em muito a variedade de materiais possíveis de concretizá-lo e dizem respeito às relações entre os sujeitos que produzem discurso e por meio dele interagem, suas relações com a história e com a cultura, com o espaço e o tempo, todas interconstitutivas, faces do mesmo fenômeno e, como tais, qualquer tentativa de isolá-los resultará sempre uma abstração. É impossível manter o discurso vivo se o separarmos do material semiótico, se o isolarmos do tempo e do espaço, se apagarmos os sujeitos, se o alijarmos do meio social em que é produzido, se ignorarmos as marcas valorativas; porque o discurso nasce e vive no contato, na interação, na intersubjetividade. O discurso se concretiza no enunciado que converge em si tanto a dimensão material quanto a dimensão social da situação de interação, seja a situação mais próxima ou a mais distante e historicamente inserida no fluxo da comunicação discursiva, pois “o enunciado em sua totalidade se realiza apenas no fluxo da comunicação discursiva. A totalidade é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desses enunciados com o meio extraverbal e verbal (isto é, com outros enunciados)” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 221). E, ainda que os sentidos sejam renovados em cada ato singular de sujeitos singulares, esses sentidos não são de nenhuma maneira uma construção subjetiva de uma psique individual – seja daquele que produziu um discurso, seja do seu interlocutor. Os sentidos são, como nos diz a citação acima, intersubjetivos e interindividuais; constroem-se, vivem e renovam-se no contato de sujeitos que, embora únicos, são sociais.

Em resumo, a compreensão do Círculo é de que o discurso não pode ser reduzido a relações puramente lógico-semânticas/materiais no interior de um sistema (as abordagens objetivista-abstratas da linguagem) nem a expressões individuais da psique humana (as abordagens subjetivista-idealistas da linguagem). Apesar disso, no entanto, o discurso também não pode ser compreendido a partir das suas relações exclusivamente extraverbais/sociais (as abordagens sociológicas mecânicas), posto que sem o meio material “as relações dialógicas são absolutamente impossíveis [...]” (BAKHTIN, 2013 [1963], p. 210), porque a compreensão do discurso perpassa pela regularidade do signo, pela relativa estabilidade dos significados, pela combinação ordenada dos recursos materiais do signo, pela relativa estabilidade presente nos gêneros do discurso. E toda essa estrutura do signo é, desde sempre, socialmente construída na interação e somente na sua relação com a situação de interação extraverbal ele é discurso e produz sentido.

Conscientes de que as definições presentes em *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2013 [1963], p. 207), já enunciadas aqui, de que o discurso é “[...] a língua em sua integridade concreta e viva [...]” e, ainda, é um “[...] fenômeno concreto, muito complexo e multifacético [...]”, são resultados dos embates epistemológicos que o Círculo travou ao longo de seus textos e das suas intenções discursivas situadas em seu próprio tempo e espaço, nos parece adequado re-enunciar tal conceito a partir da nossa compreensão de que o **discurso** é *um processo contínuo de produção de sentidos que se estende infinitamente ao passado e ao futuro e está sempre expresso em um material semiótico concreto sob a forma de um enunciado produzido por sujeitos em interação*. E cada **enunciado**, independentemente da semiose que utiliza, *é uma expressão material do processo discursivo, elaborada estilística, temática e composicionalmente por sujeitos em interação que atualizam espaço-temporalmente o sentido do discurso*. É necessário, contudo, destacar que discurso e enunciado, na teoria do Círculo, não são instâncias dicotômicas do tipo processo e produto, conteúdo e forma, significante e significado. Os enunciados não contêm um discurso, eles são um discurso, como confirmam passagens como: “Nunca poderemos compreender a construção de um enunciado (por mais autônomo e finalizado que ele nos pareça) sem considerar que ele é só um momento, uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a própria vida social e a própria história” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930b], p. 267); “O enunciado exterior atualizado é uma ilha que se ergue do oceano infinito do discurso interior [...]” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 221).

Para melhor esclarecer a questão, pensemos em uma onda no mar. Olhamos para a onda e sabemos que ela existe. É um fenômeno concreto que pode ser visto, medido, tocado, registrado como fotografia ou pintura. E então a onda rebenta e some em direção à praia, imiscui-se no vasto oceano que nunca cessa de produzir novas ondas (embora nunca aquela mesma onda). Mas a água de que era feita a onda continua lá, porque esta era apenas uma forma diferente de o oceano ser, por um tempo. Comparativamente, cada enunciado é uma onda no vasto oceano que é o discurso, e sua extensão e duração dependem, como vimos, das peculiaridades constitutivas do enunciado que levam sempre em conta o auditório e a situação de interação. Quando um enunciado emerge do fluxo discursivo e estabelece relações de sentido entre seus interlocutores, embora tenha adquirido certa estabilidade nessa relação, ele inevitavelmente retorna ao fluxo discursivo e com ele segue. E assim como não somos capazes de separar a onda do oceano, de determinar que parte é onda e que parte é oceano; é impossível separar o enunciado do discurso. O que não impossibilita, contudo, que identifiquemos ondas

no oceano e enunciados na cadeia discursiva e com essas porções de oceano ou de discurso instauremos relações de sentido.

Assim, se tendemos a enxergar os enunciados como produto do discurso, é porque sempre que estamos em contato com um enunciado numa situação real de interação na esfera cotidiana, isto é, sempre que estamos em interação discursiva em nosso dia-a-dia, de certo modo, nós paralisamos o discurso, do nosso ponto de vista isolamos o enunciado e, em certa medida, o objetificamos (a relação é apenas com aquele texto e não com todos os escritos, com aquela obra de arte e não com toda a produção artística, aquele objeto religioso e não com toda a religião), porque, independentemente dos elos discursivos infinitos, históricos e indissolúveis da cadeia discursiva presentes (ainda que alheios a nossa vontade) em cada enunciação, interessa-nos, na prática discursiva cotidiana, a nossa relação específica com aquele discurso e com nosso interlocutor; interessa-nos, dos infinitos sentidos possíveis, aquela gama de sentidos restritos à nossa posição espaço-temporalmente situada.

Somente para uma consciência individual, as avaliações desenvolvem-se em um círculo de possibilidades linguísticas prontas e disponíveis. Do ponto de vista sociológico, as próprias possibilidades da língua estão inseridas, em seu surgimento e desenvolvimento, no círculo de avaliações que necessariamente se constituem nesse grupo social. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 187).

Esse sentido que damos, no entanto, só está relativamente estabilizado, pois o enunciado continua integrando a cadeia discursiva e produzindo diversos outros sentidos na relação com todos os outros enunciados.

Na verdade, a comunicação cotidiana está se constituindo ininterruptamente, ainda que vagarosamente e em uma esfera estrita. As inter-relações entre os falantes mudam sempre mesmo que em grau quase imperceptível. No processo de sua formação, constitui-se também o próprio conteúdo que está sendo comunicado. A comunicação cotidiana e prática possui o caráter de um acontecimento, e até uma troca verbal mais insignificante faz parte dessa constituição ininterrupta do acontecimento. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 154).

Assim, quando interagimos discursivamente por meio de enunciados tendemos a compreendê-los como acabados, como produto pronto e imutável, fruto daquilo que o meu interlocutor quis dizer/expressar/representar. Essa relação com os enunciados é, por óbvio, necessária e útil (a um surfista não interessa o vasto oceano, mas cada onda em sua exata medida e duração). Essa talvez seja a real finalidade do ato de interação, uma vez que a comunicação discursiva acontece necessariamente como ato responsável de sujeitos em interação e somente

neste ato o fluxo eterno de discursos se mantém vivo e produtivo. Essa tensão entre a concretização do ato e a infinidade do sentido já está presente em *Para uma filosofia do ato*:

Mas não é talvez verdadeiro que o sentido é eterno, enquanto transitórias são esta realidade da consciência e esta realidade do livro? Certamente, mas a eternidade do sentido, fora de sua realização, é somente uma eternidade possível privada de valor, *insignificante*. [...] O sentido eterno se torna valor que move o pensamento operativo somente como seu momento constitutivo, somente em correlação com a realidade efetiva: como a eternidade do valor deste pensamento. (BAKHTIN, 2017 [1924], p. 120, grifo do autor).

Em realidade, não haveria comunicação se olhássemos a todo tempo os discursos como processo e buscássemos sempre todos os sentidos, se duvidássemos a todo tempo que compreendemos o que o interlocutor realmente pretendia dizer/expressar/representar; uma comunicação baseada na infinita possibilidade de sentidos seria uma impossibilidade comunicativa. A impressão de estabilidade dos signos, de um sistema sincrônico de formas, de significados únicos e verdadeiros é útil para a comunicação cotidiana; mas no campo da reflexão sobre a linguagem deve sempre se ter em mente que são abstrações da realidade do enunciado, porque representam apenas um momento do infinito processo discursivo. Toda interação com um mesmo texto é sempre um novo enunciado, pois produz novos sentidos. Sentidos que se constroem e se ampliam a cada nova enunciação posto que a cada nova enunciação novas realidades são inseridas no contexto de produção do enunciado, seja por conta das novas relações do material ou dos interlocutores.

O que, então, nos permite privilegiar certos sentidos em detrimento de outros; o que nos impede de viver uma espécie de babel em que vemos todos os sentidos e, por consequência, não vemos nenhum? A resposta é complexa e envolve todas as questões que já tratamos até aqui (relações dialógicas, ideológicas e valorativas com o contexto extraverbal e relações lógicas, semânticas e de gênero de discurso) que dizem respeito principalmente a uma tensão viva entre forças centrífugas e centrípetas que atuam para mudanças e permanências que envolvem desde o material semiótico até os valores sociais presentes nos discursos. Mas, compreendemos que o centro organizador dessas forças, que atualiza os sentidos é, justamente, a posição única, concreta, cronotópica e exotópica do sujeito – “Do lugar único de minha participação no existir, o tempo e o espaço na sua singularidade são individuados e incorporados como momentos de uma unicidade concreta e valorada” (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 121). Ou seja, cada enunciado, cada situação de interação é um ato singular que integra o grande ato que é a unicidade da vida de um indivíduo. E cada ato contém em si aspectos universais – o “conteúdo-sentido” – e aspectos singulares – “aspectos histórico-individuais”. O conteúdo-

sentido são os aspectos do ato que independem do sujeito singular que age para significar; estão inclusos aqui tudo que é universalmente aceito, os sistemas científicos, artísticos, culturais, os elementos da natureza, os sistemas semióticos – as forças centrípetas. Já os aspectos histórico-individuais são os elementos diretamente relacionados à singularidade do sujeito que age, os elementos que correspondem ao tempo-espaço em que cada ato se realiza e que individualizam e singularizam cada ato: “[...] o autor, o interlocutor, o tempo-espaço, as circunstâncias e a unidade moral da vida [...]” (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 44) – as forças centrífugas.

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. Tal pensamento, enquanto ato, **forma um todo integral: tanto o seu conteúdo-sentido** quanto o fato de sua presença em **minha consciência real de um ser humano singular, precisamente determinado e em condições determinadas** – ou seja, toda a historicidade concreta de sua realização – estes dois momentos, portanto, seja o do sentido, seja o histórico-individual (factual), são dois momentos unitários e inseparáveis na valoração deste pensamento como meu ato responsável. (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 44, grifos nossos).

Contudo, cabe salientar que ambas as instâncias são histórica e socialmente construídas, pois mesmo o ato mais particular e individual do sujeito é sempre socialmente constituído, mesmo seu discurso interior, posto que a consciência humana se constitui de signos ideológicos. Além disso, há uma dependência mútua dessas instâncias, como nos esclarece Amorim (2006, p. 18), “as oposições bakhtinianas não são nunca oposições binárias e disjuntas. Constituem antes princípios ou planos que uma vez devidamente diferenciados sempre acabam se encontrando”. O universalmente aceito só pode ser considerado como tal no ato individual de cada sujeito. Cada ato, por sua vez, depende sempre dos aspectos universais que, por serem de conhecimento geral, permitem que o ato individual tenha sentido. Essa tensão não dicotômica entre o universal e o singular, entre o dado e o criado, entre o possível e o real, entre sentido e significado, entre forças centrípetas e centrífugas, entre o eu e o outro é a base do pensamento dialógico bakhtiniano e constitui, para nós, a resposta à pergunta anterior sobre o que nos impede de ver todos os sentidos ao mesmo tempo. Ou seja, esses vários sentidos universais que integram a infinita cadeia discursiva ganham corpo no ato do sujeito singular e histórico que age sempre em sociedade, sempre em relação a um outro. Nas palavras de Bakhtin (2017 [1920/1924], p. 118):

Em correlação com o meu lugar particular que é o lugar do qual parte a minha atividade no mundo, todas as relações espaciais e temporais pensáveis adquirem um centro de valores, em volta do qual se compõem num determinado conjunto arquitetônico concreto estável, e a unidade possível se torna singularidade real. [...] Expressões como ‘alto’, ‘baixo’, ‘abaixo’, ‘finalmente’, ‘tarde’, ‘ainda’, ‘já’, ‘é necessário’, ‘deve-se’, ‘mais além’, ‘mais próximo’, etc. não somente assumem o conteúdo-sentido no qual fazem pensar – isto é somente o conteúdo-sentido possível – mas adquirem um valor real, vivido, necessário e de peso, concretamente determinado do lugar singular por mim ocupado na minha participação no existir-evento.

Ou seja, os sujeitos que interagem, ao enunciar e ao recepcionar o enunciado, criam limites espaço-temporais de compreensão que determinam os sentidos possíveis ao enunciado naquela situação específica de interação. É da noção de interação como ato de um sujeito singular em relação com o outro e da capacidade de cada ato de assimilar determinados aspectos do tempo e do espaço como instâncias interligadas que seremos capazes de compreender essa relativa estabilidade que os sentidos adquirem em cada interação específica. Como bem aponta Freitas (2013, p. 188), a unicidade concreta dos planos espaciais e temporais só adquirem sentido e eficácia real “[...] do lugar único da minha participação no Ser-evento”.

Em conclusão, nós somos capazes de selecionar apenas um ou alguns sentidos em meio à cadeia infinita de sentidos possíveis historicamente porque os sentidos possíveis são limitados pelo espaço-tempo das interações singulares, e quem estabelece esses limites espaço temporais são os sujeitos em interação: o eu e outro. De modo que, se os sentidos são temporalmente infinitos, eles são espacialmente situados no ato singular dos sujeitos.

O sentido é potencialmente infinito, mas só pode atualizar-se em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja como uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. Ele sempre deve contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no contexto). (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 41).

Esses limites espaço-temporais podem ser compreendidos por duas vias, conforme nos aponta Amorim (2006): como tensão presente no conceito de exotopia e como unidade no conceito de cronotopo. Em ambos os casos, é evidente a centralidade do homem enquanto princípio que unifica o tempo e o espaço e a partir do qual se instauram os sentidos. O conceito de cronotopo, que tratamos anteriormente, está diretamente relacionado ao discurso e é a assimilação discursiva do contexto extraverbal, ou seja, da situação de interação – “[...] assimilação do tempo e do espaço históricos reais [...]” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 11) – e do auditório – “[...] homem histórico real que neles se revela” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 11). O conceito de exotopia está mais diretamente relacionado à concepção de sujeito, uma vez que se

refere diretamente à tensão entre o eu e o outro; tensão que só se torna possível a partir do núcleo do sujeito singular pois, enquanto categoria geral, os homens não são, entre si, categorias opostas, motivo pelo qual nos endereçamos à próxima seção que irá abordar o conceito de sujeito presente nas obras do Círculo; considerando não só (e nem tanto) o sujeito-pessoa, mas o sujeito-objetivado, isto é, sujeito que se encontra no discurso.

4.3 SUJEITO

Na vida enquanto objeto do pensamento (abstrato) existe o homem em geral, existe o terceiro, mas na própria vida vivenciável existimos apenas *eu, tu, ele*, e só nela se revelam (existem) realidades primárias como *minha palavra e a palavra do outro* e, de modo geral, aquelas realidades primárias que ainda não se prestam ao conhecimento (abstrato, generalizador) e por isso não são percebidas por ele.

(BAKHTIN, 2017 [1970/1971], grifos do autor).

Alguns conceitos bakhtinianos têm uma relação explícita com os conceitos da Física como, por exemplo, refração, reflexo, cronotopo, forças centrífugas e centrípetas; já outros, como dialogia, polifonia, carnaval têm, em sua conceitualização, aproximações menos óbvias com o campo, mas defendidas por autores como Holquist (STONE, 2008). Essa relação entre a teoria bakhtiniana e os postulados da Física estão profundamente conectados ao abalo que as teorias de Einstein produziram no cenário geral da Ciência do século XX. Einstein, a partir do *annus mirabilis* de 1905, quando publicou três importantes artigos na revista *Annalen der Physik* sobre o efeito fotoelétrico, o movimento browniano e a teoria especial da relatividade, implodiu boa parte das bases sobre as quais estava firmemente erguida a Física Teórica do século XIX (KUHN, 2018 [1962]). Mas as formulações de Einstein, ao alterarem a compreensão científica do mundo físico, não provocaram mudanças apenas em seu campo; a popularização da teoria da relatividade apresentou um mundo repleto de possibilidades simultâneas, não-absolutas e dependentes do ponto de vista do sujeito observador. Tal visão de mundo, que ultrapassa os postulados de um mundo objetivo, dado, absoluto e quantificável, influenciou, em maior ou menor grau, todo o pensamento científico e cultural do século XX. Einstein devolveu o sujeito à Física e, por consequência, à Ciência. Nesse contexto, Stone (2008) entende que, a despeito de todas as aproximações dos conceitos bakhtinianos aos conceitos da Física, a principal contribuição da teoria einsteiniana para o pensamento de Bakhtin (assim como para outros estudiosos da cultura da mesma época) foi a possibilidade de

reintegrar a subjetividade (inclusive a subjetividade do pesquisador) aos estudos da linguagem, reavaliando o mundo da cultura teorizado por séculos de estudos literários e filológicos a partir de uma nova perspectiva. Nas palavras do autor,

His [Bakhtin] debt to Einstein resides in the power to reevaluate the known world through subtle yet epiphanic shifts of perspective. Bakhtin elevates the role of the reader and recasts centuries of literary history in the light of a universe divested of physical and metaphysical absolutes. The world as envisioned by Einstein is a startlingly subjective entity. (STONE, 2008, p. 406)⁴⁸.

Pois bem, se mesmo os cálculos físicos devem considerar o ponto de vista do observador, se o tempo e o espaço que este observador ocupa é capaz de relativizar medidas físicas como distância, movimento, tamanho e tempo; como ignorar que o ponto de vista do sujeito observador altera as produções de sentido que se dão fundamentalmente em virtude de nossa interação social? Esse questionamento possibilitou a Bakhtin, por exemplo, empreender uma análise do desenvolvimento histórico do gênero romance a partir de sua perspectiva, buscando relações de sentido que não estavam necessariamente presentes no tempo da escritura daqueles romances, mas que puderam ser alcançadas justamente do ponto de vista privilegiado do sujeito observador afastado espaço-temporalmente.

By harnessing the subtleties of Einsteinian relativity and drawing out its counterintuitiveness, Bakhtin repositioned his authorial point of view of a text out of the boundaries of the text itself and into the material world of the reader. [...] Consequently, Bakhtin could understand classical, Renaissance, and nineteenth-century literature with a twentieth-century mind-set. (STONE, 2008, p. 406)⁴⁹.

Assim, já nos seus primeiros escritos, a centralidade do sujeito e do ponto de vista único dele, exercem papel fundamental. Em *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin (2017 [1920/1924]) faz uma comparação da importância do ponto de vista do sujeito observador tanto no que tange a observação de um objeto científico, quanto na relação valorativa de um sujeito com outros sujeitos:

De fato, um mesmo objeto – igual do ponto de vista do conteúdo-sentido – considerado de diversos pontos de um mesmo espaço por pessoas diferentes,

⁴⁸ Sua [de Bakhtin] dívida para com Einstein reside no poder de reavaliar o mundo conhecido por meio de mudanças de perspectiva sutis, porém epifânicas. Bakhtin eleva o papel do leitor e reformula séculos de história literária à luz de um universo privado de absolutos físicos e metafísicos. O mundo imaginado por Einstein é uma entidade surpreendentemente subjetiva (tradução nossa).

⁴⁹ Aproveitando as sutilezas da relatividade einsteiniana e extraindo sua contra-intuitividade, Bakhtin reposicionou seu ponto de vista autoral de um texto fora dos limites do próprio texto e no mundo material do leitor. [...] Consequentemente, Bakhtin poderia compreender a literatura clássica, renascentista e do século XIX com uma mentalidade do século XX (tradução nossa).

ocupa posições diferentes e é diversamente dado no conjunto arquitetônico concreto do campo visual destas pessoas que o observam; a sua identidade de sentido entra como tal na composição da visão concreta como um de seus momentos, revestindo-se de traços concretos e individualizados. [...] Analogamente, também a avaliação de uma mesma pessoa, se bem que idêntica quanto ao conteúdo (“ele é mau”), pode ter diferentes entonações reais de acordo com o **centro real concreto de valores** em determinadas circunstâncias [...]. (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 126, grifos nossos).

Nessa comparação, Bakhtin explica que tanto um objeto quanto um sujeito são avaliados de formas distintas a depender da posição do sujeito observador. Essa ideia é retomada em um de seus últimos escritos, “Fragmentos dos anos 1970-1971”, na forma de anotação e já com sua relação explícita com a Física einsteiniana:

A posição do experimentador e do observador na teoria quântica. A presença dessa posição ativa muda a sua situação e, por conseguinte, os resultados do experimento. Já é de todo diferente o acontecimento que tem um observador, por mais distante, oculto e passivo que seja. (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 27).

Ou seja, a compreensão de que o sujeito observador altera as produções de sentido foi uma constante no trabalho de Bakhtin e do Círculo, pois ainda que os objetos e seres sejam tomados pelo mesmo conteúdo-sentido, cada sujeito observador irá valorar distintamente a depender da sua relação única com esse objeto ou ser. Porque cada “[...] ponto de vista é cronotópico e abrange tanto o elemento espacial quanto o temporal” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 24), isto é, cada ponto de vista é espaço-temporalmente situado pela existência do sujeito. Por certo que aqui a ideia de posição transcende a ideia da Física de ocupar um determinado ponto em um determinado tempo, pois evolui para além das relações espaço-temporais concretas, as projeções ideológico-valorativas que a posição exotópica do sujeito observar condiciona ao todo da interação em curso. Como afirma Volóchinov (2019 [1930c], p. 316, grifo do autor), “toda palavra, falada ou pensada, não é um simples ponto de vista, mas um ponto de vista *avaliador*”, isto é, cada ponto de vista cronotópico vê e avalia o mundo a partir de determinada situação de interação, sob determinadas condições sócio-históricas propiciando não só um reflexo da realidade, mas uma compreensão refratada pelas projeções ideológico-valorativas dos signos.

Nessa perspectiva, cada sujeito deve ser compreendido como uma pessoa definida na sua relação com outras pessoas por sua “[...] concretude (nome), integridade, responsividade, etc., inesgotabilidade, inconclusibilidade, abertura” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 31). Tal sujeito vive a partir de si na relação com o mundo que o cerca e apenas dessa posição pode agir, constituindo, portanto, o que Bakhtin denomina de “centro real concreto de valores”. E mais,

por ocupar essa posição única, o sujeito não só *pode* agir, como *deve* agir, pois o existir do sujeito é não apenas produto, mas é, principalmente, ato – “A minha comprovada participação no existir é não somente passiva (o prazer da existência), mas sobretudo ativa (o dever de ocupar efetivamente o meu lugar único)” (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 123). Assim, todo ato é acompanhado da responsabilidade de ocupar esse meu lugar singular, não como um dever moral pré-existente que me obriga, mas como único lugar a partir do qual posso agir e a partir do qual apenas eu posso agir. Só eu posso agir como eu mesmo e apenas como eu mesmo posso agir; essa é a responsabilidade do ato.

O dever é uma categoria original do agir-ato [*potuplenie-postupok*] (**e tudo é um ato meu, inclusive o pensamento e o sentimento**), é uma certa atitude [*ustanovka*] da consciência [...]. Não existem normas morais determinadas e válidas em si, **mas existe o sujeito moral com uma determinada estrutura (não, obviamente, uma estrutura psicológica ou física), e é sobre ele que necessitamos nos apoiar: ele saberá em que consiste e quando deve cumprir o seu dever moral ou, mais precisamente, o dever** (porque não existe um dever especificamente moral). (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 47-48, grifos nossos).

Ou seja, toda a responsabilidade de agir é inerente ao sujeito que não só é livre para agir, mas é responsável pelo seu ato histórico, real e individual – “e tudo é um ato meu, inclusive o pensamento e o sentimento” (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 47). Nesse sentido, quem avaliará o certo e o errado, o moral e o amoral e responderá por suas avaliações é o próprio sujeito, posto que é ele que age e da sua posição única e singular, só ele pode agir. E não há possibilidade de livrarmo-nos dessa responsabilidade, embora haja tentativas de escamoteá-la. Isto é, podemos dizer que é a sociedade que nos obriga, que são as leis que nos impõem, que nosso trabalho, nossa filiação teórica ou partidária nos induz e por isso agimos. No entanto, no limite, a ação (ou a omissão) é exercida por nós, do nosso lugar inalienável na existência. A completa ausência de responsabilidade só é possível na alienação mental, como aquela que encontramos em Golyádkin, personagem de “O duplo” de Dostoiévski (2013 [1946]) – de tanto não assumir sua responsabilidade no mundo, encontrou um outro de si em tudo responsável, mas cuja existência não passava de um delírio.

Esse sujeito socialmente constituído na relação com o outro, mas singularmente responsável, existe em um mundo concebido por Bakhtin (2017 [1920/1924]) como um mundo real sem categorias *a priori*, não finalizável, aberto “à historicidade viva singular” (p. 50) do sujeito; “o mundo como acontecimento (e não como ser em prontidão)” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 67). Tal concepção de mundo abarca uma concepção de realidade que é “[...] um processo em formação, onde tudo é aberto, está em formação, nada é conclusivo, no mundo

ainda não aconteceu nada de definitivo, tudo ainda está e estará por vir [...]” (BEZERRA in BAKHTIN, 2017, p. 84). Nesse mundo não finalizável, aberto ao novo e tomado como devir, a liberdade é inerente ao sujeito, pois nada está determinado, toda a construção de valores e responsabilidades se efetiva no ato responsável do sujeito. Nele, a vida é “concebida como devir-ato responsável, arriscado, aberto” (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 52) e “[...] o fato da minha existência singular [...]” (p. 52) é de importância insubstituível e não generalizável. Nas palavras de Bezerra (2018, p. 251), na teoria do Círculo “[...] o homem é o centro de tudo e só o que gravita em torno dele como produto humano pode adquirir significação, sentido e valor”.

Essa posição central, não se trata, no entanto, de uma supremacia do eu em relação aos outros, como adverte o próprio Bakhtin (2017 [1920/1924], p. 122).:

Consideramos oportuno lembrar que viver do interior de si mesmo, partindo de si mesmo nas próprias ações, não significa de jeito algum viver e agir por si. A centralidade da minha participação única no existir dentro da arquitetônica do mundo da experiência vivida não é em absoluto a centralidade de um valor positivo <?> para o qual todo o resto do mundo não é mais que um fator auxiliar.

O centro real concreto de valores não é, portanto, um centro que vale por si. Tanto é assim que Bakhtin (2017 [1920/1924]) afirma que o sujeito age no mundo em três momentos reais que compõem a arquitetônica do ato responsável: o eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro. O momento do eu-para-mim é o momento de realização do ato, constitui o centro a partir do qual eu ajo e avalio. No entanto, esse ato se volta sempre para o exterior, para o outro, e leva em consideração o momento do outro-para-mim, ou seja, como eu avalio esse outro na direção de quem eu ajo. E considera ainda o momento do eu-para-o-outro, isto é, como eu entendo que esse outro me avalia. Podemos encontrar essa mesma dinâmica na compreensão de discurso como diálogo, quando o Círculo propõe que todo discurso responde a alguém e espera uma resposta de alguém e leva em consideração esses já-ditos e pré-figurados em sua própria formulação (cf. seção 4.1).

De forma geral, “Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro” (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 115) ou, dito de outra forma, o ato acontece a partir de mim como centro, mas sempre permeado pela relação emotivo-volitiva entre o eu e o outro. Desse modo, se o eu-para-mim constitui o centro real concreto de valores a partir do qual interajo com o mundo por meio de atos valorados, essa centralidade se dá, necessariamente, na relação com o outro. Essa posição central do sujeito na teoria do Círculo é, portanto, uma posição

marcadamente social, ou seja, do sujeito que, embora ocupante de um ponto de vista único, ocupa esse espaço em/na relação com outros sujeitos também portadores de pontos de vista únicos. Não se trata, portanto, do homem biológico, tampouco do sujeito psicológico isolado, pois para o Círculo “não existe o homem em geral; existe eu, e existe um determinado, concreto, ‘outro’: o meu próximo, o meu contemporâneo (a humanidade social), o passado e o futuro das pessoas reais (da humanidade histórica real)” (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 106).

Por entendermos o sujeito como social, é que se faz importante voltar a destacar que o Círculo não contrapõe o social ao individual, porque o social não é um simples “amontoamento” de indivíduos em um determinado espaço, que embora reunidos permanecem isolados. Social e individual são interconstituídos, os sujeitos concretos em interação é que formam o social e essa interação social é que permite a subjetivação do sujeito social. Conforme esclarece Volóchinov (2018 [1929], p. 129),

Para evitar mal-entendidos é preciso sempre distinguir rigorosamente o conceito de indivíduo como ser da natureza, tomado fora do mundo social, assim como ele é estudado e conhecido pelos biólogos, e o conceito de individualidade, que, construído sobre o indivíduo natural, é por sua vez uma superestrutura ideológica e sógnica, e portanto social. [...] Se, por um lado, o conteúdo do psiquismo individual é tão social quanto a ideologia, por outro, os fenômenos ideológicos são tão individuais (no sentido ideológico da palavra) quanto os psíquicos.

Para melhor compreender essa citação, é necessário abordarmos as discussões de Volóchinov sobre psiquismo e consciência. Elas estão presentes principalmente no ensaio *Do outro lado do social: sobre o freudismo* (2019 [1925]) e no livro *O freudismo: um esboço crítico* (VOLÓCHINOV, 2014 [1917]), mas também aparecem em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]), *O que é linguagem* (VOLÓCHINOV, 2019 [1930a]), *A construção do enunciado* (VOLÓCHINOV, 2019 [1930b]) e *A palavra e sua função social* (VOLÓCHINOV, 2019 [1930c]). Desses trabalhos, duas questões são importantes no que tange a compreensão da psique por Volóchinov: primeiro, ela não se opõe ao corpo físico; segundo, ela é objetivamente realizada no material sógnico.

No que se refere à primeira questão, dentro do contexto teórico do materialismo histórico, Volóchinov (2014 [1927]; 2018 [1929]; 2019 [1930a]) compreende que o monismo marxista se aplica a todos os fenômenos e seres, de tal modo que não pode haver a separação qualitativa entre alma e corpo, entre psiquismo e organismo físico, entre discurso interior e discurso exterior. O interior do homem, seus sentimentos e pensamentos, são propriedades do corpo físico, fazem parte do indivíduo biológico tanto quanto seus órgãos. Nesse sentido, não

há a negação da psique individual, apenas a superação da ideia da psique como contraposta ao corpo físico como uma entidade etérea, propriedade da alma, independente do meio material.

O marxismo está longe de negar a realidade do *psíquico-subjetivo*: este existe, evidentemente, mas de modo algum pode ser *separado do fundamento material* do comportamento do organismo. O psíquico é apenas uma das propriedades da matéria orgânica, razão por que é inadmissível colocá-lo em oposição ao físico, enquanto princípio específico de explicação. (VOLÓCHINOV, 2014 [1927], p. 18, grifos do autor).

Embora seja propriedade da matéria orgânica, a realidade objetiva da psique se dá na linguagem que, como já vimos na seção anterior, possui uma realidade material especial, isto é, toda a sua existência objetiva está voltada para sua função de ser signo e, desse modo, não pode ser compreendida fora das relações sociais em que se constitui. Nesse sentido, a segunda questão que levantamos de que o mundo interior é composto pela materialidade sógnica implica que a psique subjetiva seja sempre afetada pelo meio social, histórico e cultural das relações humanas, o que não quer dizer que todo o mundo interior sofra igualmente essa refração ideológica externa, pois, como propõe Volóchinov (2019 [1930a], p. 259), “é possível falar que todo o campo da vida interior ou todo o mundo de nossas vivências movimenta-se em algum lugar entre o estado fisiológico do organismo e a expressão exterior acabada”. Ou, ainda, como interpretam Sobral e Giacomelli (2016, p. 149):

Nem tudo é signo, porque a realidade concreta existe e afeta os signos, sendo ao mesmo tempo objeto de referência deles; a consciência não equivale aos signos, ainda que só se manifeste por meio deles, e nem tudo é totalmente sociológico, dado o valor vital atribuído ao indivíduo.

Ou seja, há vivências que se aproximam mais do estado fisiológico e são menos afetadas pela ideologia, são sentidas pelo pulsar do coração, pela respiração, mas não ganham uma materialidade sógnica. Há outras experiências que são inteiramente acompanhadas pelo discurso interior, que podemos inclusive comunicar ao outro.

Quanto mais esse mundo de vivências aproxima-se do seu limite inferior, tanto mais vaga e obscura será a vivência, bem como a sua tomada de consciência e percepção. No entanto, quanto mais próximo o mundo das vivências for do seu limite superior, a expressão acabada, tanto mais complexa e ao mesmo tempo clara, rica e completa será a situação social expressa por esse mundo. (VOLÓCHINOV, 2019 [1930a], p. 259).

Ainda assim, o limite fisiológico nunca poderá ser atingido completamente, pois “efetivamente, não existe o indivíduo biológico abstrato, aquele indivíduo biológico que se tornou o alfa e o ômega da ideologia atual. Não existe o homem fora da sociedade,

consequentemente, fora das condições socioeconômicas objetivas” (VOLÓCHINOV, 2014 [1927], p. 11). Portanto, mesmo a mais vaga das experiências é vivenciada por um indivíduo social – o sujeito dialógico e como parte desse sujeito, a vivência é sempre ideológica. Além disso, para que chegue à consciência e se torne uma expressão é necessário que a vivência seja acompanhada pelo discurso interior que dá sentido ao vivido, que refrata a realidade experienciada – “Não existe e não pode existir uma consciência que não esteja encarnada no material ideológico da palavra interior, do gesto, do signo ou do símbolo” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930a], p. 259).

Ainda falaremos mais sobre a formação do discurso interior no decorrer desta seção, mas aqui cabe destacar que por pertencer à psique do sujeito e ao mesmo tempo fazer a relação do indivíduo com a sociedade por meio do material sógnico, o discurso interior é essencial para a compreensão do mundo e dos outros. Como define Volóchinov (2019 [1930a], p. 259, grifos do autor), “*o discurso interior é aquela esfera, aquele campo, no qual o organismo passa do meio físico para o meio social*. Aqui ocorre uma sociologização de todas as manifestações e reações orgânicas”.

Podemos acrescentar que, com os avanços dos exames de imagem e escaneamento cerebral, hoje compreendemos melhor o funcionamento do cérebro e como a linguagem formata a organização neuronal e o próprio pensamento (DAHAENE, 2011). Esse conhecimento sustenta a compreensão de Volóchinov da psique como uma dimensão do corpo fisiológico e do papel da linguagem na composição e organização do pensamento humano pois nos permite visualizar para além do campo das proposições teóricas que nossa rede neuronal responde fisicamente aos estímulos externos e ao processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, criando novas ligações, expandindo os campos de conexão. Consequentemente, o contato do sujeito com o meio social não afeta uma parte do homem, mas se torna parte constitutiva dele, da sua própria realidade física.

O indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe. Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra para a história. É necessário algo como um segundo nascimento, o nascimento social. O homem não nasce como um organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário: isto é o principal. Ele nasce como russo ou francês e, por último, nasce em 1800 ou 1900. Só essa localização social e histórica do homem o torna real e lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura. (VOLÓCHINOV, 2014 [1927], p. 11, grifos do autor).

Como vemos, o social para o Círculo é muito mais complexo que a separação entre individual e coletivo e leva em consideração, inclusive, a formação da consciência humana. Como bem aponta Faraco (2009, p. 136), o que enriquece a perspectiva do Círculo é não nos permitir pensar o sujeito por categorias dicotômicas, “[...] mas por uma intrincada dinâmica em que todo o falante, sendo uma realidade sociosemiótica, é ao mesmo tempo único, singular, e social de ponta a ponta”, de tal modo que não basta inserir “na conta” do indivíduo tudo que é expressivo e subjetivo ignorando o componente socioideológico presente em qualquer manifestação humana, por mais individual que essa seja. Tampouco cabe concluir que não há subjetividade, posto que tudo é socialmente determinado e que a ideologia dominante é quem comanda as ações do indivíduo. Todo ato humano é social em sua orientação e individual em sua responsabilidade.

Encontramos em diversos textos do Círculo explicações sobre o social, mas é particularmente revelador um comentário entre parênteses em “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, quando Bakhtin (2016 [1959/1961], p. 87, grifos nossos) postula: “O objeto real é o homem social (inserido na sociedade), que fala e exprime a si mesmo por outros meios”. Ou seja, o social deve ser entendido como o espaço em que os sujeitos entram em interação, principalmente em interação discursiva materializada em signos compartilhados. Esses signos, como vimos, não carregam em si apenas o conteúdo semântico daquilo que se quer comunicar; eles são atravessados por sentidos axiológicos que refletem e refratam a realidade que integram, valores que são acionados a cada ato do sujeito. Ao interagir com o outro, portanto, o sujeito compartilha e assimila não só o sistema semiótico enquanto estrutura, mas compartilha e assimila todo a complexa rede de valores que compõe o heterodiscurso dialogizado. Tal convivência social constitui o sujeito do exterior para o interior desde o seu nascimento, torna-se o meio no qual ele forma a sua consciência e a altera a cada nova interação ao longo de toda a sua vida, posto que a assimilação de valores, de pontos de vista, de experiências com o outro alteram a minha percepção não só dos outros, mas também de mim mesmo e se torna força motriz do heterodiscurso dialogizado tanto interior quanto exterior.

Essa formação do sujeito e da sua consciência a partir do exterior se baseia na proposição do Círculo de que a consciência individual é formada por um discurso interior tão concreto, semiótico e estratificado quanto o discurso exterior. E, mais que isso, o discurso interior é condição *sine qua non* para a existência, desenvolvimento e mudança do discurso exterior. Este último surge da interação entre sujeitos organizados que precisam comunicar-se para realizar as atividades afeitas ao trabalho, à religião, ao convívio de modo geral. Assim

nascem os signos para representar uma realidade que lhes é externa, para representar as coisas e as sensações do mundo. Embora o gesto e o símbolo tenham cumprido essa função por um longo tempo, é a palavra que permite o aprimoramento da comunicação e ampliação dos contextos sociais de interação humana. Desse modo, pode-se dizer que o signo não só “[...] contribuiu para a organização do trabalho, mas também possibilitou a organização do pensamento social, da consciência social” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930a], p. 249). Nesse processo, a consciência humana também se desenvolveu, pois, “a psique humana teve de realizar um trabalho mental que, embora fosse elementar, era difícilimo para a época” (p. 249), o trabalho de compreensão interior do signo exterior. Porque para que o signo produza sentido ele precisa designar uma realidade que lhe é externa e ter essa designação reconhecida por um grupo e, além disso, ser compreendido pelo indivíduo e produzir resposta. Ou seja, o sujeito precisa traduzir para seu discurso interior a compreensão do signo e da realidade que ele reflete e refrata para produzir uma resposta ativa que a situação de interação exige.

[...] o homem deve compreender esse movimento como dotado de certa significação, ou seja, compreendê-lo como um signo que expressa algo. Entretanto, isso ainda é pouco. O signo expresso pela mão não deve ser um signo ocasional e passageiro. Apenas ao se tornar um signo estável ele pode entrar no horizonte de um grupo social, ser necessário a ele e se transformar em um valor social. [...]

No entanto, tudo o que foi dito por nós é apenas um lado do processo de comunicação discursiva entre as pessoas, processo esse que não poderia ser realizado se o signo gestual (e posteriormente também verbal) permanecesse apenas um signo *exterior*. Ele deve se tornar um signo de utilização *interior*, tornar-se um discurso interior, e somente então será criada a segunda (além do movimento de sinalizar) condição necessária para a comunicação discursiva: a *compreensão* do signo e a *resposta* a ele. (VOLÓCHINOV, 2019 [1930a], p. 249-250, grifos do autor).

Nesse processo de compreensão do signo e de elaboração de uma resposta ativa é que o signo se interioriza e constitui a consciência e seu discurso interior. O discurso interior é formado, portanto, pelo mesmo material sógnico que o discurso exterior, preenchido com os mesmos valores sociais compartilhados por determinado grupo, em determinada esfera, em determinada época. Embora, como reforça Volóchinov (2018 [1929], p. 128), exista entre o conteúdo ideológico que se discursiviza no discurso interior e aquele que se realiza no discurso exterior estágios distintos de fixação ideológica:

[...] no estágio de desenvolvimento interior, um ideograma não encarnado em um material ideológico exterior é um ideograma vago; só no processo de encarnação ideológica ele é capaz de se tornar claro, se diferenciar e se ficar. [...] Uma ideia que ainda existe apenas no contexto da minha consciência e que não está enraizada no contexto da ciência, como um sistema ideológico

uno, é um pensamento ainda impreciso e inacabado. No entanto, já no contexto da minha consciência, essa ideia é realizada a partir da orientação para um sistema ideológico e é gerada pelos signos ideológicos absorvidos por mim anteriormente.

E assim como o fluxo da comunicação social externa é composto pelos enunciados ligados entre si como elos infinitos, o discurso interior funciona como “[...] um *fluxo de palavras*, às vezes unidas em determinadas frases, porém quase sempre correndo em uma alternância ininterrupta de fragmentos de pensamentos, de expressões habituais, de impressões conjuntas gerais de objetos ou fenômenos da vida.” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930a], p. 253, grifos do autor) que forma “uma ciranda multicolor” (p. 253) de discursos que se aproximam da superfície, isto é, da realização exterior, e de discurso que se perdem nas profundezas de uma consciência complexa. Ou seja, a consciência do sujeito se constitui a partir da assimilação dos diversos discursos que povoam o mundo exterior e passam a povoar o interior – “Essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929] p. 95).

Inicialmente, nesse processo, não há discurso meu e discurso do outro, “[...] minha palavra é gradual e lentamente elaborada a partir de palavras reconhecidas e assimiladas dos outros, quase não há no início nenhuma fronteira ente elas” (BAKHTIN, 2015 [1934/1935], p. 140). Com o amadurecimento do sujeito e a elaboração cada vez mais constante de seu próprio discurso, esses discursos alheios assimilados na relação com o acontecimento e a valoração em que foram produzidos passam a ser reelaborados e reacentuados internamente, nos contatos entre os enunciados e suas vivências.

Eis porque a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). [...] Essas palavras dos outros trazem consigo a expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 54, grifos do autor).

No processo de assimilação ideológica dos discursos exteriores, nossa consciência passa a diferenciar os discursos autoritários, os discursos persuasivos e uma gama de discursos que nos são indiferentes, colocando em constante tensão os dois primeiros e formando nossa consciência ideológica singular (BAKHTIN, 2015 [1934/1935]).

O discurso autoritário é aquele que seguimos por sua força de imposição, integra nossa consciência como ordem. É a palavra dos pais, da igreja, do mestre. Por seu peso, é um discurso

pouco maleável cuja assimilação se dá propriamente como palavra do outro que não pode ser alterada; como que carrega a voz daquele que o proferiu. O discurso interiormente persuasivo, inicialmente, também integra nossa consciência como palavra alheia; no entanto, sua força de convencimento faz com que aos poucos ela se transforme em palavra alheia-minha e, então em palavra minha. É um discurso que não tem o peso da autoridade, mas a maleabilidade da palavra que encontra um elemento coincidente nas projeções ideológico-valorativas na consciência do ouvinte. Para Bakhtin, é a palavra internamente persuasiva que desperta a consciência subjetiva e criativa:

À diferença do discurso exteriormente autoritário, o discurso interiormente persuasivo, no processo de sua assimilação afirmativa, se entrelaça de modo estreito à ‘sua palavra’. No uso da minha consciência, o discurso interiormente persuasivo é metade meu, metade do outro. **Sua eficiência criadora consiste exatamente em que ele desperta o pensamento independente e uma nova palavra independente**, em que ele organiza de dentro massas de nossas palavras e não fica em estado isolado e imóvel. (BAKHTIN, 2015 [1934/1935], p. 140, grifos nossos).

Em resumo, a consciência humana é discursiva e se constitui a partir da relação com o outro e os seus discursos. Esse outro, por sua vez, também é constituído pela alteridade e com cada outro forma uma comunidade discursiva (próxima ou distante) (DAHLET, 2005). Assim, discurso interior e discurso exterior se alimentam mutuamente colocando em movimento a infinita cadeia discursiva e a infinita possibilidade de sentidos.

Esse processo não autoriza, no entanto, que a consciência individual seja entendida como a soma dos discursos alheios, posto que o sujeito assimila e organiza esses discursos da sua própria posição, ou seja, na condição de não ser o outro). Cada consciência é singular pois, como já vimos, também o pensamento é ato. Nesse sentido, a consciência, embora se forme a partir dos discursos alheios, só existe como minha consciência para mim mesmo, isto é, não há outro indivíduo que assimile os mesmos discursos, do mesmo modo, com as mesmas relações eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim, do que se conclui que sua constituição social não torna o sujeito determinado ou passivo, pois, embora ele se constitua a partir do exterior para o interior, é do interior da sua consciência que ele assimila as interações e as organiza transformando as palavras alheias em palavras alheias-minhas e em palavras minhas que integram o discurso interior. Ao povoar a consciência, a palavra alheia para tornar-se palavra minha precisa ser ativamente compreendida, processada e conectar-se às outras palavras do meu discurso interior; “[...] o processo de formação ideológica do homem é um processo de assimilação seletiva das palavras dos outros” (BAKHTIN, 2015 [1934/1935], p. 135).

Posteriormente, essas palavras ganham a forma do discurso exterior e passam a produzir sentidos no/sobre o mundo, e então outras palavras são assimiladas e retornam ao discurso interior... Nas palavras de Volóchinov (2018 [1929], p. 140):

Essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, se realiza sempre reiteradamente na palavra, em cada enunciado, por mais insignificante que seja. Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva.

Por essa razão, embora os enunciados que nos chegam do exterior constituam a nossa consciência, eles não o fazem passivamente, formando um estoque de enunciados alheios que serão utilizados tal qual foram proferidos por seus falantes conforme a necessidade das interações futuras. Eles o fazem como material que alimenta a consciência com seus signos ideológicos e sua lógica de funcionamento. Mesmo porque, se os enunciados que assimilamos funcionassem como um estoque de discursos prontos, os sentidos e a valoração social permaneceriam sempre os mesmos e os sujeitos seriam todos outros de si mesmos, todos finalizados, determinados, prisioneiros num sistema de enunciações prontas e repetíveis (o que não se encaixaria nem mesmo na noção de discurso que apresentamos na seção anterior). Para o Círculo, assim como cada enunciado é uma nova produção de sentido, o outro nunca é outro de mim, mas é exatamente um outro que não sou eu, que embora exterior a mim é necessário para a constituição da minha consciência não-finalizável e não-sistêmica. Segundo Dahlet (2005, p. 83):

[...] o sujeito se constrói não só pela determinação do outro, mas pelo esforço para se diferenciar das formas desse outro que o reformula completamente. Portanto, é só retomando intensamente sua presença através das marcas de ruptura com o nós consensual que o antecede que o eu torna possível o que dele se perceberá.

Em outros termos, a constituição do indivíduo biológico em sujeito social se dá de forma alteritária, o que implica uma relação com um outro concreto. Não se trata de uma relação exterior com o outro, de um contato utilitário do ser que precisa viver em sociedade. A consciência se forma na relação alteritária da responsabilidade, que implica um contato não indiferente com o outro. Não passamos pelo mundo fazendo contatos aleatórios, assimilando discursos ditos por quaisquer pessoas; nosso convívio social se inicia no seio familiar, se amplia no convívio com os amigos, com os professores, inclui as relações de trabalho, de lazer, de religião. Em todos esses espaços cada pessoa importa como sujeito único e singular e sua

posição em relação a mim: minha mãe, meu amigo, meu patrão, meu guru... Nas anotações de Bakhtin (2016 [1950], p. 114), encontramos essa ideia na seguinte passagem: “O diálogo envolve <?> enunciados de ao menos dois sujeitos, mas sujeitos interligados por relações dialógicas, que conhecem um ao outro, respondem um ao outro, e essa ligação (relação de um com o outro) se reflete em cada réplica do diálogo, determina essa réplica”.

Ou seja, o enunciado que produzo, mesmo interiormente, é sempre uma réplica a enunciados outros, e a resposta é sempre direcionada a um outro com quem estou interligado pela situação de interação. Esse outro importa para mim na sua pessoalidade e singularidade. Por ser singular, é diferente de mim, é aquilo que eu não sou, ocupa em relação a mim uma posição exotópica. Essa posição implica sempre uma tensão entre espaço e tempo baseada principalmente no espaço. De forma que o outro nunca pode ocupar o espaço que eu ocupo, logo, nunca pode ver aquilo que eu vejo. E essa tensão é fundamental para a formação da autoconsciência do sujeito pois o outro e sua visão exotópica de mim estão sempre me proporcionando uma imagem minha que me é inacessível do meu interior, uma imagem acabada de mim. Ao relacionar-se comigo, o outro constrói a sua versão de mim com base na totalidade exterior que ele vê, mas que me é inacessível. Ao considerar essa imagem, ao buscar compreender quem sou eu para o outro, minha consciência sobre mim se amplia e já não coincide mais com aquela imagem que o outro realizou de mim.

Esses elementos, que podem nos concluir na consciência do outro, ao serem presumidos na nossa própria consciência perdem a sua força concludente e apenas ampliam essa consciência no rumo próprio dela; mesmo que tivéssemos conseguido abranger o todo da nossa consciência concluído no outro, esse todo não poderia nos dominar e nos concluir de fato para nós mesmos, nossa consciência o levaria em conta e o superaria como um dos momentos da sua unidade preestabelecida e essencialmente vindoura: a última palavra caberia à nossa própria consciência [...]. (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 14).

Nesse sentido, a consciência do sujeito é sempre um devir que vive da sua relação com o outro, o que torna o sujeito um ser inacabado e não-coincidente consigo mesmo. Mesmo a tomada de consciência do eu-para-mim precisa necessariamente do outro que, desde o meu nascimento me cerca física e ideologicamente – “O reflexo de mim mesmo no outro empírico, através do qual preciso passar para sair na direção do *eu-para-mim* (poderia esse *eu-para-mim* ser só?)” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 29, grifos do autor). É do outro que recebo meu nome, as primeiras impressões de mim e do mundo, as dimensões do meu corpo físico. Então, assim como o discurso é dialógico por estabelecer relações constitutivas de avaliação e valoração com os já-ditos e pré-figurados dos seus interlocutores, o sujeito também é dialógico,

pois se constitui a partir de “[...] dois centros de valor que embora diferentes estão correlacionados um com o outro: o eu e o outro” (FREITAS, 2013, p. 188); o eu como centro de valor a partir do qual ajo em resposta e em direção ao outro. Ou, nas palavras de Bakhtin (2017 [1930/1940] p. 60), “certo elemento de liberdade é inerente a toda expressão. A expressão absolutamente involuntária deixa de sê-lo. No entanto, o ser da expressão é bilateral: só se realiza na interação de duas consciências (a do eu e a do outro) [...]”.

Como vemos, a consciência é uma complexa arena discursiva de enunciados alheios assimilados e organizados pelo discurso interior e nem todas essas relações são claras e óbvias. Conforme Morson e Emerson (2008), a consciência bakhtiniana é tão heteroglóssica e dialogizada quanto o discurso exterior. E essa concepção implica um sujeito complexo que não deve ser entendido como a junção dos contatos e das valorações que os outros fazem dele, assim como sua consciência não é a junção dos discursos exteriores no interior da psique. Essa compreensão do sujeito está embasada na concepção de linguagem como fenômeno concreto da interação social. Esse fenômeno permite a ligação entre o individual e o social numa relação orgânica do indivíduo com seu meio, construída no contato refratado do sujeito com o mundo. Como bem resume Dahlet (2005, p. 63, grifos nossos),

Em contraste com a imagem de uma enunciação encarada como uma sequência de saltos entre uma quantidade delimitada de pré-construídos, encontramos aqui, de um lado, a de um processo de assimilação, que implica então a organização no próprio espaço da enunciação de uma certa maneira de dizer a alteridade, e, de outro, a de uma significação caracterizada em graus variáveis pela alteridade ou pela assimilação. O que essa fórmula evoca é realmente uma concepção espacializada e pluridimensional da enunciação, em que a significação é produzida em direções diferentes em função do alcance da superposição mais ou menos vasta de trajetórias de alteridade e de identificação. Nesse enfoque, o dizer do sujeito falante não se limita a uma soma de alterações socialmente definidas e **o próprio sujeito deve ser visto como qualitativamente distinto da soma de suas partes.**

Esse sujeito social, livre, responsável, consciente, inacabado, não-sistêmico é em razão disso (ou a causa disso)⁵⁰ um sujeito que enuncia. Isto é, o sujeito bakhtiniano pensa e age, vive e se relaciona por meio da interação discursiva. Se, como já vimos, o discurso é sempre uma reação-resposta ativa ao discurso alheio que implica relações ideológicas e valorativas presentes no signo; é o sujeito ao enunciar que atualiza essas relações. Desse modo, embora o Círculo não tenha proposto uma teoria do sujeito (TEIXEIRA, 2006), no centro de sua teoria da

⁵⁰ Não somos capazes de afirmar se o sujeito é possuidor dessas características em função do discurso ou se o discurso é como é em função do sujeito. Não se trata de uma questão filosófica nem biológica de quem veio primeiro, o discurso ou a consciência. No entanto, é incontestável que nesse ponto da evolução humana, discurso e sujeito são interconstitutivos.

linguagem está o sujeito como posição que organiza e que atualiza no espaço os sentidos que se estendem no tempo, seja como sujeito locutor, seja como interlocutor⁵¹.

Nos “Fragmentos dos anos 1970-1971”, Bakhtin (2017 [1970/1971]) explica como a autoconsciência do homem acarreta a mudança daquele que se conscientiza de si fazendo uma retomada da própria consciência como presença no mundo e seu impacto na existência. A consciência humana ao integrar o mundo existente alterou profundamente essa existência, pois as coisas deixaram de simplesmente existir, mas passaram a existir em relação a essa consciência que observa e valora, ou, nas palavras do autor, que testemunha e julga. Retomando os três momentos da arquitetônica do ato responsável, as coisas passam a existir em si, para si e para o outro, “[...] porque se refletiu na consciência do outro (da testemunha e do juiz): com isso ele mudou radicalmente, enriqueceu e transformou-se” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 28). Mas essa reflexão na consciência do outro não é mera dublagem de si mesmo, mas “[...] algo absolutamente novo, surgiu o *supra-ser*. Nesse *supra-ser* já não existe nenhuma faceta do ser, mas o ser existe nele e para ele” (p. 29, grifos do autor). Ora, essa é a discussão que já traçamos na seção anterior sobre o fato de que todo o material *signico* não só reflete, mas também refrata a realidade que integra. Uma vez que a consciência do sujeito é semiótica, todo o mundo com o qual ele se relaciona passa a ser refratado e, nesse sentido, não duplica uma imagem do mundo físico, mas constrói um novo mundo, um mundo valorado, semiotizado, ideológico – o *supra-mundo*.

Do mesmo modo, o sujeito ao tomar consciência de si e do outro, constrói um “*supra-eu*”, um “*supra-homem*” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 29), que também não se trata da minha realidade física e material, mas de uma construção de sentido. Desse modo, toda apreensão do sujeito pelo discurso é sempre uma visão desse sujeito, uma relação valorativa do falante em relação a si e em relação aos outros. E, além disso, o sujeito refratado no discurso será sempre uma apreensão temporária e não coincidente com o sujeito real, porque toda refração altera o objeto que refrata, pois altera o seu sentido, o seu valor na existência. Todas essas *supra-construções* alteram não a matéria das coisas, mas o seu sentido na/para existência pois é uma mudança que “[...] se traduz na *palavra*. A verdade, o veraz, não são inerentes ao próprio ser, mas apenas ao ser conhecido e proclamado” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 29, grifo do autor). E, no que tange a autoconsciência do sujeito, acontece uma dupla refração, pois

⁵¹ Como já vimos na seção anterior, todo sujeito é um interlocutor posto que responde a discursos outros. A ideia neste parágrafo, no entanto, é marcar que o sujeito organiza e atualiza os sentidos dos discursos tanto quando está em posição de autoria (aquele que enuncia) quando está na posição de compreensão ativa (aquele que escuta/lê/vê).

o sujeito só conhece a si mesmo pelos olhos alheios e se volta para si mesmo a partir do olhar do outro. No entanto, ao refletir sobre si a partir do outro, constrói sua própria autoimagem (eu-para-o-outro) que, no processo de reflexão sobre si (eu-para-mim), já não se trata mais do mesmo ser que o outro valorou, sua consciência já está alterada.

[...] em suma, espreitamos tensa e permanentemente, captamos os reflexos da nossa vida no plano da consciência dos outros, [...] consideramos o coeficiente de valor inteiramente específico com que nossa vida se apresenta para o outro e inteiramente distinto daquele coeficiente com que vivenciamos em nós mesmos. Mas todos esses elementos, reconhecíveis e presumíveis através do outro, tornam-se plenamente imanentes na nossa consciência, parecem traduzir-se para a sua linguagem, nela não atingem consistência e autonomia, não rompem a unidade da nossa vida orientada para um acontecimento vindouro, que não se acalma dentro de si e nunca coincide com a sua existência dada e presente [...]. (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 14).

Se bem que, no limite, toda a apreensão da realidade é uma refração da refração, pois todo o sentido do mundo, dos seres e das coisas nos chegam do exterior a partir do discurso alheio. Nossa consciência é, portanto, uma compreensão ativo-valorativa de outras compreensões ativo-valorativas:

O texto como reflexo subjetivo do mundo objetivo, o texto como expressão da consciência que reflete algo. Quando o texto se torna objeto do nosso conhecimento podemos falar de reflexo do reflexo. A interpretação de um texto sempre é um correto reflexo do reflexo. Um reflexo através do outro no sentido do objeto refletido. (BAKHTIN, 2016 [1959/1961], p. 86).

A despeito de sua constituição discursiva, esse sujeito que age, o sujeito concreto e vivo, não pode ser completamente apreendido pelo discurso – seja o seu próprio, seja o do outro. Porque o discurso é o meio apropriado para exprimir as vivências, mas, ainda assim, não é capaz de abarcá-las por completo. É nesse sentido que Bakhtin (2017 [1920/1924], p. 84) entende que “a expressão do ato a partir do interior e a expressão do existir-evento único no qual se dá o ato exigem a inteira plenitude da palavra [...]”, mas que, ainda assim,

Não é necessário, obviamente, supervalorizar o poder da linguagem: o existir-evento irrepitível e singular e o ato de que participa são, fundamentalmente, exprimíveis, mas de fato se trata de uma tarefa muito difícil, e **uma plena adequação está fora do alcance, mesmo que ela permaneça sempre como um fim.** (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 84, grifos nossos).

O que se quer evidenciar com isso, é que por mais maleável que seja a palavra para traduzir as experiências humanas, os valores sociais, as relações dialógicas, ainda assim a experiência no mundo da vida não pode ser substituída pela sua descrição. Do mesmo modo, o

sujeito concreto e vivo, o eu-para-mim é o ser que age e experiência o ato e, portanto, é sempre outro; é por sua natureza criadora, inacabado:

Não posso viver do meu próprio acabamento e do acabamento do acontecimento, nem agir; para viver preciso ser inacabado, aberto para mim – ao menos em todos os momentos essenciais –, preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha existência presente. (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 11).

No entanto, ainda que o sujeito concreto e real não possa ser apreendido pelo discurso como tal, posto que sua arquitetônica compreende a instância do eu-para-mim que é intraduzível em discurso e só se realiza no ato do sujeito no momento mesmo em que o ato se realiza, sendo, nesse sentido, sempre atividade, nunca produto; não há “[...] possibilidade de conhecer o sujeito fora do discurso que ele produz, já que só pode ser apreendido como uma propriedade das vozes que ele enuncia” (DAHLET, 2005, p. 58). Ou seja, o sujeito só pode ser apreendido como a posição axiológica externamente enunciada. Essa apreensão se dá apenas como supra-homem, ou seja, como imagem refrata de si ou do outro – nas instâncias do eu-para-o-outro e do outro-para-mim. A essas imagens refratadas, chamaremos aqui de *imagens discursivizadas de sujeito*.

As *imagens discursivizadas de sujeito* não devem ser entendidas como generalizações abstratas dos sujeitos em geral tampouco como expressões materializadas da psique do indivíduo, mas como categoria não-indiferente cuja “[...] generalização se aplica precisamente a atos singulares, naquilo que eles têm em comum, respeitando sua singularidade” (SOBRAL, 2019, p. 155). Desse modo, ainda que o sujeito concreto e vivo transcenda as finalizações de um discurso por nunca coincidir com sua imagem refratada, a única forma de se conhecer e estudar o sujeito em sua integridade, considerado enquanto ser dialógico, social, histórico, é pelos seus enunciados como seus atos singulares assinados.

O texto é o dado (realidade) primário e o ponto de partida de qualquer disciplina nas ciências humanas. [...] O objeto real é o homem social (inserido na sociedade), que fala e exprime a si mesmo por outros meios. Pode-se encontrar para ele e para a sua vida (o seu trabalho, a sua luta, etc.) algum outro enfoque além daquele que passa pelos textos de signos criados ou a serem criados por ele? Pode-se observá-lo e estudá-lo como fenômeno da natureza, como coisa? A ação física do homem deve ser interpretada como atitude mas não se pode interpretar a atitude fora da sua eventual (criada por nós) expressão semiótica (motivos, objetivos, estímulos, graus de assimilação, etc.). [...] Quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado. (BAKHTIN, 2016 [1959/1961], p. 87).

Ou seja, o objeto real das Ciências Humanas (cf. seção 3.1) é o sujeito dialógico, mas o objeto de investigação científica é o discurso desse sujeito, do qual os enunciados formam o *corpus* a ser estudado. As Ciências Humanas têm com o sujeito uma relação de interação, isto é, o conhecimento produzido acerca do sujeito deve ser sempre dialógico, fruto “[d]o encontro de duas consciências no processo de interpretação e estudo do enunciado” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 27).

Como consequência dessa perspectiva, o pesquisador ao interagir com os discursos dos sujeitos e compreendendo que toda interação pressupõe relações de já-ditos e pré-figurados buscará no discurso não o próprio sujeito concreto e vivo, mas a compreensão mediada pelo signo de quem seja esse sujeito: a *imagem discursivizada do sujeito*.

No próximo capítulo, apresentamos em forma de princípios orientadores as bases teórico-metodológicas que balizam a compreensão da *imagem discursivizada do sujeito*.

5 POR UMA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE IMAGEM DISCURSIVIZADA DE SUJEITO

A questão do falante (do homem, do sujeito do discurso, do autor do enunciado, etc.). A linguística conhece apenas o sistema da língua e o texto. Entretanto, todo enunciado, até uma saudação padronizada, tem uma determinada forma de autor (e de destinatário).

(BAKHTIN, 2017 [1970/1971]).

Nos dois textos iniciais de Bakhtin, “Arte e Responsabilidade” (2003 [1919]) e *Para uma filosofia do ato responsável* (2017 [1920/1924]), o autor tece sua crítica à separação (ou a uma relação mecânica, sem unidade interna de sentido) entre o mundo da vida, da arte e da ciência, e reconhece que o teoreticismo do campo científico e a visão estética do campo da arte são incapazes de superar essa divisão, pois ambas são uma visão limitada do ato responsável humano (embora a visão estética ainda esteja mais próxima de representar o mundo da vida na sua singularidade e unicidade que a visão teórica). Conforme resume Renfrew (2017, p. 43, grifo do autor), “o teoreticismo sempre carecerá da *eventicidade* (*sobytiinost'*) de todo ato ou fenômeno [...]”, posto que está atrelado às generalidades do ato humano, aos elementos repetíveis e estáveis da cultura. Já o esteticismo, ao voltar-se exclusivamente para a particularidade do indivíduo no interior do acontecimento estético, “[...] tende a se perder em seu próprio objeto e, assim, a dissolver o objeto em uma versão imaginada dele, o “produto” da visão estética – a imagem ou a obra de arte em si” (RENFREW, 2017, p. 45). Por esse motivo, Bakhtin (2003 [1919], p. XXXXIII) acredita que a unidade entre os atos éticos, cognitivos e estéticos só é possível a partir do mundo da vida, isto é, a partir do “[...] indivíduo que os incorpora à sua própria unidade”. Em outras palavras, qualquer construção de conhecimento cujo objeto seja o sujeito, deve compreender que o seu centro de valor não é o ser humano em geral e abstrato, mas um sujeito encarnado, singular que age na relação com outros sujeitos encarnados. Esse conhecimento que se constrói a partir do ato concreto é como Bakhtin (2017 [1920/1924], p. 58) parece enxergar uma saída para uma teoria não-indiferente: “[...] partindo da ação-ato e não de sua transcrição teórica, há uma abertura voltada para seu conteúdo-sentido, que é inteiramente admitido e incluído desde o interior de tal ato, já que o ato se desenvolve realmente no existir”.

Foi com essa finalidade que, no capítulo anterior, delineamos os conceitos de discurso e sujeito, procurando sempre marcar como esses conceitos estão constitutivamente relacionados na teoria do Círculo: indivíduo se constitui como sujeito dialógico pelo discurso (exterior e

interior); o discurso, por sua vez, se materializa nos enunciados do sujeito singular em interação. Consideramos que era necessário compreender como o Círculo teoriza esse sujeito concreto e seu discurso enquanto ato para que, a partir dessa concepção de uma realidade semiotizada que o sujeito habita e pela qual é habitado, pudéssemos apresentar um aparato teórico-metodológico, de base linguístico-filosófico, que evidencie o sujeito dialógico refratado e refletido nos enunciados para análises de discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem, sem recair em um teoreticismo ou em um esteticismo do sujeito. Cabe destacar que entendemos por aparato teórico-metodológico os princípios capazes de endereçar a análise. Não se trata de um manual de regras e métodos fixos, mas de *um conjunto conceitual necessário para o embasamento teórico e metodológico das análises* com vistas a aproximar a visão do analista “às reais peculiaridades específicas do objeto de estudo” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 133). Nesse sentido, este trabalho propõe um aparato capaz de entrever o dinamismo do sujeito que age nos limites do ato realizado.

Concluimos no capítulo anterior que, do ponto de vista da vivência, o sujeito é irrecuperável não só para o outro, mas para ele próprio. O sujeito concreto e real que age é um Ser-evento, isto é, nunca está pronto, está sempre por realizar-se em um novo evento, permanecendo, assim, em constante vir a ser. O que o analista do discurso recupera, de certo modo, é a objetivação desse sujeito no enunciado já realizado. Chamamos de objetivação porque, ali no enunciado já realizado, encontramos uma posição valorativa de um sujeito empírico que já não está mais concretamente presente, o sujeito que realizou o ato seguiu seu caminho com Ser-evento realizando novos atos no mundo. Os sentidos daquele enunciado continuam por reverberar e produzir novos sentidos no contato com seus interlocutores, no entanto, o sujeito empírico já não está presente, ele realizou o enunciado e desligou-se dele empiricamente e embora suas marcas estejam presentes no enunciado, sua imagem é já uma imagem parcial, posterior ao ato e, portanto, não coincidente consigo mesmo.

Ainda assim, por óbvio que seja a esta altura dizer, o ato responsável só é analisável por uma perspectiva que o compreenda como pertencente a um sujeito singular e dinâmico, como ente que enuncia sempre na expectativa de uma resposta de um outro. Ou seja, o enunciado deve ser sempre percebido na dinâmica do ato e de seus atores (enunciador e interlocutor). Para conhecer esses sujeitos discursivos é que propusemos o conceito de *imagem discursivizada de sujeito*, posto que o sujeito concreto só se dá a conhecer por meio de seu discurso que, no entanto, nunca contém mais que uma imagem refratada sua. Desse modo, o termo cunhado não recupera (nem se propõe a isso) a instância arquitetônica do eu-para-mim, mas procura compreender o eu-para-o-outro e o outro-para-mim presentes em cada enunciado,

reconhecendo a não-finalizabilidade, a singularidade, a constituição na/pela alteridade que envolve o sujeito concreto.

Mas como, na prática do analista, acordar essas imagens e manter a singularidade dos sujeitos em análise? Como produzir um conhecimento científico sobre o sujeito que, ao mesmo tempo, abarque a eventicidade da vida concreta mantendo sua condição de vir-a-ser e, ainda, seja capaz de verificar as regularidades fixadas pela teoria? Sobral (2019, p. 161, grifos nossos.) nos responde que

O agir de cada sujeito traz elementos singulares (a realização do ato) que se combinam com o que há de comum a todos os atos (os elementos repetíveis do ato) de outros sujeitos. **Os elementos comuns, que formam o resultado do ato, aquilo que ele gera, produz, faz emergir, são teorizáveis. Os elementos singulares não são teorizáveis, mas descritíveis e vivenciáveis.**

Assim, o analista poderá utilizar-se do conceito de *imagem discursivizada de sujeito* como uma primeira orientação metodológica baseada nos “elementos comuns” do sujeito refratados no discurso e que apresentaremos nas seções que seguem, considerando que todo sujeito bem como sua imagem refratada é cronotópica, exotópica, dialógica e ideológico-valorativa. No entanto, o pesquisador precisa atentar-se para o fato de que cada discurso analisado deve ser considerado tanto na sua singularidade quanto na sua generalidade, isto é, todo discurso é fruto da tensão entre as forças centrípetas e as forças centrífugas, contendo em si traços gerais que podemos sistematizar, mas também traços singulares que se aplicam apenas àquela interação específica. Então, nossa proposta, entendida como “[...] as primeiras orientações metodológicas, que apenas tateiam o objeto de estudo [...]” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 134), deve ser sempre superada pela singularidade de cada discurso, pela eventicidade de cada ato cognoscente, pela irrepitibilidade de cada relação intersubjetiva.

Para organizar essas orientações metodológicas iniciais, separamos o conceito de *imagem discursivizada de sujeito* em quatro seções que se mesclam à quatro conceitos da teoria de Bakhtin e do Círculo que compreendemos como fundamentais para a interpretação do sujeito no discurso. A seção 5.1 propõe orientações para a construção de uma *imagem discursivizada de sujeito cronotópica*; a seção 5.2 busca apontar para o reconhecimento da *imagem discursivizada de sujeito como uma posição exotopicamente elaborada*; a seção 5.3 abarca *as relações dialógicas que constituem a imagem discursivizada de sujeito*; a seção 5.4 evidencia que *a imagem discursivizada de sujeito é fruto das projeções ideológico-valorativas daquele que enuncia e também daquele que analisa dialogicamente um discurso*. Essa última seção também realiza uma síntese do capítulo, marcando que cronotopo, exotopia, dialogismo e

valoração são todas as faces de um mesmo fenômeno ideológico que é mais que a soma das suas partes.

5.1 POR UMA IMAGEM DISCURSIVIZADA DE SUJEITO CRONOTÓPICA

A noção de que o homem é um ser no tempo, que vive no tempo, durante um certo tempo, insere a compreensão do ato ético no contexto da arquitetônica, uma noção cara ao de pensamento de Bakhtin.

(MACHADO, 2010).

Em termos gerais, o tempo enquanto conceito absoluto da Física Newtoniana é concebido como uma grandeza uniforme, constante e sem correlação com os objetos, corpos ou sujeitos. Essa ideia foi fortemente criticada por Gottfried W. Leibniz⁵² e Ernst Mach⁵³ que compreendiam que o tempo absoluto é uma pura abstração e não pode existir como tal. Para esses cientistas, o tempo é relativo assim como o espaço, e só pode ser percebido na comparação de um evento em relação a um outro. É na teoria da relatividade (especial e geral) de Einstein que essas ideias serão ampliadas e o tempo será compreendido como a quarta dimensão do espaço bem como a sua contagem como dependente do ponto de vista do sujeito observador (MARTINS; ZANETIC, 2002). A partir de suas propostas teóricas, a duração de determinado evento no tempo passa a ser compreendida como dependente da distância entre o evento e seu observador, de tal modo que o tempo passa a ser medido como fundido ao espaço, como espaço-tempo.

Esse é o contexto teórico a partir do qual emerge o conceito de cronotopo bakhtiniano (cf. seção 4.1). No entanto, concordamos com Machado (2010, p. 208) que, no contexto bakhtiniano, “o tempo dimensionado pelo espaço é apreendido tão-somente nas temporalidades representativas da cultura”. Nesse quadro, as temporalidades não são a duração do evento no espaço-tempo em relação ao seu observador, mas a experiência humana de um evento concreto que fixa o tempo no espaço e gera compreensões/avaliações/refrações da realidade espaço-temporalmente situadas. Ou seja, não é a grandeza física que importa, mas as relações espaço-temporais apreendidas em cada ato singular semioticamente experienciado pelo sujeito em interação social.

Em “Formas do tempo e do cronotopo no romance: um ensaio de poética histórica”, Bakhtin (2018 [1973], p. 12, grifos nossos) define cronotopo como uma categoria relacionada

⁵² Cientista e filósofo alemão que desenvolveu notório trabalho matemático e viveu entre 1646 e 1716.

⁵³ Físico e filósofo austríaco, defensor do empirismo, que viveu entre 1838 e 1916.

ao conteúdo e a forma literária que “[...] determina (em grande medida) também **a imagem do homem** na literatura; **essa imagem é sempre essencialmente cronotópica**”. Ou seja, o espaço-tempo assimilado no/pelo discurso é essencialmente o espaço-tempo habitado pelo ser humano cuja imagem está refratada no discurso. Para melhor exemplificar as intrincadas relações entre espaço, tempo e sujeito e, ainda, destacar a importância de, ao se analisar discursos, buscar por *imagens discursivizadas de sujeito cronotópicas*, retomamos⁵⁴ as análises feitas por Bakhtin dos grandes cronotopos dos romances grego e dos romances de Apuleio e Petronio (2018 [1973]).

Bakhtin propõe a distinção entre os grandes cronotopos e os pequenos cronotopos. Os grandes cronotopos são aqueles que abarcam toda a obra e todos os demais motivos cronotópicos. Os pequenos cronotopos, também denominados de motivos cronotópicos, são os acontecimentos que compõem a obra e dão movimento à narrativa e, além disso, sustentam o grande cronotopo. Por exemplo, ao analisar os romances clássicos da antiguidade, Bakhtin (2018 [1973]) destaca três grandes cronotopos: o cronotopo do “romance aventuresco de provações” (p. 15) presente no romance grego; o cronotopo do “romance aventuresco e de costumes” presente nos romances de Apuleio e Petronio (p. 47); e o cronotopo do “tempo biográfico” (p. 71) presente no romance biográfico antigo. Dentro desses grandes cronotopos, ele ressalta os pequenos cronotopos como, por exemplo, o motivo do encontro, da metamorfose, da estrada que têm suas funções e seus sentidos alterados a depender do grande cronotopo em que está inserido.

O cronotopo do romance aventuresco de provações é designado por Bakhtin (2018 [1973], p. 18, grifos do autor) como “*um mundo alheio no tempo aventuresco*”, pois o enredo se desenrola num amplo espaço de países estrangeiros (o mundo alheio), no tempo de cada aventura individual (o tempo aventuresco). Romances desse tipo têm um enredo muito parecido nas mais distintas obras: iniciam-se com o encontro e a paixão súbita do herói pela heroína e encerram-se com a feliz união do casal. Entre esses dois limites, transcorrem uma série de aventuras baseadas no desenrolar dos mais diversos motivos cronotópicos: fugas, raptos, encontros/desencontros, falsas mortes etc. Essa série de aventuras, no entanto, não interfere de modo algum no desfecho da história, tratando-se de um “hiato extratemporal entre dois momentos do tempo biográfico” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 19), preenchido por “simultaneidades” e “heterotemporalidades casuais” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 25). O tempo

⁵⁴ Destacamos que a retomada se refere a alguns pontos que servirão de baliza para a comparação pretendida para os fins desta tese. A análise de Bakhtin é muito mais rica e mais cheia de relações com o folclore e a cultura em geral.

dessas aventuras não é, portanto, cronológico ou cíclico, mas sim abstrato, marcado por “súbitos” e “justamentos” que se somam indistintamente e reversivelmente ao todo da narração. Tal tempo se relaciona com o espaço de modo exclusivamente técnico, isto é, as marcas do tempo não permanecem no espaço, a passagem dos dias não se soma à idade biográfica dos heróis, a época histórica e a localização geográfica não importam para o desenvolvimento do enredo. Mas tecnicamente cada acontecimento depende que os personagens estejam em um lugar e em um tempo exatos para que o herói seja salvo, para que uma tragédia não aconteça, para que os encontros/desencontros sejam possíveis.

As personagens não possuem qualquer iniciativa, todas as aventuras de que participam, mesmo o amor que assoma o herói e a heroína, são obras do destino. É ao acaso que cabe toda a iniciativa que desencadeia cada uma das aventuras. Além disso, essas aventuras não alteram em nada as personagens, suas vidas ou seu mundo; sua única finalidade é provar a castidade, a fidelidade, a nobreza, a coragem, a força, a intrepidez e (mais raramente) a inteligência do herói e da heroína; revelando uma profunda identidade dos heróis consigo mesmos. Essa identidade consigo mesmo tem um profundo caráter ideológico herdado do “folclore anterior à sociedade de classes” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 38) cuja base é a ideia popular de “fé no poderio indestrutível do homem em sua luta contra a natureza e todas as forças não humanas” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 39).

À parte esse ideal social de homem que não se abala e que permanece idêntico a si mesmo frente aos reveses da vida, o sujeito do romance grego é do início ao fim um sujeito da vida privada, um indivíduo não abarcado pelas relações sociais. Todos os acontecimentos do mundo importam apenas naquilo que influenciam sua vida privada, que concorrem para juntá-lo ou separá-lo de seu amor. O romance grego, no entanto, não encontra uma forma estética adequada para lidar com a crescente individualização do homem em relação à sociedade e se vale de formas retóricas antigas criando um descompasso entre o conteúdo privado da vida humana e a forma pública, jurídica e estatal como recurso estilístico.

O segundo grande cronotopo antigo analisado por Bakhtin (2018 [1973], p. 47) é o do “romance aventureso e de costumes”. O autor destaca que o tempo de aventuras e o tempo de costumes se combinam e formam um cronotopo inteiramente novo. Esse cronotopo é marcado pelos motivos cronotópicos da metamorfose e da estrada e seu enredo se desenvolve baseado na série “vinho – castigo – expiação – purificação – beatitude” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 68).

O tempo basilar desse cronotopo é o tempo aventureso perpendicularmente atravessado pelo tempo de costumes. O tempo aventureso se manifesta no caminho do herói rumo a sua

beatificação. O próprio motivo cronotópico do caminho é uma metáfora do processo de purificação do herói, da trajetória de vida humana em que o sujeito sai de casa como um jovem imaturo e retorna como um adulto experiente. Nesse caminho, o jovem incauto cai em tentação e é punido por seus atos sendo metamorfoseado em um ser insignificante que deve sofrer na série de aventuras que se desencadeiam como forma de expiação e purificação. Em seu caminho de expiação é que está representado o tempo dos costumes, isto é, o cronotopo da vida cotidiana. O herói, no entanto, não pertence a esse cotidiano. Seu tempo é o tempo das aventuras, do extraordinário, o cotidiano é apenas um objeto de sua observação e estudo pois, no contexto desse tipo de romance, a vida cotidiana tem um significado pejorativo, é o castigo do incauto. Nele a vida privada se revela no que tem de pior (traições, crimes, luxúrias) para servir de aprendizado ao herói. Ainda assim, Bakhtin (2018 [1973]) compreende que enquanto recurso formal, há um avanço na tentativa de representar a vida privada do homem com a inserção de um ser insignificante que a tudo escuta sem causar constrangimentos nem distorções formais da representação da privacidade por meios públicos.

É preciso destacar ainda que o tempo aventureesco da vida do herói sofre uma alteração substancial em relação ao cronotopo do romance grego. Ao ter incluído em si o motivo cronotópico da metamorfose, o tempo do romance aventureesco e de costumes deixa de ser abstrato e técnico como acontecia no cronotopo anterior e passa a ser um tempo denso, medido pela vida do herói. Pois, embora ainda não se trate de um tempo histórico ou biográfico, o tempo deixa suas marcas na vida do herói que sofre, aprende e se regenera. O herói do romance de aventuras e de costumes não é mais, portanto, o sujeito que passa por provações e sai delas idêntico a si mesmo, mas é alguém que necessariamente muda, purifica-se e se beatifica no processo de castigo e de expiação. O herói muda e é responsável por sua mudança, isto porque toda a série de aventuras é desencadeada por um ato seu de imprudência que o leva à metamorfose. O seu retorno à forma original também depende dos seus atos: é preciso cumprir sua penitência e se pôr no caminho de purificação. Os eventos pelos quais passa, no entanto, ainda têm um caráter mágico e excepcional que são incapazes de alterar o espaço e de representar um tempo histórico, de tal modo que ainda é o tempo aventureesco do acaso, da excepcionalidade, da heterotemporalidade casual, mas também é distinto deste, pois ele deixa marcas profundas e inapagáveis no homem e na sua vida. Nesse contexto, cada aventura é indispensável para a vida do herói que se modifica justamente na medida em que é exposto a elas.

Como vemos, a partir da análise das relações espaço-temporais presentes no conteúdo e na forma dos romances gregos e dos romances de Apuleio e Petronio, Bakhtin vai recuperando

uma imagem de homem que vai além da construção das personagens. Ou, melhor dizendo, que é o plano de fundo sobre o qual as personagens se desenvolvem. Ao contrário do que poderíamos supor, o cronotopo não concerne apenas ao objeto estético, à história narrada, abarcando apenas as personagens. Por se tratar de uma categoria de forma e conteúdo, abarca não somente o acontecimento narrado, mas o próprio ato de narração. Nesse sentido, o cronotopo abarca não só o objeto do discurso, mas também o ato da enunciação em si e, portanto, o autor e o interlocutor na situação de interação, dando base para o analista recuperar uma *imagem discursivizada de sujeito cronotópica* que coloca em interação toda uma série de cronotopos distintos:

O caráter geral dessas inter-relações é *dialógico* (na ampla acepção do termo). Mas esse diálogo não pode integrar o universo representado numa obra nem em nenhum de seus cronotopos (representados): ele está fora do universo representado, embora não esteja fora da obra como um todo. Ele (esse diálogo) integra o universo do autor e do intérprete, e o dos ouvintes e leitores. E esses universos também são cronotópicos. (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 229, grifo do autor).

Esses diversos cronotopos se colocam em relação não porque a cada personagem que compõe a obra corresponda necessariamente um cronotopo individual, mas porque, como destaca Amorim (2014), o tempo é o elemento privilegiado no cronotopo. Com isso se quer dizer que o tempo é o responsável pelo movimento, pela mudança dos sentidos e das concepções de homem que se fixam no espaço, de modo que o cronotopo se refere não a um indivíduo, mas ao contexto sócio-histórico em que os sujeitos estão inseridos e como esse contexto é apreendido pela obra e pelos interlocutores. Não se trata, portanto, da imagem de um homem individual, mas de “[...] um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde as várias histórias se contam ou se escrevem” (AMORIM, 2014, p. 105). A compreensão desse matriz espaço-temporal considera qual tempo-espaço ocupam os personagens em relação ao autor e seu interlocutor previsto e, ainda, que tempo-espaço ocupa o interlocutor real que entra em relação com a obra na sua compreensão ativa.

Pela análise de Bakhtin que resumimos acima, fica evidente que ele não está traçando um perfil de Clitofonte e Leucipe⁵⁵ ou de Lúcio⁵⁶, e sim está buscando nas personagens (no conteúdo) e na forma as marcas cronotópicas que assimilam o tempo, o espaço e o homem reais, refratando-os. Tanto é assim que as conclusões a que chega Bakhtin não se referem às

⁵⁵ Leucipe e Clitofonte são a heroína e o herói do romance homônimo escrito por Áquiles de Tácito, analisado por Bakhtin (2018 [1973]) como exemplar do grande cronotopo dos romances gregos.

⁵⁶ Lúcio é o herói do romance “O asno de ouro” de Apuleio, analisado por Bakhtin (2018 [1973]) como exemplar do grande cronotopo dos romances de Apuleio e Petrônio.

personagens em si, mas a composição geral do cronotopo na obra. Como, por exemplo, sua constatação de que no cronotopo do romance aventuresco de provações, a relação técnica entre o tempo-espaço abstrato revela uma imagem de homem passivo e finalizado, que permanece sempre idêntico a si mesmo e que tem como fonte ideológico-valorativa a ideia popular da cultura folclórica de resiliência do homem frente aos desafios da natureza. Já o cronotopo do romance aventuresco de costumes, com uma relação mais orgânica entre o tempo e o espaço que deixam marcas na vida dos sujeitos, revela a imagem de um homem que muda, que é capaz de regenerar-se. O que Bakhtin recupera, nesse sentido, não são as personagens, mas como aquelas sociedades valoram o sujeito, qual o ideal de homem para aquelas sociedades. Essas imagens de homem são construídas por Bakhtin na sua relação singular com esses textos-enunciados e desses com seu autor, seus interlocutores previstos e sua época. Assim, as próprias imagens são cronotópicas. É nesse sentido que os cronotopos estão em diálogo, pois conforme ganham o grande tempo, os sentidos ressoam e se renovam, implicando outras concepções de homem que ampliam aquelas refletidas e refratas na obra. De tal modo que na análise da *imagem discursivizada de sujeito* o cronotopo fornecerá, da mesma forma, essa imagem social de um sujeito constituído em seu tempo-espaço que dará base para recuperarmos também a imagem individual refratada no discurso.

Todo cronotopo envolve, portanto, relações cronotópicas internas – entre os pequenos e o grande cronotopo; mas também relações cronotópicas externas. Destacamos na análise de Bakhtin como a refração do cronotopo externo no cronotopo interno do romance afeta toda a composição artístico-literária: a necessidade de retratar a vida privada do homem que já não se organiza mais como um coletivo:

A vida pública e o homem público são por natureza *abertos, visíveis e audíveis*. A vida pública dispõe ainda das mais diversas formas de autopublicidade e autorrelato (inclusive na literatura). Por essa razão, aqui não surge o problema da postura especial do contemplador e do ouvinte dessa vida (o ‘terceiro’) [...].

Mas quando o homem privado e a vida privada chegaram à literatura (na época do Helenismo), esse problema teria de surgir inevitavelmente. Surgiu a *contradição entre a publicidade da própria forma literária e a privacidade do seu conteúdo*. Teve início o processo de elaboração dos gêneros privados. (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 62, grifos do autor).

Essa necessidade de retratar a vida privada ganha, como vimos, formas estilísticas e composicionais distintas nos romances gregos e nos romances de Apuleio e Petronio. Nos primeiros, mantém-se a forma retórico-jurídica e retórico-estatal de gêneros públicos anteriores, causando um descompasso entre o cronotopo representado e a forma de sua representação. Já

nos romances de segundo tipo, insere-se um elemento novo – o ser insignificante que pode espreitar a vida alheia sem ser notado. Esse elemento irá permanecer nos romances posteriores e evoluir ao longo da história da literatura. Há, assim, uma reverberação do cronotopo externo, isto é, da relação espaço-temporal concreta no cronotopo interno da obra literária. Essa reverberação não é exclusiva do momento de sua criação. Ao integrar a cadeia discursiva e ganhar o grande tempo, os sentidos se renovam a cada novo contato em cada novo cronotopo real que passa a abarcar aquilo que está materializado na obra, mas também aquilo que compreende o contexto da nova interação e do novo interlocutor real. Esse valor cronotópico é sempre atualizado, pois a cada época, a cada nova interação, a cada novo gênero novas assimilações espaço-temporais são possíveis e necessárias, porque o homem que essas imagens revelam está em constante devir. Assim, a *imagem discursivizada de sujeito* deve ser percebida no seu cronotopo interno, nas relações espaço-temporais assimiladas e refratadas no enunciado, mas deve também ser compreendida na sua relação com seu tempo-espaço de criação e de recepção para que sua possibilidade de sentido seja aprofundada. Uma análise dialógica de discursos que se proponha a interpretar o sujeito nessas relações do contexto próximo e amplo impedem que se construam interpretações destorcidas colocando projeções ideológico-valorativas em sentidos que não podiam estar presentes em determinado tempo-espaço. Porque os sentidos podem e devem ser renovados, no entanto, não podem ser impostos a uma realidade que lhes desconhecia ou os valorava de forma distinta. É nesse sentido que Medviédev (2012 [1928], p. 185) afirma que a compreensão ativamente responsiva perpassa também por compreender o discurso no seu próprio tempo: “Entender um enunciado significa entendê-lo no contexto de sua contemporaneidade e da nossa (caso elas não coincidam). É necessário compreender o sentido no enunciado, o conteúdo do ato e a realidade histórica do ato em sua união concreta e interna”.

As reflexões acima devem ser compreendidas como válidas para qualquer discurso em qualquer esfera da atividade humana, pois, como já vimos no capítulo 4, Bakhtin (2018 [1973]) esclarece que o conceito de cronotopo se estende a todo o universo dos sentidos, ou seja, se aplica a todos os discursos, de tal modo que esse continuum espaço-temporal que determina a imagem do homem se aplica também à análise da *imagem discursivizada de sujeito*. Todo discurso é um “[...] processo de assimilação do tempo e do espaço histórico reais, e do homem histórico e real que neles se revela” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 11). Assim, *as imagens discursivizadas de sujeito* são cronotópicas não porque contêm um cronotopo, mas porque estão inseridas em um cronotopo que as revela. Inicialmente, elas integram o pequeno tempo que se caracteriza pelo contexto próximo da interação que produziu determinado enunciado.

Posteriormente, o grande tempo, as temporalidades que se seguem, as novas interações do enunciado em outros espaços e tempos.

Por certo que cada campo da atividade humana e cada situação de interação específica assimila o tempo e o espaço de maneiras distintas, adequada a seus propósitos enunciativos, mas em todos eles há uma imagem de homem que se revela. Como nos lembra o autor, em obras cuja natureza está associada aos acontecimentos político-sociais e não ao campo livrescoliterário, o cronotopo da vida representada (cronotopo interno) é totalmente dependente do cronotopo que representa (cronotopo externo). Nesses casos, “é justamente nas condições desse cronotopo real em que se revela (publica-se) a vida do próprio ou a do outro, que se lapidam as faces da imagem do homem e da sua vida, em que se opera certa elucidação destas” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 73). Do mesmo modo, discursos de outras esferas da comunicação social irão sofrer maior ou menor influência do cronotopo externo, porque quanto mais relacionados à realidade concreta, às esferas de comunicação cotidiana, maior a relação com o tempo-espaço concreto. E quanto mais esse tempo-espaço é concreto, maiores são seus “[...] *vínculos indispensáveis* na vida humana e no tempo dessa vida” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 32, grifos do autor) marcados pela determinidade e concretude dos espaços geográficos e dos tempos históricos que implicam às posições valorativas dos sujeitos questões culturais, econômicas, sociopolíticas *etc.*

Do que se pode concluir que o cronotopo é uma categoria relacionada aos gêneros do discurso que, como formas típicas e relativamente estáveis do enunciado, são capazes de refletir essas temporalidades típicas de uma época e suas concepções de sujeito. Cada esfera social e cada época assimila a seu modo o tempo-espaço e o homem que nele habita, refratando nos discursos esse “sinal da história” como “o vestígio autêntico”, “humano e necessário” (BAKHTIN, 2003 [1936/1938], p. 242). Mesmo a ficção menos realista aponta para um mundo concreto e uma imagem de homem pertencente a esse mundo:

Nenhum gênero ficcional pode construir-se com base em um entretenimento vazio. Ademais, para ser entretenimento ele deve tocar alguma substancialidade. Isso porque só a vida humana ou, em todo caso, algo diretamente relacionado com ela pode entreter. E esse lado humano deve ser exposto num aspecto ainda que minimamente substancial, isto é, deve ter um grau de *realidade* viva. (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 40, grifo do autor).

Essa refração constrói uma *imagem discursiva de sujeito* integrante do seu tempo-espaço e, ainda, amplia essa imagem porque constrói refrações cronotópicas a partir do universo daquele que a interpreta

A obra e o mundo nela representado entram no mundo real e o enriquecem, e o mundo real entra na obra e no mundo representado tanto no processo de sua criação como no processo de sua vida subsequente, numa renovação permanente pela recepção criadora dos ouvintes-leitores. Sem dúvida, esse processo de troca é ele mesmo cronotópico: realiza-se, antes de tudo, no mundo social que se desenvolve historicamente, mas também sem se separar do espaço histórico em mutação. Pode-se até falar de um cronotopo *criativo* particular, no qual se dá essa troca da obra com a vida e no qual a vida especial de uma obra se realiza. (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 231, grifo do autor).

De toda forma, não se pode confundir o cronotopo interno do discurso com o cronotopo externo. O cronotopo que inscreve a *imagem discursivizada de sujeito* não é o cronotopo externo, o tempo-espaço real, mas o cronotopo interno que assimila e, portanto, valora essa relação espaço-temporal fundindo os “[...] indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 12).

Como dissemos, entre o mundo real que representa e o mundo representado na obra passa uma fronteira nítida e intransponível. Isso nunca se pode esquecer e [...] nem se pode confundir o mundo representado com o mundo que representa (realismo ingênuo), o autor-criador da obra com o autor-pessoa (biografismo ingênuo), o ouvinte-leitor de diversas (e muitas épocas), que reconstrói e renova, com o ouvinte-leitor passivo de sua contemporaneidade (o dogmatismo da interpretação e da apreciação). Todas as confusões desse gênero são totalmente inadmissíveis em termos metodológicos. (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 230-231).

E, embora, um não possa ser tomado pelo outro, também um não pode existir sem o outro, posto que a assimilação/representação/refração pressupõe algo externo a si cuja relação é internamente assimilada/representa/refratada.

Apesar de toda a impossibilidade de fusão do mundo representado e mundo do que representa, apesar da presença irrevogável da fronteira principal entre esses mundos, eles estão indissolivelmente ligados um ao outro e se encontram em constante interação, ocorre entre eles uma troca permanente, semelhante ao metabolismo que ocorre entre um organismo vivo e seu meio ambiente: enquanto o organismo está vivo ele não se funde com esse meio, mas, uma vez separado, ele morrerá (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 231).

Em resumo, o conceito de cronotopo do enunciado nos ajuda a analisar as *imagens discursivizadas do sujeito* pois as inscrevem espaço-temporalmente revelando uma concepção de homem, valorada no contexto do pequeno cronotopo em que foi produzida e revalorada no grande cronotopo daqueles que a interpretam. Conforme Bakhtin (2017 [1930/1940], p. 67, grifos do autor):

Etapas do movimento dialógico de *interpretação*: o ponto de partida – um dado texto, o movimento retrospectivo – contextos do passado, movimento prospectivo – antecipação (e início) do futuro contexto.

É nesse sentido que ao analisar a *imagem discursivizada de sujeito* deve-se buscar as marcas espaço-temporais e a concepção de sujeito presente, inicialmente, no próprio enunciado – o gênero, a esfera de circulação, o conteúdo, a forma, o estilo, a linguagem – relacionando essas marcas com o contexto sócio-histórico de sua produção. Aqui temos o pequeno tempo que revela a *imagem discursivizada de sujeito* no tempo da produção do enunciado. Posteriormente, a relação dessa imagem com seus contextos passados, compreendendo que tal imagem não se forma espontaneamente, mas como uma construção histórica do fluxo discursivo. E, então, compreender o enunciado no presente do analista que já é um contexto futuro, o contexto do grande tempo que revela uma *imagem discursivizada de sujeito* reelaborada, por vezes, imperceptível no cronotopo de sua criação. Porque é no contato entre os diferentes tempo-espacos que o sentido se renova e o passado gera novas centelhas de reflexão para o futuro – “Não se pode mudar o aspecto efetivamente material do passado, no entanto o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincidente consigo mesmo (livre). [...] Conhecimento – compreensão do passado em sua índole inacabável (em sua não coincidência consigo mesmo)” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 60).

No quadro que segue, propomos um resumo das principais orientações para a análise da *imagem discursivizada de sujeito cronotópica*:

Quadro 6 - Resumo dos princípios orientadores para a análise da imagem discursivizada do sujeito cronotópica

PRINCÍPIO ORIENTADOR	CONCEITUALIZAÇÃO
Temporalidades	Experiência humana dos eventos que fixa o tempo no espaço e gera compreensões/avaliações/refrações espaço-temporalmente situadas.
Grande Cronotopo	Relações espaço-temporais que abarcam todo o discurso e todos os demais motivos cronotópicos.
Pequeno cronotopo ou motivos cronotópicos	Acontecimentos que compõem o conteúdo do discurso e lhe dão movimento, além disso, sustentam o grande cronotopo.
Imagem de homem	Refere-se a um matriz espaço-temporal que apreende os sujeitos em seu contexto concreto e real e os valora.
Pequeno tempo	O contexto de produção de um enunciado.

Grande tempo	O contexto de recepção de determinado enunciado para além do contexto em que foi inicialmente produzido.
<i>Imagem discursivizada de sujeito cronotópica</i>	Construção de uma <i>imagem discursivizada de sujeito</i> a partir das marcas e relações espaço-temporais presentes no enunciado (a época, o gênero, a esfera de circulação, os interlocutores, o conteúdo, a forma, o estilo, a linguagem), relacionadas ao contexto sócio-histórico de sua produção e de sua recepção.

Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, reafirmamos que esse diálogo entre o pequeno e o grande tempo que abarca o contexto do analista é essencial para a concepção do Círculo de produção de conhecimento nas Ciências Humanas. É o reconhecimento de que não há neutralidade do pesquisador, que este é um “homem do seu tempo” e como tal carrega os valores de sua época. Longe de ser um defeito da pesquisa, esse contato proporciona profundidade e revela o inacabamento do sujeito por meio do acabamento da pesquisa. Preocupações elencadas por Bakhtin (2017 [1930/1940], p. 76, grifos do autor) em seu esboço de ensaio *Por uma metodologia das ciências humanas*: “Diferentes cronotopos de quem pergunta e de quem responde e diferentes universos do sentido (‘eu’ e o ‘outro’). A pergunta e a resposta do ponto de vista da ‘terceira’ consciência e do seu mundo *neutro*, onde tudo é *substituível* e fatalmente se *despersonifica*”. A distinção entre cronotopos depende, então, do distanciamento entre os sujeitos cognoscente e cognoscível, isto é, implica uma relação exotópica entre o pesquisador e o pesquisado que deve transparecer no texto do pesquisador como vozes distintas, como posições valorativas distintas, cada qual ocupante do seu espaço-tempo específico. Na seção que segue, trataremos então dos princípios orientadores para análise da *imagem discursivizada de sujeito exotópica*.

5.2 POR UMA IMAGEM DISCURSVIZADA DE SUJEITO EXOTÓPICA

Pergunta e resposta não são relações (categorias) lógicas; não podem caber em uma só consciência (una e fechada em si mesma); toda resposta gera uma nova pergunta. Perguntas e respostas supõem uma distância recíproca. Se a resposta não gera uma nova pergunta, separa-se do diálogo e entra no conhecimento sistêmico, no fundo impessoal.
(BAKHTIN, 2017 [1930/1940]).

Como vimos, o cronotopo de um discurso, compreendido como a assimilação do espaço-tempo e do sujeito que nele se revela, ao ganhar o grande tempo, coloca-se em relação

com outros cronotopos pois entra em diálogo com outros discursos. A relação entre discursos é sempre uma interação entre sujeitos e seus universos (do autor, do intérprete, do ouvinte, do leitor) – “E esses universos também são cronotópicos” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 229). É nesse sentido que Machado (2010, p. 215) conclui que:

O tempo, para Bakhtin, torna-se pluralidade de visões de mundo: tanto na experiência como na criação, manifesta-se como um conjunto de simultaneidades que não são instantes, mas acontecimentos no complexo de seus desdobramentos. A pluralidade de que fala Bakhtin só pode ser apreendida no grande tempo das culturas e civilizações, quer dizer, no espaço.

Essa pluralidade de sentidos acontece justamente em razão dos sujeitos serem únicos e irrepetíveis – “quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos” (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 21). De tal modo que cada sujeito concreto ocupa um lugar insubstituível e inalienável no espaço-tempo cujo ponto de vista, isto é, a compreensão ativo-responsiva do mundo, não pode ser reproduzido nem por ele mesmo – “Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa” (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 21). Vez que tal fusão é impossível e contraproducente (do que nos serviria um mundo de pura identidade?), cabe ao autor e ao pesquisador uma compreensão ativa do sujeito, uma contemplação criadora ou um conhecimento dialógico. É dessa constatação que nasce o conceito de exotopia⁵⁷ no âmbito da atividade criadora estética e, posteriormente, cognitiva, como reforça a passagem abaixo:

Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 21, grifos do autor).

O excedente de visão, ao lado da empatia e do retorno ao próprio lugar, integra o conceito de exotopia. Por ocupar um lugar único no mundo, meu ponto de vista em relação aos demais sujeitos é privilegiado, pois eu vejo deles mais do que eles mesmos são capazes de ver

⁵⁷ Exotopia é a tradução para português do neologismo *exotopie* criado por Tzvetan Todorov ao traduzir do russo para o francês a palavra *vnenakhodimost*. Embora, na tradução direta do russo para o português do livro “Estética da criação verbal” (BAKHTIN, 2003 [1979]), Paulo Bezerra [in BAKHTIN, 2003 [1979], p. X] tenha optado por uma tradução como distância/distanciamento, o termo exotopia tem sido amplamente utilizado no contexto dos comentadores das obras do Círculo. Outras traduções também foram propostas como extraposição, outsidersness e externalização (MACHADO, 2010, p. 230) e cada uma delas põe certas características do conceito em destaque em relação a outras. De nossa parte, concordamos com Amorim (2014) que o termo exotopia sintetiza o conceito por traduzir a ideia de “lugar exterior”.

de si, seja fisicamente – seu corpo e seu plano de fundo – seja axiologicamente – a valoração e o acabamento dos seus atos, da sua personalidade. Tudo isso que eu do meu lugar único sou capaz de ver do outro que ele mesmo não é capaz de ver de si, é o que Bakhtin chama de excedente de visão. Cumpre salientar que o outro em relação a mim e à minha visão de mim mesmo também ocupa uma posição privilegiada. Por isso a construção da individualidade em Bakhtin é sempre uma construção alteritária, co-construção, em que o outro me completa e eu, ao outro.

O conceito de exotopia foi inicialmente cunhado no campo da atividade estética, no texto *O autor e a personagem na atividade estética* (BAKHTIN, 2003 [1924/1927]), para designar o distanciamento do autor que confere acabamento às suas personagens e ao todo da obra literária. Nesse texto-enunciado, Bakhtin discorre a respeito do distanciamento entre autor e personagem e do excedente de visão daquele em relação a esta. Também entende que esse distanciamento é igualmente necessário no mundo da vida, no qual sempre estamos fora do outro e lhe damos um relativo acabamento enquanto interagimos; embora em cada campo, o acabamento do outro cumpra funções distintas a depender da situação de interação. Nessa direção, ele postula que “a contemplação estética e o ato ético não podem abstrair a singularidade concreta do lugar que o sujeito desse ato e da contemplação artística ocupa na existência” (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 22). Já no campo do conhecimento, o autor ainda vislumbrava uma possibilidade de superação desse lugar inalienável meu e do outro. Essa possibilidade seria negada em textos mais tardios sobre as ciências humanas. Nas palavras do autor,

Essa distância concreta só de mim e de todos os outros indivíduos – sem exceção – para mim, e o excedente de minha visão por ele condicionado em relação a cada um deles [...] são superados pelo conhecimento, que constrói um universo único e de significado geral, em todos os sentidos totalmente independente daquela posição única e concreta ocupada por esse ou aquele indivíduo; para ele, não existe tampouco a relação absolutamente irreversível ‘eu e todos os outros’; ‘eu e o outro’ para o conhecimento, por serem concebidos, constituem uma relação relativa e reversível, uma vez que **o sujeito do conhecimento como tal não ocupa um lugar concreto determinado na existência.** (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 21-22, grifos do autor em itálico; grifos nossos em negrito).

Aqui Bakhtin parece estar em diálogo com um certo tipo de fazer científico, aquele contra o qual já teceu suas críticas em *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2017 [1920/1924]), isto é, o teoreticismo. Em seus textos-enunciados mais tardios, como em *Por uma metodologia das Ciências Humanas*, ele estende a posição exotópica também para o fazer

científico no campo das Ciências Humanas, afirmando o lugar do pesquisador como um lugar concreto no mundo e, portanto, exotópico em relação aos sujeitos pesquisados.

A necessidade da livre autorrevelação do indivíduo. Aqui há um núcleo interior que não pode ser absorvido, consumido, em que **sempre se conserva uma distância** em relação à qual só é possível o puro desinteresse; ao abrir-se para o outro, tal distância sempre permanece também para si. (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 58, grifos nossos).

Aqui, Bakhtin estende o conceito de exotopia à relação entre o sujeito cognoscente e o sujeito cognoscível, compreendendo esta relação como uma interação alteritária, tal como acontece no ato ético e na contemplação estética. Ou seja, o sujeito cognoscente está inserido no ato do conhecimento – “a índole de acontecimento do conhecimento dialógico. O encontro” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 66) –, de tal maneira que se torna um outro em relação ao sujeito cognoscível. Aqui está estabelecida a arquitetura do ato, pois ambos, pesquisador e pesquisado participam do evento como eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro para mim – “O limite aqui não é o ‘eu’, porém o ‘eu’ em relação de reciprocidade com outros indivíduos, isto é, ‘eu’ e ‘o outro’, ‘eu’ e ‘tu’ (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 75). Nessa relação, pesquisador e pesquisado são afetados, pois o pesquisador deixa de questionar-se a si mesmo frente a um objeto mudo e passa a questionar um outro falante e expressivo cuja vontade de dizer, a sua resposta deve ser considerada na análise. Do mesmo jeito, o sujeito questionado, ao ser interpelado, tem sua consciência alterada em função das perguntas e das respostas que o interrogador espera de si, posto que para respondê-las precisa elaborar seu discurso interior e direcioná-lo para seu interlocutor. Nesse processo, toda a situação de interação concorrerá para a elaboração de uma resposta – “A questão da segunda consciência nas ciências humanas. As perguntas (enquetes) que mudam a consciência do interrogado” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 27).

Mas não só na pesquisa de campo, em que pesquisador e pesquisado efetivamente se encontram, é que o sujeito cognoscível e o sujeito cognoscente estão em relação de alteridade. Na pesquisa em Ciências Humanas o encontro entre sujeitos se dá no enunciado produzido por um outro numa situação de interação específica, ainda que esse enunciado seja escrito.

Uma cultura, assim como um texto, só se revela na sua completude pelo olhar de uma outra cultura. Quando a interrogamos, o fazemos com *nossas* inquietações e somente assim novos sentidos podem se produzir. A unidade de uma cultura é uma unidade aberta. A exotopia deve também ser entendida em relação às diferenças de posição no tempo. (AMORIM, 2004, p. 191, grifo da autora).

Assim, quando o analista dialógico do discurso busca compreender a *imagem discursivizada de sujeito* a partir do texto-enunciado, ele deve questioná-lo, procurar nele as respostas que gerem novas questões, que mantenham o diálogo vivo. Nesse sentido, ao analisar a *imagem discursivizada de sujeito*, o pesquisador não está em busca de replicar as posições valorativas exatas de quem disse, para quem ele disse, com quais intenções o fez. Sua procura é por apreender os sentidos desse sujeito na relação com seu discurso e como esses sentidos reverberam no tempo. É por esse motivo que reafirmamos que nas Ciências Humanas não há a busca pela identidade, mas sim pela profundidade – “é o campo das descobertas, das revelações, das inteirações, das comunicações. Aí são importantes o segredo, a mentira (mas não o erro). Aí são importantes tanto a imodéstia como a ofensa, etc.” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 58). É dessa forma que se dá a relação exotópica do analista com o sujeito pesquisador, pela manutenção da distância de um em relação ao outro. E vale lembrar que:

O outro não é simplesmente aquilo que o sujeito-consciência entende como sendo externo a si mesmo, caracterizado em uma série de generalizações étnicas, sociais e generificadas, ou, pior, inacessivelmente trancadas no ‘inconsciente’ do sujeito: esse é justamente o tipo de abstrações ‘teóricas’ produzidas pela concepção de um ato ou um enunciado isolado de seu evento definidor. O outro bakhtiniano é *sempre* o-outro-para-mim, e isso sempre acarreta sua imbricação no evento do contato intersubjetivo. (RENFREW, 2017, p. 54-55, grifos do autor).

O que Renfrew destaca é que esse outro-para-mim não é genérico, ele é singular e me importa justamente por sua posição única e insubstituível naquele evento de interação irrepetível. Cumpre reconhecer, portanto, que há no conceito de exotopia não só uma ideia de distanciamento, mas, antes, uma ideia de empatia – “o significado da simpatia e do amor” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 58). E, ainda,

Somente o amor pode ver e representar a liberdade interna do objeto. Ele ainda é sério, mas tem vontade de sorrir [...]. Somente para o amor se revela a absoluta inconsumibilidade do objeto, o amor deixa-o totalmente fora de si, perto de si (ou atrás). O amor acaricia e afaga as fronteiras, que assumem um novo significado. O amor não fala do objeto na sua ausência, mas fala dele com ele mesmo. A palavra-violência pressupõe um objeto ausente e mudo, que não escuta e não responde, não se dirige a ele, nem exige o seu consentimento, é uma palavra em ausência. (BAKHTIN, 2019 [1940/1945], p. 43).

O tema do amor é recorrente na obra de Bakhtin desde *Para uma filosofia do ato responsável*. Ele não deve, contudo, ser compreendido numa visão romantizada do outro, mas como uma metáfora que relaciona o amor a uma relação desinteressada com o outro. Só amor é desinteressado de qualquer finalidade. Quem ama, não busca o outro para fins utilitários, para

resolução dos seus próprios problemas, para fazer o outro caber nos limites das suas próprias ideias. O gesto amoroso está verdadeiramente interessado no outro por sua singularidade. Assim, um pesquisador não deve entrar em relação com o outro para preencher suas categorias de análise levantadas *a priori*; para confirmar suas certezas ou sanar suas dúvidas. Deve entrar em contato com o outro de modo desprezioso; deixar que o outro fale e interessar-me pelo que ele tem a dizer.

[...] pelo simples fato de que eu comecei a falar dele, já entrei em uma relação que não é indiferente, mas interessado-afetiva, e por isso a palavra não somente denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também com sua entonação (uma palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciada) a minha atitude avaliativa em relação ao objeto – o que nele é desejável e não desejável – e, desse modo, movimenta-o em direção do que ainda está por ser determinado nele, tornar-se movimento de um evento vivo. (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 85-86).

Disso se trata a interação nas Ciências Humanas, isso significa tratar o enunciado como um discurso vivo. Por certo que faz parte da esfera científica buscar respostas para as suas problemáticas, mas não se pode calar o sujeito para consegui-las, enformar o outro no prospecto da pesquisa delineada a despeito de seus desejos e vontades enunciativas.

No entanto, ao passo que este outro, ao qual o meu excedente de visão completa, me interessa, isto é, não me é indiferente pois eu busco compreendê-lo, chegando mesmo a me colocar no seu lugar, é apenas do meu lugar que posso realmente lhe ser produtivo. Pois como propõe Bakhtin (2019 [1940/1945]), a criação de uma imagem do homem deve envolver a autoenunciação e a visão do outro, não numa “fusão ingênua (a autocontemplação no espelho)”, mas como vozes distintas, a minha própria que guarda meu inacabamento e a do outro que me dá um acabamento amoroso.

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento. (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 23).

É nessa relação de compenetração e de retorno a mim mesmo que o outro pode ser “[...] assimilado em termos éticos, cognitivos ou estéticos [...]” (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 24). A pura empatia, embora inalcançável, é no seu limite possível contraproducente não só para o pesquisador, como para o sujeito cognoscível: ninguém precisa que o outro vivencie a

vida em seu lugar. Já a pura distância é objetificante, torna o outro uma coisa sem palavra, sem desejo, sem vivência, sem devir. É na relação exotópica de empatia e distanciamento que a pesquisa permite o que Bakhtin chama de personalização do objeto de estudo, a qual ele esclarece que não se trata de uma subjetivação do estudo, mas de uma relação de alteridade em que se aprofundam os sentidos singulares em detrimento de generalizações coisificantes, pois “o ‘sentido’ é personalista; nele há sempre uma pergunta, um apelo e uma antecipação de resposta, nele sempre há dois (como mínimo dialógico). Esse personalismo não é um fato psicológico, mas de sentido” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 79).

Por não ser uma subjetivação é que não devemos compreender que esse aprofundamento no sentido corresponda ao aprofundamento na expressão individual do sujeito, mas que ao nos aprofundarmos em enunciados concretos, de indivíduos concretos, pertencentes a um tempo-espaço e ao nos posicionarmos desse mesmo modo, podemos atingir a expressão mais geral da cultura. Acreditamos que essa seja uma interpretação possível do comentário de Bakhtin (2017 [1930/1940], p. 59): “A expressão do indivíduo e a expressão dos grupos, dos povos, das épocas, da própria história, com seus horizontes e ambientes. Não se trata da consciência individual da expressão e da compreensão”. Essa constatação retoma as ideias presentes em *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2017 [1920/1924]) de que apenas partindo do ato concreto é que se pode realizar uma teoria comprometida com a vida, cuja verdade-*istina* não se imponha à verdade-*pravda*.

Qualquer conhecimento dialógico sobre o sujeito deve, portanto, manter vivo o sujeito. Isso perpassa analisar não apenas o seu contexto (o fundo aperceptivo em que o sujeito se encontra) que eu sou capaz de ver da minha posição exotópica, mas também seu horizonte, isto é, o seu ponto de vista que eu só posso conhecer na contemplação empática do lugar que ele ocupa pois “o indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação <?> do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 58). Na *imagem discursivizada de sujeito* isso significa que a construção dessa imagem é mais do que aquilo que eu espero do sujeito de um determinado discurso, mas o que esse sujeito apresenta do seu horizonte apreciativo em relação ao seu mundo, seu objeto e seus interlocutores.

Mesmo ressalvadas todas essas orientações, a posição exotópica será sempre uma posição de acabamento do sujeito outro a partir do meu excedente de visão, pois ao olhar para o outro da minha posição única e singular eu o defino e o concludo naquele momento, ainda que de forma temporária. Se ao interrogar o outro eu dou abertura ao seu inacabamento, ao reagir a sua resposta eu o concludo, ou, nas palavras de Machado (2010, p. 225): “Se a pergunta aponta

para o inacabamento da própria vida – ‘para viver preciso ser inacabado’ (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 11) –, a resposta é a configuração do acabamento, ainda que suscite outras perguntas e não elimine de todo o inacabamento”. No acontecimento da pesquisa, toda a relação alteritária está baseada no excedente de visão do pesquisador: são os seus objetivos, suas teses, suas questões que conduzem a interação. E, embora a presença do outro também redefina os rumos da pesquisa, lance novas perguntas, apresente novos diálogos, ainda assim, é ao pesquisador que cabe o ponto final. Mas, como bem lembra Amorim (2014, p. 97), “o acabamento aqui não tem sentido de aprisionamento, ao contrário, é um ato generoso de quem *dá de si*. Dar de sua posição, dar aquilo que somente sua posição permite ver e entender”.

Desse modo, a relação do analista dialógico do discurso com o enunciado de sua pesquisa envolve o respeito à palavra alheia que não deve ser apagada pela voz do pesquisador. Assim, ao recuperar a imagem discursivizada de sujeito, mesmo sabendo que tal imagem corresponde a uma interpretação que estabiliza o sujeito que é sempre devir, há que se manter viva a voz que permitiu tal interpretação. Essa manutenção da voz do outro acontece no texto do pesquisador que é a própria expressão da sua posição exotópica. É ele que proporciona o acabamento dos sentidos e, ao mesmo tempo, a sua abertura. Embora pareça paradoxal, é sobre isso que se refere a renovação de sentidos no grande tempo: um enunciado (analisado) entra em contato com outros enunciados que lhe respondem (o texto do analista) e assim seguem, o enunciado analisado e o enunciado do analista, gerando novos contatos. É nesse sentido que nos fala Bakhtin sobre a complexidade e a essência da apreensão do sentido no campo estético e cognitivo: “A apreensão como descoberta da presença por meio da percepção visual (contemplação) e da adição por elaboração criadora. [...] É impossível dissolver o sentido em conceitos” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 64). A apreensão de um sentido não é a mera repetição do dito, mas é fruto de contemplação e posterior elaboração criadora porque é sempre um novo sentido. Para expressar o entendimento de um texto, eu elaboro um outro texto que necessita também de compreensão. Um enunciado que se aprofunde dessa forma no enunciado do outro não pode reduzir-se a um conceito.

No caso específico da *imagem discursivizada de sujeito*, o texto do pesquisador irá elaborar criativamente sua apreensão do sujeito refratado no discurso, o que se torna uma reelaboração. Essa é a relação entre o pesquisador em Ciências Humanas e seu objeto – o ser humano. Deve ser uma relação exotópica que se inicia com a identificação e se encerra com o retorno ao seu lugar. Sobre os princípios orientadores para a análise da *imagem discursivizada de sujeito exotópica*, elaboramos um quadro resumitivo das questões discutidas nesta seção.

Quadro 7 - Resumo dos princípios orientadores para a análise da imagem discursivizada de sujeito exotópica

PRINCÍPIO ORIENTADOR	CONCEITUALIZAÇÃO
Excedente de visão	Posição privilegiada do pesquisador em relação ao todo semântico do sujeito da pesquisa.
Personalização do objeto de estudo	Relação de alteridade entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa em que se aprofundam nos sentidos em detrimento de generalizações coisificantes.
Apreensão do sentido	Contemplação da imagem discursivizada de sujeito e posterior elaboração criadora da/sobre essa imagem.
<i>Imagem discursivizada de sujeito exotópica</i>	Construção da imagem discursivizada de sujeito em um movimento analítico que abarca empatia e distanciamento do pesquisador em relação aos sujeitos de sua pesquisa, proporcionando um excedente de visão que confere um acabamento amoroso ao todo do sujeito mantendo inacabada a possibilidade deste de ser.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em suma, o pesquisador irá buscar uma imagem de sujeito já valorada, isto é, ele irá reagir a reação do autor em relação si mesmo e em relação ao seu interlocutor. Porque o evento primeiro do discurso analisado é aquele da enunciação, o ato do pesquisar é de contemplação externa desse evento, dentro de um novo evento – o evento da atividade cognoscente. É sobre essas relações dialógicas internas ao ato do enunciado em análise e inseridas no próprio ato de análise que trataremos na seção que segue.

5.3 POR UMA IMAGEM DISCURSVIZADA DE SUJEITO CONSTITUÍDA NAS/ÀS RELAÇÕES DIALÓGICAS

[...] o discurso humano é um fenômeno *bilateral*: a existência de todo enunciado pressupõe não só um falante como também um ouvinte. Toda expressão linguística das impressões do mundo exterior [...] sempre está *orientada para o outro*.
(VOLÓCHINOV, 2019 [1930b], grifos do autor).

Quando constatamos, no capítulo 4, que todo discurso é dialógico pois está em relação constitutiva com outros discursos – sejam os discursos que lhe antecederam e aos quais responde, sejam os discursos que poderão ser proferidos, os quais ele antecipa –, não estávamos tratando de relações lógicas no interior de um texto, mas de relações dialógicas que envolvem posicionamentos valorativos dos interlocutores e se materializam no enunciado. Ou seja, as

relações dialógicas são, necessariamente, relações entre sujeitos, isto é, não há relações dialógicas entre um sujeito e um objeto ou entre objetos. Como exemplifica Medviédev (2012 [1928], p. 219), “não são as obras que interagem, e sim as pessoas, porém elas interagem por meio das obras e, com isso, colocam as obras em inter-relações refletidas”.

As relações dialógicas permitem entrever as *imagens discursivizadas do sujeito* no interior de um enunciado específico pois elas “[...] são possíveis não apenas entre enunciações integrais [...]” (BAKHTIN, 2013 [1963], p. 210), isto é, não apenas entre dois enunciados formalmente distintos, de autores distintos; mas estão presentes dentro de cada enunciado, como vozes distintas no interior dele – “[...] as relações dialógicas podem penetrar o âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes [...]” (BAKHTIN, 2013 [1963], p. 211). Assim, no interior do enunciado, as *imagens discursivizadas de sujeito* se revelam por meio das diferentes posições valorativas que a relação entre os interlocutores imprime ao material linguístico, ao seu conteúdo e à sua forma, seja numa palavra isolada no seu interior, seja entre estilos de linguagem e dialetos sociais, seja em partes isoladas do todo (BAKHTIN, 2013 [1963]), sempre que entrevemos ali um discurso bivocal.

Por certo que alguns enunciados têm maior tendência ao discurso bivocal, à dialogicidade; o próprio Bakhtin (2016 [1950], p. 114) nos fala sobre “[...] maior ou menor grau de monologicidade (i.e., dialogicidade) [...]” no “[...] sentido de potencialidade ou tendência monológica ou dialógica” (BEZERRA, 2016, p. 114). De todo modo, mesmo os discursos mais monologizantes são dialógicos em sua natureza enunciativa de orientar-se para o outro e de responder a discursos já ditos sobre o mesmo objeto. Essas orientações podem ser declaradamente dialógicas, quando o autor apresenta explicitamente a palavra do outro como citação direta ou indireta, como palavra do herói/personagem; ou podem estar estilizadas, veladas, encobertas por uma aparente monologização.

Isso significa que não respondemos (ou antecipamos respostas) a textos, mas o fazemos a sujeitos concretos em enunciação:

Nesse sentido, **todo enunciado tem uma espécie de autor**, que no próprio enunciado escutamos como seu criador. Podemos não saber absolutamente nada sobre o autor real, como ele existe fora do enunciado. As formas dessa autoria real podem ser muito diversas. [...] apesar de tudo, sentimos nela uma vontade criativa única, uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente. **A reação dialógica personifica toda enunciação à qual ela reage.** (BAKHTIN, 2013 [1963], p. 210, grifos nossos).

Ao interagirmos com um enunciado, portanto, concebemos uma imagem discursivizada do sujeito que fala naquele enunciado, a qual denominaremos de *imagem discursivizada do sujeito enunciator*. E como este sujeito sempre endereça seu enunciado a alguém, a um ouvinte ainda que em potencial, pois a relação do enunciator com seus interlocutores é uma via de mão dupla, formada não só pelo modo como o sujeito enunciator valora seus interlocutores (o-outro-para-mim), mas também como os interlocutores valoram o sujeito enunciator (o eu-para-o-outro); todo enunciado implica também uma (ou mais) imagem discursivizada do sujeito a quem aquele discurso se endereça, denominada aqui como *imagem discursivizada do sujeito outro*. Tais imagens não se tratam, no entanto, de uma representação visual nem de uma vivência psíquica do sujeito empírico (BAKHTIN, 2002 [1923/1924]), mas de uma posição axiológica discursivamente refratada no enunciado, percebida pelo contemplador/ouvinte/analista, que se constitui da relação do sujeito que enuncia com seus interlocutores previstos.

Temos em mente, mais especificamente, as posições ativas de sujeito materializadas no discurso, isto é, não os sujeitos sobre os quais se fala (personagem, herói, objeto do discurso), mas o sujeito que fala e o sujeito para quem ele fala. Pois, se todo enunciado possui um sujeito enunciator que ocupa uma posição ativa em relação ao todo do enunciado, em igual modo, todo enunciado possui um interlocutor (ainda que em potencial) cujas reações o autor antecipa e sobre as quais todo o enunciado é moldado.

Na verdade, as relações entre A e B mudam e se constituem ininterruptamente, e é justamente no processo de comunicação que acontecem as mudanças. Tampouco existe a mensagem pronta X. Ela constitui-se no processo de comunicação entre A e B. Portanto, ela não é transmitida, de forma alguma, de um para o outro, mas se constrói entre eles como uma ponte ideológica no processo de interação. É esse o processo que determina tanto a unidade temática da obra em constituição quanto a forma de sua realização efetiva; é impossível separar ou delimitá-las, assim como, por exemplo, não seria possível encontrar o núcleo de uma cebola tirando suas camadas uma atrás da outra. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 219).

De tal modo que o interlocutor previsto ocupa uma posição tão ativa na construção de um enunciado quanto a posição de autor e sua atividade está também refratada no enunciado concreto como uma “concepção do destinatário do discurso (como o sente e imagina o falante ou quem escreve) [...]” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 67).

A *imagem discursivizada do sujeito enunciator* não deve, no entanto, confundir-se com o conceito de autor-criador que encontramos em ensaios como “O autor e a personagem na atividade estética” (BAKHTIN, 2003 [1924/1927]) e “O problema do conteúdo, do material e

da forma na criação literária” (BAKHTIN, 2002 [1923/1924]). Pois a *imagem discursivizada de sujeito enunciador é uma compreensão do analista sobre o autor daquele enunciado, que leva em consideração as marcas do autor-criador, as relações contextuais sociais, culturais e históricas, e também outros enunciados do autor-pessoa e sobre ele*. Nas palavras de Morson e Emerson (2008, p. 447): “[...] a imagem que criamos [do autor] ainda não é o autor-como-criador. É a nossa versão de ‘o-outro-para-mim’ e não do ‘eu-para-mim-mesmo’ real que cria”. O próprio Bakhtin (2018 [1973], p. 234-235, grifos do autor) expressa seu desagrado com a ideia de uma “imagem de autor” como sinônimo de autor-criador:

Eis por que o termo “imagem de autor” me parece infeliz: tudo o que se tornou imagem numa obra, e que conseqüentemente integra os seus cronotopos, é criado e não criador. “Imagem de autor”, caso se subentenda por isso autor-criador, é um *contratitio in adjecto*; toda imagem é algo criado, não criador. Sem dúvida, o ouvinte-leitor pode criar uma imagem de autor (e costuma criá-la, ou seja, de certo modo imagina um autor) [...].

Segundo Bezerra (in BAKHTIN, 2018 [1973], p. 234), em nota de rodapé ao excerto acima citado e por ele traduzido, Bakhtin está polemizando com Viktor Vinogradov, teórico literário russo que criou o conceito de “imagem de autor”. Como se vê, Bakhtin não nega que possamos criar uma “imagem de autor”, mas afirma que essa imagem não integra o objeto da obra e, tampouco, se equivale ao autor-criador. Nesse sentido, para evitar confusões com o termo “imagem de autor” é que propusemos o conceito de *imagem discursivizada de sujeito enunciador*.

Para melhor compreendermos a diferença entre *imagem discursivizada de sujeito enunciador* e autor-criador, cabe lembrar que Bakhtin (2003 [1924/1927], p. 9) distingue o “[...] autor-criador, elemento da obra [...]” do “[...] autor-pessoa, elemento do acontecimento ético e social da vida [...]”. A diferença entre autor-criador e autor-pessoa está no fato de serem instâncias materiais distintas. O autor-criador é uma instância discursiva, uma posição estético-formal (FARACO, 2014) que atua ativamente para a unidade do todo da obra ou, dito de outro modo, é a instância que, a partir do seu posicionamento valorativo, une o conteúdo (as personagens e seu mundo – o objeto estético), o material (a linguagem) e a forma (a composição e a arquitetônica da obra). Essa posição do autor-criador realiza-se na obra, não como parte integrante do mundo das personagens, mas como atividade que cria esse mundo. O autor-criador não é o homem real, mas também não é uma imagem representada, vez que ele cria. Ele é a linha tangente que ao narrar os fatos já está fora do tempo-espaço em que estes acontecem. Há o fato narrado e a narração e ambos têm tempos diferentes. O tempo representável e o tempo representado. O autor-criador observa os acontecimentos do texto a partir de sua “[...]”

contemporaneidade inacabada, com toda a sua complexidade e plenitude, e além disso ele mesmo se encontra como que numa tangente à realidade representada” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 233). Assim, as personagens são fruto da elaboração estética do autor-criador, do seu esforço criativo, da sua posição emotivo-volitiva; já a sua presença de autor não é objeto de representação estética, embora possa ser percebida no todo da obra nas marcas que a finalizam e lhe dão unidade. Em resumo,

[...] a resposta total, que cria o todo do objeto, realiza-se de forma ativa, mas não é vivida como algo determinado, sua determinidade reside justamente no produto que ela cria, isto é, no objeto enformado; o autor reflete a posição volitivo-emocional da personagem e não sua própria posição em face da personagem; esta posição ele realiza, é objetivada, mas não se torna objeto de exame e de vivenciamento reflexivo [...]. (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 5).

Já o autor-pessoa é o sujeito empírico que ocupa uma posição no mundo, mas não na obra. Ele é o sujeito que age no mundo e que reúne seus atos estéticos, éticos e cognitivos na unidade de Ser-evento. Autor-pessoa e autor-criador estão, portanto, em planos diferentes e, por esse motivo, não podem ser confundidos. A despeito da distinção dos planos que ocupam, autor-pessoa e autor-criador são posições ativas de criação e não de coisa criada – um age no mundo da vida, o outro age no mundo esteticamente concebido –, ou seja, ambos existem na arquitetura bakhtiniana do ato “[...] primordialmente no reino do ‘eu-para-mim-mesmo’” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 447).

Essa posição do eu-para-mim é, como já dissemos, irrecuperável do ponto de vista da vivência. Ela acontece no próprio processo do ato, faz parte do Ser-evento (BAKHTIN, 2017 [1920/1924]) e não pode ser repetida como tal. O que não significa, no entanto, que não possa ser estudada no limite daquilo que a teoria nos permite alcançar:

A transcrição teórica pura nunca pode possuir toda plenitude do elemento ético do conteúdo, plenitude que domina apenas a empatia, mas ela pode e deve aspirar a isso como a um seu limite jamais alcançável. O próprio elemento da realização ética ou é realizado, ou é artisticamente contemplado, mas nunca pode ser formulado de um modo teoricamente adequado. (BAKHTIN, 2002 [1923/1924], p. 43).

Por essa razão, entendemos que só podemos encontrar na obra uma imagem refratada do sujeito que enuncia (*a imagem discursivizada de sujeito enunciator*), porquanto o sujeito real não pode ser integralmente transportado ao discurso. Essa imagem refratada que é percebida pelo analista engloba, por certo, as marcas de autoria presentes no enunciado, mas as relaciona com as próprias valorações do analista, isto é, sofre uma nova refração que envolve

um olhar externo ao evento de enunciação. O analista entra em interação com o discurso de uma forma peculiar, já que busca uma compreensão do enunciado dentro da situação de interação em que este ocorreu; mas ele próprio não é integrante dessa interação. Ele analisa o enunciado em uma nova situação que abarca a primeira: o ato de análise. Mesmo no caso em que o analista integra a situação de interação (pesquisas de campo, pesquisas etnográficas, entrevistas etc.), a análise é posterior, a partir da visão integral do evento concluído. Nada disso, no entanto, deve ser interpretado como se a análise pudesse então ser definitiva ou como se o pesquisador pudesse ser abstraído dos resultados alcançados: o evento de interação e os enunciados ali produzidos foram concluídos, mas os sentidos continuam a reverberar no tempo, a cada novo contato. E o evento de análise, no qual a participação do analista é insubstituível, torna-se um momento de renovação daqueles sentidos. Desse mesmo modo, Bakhtin percebe que a relação entre o artista e seu objeto de contemplação deva realizar-se a partir do ato responsável do autor, que engloba o objeto:

Somente a partir do interior de tal ato como *minha* ação responsável, e não seu produto tomado abstratamente, pode haver uma saída para a unidade do existir. Somente do interior da minha participação pode ser compreendida a função de cada participante. (BAKHTIN, 2017 [1920/1924], p. 65-66, grifo do autor).

Assim, o termo *imagem discursivizada do sujeito enunciador* evidencia que a análise do sujeito por meio do seu discurso é sempre uma análise de uma posição já-realizada em contrapartida à posição de devir ocupada pelo autor-criador ou pelo autor-pessoa. Ou seja, a imagem que temos do sujeito enunciador é fruto de uma posição emotivo-volitiva objetivada no enunciado, é um produto do processo discursivo (mas não como *res nullius* ou *res derelicta*, já que o processo, isto é, o ato responsável do qual nasce o enunciado continua a ser considerado) e não a presença do próprio processo de elaboração discursiva, pois “não podemos estudar imediatamente esse processo como lei psicológica [...]. Sejam quais forem suas causas temporais e seu fluxo psicológico, sobre esse tema podemos apenas conjecturar [...]” (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 5); e, tal conjectura, foge aos limites do trabalho do analista dialógico do discurso. Nas palavras de Bakhtin (2018 [1973], p. 234-235):

Sem dúvida, o ouvinte-leitor pode criar uma imagem de autor (e costuma criá-la, ou seja, de certo modo imagina um autor); além disso, ele pode empregar o material biográfico e autobiográfico, estudar a respectiva época em que o autor viveu e criou e outros materiais sobre ele, mas ele (o ouvinte-leitor) cria apenas uma imagem histórico-artística do autor, que pode ser mais ou menos verdadeira e profunda, ou seja, subordinada àqueles critérios que costumam ser aplicados a imagens dessa natureza; mas ela, é claro, não pode integrar o

tecido imagístico da obra. Todavia, se essa imagem for verdadeira e profunda, ela ajudará o ouvinte-leitor a compreender de modo mais correto e profundo a obra de um determinado autor.

Analisar a *imagem discursivizada do sujeito enunciador*, portanto, não é recuperar o que o enunciador quis dizer ou o seu processo de elaboração mental. Construimos essa imagem a partir das ideias e dos sentidos fixados no enunciado e, a partir deles, entrevemos o sujeito no mundo: “o autor-criador nos ajuda a compreender também o autor-pessoa, e já depois suas declarações sobre sua obra ganharão significado elucidativo e complementar” (BAKHTIN, 2003 [1924/1927], p. 6).

Essa citação é particularmente esclarecedora para o processo de compreensão da *imagem discursivizada de sujeito* por parte do analista dialógico do discurso, pois nela Bakhtin nos encaminha para uma análise do sujeito que parta daquilo que ele deixa entrever no enunciado para, posteriormente, fazer relações com aquilo que conhecemos da biografia do sujeito empírico. Essa orientação poderia parecer anti-dialógica, no sentido de que coloca os outros discursos a respeito do sujeito em segundo plano. Mas não o é, pois a biografia do sujeito não é o sujeito; mas sim um discurso sobre o sujeito. Aqui o sujeito aparece como objeto da enunciação, como personagem/herói, mas ele mesmo não tem papel ativo na produção do discurso. Embora a *imagem discursivizada do sujeito enunciador* seja por sua natureza uma objetivação, ela objetiva o sujeito em interação, o sujeito enquanto alguém a quem eu respondo, com quem eu entro em diálogo, um sujeito que é ele mesmo enunciador e não um objeto sobre o qual se fala – “O falante e seu discurso não podem ser simplesmente um objeto de discurso, visto que me refiro a eles e para mim eles se tornam um parceiro dialógico” (BAKHTIN, 2016 [1952], p. 137). Por certo que o conceito que propomos, como qualquer outro, guarda em si uma finalização relativa e necessária do seu objeto de estudo; contudo, ele encara o seu objeto como sujeito falante e não como coisa morta e “aqui há um núcleo interior que não pode ser absorvido, consumido[...]” (BAKHTIN, 2017 [1930/1940], p. 58). Esse núcleo é “o ativismo responsivo do objeto cognoscível” (p. 61). Em resumo, o ato de análise é, como visto na seção 5.2, um ato arquitetonicamente constituído nas relações entre o eu e o outro, ou seja, o sujeito cognoscível passa a ser conhecido não como objeto fixo a disposição de uma teoria, mas como o outro singular em relação a mim – o-outro-para-mim.

Mesmo os outros enunciados do mesmo sujeito empírico não nos podem revelar a *imagem discursivizada do sujeito enunciador*, porque, como vimos, o sujeito empírico nunca coincide consigo mesmo e a cada ato seu, ele já é outro. Claro que não completamente outro, mas um outro de si mesmo. Além disso, em cada ato, sua posição valorativa expressa no

material linguístico é condicionada pela situação de interação e pelo seu interlocutor. Assim, a *imagem discursivizada de sujeito enunciador* só se faz entrever nas relações que estabelece naquele contexto de enunciação específico que, por serem irrepetíveis (enunciados e sujeitos), não são mais os mesmos em outra situação de interação. É apenas ao entrar em relação com o sujeito por meio do seu enunciado concreto singular que o analista se depara com *a imagem discursivizada do sujeito enunciador*.

Do mesmo modo, *a imagem discursivizada do sujeito outro* também é específica de um enunciado concreto, na situação de interação em particular e não se refere ao interlocutor real, mas a uma imagem refratada em diversas direções: ela se constitui da posição valorativa do enunciador em relação ao seu interlocutor (o-outro-para-mim), a compreensão do enunciador de como ele próprio é visto pelo interlocutor (eu-para-o-outro) e a posição valorativa, externa à situação de interação, do sujeito analista (o-outro-para-mim). Esse sujeito que o falante considera não é, portanto, um ouvinte ideal que dubla o falante, mas um ouvinte concretamente concebido, com seu horizonte ideológico tensamente postado frente às posições valorativas do falante. O ouvinte ideal nunca poderia ser um outro, pois não soaria como uma voz a qual respondo, apenas como um eco que me dubla. Nas palavras de Bakhtin (2017 [1930/1940], 72).

Ele [ouvinte ideal] está no mesmo tempo e espaço que o próprio autor, ou melhor, ele, como o autor, está fora do tempo e do espaço (como qualquer formação abstrata ideal), e por isso não pode ser o outro (ou um estranho) para o autor, não pode ter nenhum excedente definível pela alteridade. Entre o autor e tal ouvinte não pode haver nenhuma interação, nenhuma relação dramática ativa, porquanto eles não são vozes mas conceitos abstratos iguais a si mesmos e entre si.

Ainda sobre o interlocutor, nos diz Volóchinov (2019 [1926], p. 143, grifos nossos) ao confrontar o pensamento clássico de Buffon de que o estilo é o símbolo da singularidade do autor e de sua expressão no material artístico: “O estilo é o homem”⁵⁸, mas podemos falar que o estilo é, pelo menos, dois homens, mais precisamente, o homem e seu **grupo social na pessoa do seu representante social, ou seja, o ouvinte** que é um participante constante do discurso interior e exterior do homem”. Aqui, Volóchinov esclarece que o interlocutor considerado pelo enunciador para construir seu enunciado, exista ele concretamente ou não, se trata de uma posição valorativa da classe social a qual representa – classe social entendida por nós de modo mais abrangente que classe econômica, englobando faixa etária, religião, gênero, orientação política, escolaridade etc. – e da posição valorativa do enunciador em relação a essa classe

⁵⁸ De acordo com a nota das tradutoras, a citação “O estilo é o homem” faz parte do discurso de eleição de Georges-Louis Leclerc (1707-1788) como membro da Academia Francesa em 1763.

social. Em complemento, Bakhtin (2016 [1951/1953], p.69, grifos do autor) esclarece que esse endereçamento está presente inclusive nas escolhas do material linguístico: “A escolha de *todos* os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada”.

De tal modo que analisar as relações dialógicas que implicam a *imagem discursivizada do sujeito outro* não é o mesmo que identificar quem é o interlocutor previsto, mas como esse interlocutor é valorado. Mais uma vez, essa valoração está refratada no próprio enunciado sob análise, porque

A enunciação a encontra [a linguagem e suas formas] pronta no aspecto fundamental. Elas são o material da enunciação, o qual lhe restringe as possibilidades. O que caracteriza precisamente uma dada enunciação – a escolha de certas palavras, certa teoria da frase, determinada entonação da enunciação – é a expressão da relação recíproca entre os falantes e todo o complexo ambiente social em que se desenvolve a conversa. (VOLÓCHINOV, 2014 [1927], p.79).

Nessa lógica, as informações biográficas, as relações em outros contextos de interação, devem servir como aprofundamento das relações dialógicas presentes no enunciado e no seu material sógnico, e não como ponto de partida.

Abaixo, apresentamos um quadro-resumo dos princípios orientadores da análise da *imagem discursivizada de sujeito* constituída nas/às relações dialógicas.

Quadro 8 - Resumo dos princípios orientadores para a análise da imagem discursivizada do sujeito constituída nas/às relações dialógicas

PRINCÍPIO ORIENTADOR	CONCEITUALIZAÇÃO
<i>Imagem discursivizada de sujeito constituída nas/às relações dialógicas</i>	Posição axiológica discursivamente refratada no enunciado, percebida pelo contemplador/ouvinte/analista, que se constitui da relação do sujeito que enuncia com seus interlocutores previstos.
<i>Imagem discursivizada do sujeito enunciador</i>	Compreensão do analista sobre o sujeito que enuncia um enunciado específico, e leva em consideração as marcas do autor-criador, os outros enunciados do mesmo autor-pessoa e os enunciados sobre autor-pessoa.
<i>Imagem discursivizada do sujeito outro</i>	Imagem refratada em diversas direções: ela se constitui da posição valorativa do enunciador em relação ao seu interlocutor (o-outro-para-mim), da compreensão do enunciador de como ele próprio é visto pelo interlocutor (eu-para-o-outro) e da posição valorativa, externa à situação de interação, do sujeito analista (o-outro-para-mim).

Fonte: elaborado pela autora.

A análise da *imagem discursiva do sujeito enunciado* e do *sujeito outro* deve se dar, portanto, no todo do enunciado (seu conteúdo, seu material e sua forma) considerado enquanto ato e não enquanto produto. A compreensão dessas imagens refratadas está atrelada ao contexto de interação como um todo e se faz notar como imagem cronotópica, exotópica, dialógica e, ainda, ideológica. É nesse sentido que Volóchinov (2019 [1930b]), ao analisar uma situação de interação entre dois homens, em que o mais velho diz “É!” e o mais jovem fica com a face vermelha e vai embora, afirma que por mais que nos esforcemos não somos capazes de compreender o sentido do enunciado “É!”, pois, “em primeiro lugar, não sabemos *onde* e *quando* acontece essa conversa; em segundo, não conhecemos o seu *objeto*; e, finalmente, em terceiro, desconhecemos a *relação* de ambos os interlocutores com esse objeto: a sua *avaliação* mútua dele” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930b], p. 284, grifos do autor). Ou seja, o material sígnico não é capaz de fornecer todas as informações necessárias para a compreensão desse diálogo monossilábico.

Se já tratamos das questões de onde e quando (cronotopo), da relação entre os interlocutores e o analista (exotopia e dialogismo), nos falta tratar sobre a avaliação do objeto do discurso e ainda da valoração entre os interlocutores. Na seção que segue, nos deteremos nas questões relativas à ideologia e valoração, compreendendo que todo signo é ideológico pois não só reflete, mas também refrata uma realidade, inclusive a realidade dos sujeitos concretos.

5.4 POR UMA IMAGEM DISCURSIVIZADA DE SUJEITO AXIOLOGICAMENTE MATIZADA

O caráter partilhado das avaliações principais subentendidas é o tecido no qual o discurso humano vivo borda os seus desenhos entonacionais.

(VOLÓCHINOV, 2019 [1926]).

Temos afirmado nesta tese que um ato responsável não pode ser repetido, apenas experienciado pelo sujeito concreto no evento mesmo de sua realização; da mesma forma, temos afirmado que o sujeito concreto não pode ser integralmente apreendido por seus atos por se tratar de um ser que nunca coincide consigo mesmo. Ainda assim, no que pode parecer um paradoxo, temos proposto que na análise dialógica de discurso o pesquisador procure compreender o sujeito que enuncia, seu cronotopo, sua posição única e singular no mundo, suas relações com outros sujeitos, construindo uma *imagem discursivizada de sujeito*. Essa proposta se torna possível pois compreendemos que todo ato é uma atitude ideológico-valorativa do

sujeito e essa projeção permanece refratada no ato, mesmo após a sua realização. Nas palavras de Acosta-Pereira (2012, p. 60), “[...] todo sujeito sempre enuncia atitudes avaliativas sobre si e sobre o outro. Pelo simples fato de agir, enquanto sujeito único e singular, este entra em relações volitivas com o mundo”. Logo, a *imagem discursivizada de sujeito* não procura recuperar o irrecuperável, mas acessar as posições valorativas do sujeito enunciador que estão presentes no enunciado e que nos permitem conhecer o sujeito e sua relação com o mundo num dado momento de sua existência, ou seja, uma imagem refratada desse sujeito. Cabe salientar que a relação de um sujeito com o mundo, embora seja única e singular, segue sendo social, uma vez que é mediada pelos signos e pela avaliação social presente nesses signos que são sempre ideológicos.

O Círculo utiliza o termo ideologia em acepções diversas (porém aproximadas), conforme mostra o levantamento realizado por Faraco (2009, p. 46-47): 1) para designar o universo das manifestações superestruturais, aí inclusa a linguagem verbal, a obra de arte, as normas legais, os regulamentos políticos, os mitos religiosos; 2) no plural, para referir-se às esferas da criatividade humana organizada – a religião, a arte, a ciência, a política etc. – em contraponto à esfera cotidiana; 3) como adjetivo, para designar a dimensão valorativa dos signos. Embora tenhamos utilizado ao longo desta tese o conceito nas três acepções, queremos destacar que a ideia que prevalece é a terceira e a qual recuperamos ainda na seção 4.2 quando apresentamos a definição de ideologia proposta por Volóchinov (2019 [1930a], p. 243): “Entendemos por ideologia todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro do humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma outra forma sígnica”.

Nesse enquadramento, a ideologia não é algo a ser superado, como uma possibilidade de desmascarar o real que se esconde por trás de uma ideologia de classe. A ideologia está presente em todos os signos e, portanto, em todo o universo das relações humanas – desde os discursos exteriores nas mais diversas esferas ideológicas e cotidianas, quanto no discurso interior que abarca a consciência do sujeito – pois ela se refere às interpretações avaliativas da realidade construídas na comunicação social. Como afirma Volóchinov (2018 [1929]), onde há signo, há ideologia. Ou seja, não há possibilidade de neutralizar as refrações ideológicas do signo, posto que estas lhe são constitutivas. Mesmo assim, há possibilidade de revelar essas refrações ideológicas, sua lógica e seu pertencimento de classe.

As refrações ideológicas dos signos não são definitivas e, nem mesmo, consensuais a todas as esferas da comunicação social ou dentro da mesma esfera. O convívio humano em sociedade está longe de ser uma unidade de valores estáveis, está muito mais para uma arena

em que as lutas dos distintos grupos sociais pela estabilização de seus sentidos são travadas. De acordo com Sobral e Giacomelli, (2016, p. 147), “o processo de constituição dos sentidos é uma luta social pela fixação e legitimação dos sentidos que melhor atendam aos interesses dos diferentes setores da sociedade”, de modo que toda prática social sofre coerções, limitações, imposições fruto do embate dos diferentes grupos sociais que convivem na sociedade. É desse embate que as significações fixadas na palavra são fruto e que a ideia de ideologia como mascaramento da realidade é postulada.

No entanto, como já dissemos, a ideologia é parte do signo, toda a realidade conhecida pelo homem é semiotizada e ideológica, pois todo objeto conhecido, todo sentimento expressado só se torna possível na materialidade do signo e todo sentido que se manifesta por meio do signo só o faz porque passou a integrar o horizonte social de uma dada comunidade discursiva. Nas palavras de Acosta-Pereira e Rohling (2020, p. 19):

O signo é a materialização da comunicação social, e tal processo se dá quando um objeto entra no horizonte social de um grupo e desencadeia uma reação semiótico-ideológica. Para isso, o signo precisa estar ligado às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material. (VOLOCHINOV, 2017 [1930]).

Esse horizonte ideológico está em constante formação, numa luta infinita entre verdades socialmente construídas:

Com efeito, no horizonte ideológico de qualquer época e de qualquer grupo social não existe uma verdade única, mas várias verdades mutuamente contraditórias, não apenas um caminho ideológico, mas vários divergentes. Quando o homem escolhe uma das verdades como indiscutível e toma um dos caminhos como evidente, ele escreve um tratado científico, adere a alguma tendência, ingressa em algum partido. E tampouco nos limites do tratado, do partido, da crença, ele jamais poderá ‘dormir sobre os louros’: o fluxo da constituição ideológica voltará a colocá-lo diante de dois caminhos duplos, duas verdades, e assim por diante. O horizonte ideológico está em constante formação, considerando que o homem não estacou em um atoleiro da vida. Tal é a dialética da vida. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 63).

Ou seja, os sujeitos e a os horizontes ideológico mudam porque estão vivos, porque podem continuar produzindo sentidos nos contatos intersubjetivos.

Do embate entre as “verdades”, surge a ideologia oficial, de caráter mais estável e coercitivo ela se configura no âmbito da sociedade oficialmente organizada e, por óbvio, detentora de maior poder. Há, em todos os campos da comunicação discursiva, ideologias oficiais que configuram a percepção geral da sociedade em relação a ele: estão ali os assuntos permitidos, os tabus, os valores aceitos, as funções a serem desempenhadas, as finalidades – se

trata da teoria amplamente aceita em um determinado campo científico, das obras canônicas da literatura, das leis escritas e defendidas nos tribunais no campo do direito *etc.* Mas a mudança é uma constante mesmo nas ideologias oficiais. Ela ocorre porque há todo um campo da comunicação cotidiana que, embora se desenvolva sob os valores sempre presentes da ideologia oficial, está abarcada pelo que Volóchinov (2018 [1929], p. 213) designou de ideologia do cotidiano:

A todo o conjunto de vivências da vida e expressões externas ligadas diretamente a elas chamaremos, diferentemente dos sistemas ideológicos formados – a arte, a moral, o direito –, de ideologia do cotidiano. A ideologia do cotidiano é o universo do discurso interior e exterior, não ordenado nem fixado, que concebe todo nosso ato, ação e estado ‘consciente’.

A ideologia do cotidiano é o amplo e estratificado espaço da comunicação social diária, que não estabelece compromisso com uma finalidade teórica, filosófica ou estética, mas que dá vida aos produtos ideológicos dessas esferas. O postulado científico ou a obra de arte que permanecem apenas no seu âmbito, que não contatam a energia renovadora da ideologia cotidiana, acabam por degenerar-se e morrer, porque todo ato de compreensão ativo exige que o discurso exterior seja traduzido em discurso interior e, o contexto ideológico da consciência é, como aponta Volóchinov (2018 [1929]), a ideologia do cotidiano.

Como vemos, a ideologia do signo é o resultado do embate de forças, seja de classe, de esferas, do contexto ideológico oficial ou cotidiano que se manifestam em estabilidades e movências dos sentidos socialmente construídos. A essas forças, Bakhtin (2015 [1934/1935]) designa forças centrípetas e forças centrífugas. Todo discurso é fruto dessas forças e, portanto, toda ideologia; elas nos dão ao mesmo tempo a impressão de permanência e mudança pois atuam, respectivamente, como forças de centralização e manutenção das posições ideológicas oficiais e como forças de descentralização e mudança dessas posições a partir da ideologia do cotidiano. Assim, todo objeto que entra no horizonte social de um determinado grupo, em determinada época, o faz como força centrífuga, pois penetra nesse horizonte a partir da ideologia do cotidiano. Sua fixação no quadro ideológico, no entanto, depende de sua cristalização nas esferas ideológicas oficiais. Nas palavras de Volóchinov (2019 [1930c], p. 314), isso significa que

[...] *em um mesmo signo refletem-se e revelam-se diferentes relações de classe.* Nenhuma palavra reflete de modo absolutamente preciso (‘objetivo’) o seu objeto, o seu conteúdo. A palavra não é uma fotografia daquilo que ela significa. A palavra é um som significante, emitido ou pensado por uma pessoa real em um determinado momento da história real, e que é, portanto, um enunciado inteiro ou uma parte dele, seu elemento.

Ou seja, essas projeções ideológicas manifestadas no signo são sempre projeções valorativas que refratam os pontos de vista avaliadores dos sujeitos em interação. O conjunto desses pontos de vista avaliadores formam a avaliação social e implicam a posição valorativa dos sujeitos. De modo que mesmo a posição valorativa do sujeito refratada em seu discurso é socialmente construída, permeada pela avaliação social que circula em cada enunciado a que o sujeito responde, o que implica que a avaliação social não pode ser compreendida como uma percepção individual e psicológica que se encontra na mente humana. Ela está concretamente expressa nos enunciados e só por meio deles é que ela chega à consciência. Tampouco a avaliação está nas palavras isoladas, como um significado pré-definido. Apenas no enunciado efetivamente realizado é que encontramos a avaliação social, nunca na palavra ou no texto compreendidos como forma linguística ou na subjetividade psicologizante do indivíduo.

É nesse sentido que o Círculo reforça em vários textos-enunciados a distinção entre o enunciado como ato (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]; BAKHTIN, 2017 [1920/1924]), como unidade da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2016 [1951/1953]), como unidade real do fluxo discursivo (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]) e a palavra, a frase e o texto tomados como unidades da língua no âmbito da abstração teórica da linguística. Enquanto abstração, a língua não é capaz de exprimir qualquer avaliação, pois se encontra afastada da interação social da qual a avaliação é fruto. Enquanto abstração, a língua é apenas um aparato técnico possível de significar, um conjunto de formas e sons à espera de realização sem relação volitiva com o mundo exterior, apenas com relações lógicas internas. E, como adverte Volóchinov (2019 [1930c]):

Contudo, para formar uma palavra não basta essa base acústica e fisiológica. O som, mesmo o articulado, não se tornará uma palavra se não ‘significar’ algo, isto é, se não for compreendido como algo que reflete e expressa certos fenômenos da realidade: fenômenos da natureza ou da consciência social.

Ou seja, apenas ao tornar-se realidade objetiva no enunciado, os sons e as formas são preenchidos de valor, pois passam a integrar um determinado espaço-tempo concreto, estabelecendo “[...] uma ligação entre os indivíduos de um meio social mais ou menos amplo, ligação objetivamente expressa em reações unificadas das pessoas por meio da palavra, do gesto, da ação, da organização etc.” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 50). O enunciado permeia as relações intersubjetivas como elo de ligação entre os sujeitos, como forma de organização da sociedade e isso se dá pela construção de sentidos que são sempre interpretações socialmente valoradas. Por isso, para os falantes, a palavra nunca é vazia de sentido, ela é sempre palavra

da comunicação verbal imersa no fluxo da comunicação discursiva demandando uma compreensão ativa, uma reação responsiva. Nesse fluxo, a palavra é sempre valorada, não porque carregue em si algum sentido, mas porque está sempre envolvida na/pela comunicação discursiva de sujeitos concretos que participam na sociedade e, portanto, valoram o mundo. Consoante Volóchinov (2018 [1929], p. 181, grifos do autor),

De fato, a forma linguística é dada ao falante, como acabamos de mostrar, apenas no contexto de certos enunciados e portanto apenas em um determinado contexto ideológico. Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.* É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano.

Se ainda assim tendemos a ver nas palavras significados fixos, isto se dá porque o processo de formação histórico da humanidade (nele incluída a formação discursiva) é, como dissemos acima, uma viva tensão entre forças centrípetas e forças centrífugas. Nesse jogo de permanências e mudanças, os sentidos vão sendo fixados no material e reenunciados em outros contextos análogos, criando a ilusão de que pertencem ao próprio material e não às relações que o material fixa. Bakhtin (2016 [1951/1953], p. 49-50, grifos do autor) exemplifica e esclarece essa ideia na seguinte passagem:

Na comunicação discursiva, existem tipos bastante padronizados e muito difundidos de enunciados valorativos, isto é, de gêneros valorativos de discurso que traduzem elogio, aprovação, êxtase, estímulo, insulto: ‘Ótimo!’, ‘Bravo!’, ‘Maravilha!’, ‘É uma vergonha!’, ‘Porcaria’. ‘Uma besta!’, etc. [...] Em todos esses casos não estamos diante de uma palavra isolada como unidade da língua nem do *significado* de tal palavra, mas de um enunciado acabado e com um *sentido concreto* – estamos diante do conteúdo de um dado enunciado; aqui o significado da palavra refere uma dada realidade concreta em condições igualmente reais de comunicação discursiva.

Assim, o enunciado, enquanto acontecimento da história, sempre fixa determinado sentido, pois a comunicação social se realiza em formas específicas e relativamente estáveis (os gêneros do discurso) em cada campo e está sempre “realizada e fixada no material” (VOLÓCHINOV, 2019 [1926], p. 116). No entanto, esse mesmo enunciado, ao integrar a cadeia histórica dos discursos, passa a renovar os sentidos – seus e dos discursos dos outros – pois deixa de pertencer exclusivamente àquele momento de sua realização e adentra em novos contextos de interação, provoca novas atitudes responsivas, contata outros tempos e espaços. Por esse motivo, o enunciado não pode ser estudado nos limites do corpo físico, do material

técnico; a forma e o som da palavra no enunciado são tão impregnados dos valores sociais quanto seu conteúdo.

Desse modo, mesmo que não possamos recuperar a vivência do ato, somos capazes de analisar dialogicamente a posição valorativa do sujeito no contexto daquela vivência materializada no enunciado que é a “[...] expressão da posição do falante individual em uma situação concreta de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 46). E essa posição valorativa é uma manifestação da vida social do homem ou, como veremos mais adiante, da avaliação social de determinada época e grupo social (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]). É, portanto, um conhecimento que parte da realidade concreta do mundo da vida – o enunciado – para atingir as sistematizações da teoria – *a imagem discursivizada de sujeito*.

Conforme afirma Medviédev (2012 [1928], p. 183-184), “O enunciado já não é um corpo nem um processo físico, mas um acontecimento da história, mesmo que seja infinitamente pequeno. Sua peculiaridade é a peculiaridade de uma realização histórica em determinada época e com determinadas condições sociais”. Isto significa que o enunciado, enquanto unidade da comunicação discursiva é parte da realidade social do homem, é um produto/processo da cultura humana que se forma e intervém na vida em sociedade e mesmo suas peculiaridades estruturais (cf. seção 4.1) apontam para a relação do um sujeito com o mundo como uma amostra concreta das relações sociais que se instauram em determinada sociedade. O enunciado é um produto/processo que fixa essas relações, ainda que momentaneamente. Para melhor ilustrar essa ideia, retomamos abaixo as peculiaridades constitutivas do enunciado elencadas por Bakhtin (2016 [1951/1953]), apontando que elas já se firmam na premissa de que o discurso só se realiza enquanto enunciado pertencente a um sujeito em interação, então a própria estrutura do enunciado é fruto dessa relação do sujeito com o mundo materializada no signo. Por esse motivo, as peculiaridades constitutivas do enunciado nos oferecem uma delimitação objetiva que não está marcada por categorias técnico-abstratas de volume, extensão ou composição de elementos lógico-semânticos; mas por traços principais relativos à natureza própria do enunciado.

Dessa forma, os limites físicos de cada enunciado na infinita cadeia discursiva não se baseiam na quantidade de orações ou palavras que esse contém, pois a moldura do enunciado – a alternância dos sujeitos do discurso – tem uma natureza extraverbal que provém do contato com a realidade, da relação com os enunciados alheios, da plenitude semântica e da capacidade de suscitar resposta (BAKHTIN, 2016 [1951/1953]). O sujeito enuncia não para reunir palavras e frases, mas para responder aos discursos alheios e provocar respostas alheias ao seu próprio discurso, isto é, o sujeito enuncia para interagir com um outro necessário – “[...] a relação

necessária com outros participantes da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 23).

Do mesmo modo, a conclusibilidade específica do enunciado não é determinada por qualquer sinal gráfico de pontuação, tampouco compreendida como o esgotamento definitivo de um objeto de discurso, uma vez que a relação do sujeito com o mundo nunca está definitivamente concluída (essa conclusão seria a própria morte do sujeito que não pode mais produzir sentidos), mas sim por critérios de conclusibilidade extralinguísticos relativos à situação de interação que permitem ao interlocutor perceber que a palavra lhe foi passada. Tanto é assim, que Bakhtin (2016 [1951/1953]) destaca a possibilidade de resposta como o mais importante critério de conclusibilidade, em outras palavras, o que indica que um enunciado foi concluído é a possibilidade do interlocutor “[...] ocupar em relação a ele uma posição responsiva [...]” (p. 35). Quer dizer, uma das categorias que concluem o enunciado é justamente a percepção do outro de que pode responder ao enunciado alheio.

Essa percepção externa é guiada pelos fatores internos que asseguram a conclusibilidade do enunciado (cf. seção 4.1): a exauribilidade do objeto de discurso, o projeto de discurso do falante e os gêneros do discurso. Mais uma vez, a organização interna do enunciado está orientada pela relação do sujeito com o mundo, pois o todo do meu enunciado se endereça para a percepção do outro de que a minha “*vontade de produzir sentido*” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 37, grifos do autor), a minha posição axiológico-semântica em relação ao meu objeto de discurso foi plenamente executada nos limites de determinado gênero discursivo escolhido de acordo com o contexto de interação e com a esfera da comunicação em que se desenvolve, demandando a compreensão ativa do interlocutor.

Na terceira peculiaridade do enunciado apontada por Bakhtin, a relação do sujeito com o mundo está presente na própria definição – a relação do enunciado com o próprio falante e com outros participantes da comunicação discursiva. Ela trata do elemento expressivo do enunciado condicionado pela relação do falante com seu objeto de discurso e com os discursos alheios já-ditos e pré-figurados. Aqui o autor destaca a complexidade que a posição valorativa do falante expressa no enunciado envolve, pois se o enunciado “é a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 47), ao mesmo tempo, “é impossível definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 57). Assim, a posição ativa do falante no enunciado não é uma expressão da sua relação subjetiva com o objeto do discurso; mas uma complexa relação entre enunciados que “[...] não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros” (BAKHTIN, 2016

[1951/1953], p. 57). Essas relações se dão com os enunciados anteriores, que circulam na mesma esfera da comunicação discursiva aos quais o sujeito responde, mas também com os enunciados futuros que o falante antecipa para construir seu enunciado em todas as instâncias semântico-objetal, composicional e estilística.

Uma vez que toda relação do sujeito com o mundo é uma posição ideológica por refletir e refratar o mundo pelo prisma da avaliação social, todas essas peculiaridades são marcas da posição valorativa do sujeito que ao entrar em interação valora o acontecimento e define a extensão do enunciado, seu gênero, o dixi conclusivo que dá a palavra ao outro (ou que o cala), com quais discursos ele deliberadamente contatará, a respeito de quais objetos etc. Por se tratar de uma delimitação condicionada pela situação específica de interação, pelos “[...] diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação [...]” (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 29), é uma delimitação axiologicamente matizada, posto ser reflexo e refração da posição valorativa do sujeito em relação aos seus interlocutores e a seu objeto. Em outros termos, ao tomar a palavra ou ao passar a palavra a outrem o sujeito assume uma posição valorativa frente ao mundo que o circunda. Conforme afirma Bakhtin (2003 [1924/1927], p. 174), “[...] viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente”.

Essa tomada de posição é que nos permite construir uma *imagem discursivizada do sujeito enunciator*, já que são suas escolhas individuais ainda que socialmente ancoradas que constroem o enunciado. Do mesmo modo, nos permite construir uma *imagem discursivizada do sujeito outro* a quem o enunciator se dirige, pois sua posição valorativa se dá não apenas em relação ao objeto e aos discursos aos quais responde, mas também em relação ao interlocutor a quem se dirige. Nas palavras de Bakhtin (2016 [1951/1953], p. 63), “a quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado”.

No entanto, a posição valorativa do sujeito discursivizada no enunciado não deve ser compreendida como uma posição individual e psicológica. Toda posição valorativa é uma projeção ideológica e, portanto, socialmente construída. Não concerne a um retrato daquilo que o sujeito é, mas a um momento da “[...] interna infinitude valorativa do homem [...]” (BAKHTIN, 2019 [1940/1945], p. 46) que se exterioriza. Pois, como já vimos na seção 4.2, a consciência do sujeito é uma arena discursiva de valores diversos, por vezes conflitantes, em construção durante toda a sua vida na relação com outros indivíduos. É nesse sentido que

compreendemos a ideia presente em Acosta-Pereira (2012, p. 60) de que o sujeito possui um “sistema de valoração” cuja construção se dá “nos limites do seu existir”.

Esse sistema de valoração é construído ao longo do existir-Evento do sujeito em interação com outros sujeitos. É nesse sentido que Bakhtin faz a analogia da autoconsciência como um sujeito “[...] sentado em duas cadeiras. Construo minha imagem (tomo consciência de mim) ao mesmo tempo de dentro de mim e do ponto de vista do outro” (BAKHTIN, 2019 [1940/1945], p. 47) porquanto experiencio o mundo e me conheço a partir de dentro. No entanto, essa experiência se dá sempre na relação com um outro que me completa exteriormente, que me dá acabamento, de quem eu apreendo os valores, já que sou incapaz de conhecer a mim mesmo de fora. Por conseguinte, o sistema de valoração do sujeito é individual em consequência das experiências únicas do sujeito; mas ele também é social, dada sua construção fundada em cada uma dessas experiências que estão sempre situadas em contextos específicos de interação com o outro e materialmente expressas nos signos. E, mesmo após individualizar-se, a consciência permanece voltada para o seu exterior, isto é, para o outro com quem se relaciona, renovando infinitamente seu discurso interior no contato com o discurso exterior. Conforme explica Medviédev (2012 [1928], p. 56),

O meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa. Essa consciência é determinada pela existência econômica e, por sua vez, determina a consciência individual de cada membro da coletividade. De fato, a consciência individual só pode tornar-se uma consciência quando é realizada nessas formas presentes no meio ideológico: na língua, no gesto convencional, na imagem artística, no mito e assim por diante.

Não se trata, no entanto, de uma determinação assujeitadora da consciência individual, mas de uma consciência individual que se alimenta do discurso exterior, que é formada no meio ideológico que habita e que se realiza com o material semiótico que apreende de fora para dentro. Essa formação social da consciência não nega o psiquismo do sujeito, apenas não o interpreta como expressão pura da subjetividade do sujeito alheio ao contexto socioeconômico em que vive exteriormente. As vivências interiores são tão sociais quanto as exteriores, pois “todos os atos essenciais da vida do homem são motivados por estímulos sociais nas condições do meio social” (VOLÓCHINOV, 2014 [1927], p. 18) e todos os atos são acompanhados pelo discurso, ainda que interior. Ou seja, é a palavra que materializa o psiquismo para o próprio sujeito, que dá forma aos conteúdos, sentimentos e desejos interiores. Tanto a forma quanto as experiências que habitam a consciência se dão, portanto, no convívio social do homem, o que faz com que o discurso interior esteja tão constitutivamente interligado ao contexto

socioeconômico quanto o discurso exterior. É nesse sentido que Volóchinov (2014 [1927], p. 84) afirma que:

Aquilo que denominamos psiquismo humano e consciência reflete a dialética da história em proporções bem maiores que a dialética da natureza. Naquela a natureza idade numa interpretação econômica e social. O conteúdo do psiquismo humano, o conteúdo dos pensamentos, sentimentos e desejos é dado em uma forma pela consciência e, conseqüentemente, numa forma pela palavra humana.

Isto é, a consciência deve ser compreendida muito mais no âmbito das relações histórico e culturais da humanidade social do que no âmbito das relações fisiológicas do corpo biológico pois sua objetividade está presente no signo ideológico, na palavra enunciado. Ou ainda, nas palavras de Sobral e Giacomelli (2016, p. 149):

Dessa forma a consciência não cria o mundo, mas sua estrutura resulta da própria organização simbólica dele num dado momento da sociedade. Apesar de haver de fato uma consciência individual própria de cada pessoa, necessária ao histórico de suas transformações da realidade (suas apropriações do mundo ao longo da vida), não se pode considerá-la determinante da percepção que os indivíduos têm da realidade, porque incidem sobre ela várias determinações sociais que os levam a perceber as coisas já mediadas, fazendo uma realidade socialmente criada ser percebida como real concreto, a ‘verdade’.

De tal modo que o enunciado, por mais íntimo e pessoal que possa ser, nunca é exclusivo de um sujeito; nunca é puro reflexo da sua expressão individual: “[...] é um produto da interação entre falantes e, em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu” (VOLÓCHINOV, 2014 [1927], p. 79). Portanto, os signos que apreendemos já nos chegam valorados à consciência, preenchidos de sentido axiológico, pois não são assimilados como materialidade pura, mas como fruto dos contextos de interação – “A palavra passa de uma totalidade para outra sem esquecer o seu caminho. Ela entra no enunciado como uma palavra da comunicação, saturada de tarefas concretas dessa comunicação: históricas e imediatas” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 185). Dito de outro modo, não aprendemos a palavra e seu significado numa relação mecânica e arbitrária; aprendemo-la com os matizes axiológicos que carrega em função do conteúdo, dos interlocutores, da esfera de comunicação social naquele contexto de interação no qual tomamos contato com o signo. E esse contexto no qual enunciação se dá é um momento do contexto social amplo de desenvolvimento da sociedade.

A linguagem e suas formas são produto de um longo convívio social de um determinado grupo de linguagem. [...] A palavra é uma espécie de ‘cenário’ daquele convívio mais íntimo em cujo processo ela nasceu, e esse convívio, por sua vez, é um momento do convívio mais amplo do grupo social a que pertence o falante. (VOLÓCHINOV, 2014 [1927], p. 79).

Nesse sentido, para compreender a posição valorativa do sujeito materializada no enunciado, é necessário, antes, compreender a avaliação social, ou seja, as posições valorativas/as refrações do mundo/os tons e acentos revestidos de autoridade que assimilamos em nosso contexto histórico-cultural. Como bem exemplifica Bakhtin (2016 [1951/1953], p. 54),

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época, e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em roupagens verbalizadas: em obras, enunciadas, sentenças, etc. Sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos ‘senhores do pensamento’ de uma época verbalmente expressas, algumas tarefas fundamentais, lemas, etc.

Por vezes, a avaliação social é referida como uma entidade coletiva que abarca toda a sociedade com termos como a consciência social, a moral, a verdade/a justiça do povo; termos que apagam as avaliações sociais distintas daquela revestida de autoridade. Esses termos funcionam como representante das forças centrípetas homogeneizadoras do discurso e trabalham em prol da manutenção das classes dominantes e de seus valores como superiores aos demais. Contudo, não podemos esquecer que “toda injúria viva pode se tornar um elogio, assim como toda verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930c], p. 320). Por esse motivo, Medviédev (2012 [1928]) e Volóchinov (2019 [1926]; 2019 [1930c]), defendem que a avaliação social seja compreendida como o elemento que reúne organicamente a dimensão interna do signo (a forma) à dimensão externa do sentido, reunindo nela a tarefa de cada época, de cada grupo social, mas também, de cada dia e de cada indivíduo, pois diz respeito ao sistema de valores de uma sociedade atualizado ininterruptamente em cada ato singular dos sujeitos.

A realidade histórica e natural torna-se o tema de nossas palavras na condição de signos ideológicos. A palavra, como todo signo ideológico, não só reflete a realidade, mas também a refrata na comunicação social viva, na interação discursiva viva. Isso ocorre porque as relações de classe, ao se refletirem na palavra, ditam-lhe diferentes nuances de sentido, introduzem nela diferentes pontos de vista, atribuem-lhe diferentes avaliações. (VOLÓCHINOV, 2019 [1930c], p. 320, grifos do autor).

A avaliação social compreende, portanto, uma “atmosfera axiológica” que tem um caráter mais geral e estável e uma “orientação avaliativa no meio ideológico” que diz respeito à posição valorativa individual daqueles sujeitos na situação específica de interação. Como nos explica Medviédev (2012 [1928], p. 185), “de fato, é impossível compreender um enunciado

concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico”. É necessário dizer que o caráter geral e estável da atmosfera axiológica pode ter relação com o contexto extraverbal mais próximo, como nas interações cotidianas em que as avaliações são compartilhadas na estreita relação de uma família, de um casal ou de um grupo de amigo; ou com o contexto extraverbal mais amplo – uma classe social, uma nação, uma época; quanto mais amplo esse contexto, mais estáveis e constantes são as avaliações sociais. Em ambos os casos, a avaliação social compõe o contexto extraverbal do enunciado, juntamente ao horizonte visível compartilhado e ao conhecimento/compreensão da situação comum dos falantes, servindo de base para os subentendidos de todo enunciado, aquela parte da compreensão de um enunciado que se baseia não no que foi dito ou escrito, mas naquilo que foi calado por fazer parte do horizonte físico, semântico e avaliativo dos interlocutores (VOLÓCHINOV, 2019 [1926]).

Há um ponto importante para o analista observar sobre a estabilidade das avaliações sociais dos contextos mais amplos da vida humana que reflete diretamente na construção da *imagem discursivizada de sujeito*. Assim escreve Volóchinov (2019 [1926], p. 122):

[...] as avaliações sociais fundamentais geradas diretamente pela existência econômica do grupo em questão não costumam ser enunciadas, pois entraram na carne e no sangue de todos os representantes desse grupo; elas organizam os atos e as ações, é como se elas se unissem aos objetos e fenômenos que lhes correspondem, e por isso não precisam de formulações verbais especiais. [...] E, ao contrário, quando a avaliação fundamental precisa ser enunciada e comprovada, ela já se tornou duvidosa, separou-se do objeto, deixou de organizar a vida e, por conseguinte, perdeu a sua ligação com as condições da existência dessa coletividade.

Veja bem, o que Volóchinov nos ensina é que os indícios de manutenção ou contestação da avaliação social vigente estão para além daquilo que a materialidade linguística fixa, mas na orientação avaliativa dos sujeitos em interação no interior dessa atmosfera e da sua relação com seus subentendidos. Há uma entrevista do ator Grande Otelo ao programa Roda Viva em 1987 que recentemente voltou à tona nas redes sociais por tratar sobre o racismo, problema social que foi amplamente debatido em 2020 em razão do assassinato do americano George Floyd. Nessa entrevista, o apresentador do programa pergunta ao Grande Otelo: “Você vê discriminação ainda hoje no Brasil?”; ao que o ator responde: “Completamente! A discriminação existe totalmente. Pela sua pergunta, a gente sente que a discriminação existe. Se não existisse você não teria a necessidade de fazer essa pergunta.”. Retomando Volóchinov, podemos compreender que a pergunta não só revela que haja discriminação, posto que se o valor social de raça não existisse em nossa sociedade, não precisaria ser expresso; mas também

mostra uma mudança da valoração social de raça, uma vez que a discriminação não está mais naturalizada, ela tornou-se tema do diálogo e deixou de ser um valor social essencial e, portanto, subentendido, de tal modo que tudo aquilo que não é dito pode ser interpretado como permanência de uma realidade não contestada ou como fora do horizonte social que dá sentido aos fenômenos naturais e sociais do mundo. De acordo com Bakhtin (2017 [1970/1971], p. 23), há uma diferença entre o silêncio e o mutismo, e quando estamos no mundo ideologicamente refratado, todo silêncio deve ser percebido como mutismo, como escolha consciente de não falar:

O silêncio e o som. A percepção do som (no campo do silêncio). O *silêncio e o mutismo* (a ausência de palavras). A pausa e o começo da palavra. A violação do silêncio pelo som de modo mecânico e fisiológico (como condição da percepção); a violação do mutismo pela palavra de modo pessoal e consciente: esse é um mundo inteiramente outro. No silêncio nada ecoa (ou algo não ecoa), no mutismo *ninguém fala*. (Ou alguém não fala.) O mutismo só é possível no mundo humano (e só para o homem).

Assim, por vezes, o conteúdo de um texto-enunciado nos encaminhará para uma compreensão da *imagem discursivizada de sujeito* aparentemente contestador e progressista, no entanto, o fato de tomar como subentendidas certas avaliações sociais há muito arraigadas no contexto de seu grupo social, ele pode revelar uma *imagem discursivizada de sujeito* conservador. Não se trata de propor que o sujeito é progressista ou reacionário, mas como suas palavras e seus silêncios refletem a avaliação social e implicam na resposta ativamente compreensiva do analista em relação ao sujeito discursivo. Isto porque uma mesma língua é utilizada por diferentes grupos sociais, refratando várias realidades e, portanto, vários pontos de vista multidirecionais. No entanto, esses pontos divergentes tendem para uma uniformização, para uma única avaliação social que apaga as diferentes verdades em prol de uma verdade una e dominante dos grupos de maior prestígio/autoridade/poder aquisitivo (a depender da esfera de produção humana). Por este motivo, o pesquisador deve estar atento para não ser um agente das forças centrípetas que homogeneízam as avaliações sociais. Os embates das posições valorativas do sujeito enunciativo inseridas no seu cronotopo e na relação com seus interlocutores e a posição valorativa exotópica do pesquisador devem ser sempre evidenciados como força motriz da sociedade, pois,

[...] na verdade, apenas graças a essa refração de opiniões, avaliações e pontos de vista é que o signo tem a capacidade de viver, de movimentar-se e desenvolver-se. Ao ser retirado do embate social acirrado, o signo ficará fora da luta de classes, inevitavelmente enfraquecendo, degenerando em alegoria

e transformando-se em um objeto de análise filológica, e não da interpretação social viva. (VOLÓCHINOV, 2019 [1930c], p. 319).

Em suma, a *imagem discursivizada de sujeito* se constrói não apenas pelo conteúdo objeto do discurso, mas pelas escolhas estilístico-composicionais e, acrescentamos agora, com base no que nos fala Volóchinov, pelos subentendidos que se mantêm ou se anunciam.

A ideologia de classe penetra de dentro (por meio da entonação, da escolha e da disposição das palavras) qualquer construção verbal, ao expressar e realizar não só por meio do seu conteúdo, mas pela própria forma, a *relação* do falante com o mundo e as pessoas, bem como a *relação* com dada situação e dado auditório. (VOLÓCHINOV, 2019 [1930c], p. 308-309, grifos do autor).

É preciso destacar que a avaliação social não deve ser compreendida como uma possibilidade de exclusão da responsabilidade do sujeito por suas posições valorativas. Como nos lembra Bakhtin (2016 [1951/1953], p. 53, grifos do autor), a palavra existe para o falante de três formas distintas, porém interligadas:

[...] como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheias de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão.

São essas relações que dão ao enunciado seu tom emotivo-volitivo, sua posição valorativa que determina não só seu conteúdo, mas seu material e sua forma, unindo-os em um todo orgânico que é o enunciado. O tom emotivo-volitivo do enunciado, como já destacamos, é implicado tanto pela atmosfera axiológica quanto pela orientação avaliativa no meio ideológico, e se a primeira refrata os valores compartilhados de uma sociedade, o segundo refrata a tomada de posição do sujeito frente a esses valores. O ato é sempre responsável e embora os valores sejam compartilhados, a tomada de posição é minha.

A cada ato do sujeito as condições materiais e valorativas se alteram. Ainda que os valores de uma época e de um grupo social sejam mais estáveis e funcionem como coeficientes de avaliação, a situação em que o enunciado se realiza é singular e suas condições de realização implicam na tomada de posição axiológica do sujeito, pois é apenas na realização do ato que as possibilidades de sentido se realizam frente a uma situação concreta de uso da linguagem. É na realização do ato que o eu e o outro se tornam instâncias efetivamente concretas. E como afirma Bakhtin (2003 [1924/1927], p. 173-174, grifos do autor).

O eu e o outro são as categorias axiológicas basilares, que pela primeira vez tornam possível qualquer *juízo de valor efetivo*, e um momento desse juízo,

ou melhor, a diretriz axiológica da consciência não ocorre só no ato na verdadeira acepção do termo mas em cada vivenciamento e até na sensação mais simples [...].

Em complemento, trazemos a afirmação de Medviédev (2012 [1928], p. 219-220) de que “essas inter-relações diretas e individualizadas determinam os aspectos mais mutáveis e individuais de um enunciado, suas entonações expressivas, a escolha individual das palavras e de suas combinações, e assim por diante”. Ou seja, na singularidade do ato é que o eu e o outro se tornam verdadeiramente instâncias alteritárias cuja relação de responsabilidade e responsividade exige “o juízo de valor efetivo” e esse juízo de valor fruto da relação eu-outro é que determina as entonações expressivas, as escolhas léxico-gramaticais e sua organização. Em outros termos, a forma composicional que organiza o material linguístico em um todo objetivo é integralmente determinada pela forma arquitetônica que organiza e unifica os valores sociais e culturais refratados no enunciado (BAKHTIN, 2002 [1923/1924]).

A forma composicional é uma instância técnica de realização do enunciado, um momento de elaboração do material linguístico incapaz de exprimir a relação valorativa do sujeito com o conteúdo e com o contexto de interação porque não está orientada para o contexto dialógico de realização do enunciado. Tal forma só existe como um momento da forma arquitetônica e não pode realizar o enunciado, pois:

A forma compreendida como forma material somente na sua definição científica, matemática ou linguística, transforma-se de um certo modo na sua ordenação exterior, isenta de momento axiológico. O que permanece totalmente incompreensível é a *tensão emocional e volitiva da forma*, a sua capacidade inerente de exprimir uma relação axiológica qualquer, do autor e do espectador, com algo além do material, pois esta relação emocional e volitiva, expressa pelo tamanho – pelo ritmo, pela harmonia, pela simetria e por outros elementos formais – tem um caráter por demais tenso, por demais *ativo* para que se possa interpretá-lo como restrita ao material. (BAKHTIN, 2002 [1923/1924], p. 19-20, grifos do autor].

Essa tensão emocional e volitiva da forma só pode ser apreendida pela forma arquitetônica, isto é, como forma significativa. A forma arquitetônica “[...] é a expressão axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe (co-criador da forma) com o conteúdo [...]” (BAKHTIN, 2002 [1923/1924], p. 59) e com todo o complexo contexto extraverbal que envolve a enunciação. Essa forma axiologicamente orientada já não se presta a uma finalidade técnica, mas a uma realização discursiva concreta. Por isso,

Quando escolhemos as palavras, partimos do conjunto projetado do enunciado e esse conjunto que projetamos e criamos é sempre expressivo e é ele que irradia a sua expressão (ou melhor, a nossa expressão) a cada palavra que

escolhemos: por assim dizer, contagia essa palavra com a expressão do conjunto. E escolhemos a palavra pelo significado que em si mesmo não é expressivo mas pode ou não corresponder aos nossos objetivos expressivos em face de outras palavras, isto é, em face do conjunto do nosso enunciado. (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 51).

E o projeto discursivo já está atravessado pela avaliação social da situação de interação. Assim a expressão é uma tomada de posição frente a um universo já socialmente valorado. O que nos mostra que, de fato, a posição valorativa do sujeito é tão social quanto qualquer construção ideológica. No entanto, ela é única e pode ser recuperada como uma posição do sujeito por sua atualização no enunciado concreto. Mais uma vez temos evidenciada a tensão sempre presente nos escritos do Círculo entre o individual e o social não como opostos, mas como limites interdependentes de cada fenômeno ideológico que se realiza na singularidade dos atos inseridos no meio social. Nas palavras de Volóchinov (2019 [1926], p. 120-121, grifos do autor):

Aquilo que eu sei, que eu vejo, que eu quero e que eu amo não pode ser subentendido. Apenas aquilo que todos nós, os falantes, conhecemos, vemos, amamos e reconhecemos, aquilo que une todos nós, pode se tornar parte subentendida do enunciado. Além disso, esse social, em sua base, é bastante objetivo: pois trata-se, antes de mais nada, da *unidade material do mundo*, que integra o horizonte dos falantes (no nosso exemplo, o quarto, a neve do outro lado da janela), bem como da *unidade das condições reais da vida*, que geram o *caráter partilhado das avaliações*: o fato de os falantes pertencerem à mesma família, profissão, classe ou outro grupo social, e, por fim, à mesma época, pois eles são contemporâneos. Por isso, as avaliações subentendidas não são emoções individuais, mas os atos socialmente lógicos e necessários. Já as emoções *individuais* podem acompanhar o *tom principal da avaliação social* apenas na qualidade de *tonalidades*: o ‘eu’ pode se realizar na palavra apenas apoiando-se no ‘nós’.

Assim, a *imagem discursivizada de sujeito* procura elementos do posicionamento axiológico que foram exteriorizados no discurso, isto é, são projeções ideológicas objetivas e não sentimentos e expressões da psique. Não é a imagem do homem todo, não se trata de um “mergulho na alma humana”, mas da orientação da consciência do sujeito para/no mundo. De tal modo que ao refletir sobre a construção da imagem do homem por meio da palavra, Bakhtin (2019 [1940/1945], p. 47-48) faz as seguintes anotações: “A imagem da alma humana. Somente elementos expressivos que estão nessa podem se tornar a palavra, isto é, a sua orientação para fora, apenas a aparência externa da alma”. Ou seja, não é a alma humana que se exterioriza, a infinitude interior avaliativa permanece interior, são apenas determinados momentos dessa avaliação presentes nos elementos expressivos que se tornam exteriores.

Embora a avaliação social esteja refletida no todo do enunciado, é na entonação expressiva que “[...] ela encontra a expressão mais pura e típica [...]” de sua realização (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 185), pois só nos é possível compreender o sentido da entonação “[...] ao conhecer as avaliações do grupo social em questão, por mais amplo que ele seja” (VOLÓCHINOV, 2019 [1926], p. 123). A entonação e o gesto constituem o posicionamento ativo e objetivo do sujeito em seu meio ideológico em relação ao seu objeto e em relação ao seu interlocutor (VOLÓCHINOV, 2019 [1926]). Em relação ao objeto, a entonação e o gesto lhe dão vida, o inserem no todo do enunciado conferindo-lhe valor: com esse objeto eu concordo, discordo, nele acredito. Em relação ao interlocutor, o falante se dirige ao outro com o tom e o gesto que julga mais adequado para interagir com seu falante: se eles concordam ou discordam, se estão no mesmo nível hierárquico, se partilham dos mesmos valores.

Assim, toda a entonação se orienta em *duas direções*: para o ouvinte, como cúmplice ou testemunha, e para o objeto do enunciado, como um terceiro participante vivo, o qual a entonação xinga, acaricia, aniquila ou eleva. *Essa orientação social dupla determina e atribui sentido a todos os aspectos da entonação.* (VOLÓCHINOV, 2019 [1926], p. 127, grifos do autor).

Como se pode constatar, o som de um enunciado, para o Círculo, é muito mais que um material ou um meio de propagação do sentido. Ele mesmo é repleto de sentido, expressa a posição axiológica do falante em relação ao objeto e aos seus interlocutores na situação de interação. Tanto é assim, que em cada situação a palavra soa diferente, apresenta diferentes matizes entonacionais a depender de quem são os participantes da interação, sobre o que falam, em que esfera da comunicação discursiva, em que gênero, sob quais circunstâncias.

Por isso, o problema do som dotado de significado e da sua organização é relacionado com o problema do auditório social, com o problema da mútua orientação do falante e os seus ouvintes, e com o problema da distância hierárquica entre eles. O som dotado de significado soa de modos diferentes, dependendo do caráter daquele acontecimento social de interação das pessoas, do qual esse som dotado de significado é um elemento. O auditório social é construtivo para o som dotado de significado e para sua organização. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 162).

Medviédev deixa claro que não se refere às entonações gramaticais que se costumam ensinar na escola – interrogação, exclamação e afirmação. Refere-se às nuances sonoras que se relacionam ao todo da situação de interação, que soa distintamente não em relação à função da frase no conjunto do texto, mas na relação do material verbal com o contexto extralinguístico. É o som que indica deferência, carinho, rancor, ironia, desprezo, concordância. Contudo, não

se trata de um tom subjetivo-psicológico, mas uma posição ativa ocupada socialmente pelo sujeito individual que envolve valorações complexas da situação de interação. Nas palavras de Volóchinov (2019 [1926], p. 127), a entonação e o gesto

[...] expressam não apenas o estado emocional ou passivo do falante, mas sempre contêm uma relação viva e enérgica com o mundo exterior e o meio social: os inimigos, amigos e aliados. Ao entonar e gesticular, o homem ocupa uma posição social ativa em relação a determinados valores, condicionada pelos próprios fundamentos da sua existência social.

Por vezes, a entonação é a principal relação de sentido que se estabelece na interação para o qual a palavra funciona muito mais como suporte do que como unidade semântica. Em quantos eventos da comunicação cotidiana utilizamos certas palavras apenas para veicular o tom de descontentamento ou alegria? Quais as nossas expressões que funcionam como uma marca pessoal pelo tom e não pelo significado semântico? Em quantas situações um simples “sim” pode desencadear uma discussão calorosa entre um casal? A entonação está presente mesmo nos gêneros menos abertos à criatividade, como textos oficiais e saudações cotidianas, ela individualiza mesmo os enunciados mais estabilizados:

Aí, a vontade discursiva costuma limitar-se à escolha de um gênero, e só leves matizes de uma entonação expressiva (pode-se assumir um tom mais seco ou mais respeitoso, mais frio ou mais caloroso, introduzir a entonação de alegria, etc.) podem refletir a individualidade do falante (a sua ideia discursivo emocional). (BAKHTIN, 2016 [1951/1953], p. 40).

Por isso, a posição valorativa do sujeito é capaz de refratar não só uma *imagem discursivizada sua*, mas também uma *imagem discursivizada do sujeito outro*, pois as avaliações fixadas no enunciado mostram como o sujeito se posiciona frente aos valores sociais mais amplos, mas também aos valores da situação mais próxima, exprimindo seus juízos de valor a respeito daquele para quem ele fala. Por isso a entonação é, ao mesmo tempo a “expressão da atitude valorativa do sujeito” e “a materialização da avaliação social” (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 64).

Ao pesquisador cabe, no entanto, manter-se atento a essas posições valorativas e sempre recordar-se que, de todo modo, ele também valora essas posições valorativas, vez que compreendemos, assim como Bakhtin (2017 [1930/1940], p. 66), “a avaliação como momento indispensável do conhecimento dialógico”. Ou seja, as *imagens discursivizadas de sujeito* são posições avaliativas que sofreram uma segunda avaliação, a do pesquisador, pois este posiciona-se axiologicamente frente às posições axiológicas do sujeito enunciadador. Conforme Bakhtin:

Assim, o ato cognitivo encontra uma realidade já elaborada nos conceitos do pensamento pré-científico, mas, o que é primordial, o pensamento já vem apreciado e regulamentado pelo procedimento ético, prático e cotidiano, social e político; encontra-a religiosamente afirmada; e, finalmente, o ato cognitivo provém da representação esteticamente ordenada do objeto, da visão do objeto. Desta forma, aquilo que o conhecimento pressupõe não é uma *res nullius*, mas a realidade do ato ético em todas as suas variantes e a realidade da visão estética. (BAKHTIN, 2002 [1923/1924], p. 30).

Isso significa que a ciência encontra seu objeto já valorado no campo da vida e da estética; ela elabora seu objeto a partir desses valores. Claro que é assim com a visão estética e com a visão ética, todo conteúdo já foi valorado, já foi dito. No entanto, o cientista e, principalmente o cientista humano, precisa avaliar essas avaliações; refletir a respeito delas. Para auxiliar nesse processo, abaixo propomos um quadro-resumo dos princípios orientadores da análise da *imagem discursivizada de sujeito* axiologicamente matizada.

Quadro 9 - Resumo dos princípios orientadores para a análise da imagem discursivizada do sujeito axiologicamente matizada.

PRINCÍPIO ORIENTADOR	CONCEITUALIZAÇÃO
Ideologia	Conjunto de reflexos e refrações da realidade socialmente compreendida e interpretada.
Ideologia do cotidiano	Conjunto de reflexos e refrações da realidade socialmente compreendida e interpretada no amplo e estratificado espaço da comunicação social diária, que não estabelece compromisso com uma finalidade teórica, filosófica ou estética, mas que dá vida aos produtos ideológicos dessas esferas.
Ideologia oficial	Conjunto de reflexos e refrações da realidade socialmente compreendida e interpretada que se configuram no âmbito da sociedade oficialmente organizada e detentora de maior poder. Possui um caráter mais estável e coercitivo.
Forças centrípetas	Forças de centralização e manutenção das posições ideológicas oficiais.
Forças centrífugas	Forças de descentralização e mudança das posições ideológicas oficiais a partir da ideologia do cotidiano.
Avaliação social	Sistema de valores de uma sociedade atualizado ininterruptamente em cada ato singular dos sujeitos.
Tom emotivo-volitivo / posição valorativa	Coefficientes de avaliação e condições sociais de realização do enunciado que expressam a avaliação social em um determinado enunciado.

Entonação	Posicionamento ativo e objetivo do sujeito em seu meio ideológico em relação ao seu objeto e em relação ao seu interlocutor.
Subentendidos	Avaliações sociais fundamentais de um grupo (que pode ser constituído por duas pessoas ou por toda uma geração) que por estarem tão enraizadas na consciência social, não precisam ser materializadas no signo.
<i>Imagem discursivizada de sujeito axiológicamente matizada</i>	Construção de uma <i>imagem discursivizada de sujeito</i> a partir da voz expressiva, entonada, que valora o mundo e os sujeitos com os quais está em interação.

Fonte: Elaborado pela autora.

A *imagem discursivizada do sujeito* aparece, portanto, como uma posição valorativa individual permeada pela avaliação social geral compartilhada. Ao refratar o mundo, o sujeito deixa marcas de si e da sua relação com o outro no discurso por meio da escolha do gênero, do conteúdo (aquilo que cala e que enuncia sobre esse), do projeto discursivo, das escolhas léxico-gramaticais e semânticas e, principalmente, na entonação com que se refere ao seu objeto e ao seu interlocutor. Nesse sentido, recuperar a posição axiológica do sujeito no discurso nos permite construir a *imagem discursivizada do sujeito enunciador* e também a *imagem discursivizada do sujeito outro*, pois cada enunciado é o ponto de vista avaliador daquele que enuncia na sua relação refratada com a situação de interação.

Neste capítulo apresentamos os princípios orientadores para a análise das *imagens discursivizadas de sujeito* de forma desmembrada, destacando os conceitos que colaboram para a construção dessa ideia com base com nas características do discurso e do sujeito dialógico que evidenciamos no capítulo 4. No entanto, essa separação só é possível como exercício teórico-metodológico de orientação da análise. Pois no ato responsável de análise, o mergulho no enunciado se dá como uma prática discursiva no campo da ciência humana, o que implica uma relação arquitetônica entre sujeito cognoscente e sujeito cognoscível; o analista interagirá com o todo enunciado e, nesse caso, a construção de uma *imagem discursivizada do sujeito enunciador* e com uma *imagem discursivizada do sujeito outro* não se dará em pedaços. Nas imagens estarão interligadas todas as instâncias: cronotópicas, exotópicas, dialógicas e axiológicas. Metodologicamente é muito importante ter isso em conta, para evitar que os primeiros contatos com o enunciado sejam fragmentados. O contato inicial deve ser sempre com o enunciado completo, posteriormente, como uma resposta ativa ao enunciado é que as partes vão se destacando para o aprofundamento da análise, mas o ponto de chegada deve

sempre retornar ao todo, à relação arquitetônica que permite manter o campo discursivo não-finalizável.

O movimento analítico de Bakhtin nunca é a divisão do objeto em partes menores até a exaustão, daí o caráter dialógico de sua obra. O filósofo da linguagem opta por acrescentar elementos, às vezes, de áreas diversas para concluir a ligação exata que eles têm entre si, com o mundo, com o humano, uma vez que se estabelecem inter-relações de acontecimentos. O foco é olhar para as partes sem desconsiderar o todo; estudar o todo para a compreensão das partes, estabelecendo/formando/constituindo, assim, um círculo respondente e responsável, com discursos duplamente orientados que levam em conta o discurso do outro. (PAULO; MOREIRA, 2012, p. 51-52).

É nesse sentido que o aparato teórico-metodológico de base linguístico-filosófica que apresentamos ao longo deste capítulo não se endereçou para a criação de uma sequência de métodos a serem aplicados a cada enunciado. A compreensão ativa sempre acontece como resposta ao enunciado, nesse sentido, compreender ativamente envolve questionar ao outro e a si mesmo. Mas as questões não estão disponibilizadas a *priori*, elas emergem na própria situação de interação; apenas assim as respostas comporão um ato responsável de análise. Como propõe Machado (2010, p. 206), “O diferencial deste projeto se torna evidente quando se compreende que tomar a resposta como a chave conceitual de uma linha de pensamento significa valorizar, não um produto acabado, mas um acesso construído pela interação de pontos de vista”. Nosso aparato, portanto, endereça o olhar do pesquisador, propõe linhas conceituais que permitem que o pesquisador construa suas próprias questões frente ao sujeito cognoscente.

Desse modo, ao construir *imagem discursivizada de sujeito*, o analista conduzirá seu olhar para as relações extraverbais e para as marcas verbais que estão presentes na forma, no conteúdo e na composição do enunciado e como elas objetivam o cronotopo, a posição exotópica, as relações dialógicas e as posições valorativas de um determinado momento de interação social.

No que se refere ao cronotopo, os princípios orientadores apontarão para as marcas espaço-temporais presentes no enunciado (o gênero, a esfera de circulação, o conteúdo, a forma, o estilo, a linguagem), relacionadas ao contexto sócio-histórico de sua produção e de sua recepção por meio dos conceitos de temporalidade, grande e pequeno cronotopo, grande e pequeno tempo e imagem de homem.

No âmbito da exotopia, os princípios orientadores evidenciarão a construção de uma *imagem discursivizada de sujeito* necessariamente marcada pelo ponto de vista do pesquisador como um outro em um movimento analítico de empatia e distanciamento, proporcionando um excedente de visão que confere um acabamento amoroso ao todo do sujeito mantendo inacabada

a possibilidade deste de ser. Importam nessa relação o excedente de visão, a personalização do objeto de estudo e a apreensão do sentido.

Os princípios orientadores que marcam as relações dialógicas endereçam a análise para duas imagens distintas, porém complementares: a *imagem discursivizada do sujeito enunciador* e a *imagem discursivizada do sujeito outro*. A primeira leva em consideração as marcas do autor-criador, os outros enunciados do mesmo autor-pessoa, os enunciados sobre autor-pessoa que consubstanciam a compreensão do analista sobre o sujeito que enuncia. A segunda se constitui da posição valorativa do enunciador em relação ao seu interlocutor (o-outro-para-mim), da compreensão do enunciador de como ele próprio é visto pelo interlocutor (eu-para-o-outro) e da posição valorativa, externa à situação de interação, do sujeito analista (o-outro-para-mim); construindo uma imagem multirrefratada.

Por fim, os princípios orientadores subsidiam a análise dos matizes axiológicos que expressam a posição valorativa individual do sujeito no quadro das avaliações sociais mais amplas e no contexto de interação singular em que a enunciação acontece, acionando conceitos como avaliação social, tom emotivo-volitivo, entonação e subentendidos.

Em suma, nossa proposta não nega que o fazer científico sempre é acompanhado de um relativo acabamento do sujeito cognoscível, mas que ao “[...] fazer trabalhar a diferença de lugar entre o texto estudado e o texto que estuda [...]” (AMORIM, 2004, p. 191), se empenha em manter vivo o inacabamento do sujeito concreto. Porque, como bem resume Machado (2010, p. 207), “buscar o acabamento respeitando o inacabamento só faz sentido no contexto humano: são os homens os agentes tanto da construção quanto da especulação formulada como resposta”. Consideramos que todos esses princípios orientadores formam um aparato teórico-metodológico, de base linguístico-filosófico, que evidencia o sujeito dialógico refratado e refletido nos enunciados para análises no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem.

6 CONCLUSÃO

“O mundo está povoado por imagens criadas das *outras* pessoas (este é o mundo dos outros e eu vim para esse mundo); entre elas ainda há imagens do eu nas imagens das outras pessoas. A posição da consciência na criação da imagem do outro e da imagem de si mesmo”.

(BAKHTIN, 2019 [1940/1945]).

Assumimos no início desta pesquisa a tese de que é possível traçar princípios orientadores gerais, no âmbito dos estudos dialógicos, para a análise dialógica dos sujeitos constituídos por/constituintes de discursos, mantendo, ainda assim, a abertura para a sua singularidade e não-finalizabilidade a partir da compreensão de que todo enunciado singular fixa reflexos e refrações dos seus interlocutores e da situação de interação em que foi produzido. A questão norteadora era, então, como a mútua constituição do discurso e do sujeito, teorizada nos escritos do Círculo, pode ser percebida e analisada dialogicamente?

Pois bem, ao mergulharmos nos diversos escritos acabados e inacabados de Bakhtin e do Círculo, pudemos compreender melhor a natureza e a singularidade do sujeito dialógico como ser-evento que, ao ocupar um lugar único no mundo, assume a responsabilidade do ato que não pode ser realizado por outro. Essa responsabilidade individual se estabelece, no entanto, no convívio social mediado pelos discursos. Essa constituição social não pode ser interpretada como condição externa da existência do homem, ela está internamente arraigada a própria constituição psíquica do ser que se desenvolve para além da sua constituição biológica, isto é, se desenvolve como ser sócio, histórico e socialmente constituído interna e externamente.

Nesse panorama, o discurso funciona como ponte entre o indivíduo biológico e o sujeito sociológico, posto que é por meio dos enunciados concretos que os sujeitos interagem, constroem inteligibilidades a respeito do mundo e das suas relações pessoais criando refrações valorativas que permeiam tanto o discurso interno quanto o discurso externo. Do que decorre que a relação do homem com a realidade é sempre ideológica, isto é, nunca é neutra, sempre envolve uma compreensão valorativa e ativa.

O que implica que, a despeito do campo em que a atividade humana se realiza – ético, artístico ou cognitivo – não se pode escapar, independentemente de sermos o homem que vive, o homem que cria ou o homem que teoriza, da responsabilidade do ato e da posição valorativa que assumimos ao fazê-lo. Considerando esses pontos, compreendemos que analisar o sujeito presente no discurso é sempre construir uma imagem desse sujeito, uma vez que ele enquanto Ser-evento nunca se dá a um completo acabamento, tampouco seus enunciados devem ser vistos

como sua posição valorativa definitiva. Os enunciados fixam determinadas posições axiológicas considerando toda a situação de interação, mas a consciência do sujeito é um oceano infinito de sentidos em construção que lhe conferem liberdade e abertura ao devir.

No entanto, é papel da ciência e das artes a compreensão do ser humano e sua representação. O desafio que se põe a ambos é construir compreensões e representações que, embora deem um relativo acabamento ao sujeito, não se imponham sobre ele como um elemento de violência que mortifica o sujeito (BAKHTIN, 2019 [1940/1945]). Bakhtin encontrou em Dostoiévski e no romance polifônico essa representação do sujeito em devir e construiu, a nosso ver, na sua teoria em conjunto com o Círculo, a compreensão do sujeito que generaliza mas não reifica. Da nossa parte, na área das ciências humanas, na disciplina de linguística aplicada, na perspectiva da ADD, recuperamos nos escritos de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev e de seus comentadores contemporâneos os endereçamentos que nos permitissem sistematizar um aparato teórico-metodológico, de base linguístico-filosófico, que evidencie o sujeito dialógico refratado e refletido nos enunciados para análises de discurso no âmbito dos estudos dialógicos da linguagem. Buscando por aparato teórico-metodológico capaz de entrever o dinamismo do sujeito que age nos limites do ato realizado, concluímos que ele deveria conter os princípios capazes de endereçar a análise. Não podendo se configurar como um manual de regras e métodos fixos, mas como um conjunto conceitual necessário para o embasamento teórico e metodológico das análises com vistas a aproximar a visão do analista “às reais peculiaridades específicas do objeto de estudo” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 133).

Como resposta compreensiva-ativa dessas leituras, propusemos o conceito de *imagem discursivizada de sujeito* que baseada na singularidade do ser, reconhece que é apenas por meio dos sentidos refratados no discurso que o sujeito pode ser conhecido. Recuperar esses sentidos é o papel do analista, mas ele não o faz como se dublasse o sujeito, pois

A compreensão não repete nem dubla o falante, ela cria sua própria concepção, seu próprio conteúdo; cada falante e cada compreendedor permanece em seu próprio mundo; a palavra faculta apenas o direcionamento, o vértice do cone. Por outro lado, falante e compreendedor jamais permanecem cada um em seu próprio mundo; ao contrário, encontram-se num novo, num terceiro mundo, no mundo dos contatos; dirigem-se um ao outro, entram em ativas relações dialógicas. (BAKHTIN, 2016 [1950], p. 113).

O mundo dos contatos é o mundo discursivo materializado nos enunciados concretos. Portanto, o analista dialógico do discurso não apenas recupera uma imagem, ele co-constrói essa imagem a partir do contato com o sujeito mediado pelo enunciado.

A tese inicial desta pesquisa era de que a constituição dialógica dos sujeitos imbricada em/por discursos, refletida e refratada cronotópica e ideológico-valorativamente na abertura para a sua singularidade e não-finalizabilidade na enunciação, des(re)vela uma imagem discursivizada de sujeito. Os princípios orientadores que propusemos no capítulo 5 e que organizamos a partir de quatro conceitos-chave são: imagem discursivizada de sujeito cronotópica; imagem discursivizada de sujeito exotópica; imagem discursivizada de sujeito constituída nas/às relações dialógicas; e imagem discursivizada de sujeito axiologicamente matizada.

A imagem discursivizada de sujeito cronotópica endereça a construção de uma imagem discursivizada de sujeito a partir das marcas e relações espaço-temporais presentes no enunciado (a época, o gênero, a esfera de circulação, os interlocutores, o conteúdo, a forma, o estilo, a linguagem), relacionadas ao contexto sócio-histórico de sua produção e de sua recepção. Colaboram para essa análise os seguintes princípios orientadores: temporalidades, grande e pequeno cronotopo; imagem de homem; pequeno e grande tempo.

A imagem discursivizada de sujeito exotópica propõe um movimento analítico que abarca empatia e distanciamento do pesquisador em relação aos sujeitos de sua pesquisa, proporcionando um excedente de visão que confere um acabamento amoroso ao todo do sujeito mantendo inacabada a possibilidade deste de ser. Os princípios orientadores desse conceito são: excedente de visão, personalização do objeto de estudo e apreensão do sentido.

A imagem discursivizada de sujeito marca a concepção de que construir uma imagem de sujeito é compreender a posição axiológica discursivamente refratada no enunciado, percebida pelo contemplador/ouvinte/analista, que se constitui da relação do sujeito que enuncia com seus interlocutores previstos. Os princípios orientadores desse conceito são: imagem discursivizada de sujeito; imagem discursivizada do sujeito enunciador e imagem discursivizada do sujeito outro.

Por último, a imagem discursivizada de sujeito axiologicamente matizada aponta para a construção de uma imagem discursivizada de sujeito a partir da voz expressiva, entonada, que valora o mundo e os sujeitos com os quais está em interação. Destacamos como princípios orientadores desse conceito: ideologia, ideologia do cotidiano, a ideologia oficial, forças centrípetas, forças centrífugas, avaliação social, tom emotivo-volitivo / posição valorativa, entonação e subentendidos.

Esses princípios que apresentarmos linearmente não devem, no entanto, sugerir que exista uma ordem conceitual em que o sujeito se revela. Trata-se de instâncias simultaneamente presentes no enunciado e que refletem e refratam o sujeito no discurso como uma voz que se

posiciona axiologicamente atravessada pelos valores de seu espaço-tempo e das relações dialógicas que estabelece com seus interlocutores e com os objetos do mundo. Essa voz é ainda atravessada pela própria posição exotópica do sujeito analista que se põe em relação com o enunciado e que constrói a partir dela a *imagem discursivizada do sujeito enunciador* e a *imagem discursivizada do sujeito outro*. Ou seja, ao entrar em interação com o enunciado, o analista sempre encontrará posições valorativas que refratam o ponto de vista daquele que fala e para quem ele fala. Mas sua compreensão ativa dessas posições também será, ela mesma, valorada. Assim, cabe ao pesquisador não fazer calar a voz do sujeito cognoscível, procurando compreender seus sentidos numa contemplação empática da realidade em que fora materializada no enunciado. Em contraste, sua própria voz também não pode ser esquecida, a palavra que proporciona o acabamento é a sua e é necessário que seja dita no movimento de retorno a seu próprio contexto. Como estabelece Bakhtin (2017 [1930/1940], p. 74), “Cada imagem precisa ser entendida e avaliada no nível do grande tempo. A análise costuma desenvolver-se no espaço estreito do pequeno tempo, isto é, da atualidade e do passado imediato e do futuro representável – desejado ou assustador”.

Pelo exposto, nos cabe destacar que todos os princípios orientadores que compõem o aparato-teórico metodológico proposto devem ser adequados ao objeto concreto em análise. Cada enunciado, em cada esfera da atividade humana exerce diferentes funções e reflete e refrata distintamente o mundo e os sujeitos a depender de quem fala, para quem fala, em que situação, com quais objetivos, sob que condições.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. **O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2008.
- ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. **O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a auto-ajuda.** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2012.
- ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES, Rosângela Hammes. Por uma análise dialógica do discurso: reflexões. In: ALVES, Maria da Penha Casado; VIAN JÚNIOR, Orlando (Org.). **Práticas discursivas: olhares da Linguística Aplicada.** Natal: EDUFRN, 2015, p. 61-84.
- ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; OLIVEIRA, Amanda Maria de. **O cronotopo nos estudos dialógicos da linguagem.** In: FRANCO, Neil; ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas.** Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 89-108.
- ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; ROHLING, Nívea. Ideologia e valoração/avaliação social: revisitando conceitos na perspectiva dialógica. **Caminhos em Linguística Aplicada**, Taubaté, v. 23, n. 2, p. 15-35, jul./dez 2020. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/2926>. Acesso em: 03 set. 2021.
- AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria Tereza; SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sonia (org.). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin.** São Paulo: Cortez, 2003, p. 11-25.
- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas.** São Paulo: Musa Editora, 2004.
- AMORIM, Marília. Ato *versus* objetivação e outras posições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (org.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin.** Petrópolis: Vozes, 2006, p. 17-24.
- AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: dialogismo e polifonia.** São Paulo: Contexto, 2013, p. 17-43.
- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 95-114.
- AMORIM, Marília. As Ciências Humanas e sua especificidade discursiva. In: RODRIGUES, Rosângela Hammes; ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 17-45.
- ANDRADE NETO, Antônio Vieira de. Brevíssimos comentários sobre o tempo. **Sitientibus**, Feira de Santana, v. 17, p. 15-26, jul./dez/ 1997. Semestral. Disponível em:

http://www2.uefs.br:8081/sitientibus/pdf/17/brevissimos_comentarios_sobre_o_tempo.pdf. Acesso em: 05 maio 2021.

ANDRADES, Thiago Oliveira de; GANIMI, Rosângela Nasser. Revolução Verde e a apropriação capitalista. **Revista CES**. Juiz de Fora, v. 21, p. 43-45, 2007. Disponível em: https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao_verde.pdf. Acesso em: 05 ago. 2019.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Arte e responsabilidade. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1919], p. XXXIII-XXXIV.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017 [1920/1924].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. 5. ed. São Paulo: Annablume, HUCITEC, 2002 [1923/1924], p. 13-210.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O autor e a personagem na atividade estética. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1924/1927], p. 3-192.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Por uma metodologia das ciências humanas. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad., org., posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017 [1930/1940], p. 57-80.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Teoria do romance I: a estilística**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934/1935].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O romance de educação e sua importância na história do realismo. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1936/1938], p. 205-259.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018 [1973].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Teoria do romance III: o romance como gênero literário**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019 [1940/1941].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. 5. ed. São Paulo: Hucitec, Annablume, 2002 [1940].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **O homem ao espelho. Apontamentos dos anos 1940**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019 [1940/1945].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Diálogo I. A questão do discurso dialógico. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad., org., posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017 [1950], p. 113-124.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Diálogo II. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad., org., posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017 [1952], p. 125-150.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Os gêneros do discurso**. Org., trad., posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1951/1953], p. 11-70.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Os gêneros do discurso**. Org., trad., posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1959-1961], p. 71-110.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013 [1963].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Fragmentos dos anos 1970-1971. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad., org., posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017 [1970/1971], p. 21-56.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAKHTIN, Mikhail.; DUVAKIN, Viktor. **Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin**. 2. ed. Trad. Daniela Miotello Mondardo, a partir da edição italiana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012 [1973].

BEMONG, Nele; BORGHART, Pieter. A teoria bakhtiniano do cronotopo literário: reflexões, aplicações, perspectivas. *In*: BEMONG, Nele, et al. (orgs.). **Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas**. Trad. Ozíris Borges Filho, et. al. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 16-33.

BERNARDI, Rosse Marye. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 73-94.

BEZERRA, Paulo. Introdução. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979], p. IX-XII.

BEZERRA, Paulo. Posfácio. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 249-265.

BEZERRA, Paulo. Bakhtin: remate final. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 81-97.

BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. História da educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. **Revista Acta Scientiarum**. Education. Maringá, v. 34, n. 2, p. 157-168, Jul-Dez., 2012.

BRAIT, Beth. Estilo, dialogismo e autoria: identidade e alteridade. *In*: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (orgs.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 54-66.

BRAIT, Beth. Perspectiva dialógica. *In*: BRAIT, Beth; Souza e Silva, Marília Cecília. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012, p. 9-29.

BRAIT, Beth. Introdução. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2013a, p. 15-30.

BRAIT, Beth. Abreviaturas. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2013b, p. 9.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 9-31.

BRAIT, Beth. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance metodológico. *In*: FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 79-98.

BRAIT, Beth. Abreviaturas. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 7.

BRAIT, Beth; ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. BETH BRAIT. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna**, Ano 9, n. 16, jan-jul. 2013. Disponível em: <http://www.letramagna.com/bethbrait.htm>. Acesso em: 17 jun. 2019.

BRAIT, Beth; CAMPOS, Maria Inês Batista. Da Rússia czarista à web. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 15-29.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 15-29.

BRANDIST, Craig. **Repensando o Círculo de Bakhtin**: novas perspectivas na história intelectual. Org. Maria Inês Campos e Rosemary H. Schettini; Trad. Helenice Gouvea e Rosemary H. Schettini. São Paulo: Contexto, 2012.

BUBNOVA, Tatiana. Sobre as ruínas de “Bakhtin” ou os perigos da isegoria. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. **Círculo de Bakhtin**: diálogos in possíveis. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 19-32.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. *In*: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 115-126.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

CITELLI, Adilson. Apresentação. *In*: FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 7-8.

COSTA, Marco Antonio. Estruturalismo. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 113-126.

DAHAEENE, Stalinas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Trad. Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

DAHLET, Patrick. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

DAVIES, Alan. **An introduction to Applied Linguistics**: from practice to theory. 2. ed. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2007.

DE MORAES, Vinicius. **Fim**. Rio de Janeiro, 1933. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/fim>. Acesso em: 09 ago. 2019.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O duplo**. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2013.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 45-65.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. Um posfácio meio impertinente. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, p. 147-158.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. *In*: FREITAS, Maria Tereza de Assunção; SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sonia (org.). **Ciências Humanas e pesquisa**: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003, p. 26- 38.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Identidade e alteridade em Bakhtin. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (org.). **Círculo de Bakhtin**: pensamento interacional. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 183-199.

FIGARO, Roseli. Introdução. *In*: FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 9-17.

GERALDI, João Wanderley. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. *In*: GEGe – UFSCar. **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João, 2012, p. 19-39.

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens**: estudos bakhtinianos. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo, Atlas, 2018.

GRILLO, Sheila Camargo. A obra em contexto: tradução, história e autoria. *In*: MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

GRILLO, Sheila Camargo. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

HOLQUIST, Michael. A fuga do cronotopo. *In*: BEMONG, Nele, et al. (org.). **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Trad. Oziris Borges Filho, et. Al. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 34-51.

KANAEV, I (M. Bakhtin). O vitalismo contemporâneo. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2016 [1926], p. 165-188.

KLEIMAN, Angela B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada brasileira: problematizações. *In*: KLEIMAN, Angela B. (org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013, p. 39-58.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 13. ed. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2018 [1962].

LISPECTOR, Clarice. **Cidade sitiada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, Irene. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopo e exotopia. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (orgs.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas: Mercado das letras, 2010, p. 203-234.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 115-131.

MARCHEZAN, Renata Coelho. M. Bakhtin e a “virada linguística” na filosofia. *In*: BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz; FRANCELINO, Pedro Farias (org.). **Linguagem e conhecimento (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev)**. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 261-291.

MARTINS, André Ferrer P.; ZANETIC, João. Tempo: esse velho estranho conhecido. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 54, p. 41-44, out./dez. 2002. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000200029. Acesso em 05 mai. 2021.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MOISÉS, Massaud. Crítica. *In*: MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 113-131.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 13-44.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Fotografias da Linguística Aplicada brasileira na modernidade recente: contextos escolares. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013, p. 15-37.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Amanda Maria de. **Inteligibilidades sobre os estudos em *Análise Dialógica do Discurso no Brasil***. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. A noção de verdade e a pesquisa em Linguística Aplicada: Bakhtin como um possível interlocutor. **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 52, v. 2, p. 203-216, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v52n2/a02v52n2.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. A Linguística Aplicada, o Círculo de Bakhtin e o ato de conhecer: afinidades eletivas são possíveis? *In*: RODRIGUES, Rosângela Hammes; ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 47-65.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Linguagem e sujeito: revisitando escritos do Círculo de Bakhtin. *In*: FRANCO, Neil; ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem**: reflexões teórico-metodológicas. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 47-62.

PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (org.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas: Mercado das letras, 2010a.

PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (org.). **Círculo de Bakhtin**: diálogos in possíveis. Campinas: Mercado das letras, 2010b.

PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. Carnaval – aval à carne viva (d)a linguagem: a concepção de Bakhtin. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (org.). **Círculo de Bakhtin**: diálogos in possíveis. Campinas: Mercado das letras, 2010c, p. 131-148.

PAULO, Sidney de; MOREIRA, Tatiana Aparecida. Acerca do método em *Problemas da poética de Dostoiévski*. *In*: GEGe – UFSCar. **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João, 2012, p. 50-55.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; BRAIT, Beth. Revisitando o estudo/estatuto dialógico da palavra-enunciado. **Linguagem em (Dis)Curso**. Tubarão, v. 20, n. 1, p. 125-141, abr. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-200108-3219>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/tbF5QkqLXhFDMCNGzQ6DMXv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Coord. de Trad. Valdemir Miotello. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. P. 9-38.

PONZIO, Augusto. **No Círculo com Mikhail Bakhtin**. 2. ed. Trad. Valdemir Miotello, Hélio M. Pajeú, Carlos A. Turati e Daniela M. Mondardo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de Marcos Marcionillo. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2017.

RODRIGUES, R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

SAMUEL, Rogel. As teorias críticas. *In*: SAMUEL, Rogel. **Novo manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 61-98.

SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000 [1916].

SCHNAIDERMAN, Boris. Bakhtin 40 graus (uma experiência brasileira). *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 13-21.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Dos males da medida. **Psicol. USP**, v. 8, n. 1, p. 33-45, São Paulo, 1997. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 ago. 2019.

SÉRIOT, Patrick. **Volochinov e a linguagem**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SEVERO, Cristine Gorski. **Por uma perspectiva social dialógica da linguagem: repensando a noção de indivíduo**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2007.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SIPRIANO, Benedita França; GONÇALVES, João Batista Costa. A difusão do pensamento bakhtiniano no Ocidente: uma leitura dos contextos de recepção no Brasil. **Eutomia**, Recife, v. 1, n. 2, p. 120-143, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/237080>. Acesso em 05 jul. 2019.

SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**: São Paulo: Loyola, 2002, p. 155-177.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SOBRAL, Adail. Estética da criação verbal. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2013, p. 167-187.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 11-36.

SOBRAL, Adail. **A filosofia primeira de Bakhtin**: roteiro de leitura comentado. Campinas: Mercado das Letras, 2019.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Elementos sobre a proposta de Voloshinov no âmbito da concepção dialógica de linguagem. In: RODRIGUES, Rosângela Hammes; ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisa em linguística aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 141-162.

SOUZA, Geraldo Tadeu. Boris Schnaiderman e Mikhail Bakhtin. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2013, p. 225-239.

STONE, Jonathan. Polyphony and the Atomic Age: Bakhtin's Assimilation of an Einsteinian Universe. **PMLA** 123, 2, 2008, p. 405-421.

TEIXEIRA, Marlene. O outro no um: reflexões em torno da concepção bakhtiniana de sujeito. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (orgs.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 227-234.

VALENCY, Gisèle. A crítica textual. In: BERGEZ, Daniel, et al. **Métodos críticos para a análise literária**. Trad. Olinda Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 183-226.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. Do outro lado do social: sobre o freudismo. In: VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Org., trad., ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1925], p. 59-108.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. Palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e a palavra na**

poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Org., trad., ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926], p. 109-146.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **O freudismo**: um esboço crítico. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2014 [1927].

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. As mais novas correntes do pensamento linguístico no Ocidente. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Org., trad., ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1928], p. 147-182.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua? *In*: VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Org., trad., ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1930a], p. 234-265.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Org., trad., ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1930b], p. 266-305.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Org., trad., ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1930c], p. 306-336.